

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO
COGITO - LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA DO CONHECIMENTO**

LARISSA GUIMARÃES MARTINS ABRÃO

**A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DA MULHER:
UMA ANÁLISE DO PONTO DE VISTA PSICOLÓGICO**

Brasília, Julho de 2009

LARISSA GUIMARÃES MARTINS ABRÃO

**A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DA MULHER: UMA ANÁLISE DO PONTO DE
VISTA PSICOLÓGICO**

ORIENTADORA: PROF^a DR^a MARIA HELENA FÁVERO

*Tese submetida como requisito parcial para obtenção do
grau de Doutora em Psicologia, pelo Instituto de
Psicologia da Universidade de Brasília*

Brasília, Julho de 2009

Agradecimentos

A Maria Helena Fávero, minha querida professora. A gratidão não se dimensiona, eu sei. Mas ainda assim, quero apanhar do meu embornal das palavras mais estimadas, um pouco de Fernando de Pessoa, pra dizer da sua importância: “a mim, ensinou-me tudo. Ensinou-me a olhar para as cousas”. Depois das lentes que aprendi a usar com você, eu nunca mais fui a mesma. Ainda bem.

A Yone, por ser ombro, colo e olhos. Porque tem me ensinado que não se divide só o pão, mas a jornada. E pelo encontro, pelo aprendizado do passo, pelos pés na grama que seguem inventando o caminho.

A minha mãe, minha referência, minha grande amiga. Sei que você está junto quando escuto aquela canção assim: “nas horas sem fim, em que a dor não tem mais cabimento, é no seu prumo que eu me oriento, é no seu prumo eu me oriento”.

Ao meu pai, porque há muito tempo me ensinou o que podiam as palavras. E porque elas, também, me fizeram chegar.

A Ludmilla, porque embora ela não saiba, desde cedo me ensinou sobre a difícil arte de amar.

A Eni, porque sei o quanto torce e conheço o poder da sua torcida.

Aos amigos Alessandra e Gui, Malu e Bibi, Karla e Dadá. Eu sei que a generosidade, a gentileza e o carinho não têm preço, mas tem endereço. A casa de vocês.

À Silvânia, pelas continências e iluminações.

A Neirimar, por zelar tão bem de mim, da minha casa e por me agüentar há tanto tempo.

Ao Programa de Pós-graduação da UnB/IP, pela oportunidade. E, em especial, à querida Edna Tôres, meu anjo guardador, e ao caro Fábio Estival, pelo cuidado e pela paciência.

Ao Marco Túlio, pela enorme complacência e compreensão com as minhas falhas.

A FEIT/UEMG, a FTM e a Uniminas, as instituições onde trabalho, pelo apoio.

A FAPEMIG, pelo incentivo.

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DA MULHER: UMA ANÁLISE DO PONTO DE VISTA PSICOLÓGICO

AUTORA: LARISSA GUIMARÃES MARTINS ABRÃO

EXAMINADORES:

Profª Drª Maria Helena Fávero – Presidente

Profª Drª Maria Lúcia Rocha-Coutinho – Membro

Profª Drª Vera Lúcia Decnop Coelho – Membro

Profª Drª Isolda de Araújo Gunther– Membro

Profª Drª Regina Lúcia Sucupira Pedroza - Membro

Profª Drª Ângela Maria de Oliveira Almeida - Suplente

TÍTULO: A participação política da mulher: uma análise do ponto de vista psicológico

AUTORA: Larissa Guimarães Martins Abrão

RESUMO: O presente trabalho teve como um de seus objetivos discutir a participação feminina na política, levando em conta os aspectos psicológicos implicados em sua escolha. Além deste, foi também intuito deste estudo conhecer a opinião de estudantes universitários sobre a participação política da mulher, entendendo quais os significados de gênero presentes nas falas destes estudantes. Neste trabalho, assumimos a perspectiva tomada em trabalhos anteriores por Fávero (1991, 1997, 2001, 2005, 2007), propondo-nos a entender o desenvolvimento humano não como um processo universal, mas como um caminho que também se trilha a partir de modelos de pensamento veiculados nos variados contextos sócio-histórico-culturais. Sob essa ótica, entendemos que o desenvolvimento humano é marcado, entre outros fatores, pela hierarquia de gênero presente nas relações entre homens e mulheres e pela permanência de princípios patriarcais na normatização das interações entre o universo masculino e o feminino, a começar pela diferenciação nos processos de socialização de meninos e meninas. Para o desenvolvimento do estudo, foram realizadas duas etapas de pesquisa que transcorreram simultaneamente. Uma delas envolveu a realização de grupos focais com estudantes de quatro áreas do conhecimento, a saber: Direito, Psicologia, Educação Física e Administração. Os grupos focais foram formados por um número de cinco a sete estudantes, homens e mulheres, e suas interlocuções foram registradas em áudio e vídeo e submetidas à análise dos atos da fala, segundo proposta de Fávero (2000). A outra etapa envolveu a realização de entrevistas com mulheres candidatas às eleições municipais de 2008 ou com mulheres não candidatas à época, porém participantes ou ex-participantes em funções políticas. Ao todo, foram entrevistadas cinco mulheres e suas narrativas foram tomadas como unidade de análise para acesso às suas biografias e para a compreensão dos processos desenvolvimentais implicados em suas trajetórias políticas. A análise dos resultados obtidos a partir das interlocuções nos grupos focais sugere a permanência da naturalização das diferenças de gênero no modo de atuar politicamente e a percepção da atuação feminina como mais idealista, afetiva e correta que a atuação masculina. Há também a percepção da política como um sistema incorpóreo manipulado por homens, que submetem a mulher à normatização por eles imposta. A política de quotas para a candidatura feminina foi percebida como ação discriminatória e não como ação inclusiva. Quanto à análise do material das entrevistas, foi possível perceber pelos dados biográficos que as entrevistadas constituíram-se como sujeitos em meio a um contexto marcado pela presença de princípios patriarcais. Isso se refletiu no modo como essas mulheres entendem a divisão dos papéis de gênero e as características de sua atuação política. Em se tratando dos estudantes universitários e de suas interlocuções marcadas pela hierarquização dos atributos masculinos e femininos, uma reflexão importante a ser feita a partir desse estudo diz respeito ao modo como a escola vem tratando (ou não) as questões de gênero. Além disso, tomando a fala das entrevistadas também foi possível refletir sobre a necessidade de tomada de consciência quanto à maneira como a hierarquia de gênero pode produzir o alijamento feminino das instâncias decisórias de compartilhamento do poder.

Palavras-chave: desenvolvimento humano, psicologia do gênero, política, participação feminina, patriarcado

TITLE: The women's political participation: an analysis under a psychological point of view

AUTHOR: Larissa Guimarães Martins Abrão

ABSTRACTS: This paper had as one of its goals to discuss the female participation in politics, taking into account the psychological aspects involved in women's choice for this field of work. In addition to that, it was also purpose of this study to know the opinion of college students about the women's political participation, understanding what are the meanings of gender present in these student's discourses. In this work, we assume the perspective taken in previous works by Fávero (1991, 1997, 2001, 2005, 2007), proposing to understand the human development not as a universal process, but as a way that can also be tracked from models of thinking spread in a varied of socio-historical-cultural contexts. Under this point of view, we understand that human development is marked, among other factors, by the hierarchy of gender present in the relationships between men and women, and by the permanence of patriarchal principles in the ruling of interactions between the male and the female universe, beginning with the differences in the socialization processes of boys and girls. For the development of this study, two stages of research happened simultaneously. One of them involved the creation of focus groups that assembled students from four areas of knowledge, namely: Law, Psychology, Physical Education and Business. The focus groups were made up of a number of five to seven students, men and women, and their interlocutions were recorded on audio and video and submitted to analysis of the speech acts, according to Fávero's proposal (2000). The other stage involved some interviews that were done with women that were candidates for the municipal elections of 2008 or with women that were not candidates at that time, but with a history of performance in the political arena. Five women were interviewed, and their narratives were taken as a unit of analysis to access to their biographies and to understand the developmental processes that are part of their political trajectories. The analysis of the results obtained from the interlocutions of the focus groups suggest the permanence of the naturalization of gender differences in the way of acting politically and the perception of the female's role as more idealistic, affective and correct than the male's role. There is also the perception of the politics as an incorporeal system manipulated by men that submit women to imposed rules. The policy of quotas for female candidates was perceived as a discriminatory action and not as an inclusive action. Regarding the analysis of the material from the interviews, it was possible to realize by the biographical data the interviewed women as subjects in a context marked by the presence of patriarchal principles, what reflected in how these women understand the division of gender roles and the characteristics of their political performances. In the case of the college students and their interlocutions marked by male and female attributes, an important consideration to be done from this study is related to how school is dealing (or not) with the issues of gender. Furthermore, using the speech of the interviewees it was also possible to think about the necessity of being conscious of how the hierarchy of gender can produce the female removal from the decision-making bodies of sharing power.

Keywords: human development, gender psychology, politics, female's participation, patriarchy

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição de sujeitos por grupo, de acordo com o sexo e a série	pág. 78
Tabela 2: Dados de apresentação dos sujeitos por ordem de entrevista	pág. 80
Tabela 3: Interlocuções do GF1 e análise dos atos da fala	pág. 88
Tabela 4. Frequência das interlocuções do GF1 de acordo com as esferas e categorias em que se localizam	pág. 102
Tabela 5: Interlocuções do GF2 e análise dos atos da fala	pág. 113
Tabela 6. Frequência das interlocuções do GF2 de acordo com as esferas e categorias em que se localizam	pág. 119
Tabela 7: Interlocuções do GF3 e análise dos atos da fala	pág. 126
Tabela 8. Frequência das interlocuções do GF3 de acordo com as esferas e categorias em que se localizam	pág. 133
Tabela 9: Interlocuções do GF4 e análise dos atos da fala	pág. 141
Tabela 10. Frequência das interlocuções do GF4 de acordo com as esferas e categorias em que se localizam	pág. 154

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	pág. 7
PARTE I: Fundamentação Teórica	
Capítulo 1. O Masculino e o Feminino no Patriarcado: socialização e naturalização da construção das diferenças	pág. 10
1.1. O Patriarcado Contemporâneo	pág. 34
Capítulo 2 . Mulher e Política: a resistência dos mitos	pág. 44
2.1. Mulheres-mães, Mulheres-menos: natureza, maternidade e inépcia	pág. 62
PARTE II: O estudo	
Capítulo 3. O Problema e o Método	pág. 69
3.1. Delimitação do Problema e Escolha do Método	pág. 69
3.1. Sujeitos	pág. 76
3.2. Procedimentos de Coleta	pág. 80
3.2.1. Procedimentos de Coleta nos Grupos Focais.....	pág. 80
3.2.2. Procedimentos de Coleta das Entrevistas	pág. 82
3.3. Procedimentos de Análise	pág. 84
3.3.1. Procedimentos de Análise dos Grupos Focais.....	pág. 84
3.3.2. Procedimentos de Análise das Entrevistas	pág. 86
Capítulo 4. Resultados e Discussão	pág. 88
4.1. Apresentação dos resultados obtidos nos Grupos Focais	pág. 88
4.1.1. Grupo Focal 1	pág. 88
4.1.1.1. Discussão da Análise dos Atos da Fala do GF1	pág. 102
4.1.2. Grupo Focal 2	pág. 112
4.1.2.1. Discussão da Análise dos Atos da Fala do GF2	pág. 118
4.1.3. Grupo Focal 3	pág. 125
4.1.3.1. Discussão da Análise dos Atos da Fala do GF3	pág. 133
4.1.4. Grupo Focal 4	pág. 140
4.1.4.1. Discussão da Análise dos Atos da Fala do GF4	pág. 153
4.1.5. Discussão Geral das Interloquções nos Grupos Focais	pág. 162
4.2. Apresentação dos resultados e discussão das Entrevistas	pág. 167
4.2.1. Análise da Entrevista 1.....	pág. 168
4.2.2. Análise da Entrevista 2	pág. 175
4.2.3. Análise da Entrevista 3	pág. 181
4.2.4. Análise da Entrevista 4	pág. 188
4.2.5. Análise da Entrevista 5	pág. 194
4.3. Discussão Geral das Entrevistas	pág. 200
4.4. “Juntando as pontas”: discussão geral dos aspectos importantes notados nas interloquções em grupo e nas entrevistas	pág. 206
CONSIDERAÇÕES FINAIS	pág. 212
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	pág. 217
ANEXO 1	pág. 224
ANEXO 2	pág. 225
ANEXO 3	pág. 257

INTRODUÇÃO

Em 1949, pela voz de Simone de Beauvoir, começava a se erguer um dos mais importantes pilares do pensamento feminista: a desnaturalização do “ser mulher”. A existência da feminilidade tomada como fato, como acontecimento meramente biológico, cedia lugar à idéia de “tornar-se mulher”, inaugurando a perspectiva do gênero como construção, como processo e não como um dado orgânico pronto e acabado.

A partir da defesa contundente empreitada por Beauvoir, várias vozes feministas puderam se levantar a respeito do tema da construção social do feminino, ainda que não em uníssono, haja vista que o movimento feminista não foi monolítico nem homogêneo. Contudo, apesar de sua heterogeneidade, os feminismos – e aí tratamos mais particularmente de sua expressão no ocidente - vieram percorrendo o caminho da reflexão sobre os espaços ocupados pela mulher numa sociedade ainda patriarcal e, mais do que isso, vêm refletindo sobre *como* são ocupados tais espaços (Araújo, 2005; Elson, 1998; Narvaz e Koller, 2006).

Neste trabalho, que toma também uma perspectiva feminista, nossa intenção é analisar a participação das mulheres na seara do exercício político, discutindo, do ponto de vista psicológico, alguns aspectos que concorrem para a constituição das subjetividades femininas. Para isso, propomo-nos a entender como funcionam os processos de socialização no desenvolvimento das identidades de gênero e, mais especificamente, a investigar como estas identidades se manifestam no exercício das atividades políticas.

Nosso interesse volta-se para os aspectos psicológicos e desenvolvimentais implicados na opção que algumas mulheres fazem por assumir funções políticas, buscando compreender como o processo de construção de sua identidade de gênero atua no direcionamento desta opção.

Para a consecução dessa tarefa desenvolvemos nosso trabalho em duas grandes partes: a fundamentação teórica e o estudo com grupos focais e com mulheres que participam ou participaram do cenário político do país.

A fundamentação teórica foi organizada em dois principais capítulos, reunindo alguns dos expoentes da literatura sobre o tema e privilegiando autores de diversas áreas das ciências sociais, que defendem posicionamentos teóricos comuns aos objetivos deste trabalho.

O primeiro capítulo conta com um subitem e teve como mote a resistência dos princípios patriarcais nos processos socializadores. Por isso tratou das questões ligadas às diferenças históricas de socialização entre meninas e meninos e seus impactos na construção das subjetividades. O subitem que compõe o capítulo abordou mais especificamente as configurações do patriarcado contemporâneo e a permanência da hierarquização dos papéis de gênero.

No segundo capítulo abordamos a temática das relações entre mulher e política, argumentando sobre como ainda reverberam alguns mitos ligados à naturalização de características femininas até mesmo no campo da atuação política. No subitem que integra o segundo capítulo foram apresentadas discussões sobre os aspectos que vinculam a mulher à maternidade e definem sua competência (ou a falta dela) para a ocupação das funções públicas.

Já a segunda parte foi desenvolvida em vários tópicos, todos eles voltados à apresentação metodológica do estudo e à discussão dos resultados obtidos. Essa parte do trabalho transcorreu em duas etapas distintas, porém simultâneas, envolvendo grupos diferentes de sujeitos.

A primeira etapa da pesquisa foi realizada com grupos focais de universitários, no intuito de entender como estes sujeitos significam a participação feminina na política. A

outra etapa correspondeu à realização de entrevistas individuais com mulheres que à época estavam participando, ou já tinham participado da esfera institucional da política, como candidatas, como mandatárias ou como membros do poder executivo, como objetivo de investigar suas histórias de vida e conhecer, através de suas narrativas, os valores que organizam suas relações com a política e com outras instâncias sociais.

As discussões foram desenvolvidas na seqüência da apresentação dos resultados e dispostas separadamente para cada segmento de sujeitos. Ao final dessa parte do trabalho, uma discussão geral foi introduzida, alinhando os principais aspectos analisados tanto nas entrevistas, quanto nos grupos focais.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais sobre o desenvolvimento do trabalho, refletindo sobre as questões que mais chamaram a atenção e propondo indagações a serem contempladas em trabalhos futuros.

PARTE I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CAPÍTULO 1. O Masculino e o Feminino no Patriarcado: socialização e naturalização na construção das diferenças

Neste trabalho, assumimos a perspectiva tomada em trabalhos anteriores por Fávero (1991, 1997, 2001, 2005, 2007a), propondo-nos a entender o desenvolvimento humano não como um processo universal, mas como um caminho que também se trilha a partir de modelos de pensamento veiculados nos variados contextos sócio-histórico-culturais. Por isso, cremos que o desenvolvimento se dá de acordo com o lugar e o tempo onde o sujeito se insere. Frisamos que não estamos tratando do desenvolvimento como a mera aquisição de habilidades cognitivas, mas falamos do desenvolvimento em seu sentido mais lato, que envolve a construção das identidades e da subjetividade, bem como a partilha e a negociação de significados numa dada sócio-cultura (Fávero, 2007a).

Se tomamos, portanto, o desenvolvimento humano como processo relativo ao contexto, é preciso também, por coerência, não universalizar e não assexuar este sujeito em desenvolvimento. Se o sujeito tem contexto e história, também pertence a um gênero socialmente definido, cujas atribuições, por sua vez, não escapam ao lugar, ao tempo e à organização das relações sociais. É por essa razão que teóricos como Scott (1986) defendem que o gênero deve ser estudado como categoria analítica e não descritiva, tomada a partir do contexto das relações entre homens e mulheres.

Embora se trate de uma proposta de investigação histórica e não psicológica, Scott (1986) inova ao defender a característica relacional do conceito de gênero, entendendo que ao conduzir investigações sobre o gênero é necessário questionar como são construídas as relações entre homens e mulheres, como funcionam e como se transformam. Por isso, diz Scott (1988, apud C.Costa, 2000), o gênero como categoria ultrapassa o foco no binômio

homem/mulher e traz à tona discussões sobre as relações de poder. Nesse sentido, o gênero deve ser entendido também como estruturador da vida social, juntamente com outras categorias produzidas a partir de relações desiguais de poder, tais como classe, etnia e orientação sexual.

Do mesmo modo, acreditamos que para compreender o desenvolvimento humano do ponto de vista da formação das identidades de gênero é necessário tratar do desenvolvimento de homens e mulheres como processos relacionais que são interdependentes, mas diferenciados, a começar da socialização de meninos e meninas. Isso porque, conforme apontam teóricas do feminismo do quilate de Perrot (2007) e Beauvoir (2008), não há neutralidade na criação de meninos e meninas que possa transformar seu desenvolvimento em processos idênticos. Tornar-se homem é inequivocamente diferente de tornar-se mulher.

Desde a Idade Média, como destaca Perrot (2007), meninos e meninas são socializados de maneiras bastante diferentes, uma vez que o modelo social hegemônico de se lidar com as diferenças de gênero era patriarcal, modelo este que subsiste até hoje, ainda que reconfigurado, como veremos mais à frente. Apesar dos poucos dados sobre a infância feminina nessa época, já que a história da mulher era considerada sem importância, alguns registros revelam como se dava sua socialização. Diz Perrot (2007, p. 43): “elas passam mais tempo em casa, são mais vigiadas que seus irmãos e quando se agitam muito são chamadas de ‘endiabradas’. (...) Ela é mais educada do que instruída”.

Sendo considerada desde Aristóteles como intelectualmente inferior, ou um ser com caráter que sofre de certas “deficiências naturais”, nas palavras do filósofo, não se estranhava que a mulher ocidental se limitasse, de fato, a ocupar as sombras, dificultando inclusive o levantamento historiográfico de sua existência, especialmente de sua infância.

Na modernidade, em que alguns dados sobre a mulher são mais divulgados - claro que quase sempre sob a ótica masculina – registra-se, como menciona Perrot (2007), certa visibilidade obtida pelas mulheres, por exemplo, nas produções artísticas, ainda que não figurassem como autoras das obras e sim como objetos da criação dos artistas. Quando as meninas alçavam a condição de jovens, passavam a povoar poemas e outras modalidades literárias. Ressalte-se, no entanto, que se ocorria de as personagens femininas ocuparem posto de destaque, isso se dava por sua beleza, frescor, mistério e pela tão celebrada pureza. Inteligência, capacidade cognoscente e competência não constavam entre os atributos femininos exaltados pela arte.

Beauvoir, na seminal obra “O Segundo Sexo” (2000), já denunciava o modelo patriarcal de mitificação literária pelo qual a mulher era representada de maneira desprezível, como indivíduo de segunda classe, sem significativas propriedades intelectivas. Aliás, por isso mesmo, não se justificava sequer a necessidade de investir no processo de educação formativa de meninas, já que, segundo os conceitos da época, educar e formar academicamente as mulheres por certo seria tão útil como semear no deserto.

Em obras como *De l'éducation des filles*, escrita em 1687 por François Fénelon (apud Gondra e Garcia, 2004) a orientação adequada para socialização e educação de meninas era descrita e usada como guia voltado para as classes ricas da Europa. No texto de Fénelon, notam-se princípios claramente fundados no discurso da naturalização das diferenças entre homens e mulheres. Segundo este autor, a menina seria naturalmente uma futura mãe e, por conseqüência, uma futura educadora no âmbito doméstico, razão pela qual era necessário ensiná-la bem sobre tudo o que dissesse respeito ao exercício desta sua predestinação. Sobre as opiniões de Fénelon a respeito da educação de meninos e meninas, Gondra e Garcia (2004, p. 80) dizem:

Para bem desempenhar essa tarefa “natural”, era importante que as mães-educadoras conhecessem o espírito proporcionado pela natureza de cada um dos sexos, que dotara homens e mulheres com capacidades diferenciadas, de acordo com a função destinada a cada um na sociedade.

Note-se que são absolutamente presentes, como mencionado, as noções de naturalização das diferenças entre os sexos, assinalando, na mulher, a propensão para o desempenho de algumas tarefas legadas pela natureza a partir de suas características. A mulher, então, dotada de espírito fraco e tendente aos cuidados do lar, não necessitaria de outra forma de ensino que não fosse a ordinária, doméstica, ao contrário dos meninos cuja educação deveria se dar por vias institucionais e seria destinada aos assuntos de porte, tais como servir à pátria, governar o Estado, abrir guerra (Fénelon, apud Gondra e Garcia, 2004).

Segundo o guia de Fénelon, meninos e meninas deveriam adotar uma religião cristã, mas o autor dedicou-se a especificar atitudes voltadas exclusivamente para a menina, no sentido, sobretudo, de que a educação pudesse impedir a vaidade, tão típica da alma feminina. Sendo o autor investido de autoridade médica, sua intenção foi propor um programa de educação feminina, que, dentre outras finalidades, defendia a higienização de práticas privadas, fazendo interagirem o discurso médico e o discurso religioso. No mais, acreditava que os processos educativos para a jovem abastada deveriam estar voltados à formação de uma “boa dama da sociedade” e, por isso, o autor recomendava que a mulher conhecesse a correta leitura e escrita, as quatro regras de aritmética, bem como as regras da justiça e alguns conhecimentos de história para elevar sua alma a grandes sentimentos.

Sim, porque a alma feminina era considerada repleta de falhas e tendente a artifícios, lisonjas, discursos inúteis e ciumezinhos, que deveriam ser reprimidos pela mãe-educadora, na sua função de estabelecer regras e deveres, contando para isso com o

especial auxílio dos fundamentos religiosos. Assim, antes de tudo, era imprescindível que a educadora dominasse os princípios de sua religião, para “passá-los” adiante e garantir o entendimento de que as diferenças de gênero são dádivas da natureza e devem ser respeitadas. Nesse sentido, a religião, outra instância socializadora de vulto, trabalhava para que os laços do casamento se apertassem e para que a divisão dos papéis entre homens e mulheres fosse acentuada e bem definida, confinando a mulher em seu território e incumbindo-a da reprodução (Del Priore, 2005).

Além do discurso religioso, e de certo modo também influenciado por ele, o discurso médico defendia a distinção natural de traços e aptidões entre homens e mulheres, cuidando de sustentar que a educação da mulher, mais particularmente da mulher de posses, deveria primar, como já dito, pela formação de uma boa dama da sociedade, evitando-se instruí-las para não afastá-las de sua verdadeira vocação: a maternidade. Segundo Lopes (2007), os discursos médicos do século XIX assinalavam que a educação poderia arruinar a saúde das mulheres, insuflando-lhes na alma outros desejos que não fossem o da reprodução, minando-lhes assim, a força vital, localizada nos ovários e não no cérebro.

O casamento, então, parecia ser uma boa fórmula para manter a mulher domesticada e decidida a realizar a tarefa da maternidade. Em tratado de 1842, o Dr. Vianna (apud D’Incao, 2002) esclarece que o casamento, dentre vários benefícios, é também uma importante arma contra os distúrbios mentais, pois a normatização imposta pelo contexto do casal, ou seja, o acolhimento do lar, a estabilidade da relação familiar, constituem-se em ambiente profilático e curativo de várias doenças (D’Incao, 2002).

Assim, para o discurso médico da época, conforme aponta Lopes (2007), o casamento passa a ser uma instituição higiênica, com funções ligadas à manutenção das condições saudáveis dos indivíduos, além de colaborar na evitação de males, tais como a

propagação de agravos e o cometimento de suicídios. Para tanto, o casamento deveria ser casto, com vistas à proliferação apenas. A mulher, especialmente a mulher-mãe, nessa ótica, não deveria preocupar-se com o prazer. Aliás, nem o marido deveria preocupar-se em investir numa uma relação prazerosa com sua mulher. Como sublinha Del Priore (2005, pp. 178-179):

Não se procurava ter prazer com a mãe dos próprios filhos. (...) Uma vez realizada a concepção, a continência mútua era desejável. É provável que as mulheres não tivessem nenhuma educação sexual, substituída pela exortação à castidade, à piedade e à auto-repressão.

Até mesmo os conselhos da imprensa, prossegue Del Priore (2005), sugeriam que os esforços femininos deveriam se focar no comando do lar, cuidando a mulher de educar os filhos, dirigir escravos empregados e ostentar primoroso comportamento e virtudes socialmente apreciados. O objetivo, óbvio, era preparar as meninas da elite para se saírem bem no casamento, de maneira a renderem louros e admirações pelo modo como conseguiam se distinguir na sua inserção social.

Enquanto isso, os meninos eram preparados para nobres ofícios, ou, em outras palavras, eram educados para aquilo que se considerava, de fato, importante. Se a mulher não apresentava mesmo nenhuma aptidão para tarefas e assuntos da intelectualidade, ela que cuidasse de se ocupar com aquele território que não deveria incomodar o homem, envolvido na sua atividade de dirigir os rumos da sociedade. Como aponta Mauad (2006), algumas importantes diferenças na educação de homens e mulheres, em particular aqueles incluídos nas elites, podem ser apresentadas:

(...) onde residiria a diferença nas duas formas de educar? Basicamente na valorização dos atributos manuais e intelectuais, sendo os primeiros concernentes ao universo feminino e o segundo ao masculino, mas também no tempo de duração da instrução. Os meninos da elite iam para a escola aos sete anos e só terminavam sua instrução, dentro ou fora do Brasil, com um diploma de doutor, geralmente de advogado. (...) A

educação feminina, iniciada aos sete anos e terminada na porta da igreja, aos 14 anos, supervalorizava o desempenho feminino na vida social. Na Corte imperial, das meninas da alta sociedade, exigia-se perfeição no piano, destreza em língua inglesa e francesa. E habilidade no desenho, além de bordar e tricotar. (pp. 152-154)

Como ressalta a autora, a supervalorização do desempenho feminino na vida social, gerava uma ambigüidade na sua educação, pois incentivava-se, de um lado, a domesticidade e a maternidade, quando, por outro, preparavam-se as jovens para o brilho na vida mundana. Temendo que este último aspecto da educação sobrepujasse o primeiro, as famílias lançavam mão da boa literatura moralista, que orientava as mães sobre os cuidados para garantir distinção às suas filhas.

Percebe-se, assim, que este tipo de socialização e formação se erigia sobre os princípios do patriarcado, estabelecendo os territórios a serem habitados por homens e mulheres e conseqüentemente desenhando um desenvolvimento psicológico diferenciado de acordo com o gênero. Nas palavras de Mauad (2006, p. 155), “o que a educação e a escolha de um certo tipo de instrução arbitravam era a forma de acesso da criança ao mundo adulto, definindo-se os papéis sociais do homem e da mulher desde a meninice”.

A educação da jovem tinha como principal objetivo transformá-la em uma exímia mãe-esposa, que valorizasse o casamento como instituição sacra e desempenhasse perfeitamente seu papel de mulher na circunscrição do seu território doméstico.

No entanto, a perspectiva de um casamento não se descortinava para todas as jovens do mesmo modo, já que a juventude feminina não era vivenciada de maneira universal. Como assinala Perrot (2007), havia marcantes diferenças entre a jovem solteira da aristocracia, da burguesia e das camadas populares na Europa. As primeiras podiam contar com a educação que formalizava os ensinamentos para o matrimônio e a maternidade, mas a jovem das classes populares destinava-se precocemente ao trabalho, geralmente doméstico, ou servia como mão-de-obra operária. Em ambos os casos, ou em

qualquer lugar onde trabalhasse, a mulher proletária estava sujeita ao assédio e exposta ao constrangimento sexual.

Nada diferente ocorria no Brasil, especialmente nos ambientes industriais, onde mulheres e meninas - mas não apenas elas - eram vítimas de maus-tratos dos chefes, e em muitos casos submetidas a situações de abuso sexual, sob pena do desemprego ou de castigos físicos. Como diz Moura (2006, p. 266), no universo operário “(...) o sexo feminino canalizava sobre si atitudes descritas como indecorosas, senão lascivas, que seguramente não poupavam as meninas e adolescentes e, talvez, os pequenos trabalhadores de sexo masculino”.

O trabalho industrial reservou à infância economicamente desfavorecida condições de vida extremamente penosas, inadequadas e perigosas, vistas, no entanto, como “naturais” para a marcha do progresso. Os empregadores não se preocupavam com a questão da exploração infantil, questão que só veio à tona mais tarde, quando toma corpo o movimento operário reivindicatório. A criança proletária empregada nas fábricas ficava, assim, condenada a realizar serviços fatigantes, inadequados para sua idade, em jornadas de trabalho impróprias até para os adultos.

Esse desenho, claro, era característico das crianças de família operária, como assinala Moura (2006, p. 279):

O mundo do trabalho permitia identificar um certo tipo de infância e de adolescência que estava longe de reproduzir o cotidiano de crianças e de adolescentes das camadas economicamente dominantes, assim como a infância e a adolescência de milhares de escravos os distinguira em passado muito próximo dos filhos de seus senhores.

O emprego de mão-de-obra infantil, além de mais barato, possibilitava, como diz Rizzini (2006, p. 378) “a formação de uma força de trabalho adestrada desde cedo”, e assim mais submissa e mais dócil. O que se notava, portanto, no ambiente operário, era

uma repetição das relações de poder vividas sob o regime escravocrata, em que as crianças cativas passavam de fato, por um adestramento. Aqueles que trabalhavam e eram agora assalariados acabavam tendo tratamento muito similar ao do escravo no que tangia à docilização e preparação para o trabalho por meio da impingidela de humilhações e destratos.

Segundo Góes e Florentino (2006, pp.185-186), no regime escravista o “adestramento da criança também se fazia pelo suplício. Não o espetaculoso, das punições exemplares (reservadas aos pais), mas o suplício do dia-a-dia, feito de pequenas humilhações e grandes agravos”. É notável que se trata de situação muito parecida com aquela vivida pelos pequenos trabalhadores do início da industrialização brasileira.

Como estamos vendo, em ambos os contextos, escravas ou assalariadas, as mulheres e meninas sofriam a desvantagem adicional de atrair a atenção sexual dos senhores e patrões, mantendo-se expostas e submetidas aos seus desejos. De acordo com registros históricos, as fábricas e indústrias acabaram perpetuando as relações de poder entre senhor e cativo vividas na escravidão (Moura, 2006). Verifica-se que na transição entre a escravatura e o trabalho assalariado mantiveram-se também as mesmas relações escravistas e patriarcais no que diz respeito ao jugo sexual da mulher. No regime escravocrata era comum o “uso” da escrava para a iniciação ou exercício sexual do “nhonhô”, até porque essa prática não consistia em nada mais do que o uso de uma propriedade. O menino era levado a exercer sua sexualidade, muitas vezes carregada de atos brutais, sem temor algum, numa clara demonstração de poderio (Freyre, 1963).

Ademais, a possibilidade de emprenhar a escrava e aumentar o rebanho de cativos agradava ao senhor de engenho. Freyre (1963, pp. 411-412) assim descreve a relação entre senhor e escravo, mais particularmente, entre senhor e escrava:

Noutros vícios escorregava a meninice dos filhos do senhor de engenho; nos quais, um tanto por efeito do clima e muito em consequência das condições de vida criadas pelo sistema escravocrata, antecipou-se sempre a atividade sexual, através de práticas sadistas e bestiais. As primeiras vítimas eram os moleques e animais domésticos; mais tarde é que vinha o grande atoleiro de carne: a negra ou a mulata.

Seja, portanto, em classes privilegiadas ou desfavorecidas, o cenário de socialização da mulher foi erguido sobre o eixo da naturalização da submissão feminina, tanto por motivos ligados à diferença de poder entre os sexos, quanto por motivos ligados ao feitio natural da mulher que a predispunha a um caráter mais fraco. E ainda hoje, mesmo levando em conta a emancipação econômica de alguns segmentos femininos¹, esse cenário se repete na sociedade brasileira desde antes da era moderna, e mantém fortes traços em nossa época.

Até os dias atuais, nota-se que a diferença de hierarquia entre os gêneros estabeleceu a necessidade de domesticação da sexualidade feminina por meio da imposição de padrões morais de virtude, como fica claro no trabalho desenvolvido por Fávero e Mello (1997) sobre adolescência e gravidez. Nessa pesquisa, realizada com adolescentes grávidas, ficou evidente que a moral sexual é tomada como parâmetro da virtude feminina, e nesse sentido, a gravidez deve ser “punida” por transgredir tal parâmetro, visto que revela a existência de atividade sexual da adolescente. Ao exigir que a adolescente cuide de seu bebê para cumprir uma exigência moral, equipara-se a maternidade a um envergonhamento a ser reparado, que pode, entre outras coisas, dificultar o desenvolvimento de sua vida escolar. Segundo análise das autoras,

¹ Em 1949, ao finalizar “O Segundo Sexo” e analisar a condição das mulheres emancipadas, Beauvoir (2008, p. 50) escrevia: “a mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica à do homem. (...) O fato de ser uma mulher coloca hoje problemas singulares perante um ser humano autônomo”.

Nenhuma das adolescentes ouvidas levantou problemas operacionais e/ou financeiros relacionados à vinda de um bebê. Pode-se supor, então, que a questão do *enfrentamento* (grifo das autoras) da situação se traduz, em primeiro lugar, no enfrentamento da família e não da gravidez em si. Tanto é assim, que o núcleo do relato da adolescente é o significado de transgressão que gravidez toma, e faz dela uma adolescente diferente das outras (Fávero e Mello, 1997, p. 135).

Estes resultados demonstram o peso que atributos como a virtude e a castidade ainda exercem sobre o comportamento da mulher, o que nos permite evocar outro trabalho com essa faixa etária, desenvolvido por Fávero e Abrão (2006) sobre adolescência e telenovela. Nessa pesquisa, desenvolvida com grupos de adolescentes de ensino fundamental e médio, as autoras destacam a rigidez e o conservadorismo do julgamento moral exercido pelos participantes (de sexo feminino e masculino) quanto ao comportamento sexual de uma personagem que, nas investigações, funcionou como mote para instigar as interlocuções nos grupos.

A personagem em questão, que numa determinada cena mostra-se disposta a tomar a iniciativa sexual junto a um ex-namorado, é considerada pelos participantes como “oferecida”, ou “vulgar”. E mais do que isso, seu comportamento foi tido como desqualificador do universo feminino. Destaque-se o seguinte trecho² da interlocução entre sujeitos da sexta série de uma escola privada:

Entrevistadora: O que vocês pensam dessa menina, a Valéria (*personagem*), lá do “Malhação” (*telenovela utilizada*)? O que vocês acham dela?

Sujeito Feminino 3: Que ela se desvaloriza, ué!

Sujeito Feminino 1: E desvaloriza as outras mulheres

² Extrato da dissertação de mestrado que originou artigo de Fávero e Abrão, 2006.

É, portanto, explícita a severidade moral com que o comportamento feminino foi julgado, pelas próprias adolescentes inclusive, numa tentativa de manter a distinção entre as mulheres vulgares, ou imorais, e as outras, as que se conformam às exigências morais. Além disso, foi interessante perceber a dinâmica das interlocuções nos grupos de participantes mais velhos. O que se notou é que à medida que ganham idade, as meninas perdem a verve contestadora e limitam-se a validar o discurso masculino. Elas preferem não se envolver no embate de opiniões com eles, mesmo que isso signifique ter que voltar atrás em alguma ponderação feita por elas anteriormente. Observe-se a seguinte interlocução³, ocorrida entre sujeitos da terceira série da escola pública:

Entrevistadora: A Valéria se enquadraria nesse conceito de vulgar?

Sujeito Feminino 1: Não, eu acho que é o jeito de conquista dela, eu acho certo, assim, sei lá. Ela é uma pessoa sensual.

Sujeito Masculino 1: Eu acho que tá mais pra cachorra!

(...)

Sujeito Feminino 1: É... Eu acho que se ele amasse ela, seria sério, mas ele não ama, né? Então aí ela tá sendo vulgar

Nesse aspecto, cabe lembrar o que assinala Rocha-Coutinho (1994) quando menciona as diferentes estratégias de controle usadas por homens e mulheres em contextos de contato social. Segundo a autora, “muitas das estratégias utilizadas por homens e mulheres para controlar as pessoas à sua volta emergem de suas posições estruturadas de desigualdade social” (Rocha-Coutinho, 1994, p. 137). Podemos supor então que o comportamento feminino de evitação do confronto direto com seus pares masculinos ocorra em função de serem elas mais treinadas nos domínios da emoção e do afeto e distantes do compartilhamento do poder. E ainda, ao que parece, à medida que envelhecem e consolidam o modelo de atenção voltada para o outro, passa a predominar nas mulheres a

³ Idem

utilização de estratégias da diplomacia e da docilidade, ao contrário dos homens, que, voltados para si mesmos, dispensam o uso da afetividade em seus contatos.

Outras instituições socializadoras, como os veículos de comunicação de massa, por exemplo, além de reforçarem essas diferenças estratégicas, apresentando sua utilização como sendo naturalmente típica de homens e mulheres, também contribuem na produção de sentidos sobre os papéis de gênero, funcionando dentro do mesmo modelo patriarcal em que atuam as diversas agências de socialização. Retomando a ilustração iniciada acima, que diz respeito à pesquisa desenvolvida por Fávero e Abrão (2006) com adolescentes e telenovela, também é possível perceber, na fala dos participantes, a envergadura da mídia como instância socializadora, tendo em vista a frequência com que as enunciações dos sujeitos reproduziam conteúdos morais veiculados no discurso midiático, assinalando as diferenças de gênero presentes no julgamento dos personagens. Vejamos, por exemplo, um excerto⁴ de interlocução dos sujeitos de terceira série do ensino médio, de uma escola pública, que mostra o envolvimento dos participantes na trama de valoração moral proposta pela novela quando estes emitem seu julgamento:

Sujeito Masculino 1: Ah, não, mas o amor dela (*de Valéria, a personagem em julgamento*) já virou coisa bagunçada.

Sujeito Feminino 2: É, e eu não acho que ela vai conquistar ele, não.

Sujeito Masculino 1: É, eu acho que o negócio dela é tirar ele da outra.

Sujeito Feminino 1: Mas o problema é que o Gui (*o personagem masculino, ex-namorado de Valéria*) não ama ela.

Sujeito Masculino 2: Ela tá é despeitada.

Sujeito Feminino 2: Ela tem birra da Nanda (*atual namorada de Gui*), por quê? Porque com a Nanda ele não transou.

Sujeito Masculino 2: Então, é despeito.

⁴ Trata-se também de extrato da dissertação de mestrado, que originou artigo de Fávero e Abrão, 2006.

Sujeito Masculino 1: É, ela tá despeitada, porque ela sabe que não vai ficar com o Gui, então ninguém mais pode.

Assim como a mídia televisiva, a virtualidade é hoje um dos grandes veículos de difusão e construção de significados, entre eles, os de gênero, resistindo nesse espaço padrões que estabelecem diferenciações morais para a avaliação de homens e mulheres. Por isso, do mesmo modo que ocorreu nas interlocuções apresentadas pelo trabalho de Fávero e Abrão (2006) sobre mídia televisiva, também no ambiente virtual foi possível perceber o conservadorismo moral no julgamento de condutas sexuais femininas, como demonstra o trabalho de Abrão e Fávero (2006) sobre salas virtuais de bate-papo sexual.

Neste trabalho também foi possível notar como, mesmo num ambiente de anonimato, em que se poderia dispor de uma maior liberdade de avaliação, a desqualificação da mulher que frequenta as salas e se dispõe aos jogos sexuais ainda é uma tônica forte, presente em diálogos de internautas dos *sites* “UOL” e “Terra”, como o que reproduzimos abaixo:

Romântico (*nick*) fala para **Tarado** (*nick*): a minnie (*nick*) eh a maior vadia que já peguei até hoje!!!

Romântico fala para **Tarado**: ela chupou meus ovos até deixar liso!!!

Tarado fala para **Romântico**: é come e vaza

Romântico fala para **Tarado**: isso!!

Romântico fala para **Tarado**: a minnie é uma putona daquelas!!!

Tarado fala para **Romântico**: + é ajeitada ou não?? Vale apena (*sic*)

Romântico fala para **Tarado**: ta froucha de mais (*sic*)!!

(Abrão e Fávero, 2006, p. 143)

Diante desses dados, reafirmamos novamente uma das argumentações centrais desse trabalho, defendida antes por Fávero (1991, 1997, 2007a, 2009a), de que os

processos de socialização destinados a meninos e meninas diferem por levar em conta uma hierarquia entre os gêneros. Desse desnível hierárquico decorrem processos de constituição de subjetividades orientadas a partir da crença na validade das diferenças entre homens e mulheres e na legitimação da hierarquia.

No entanto, é preciso ressaltar que discussões como as que expusemos acima eram impúblicáveis até o advento do feminismo (ou dos feminismos, como já pontuamos antes, a respeito de sua heterogeneidade). A partir da existência dos movimentos feministas é que foi possível refletir sobre temas ligados ao entendimento da hierarquia de gêneros como fruto de uma construção social. Em se tratando de entender a mulher como sujeito, como alguém que sente, pensa e faz, foram os movimentos feministas, liderados por mulheres, que levantaram a bandeira da construção cultural das diferenças. Beauvoir (2008, p. 25) dizia:

(...) está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada. (...) A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo.

Ou seja, a mulher, desde o início da história ocidental, condenada então a ser “o outro”, “a segunda”, nesta história – contada, diga-se de passagem, pelo homem - teria que tomar as rédeas de sua produção histórica para que os fatos pudessem ser apreciados sob outra perspectiva. E, mais que isso, para que o desenrolar de tantas histórias de mulheres pudessem deixar de seguir sempre o mesmo roteiro. Nesse sentido, a articulação das lutas empreendidas pelos movimentos feministas conseguiu trazer corpo a uma série de reivindicações por muito, muito tempo caladas no seio das famílias, no chão das fábricas, nos recônditos ocupados pelas mulheres.

Algumas frentes de batalha foram abertas, na tentativa de fazer com que a sociedade – toda ela, inclusive as próprias mulheres – entendesse a mulher como sujeito, com voz e inteligência. Só assim se faz possível pensar uma mudança mais profunda de “destino” para as mulheres. São os feminismos, portanto, que introduzem a discussão sobre o gênero como construção, fundando, a partir daí, novas abordagens para compreender como são forjados homens e mulheres. No Brasil, mulheres como Bertha Lutz, no início do século XX, vão se organizar em associações com a intenção de mobilizar autoridades e parlamentares em direção às causas feministas, combatendo a naturalização das diferenças e a divisão de hierarquias e territórios para homens e mulheres (Soihet, s/d)

No bojo desta discussão proposta pelos feminismos e ressaltando a importância de se entender o gênero como categoria não natural, West e Zimmerman (1987) cunham a expressão “doing gender”, para dizer que sua preocupação investigativa buscava o entendimento do que “está envolvido com o ‘fazer o gênero’ como sendo uma atividade em andamento, cravada nas interações cotidianas” (apud Kitzinger, 2009, p 94). Ou seja, passa-se, então, a pensar na diferenciação entre homens e mulheres como atividade interacional, produzida a partir das relações humanas e não como categoria natural, fruto da diferença biológica entre os sexos.

A inovação trazida pela concepção de gênero de West e Zimmerman, segundo Nentwich (2006) coaduna-se com o desenvolvimento das perspectivas feministas calcadas nos movimentos pós-estruturalistas, que levam em conta a organização do poder dentro das relações sociais. O gênero visto sob este prisma não é algo que as pessoas *têm* aprioristicamente. É construído nas práticas sociais e discursivas que constituem padrões e normas fundados num modelo “neutro e universal” de homem. Sendo assim, só é possível pensar em mudanças conceituais e relacionais de gênero quando se incide sobre as práticas sócias estruturantes desses conceitos. Diz Nentwich (2006, p. 502):

It is the social and discursive practices that construct norms with white, heterosexual, class-privileged men as the 'neutral and objective' standard. The focus is not on individual men and women, or on organizational structures, but rather on the social practices constructing gender. The focus for initiating changes lies within changing these practices⁵.

Essa concepção de gênero como categoria não natural e interacional, que se constrói nas relações humanas, instigou discussões que se propõem a pensar em como o sujeito vai se constituindo a partir dos caminhos propostos pelos modelos de socialização presentes no cotidiano, que difundem, entre outras hierarquias, as de gênero. Portanto, ao se considerar o modo como se dá o desenvolvimento humano e a formação das subjetividades, é preciso ter em conta os institutos e dispositivos que normatizam as divisões de gênero e se entrelaçam na construção do sujeito, constituído, segundo De Lauretis (1994, p. 208) “não apenas pela diferença sexual e sim por meio de códigos lingüísticos e representações culturais”. Isso significa que as normas reguladoras dos espaços e hierarquias de gênero permeiam as práticas discursivas e, mesmo que não sejam sempre explícitas, difundem-se no senso comum, naturalizando-se nas interações cotidianas.

Até mesmo entre aqueles que trabalham com a promoção de mudanças na condição de desigualdade entre homens e mulheres ainda é possível perceber a permanência de concepções que naturalizam as diferenças e se sustentam no modelo patriarcal e hierarquizante de estruturar as relações de gênero. É esse o objeto de estudo de Nentwich (2006), autora citada acima. Em sua pesquisa, desenvolvida na Suíça com trabalhadores de agências oficiais de promoção da igualdade de oportunidades para homens e mulheres,

⁵ São as práticas sociais e discursivas que constroem normas em que os homens brancos, heterossexuais e de classes privilegiadas são o padrão neutro e objetivo. O foco não está nos homens e mulheres como indivíduos ou nas estruturas organizacionais, mas antes nas práticas sociais construindo o gênero. O foco para iniciar mudanças repousa dentro da mudança destas práticas.

Nentwich (2006) notou que os sujeitos mostravam contradições no entendimento das diferenças entre estes dois universos. Ora as diferenças entre homens e mulheres eram entendidas como fruto de uma construção social, ora eram apreciadas como resultado de uma definição biológica e, portanto irredutíveis. Nentwich (2006, p. 508) ilustra a força da naturalização das diferenças com a fala de um dos entrevistados: “Well, despite equality we will never be the same!⁶”. E em seguida comenta:

Even the goal of equality is achieved in 20 years, women and men still be different. These differences in attitudes, abilities and interests are mainly rooted in biology. The basic difference between women and men stems from the fact that even in 20 years’ time, it still will be women who give birth to children⁷. (Nentwich, 2006, pp. 508/509)

Esses resultados demonstram como ainda estão enraizadas as concepções de gênero fundadas em atributos biológicos, que predisõem a mulher a manter-se em alguns espaços, obedecendo ao direcionamento dado pela existência de características naturais, especialmente aquelas conectadas à função materna.

Dessa naturalização, como já dissemos, decorre uma infinidade de crenças sobre propriedades e características masculinas e femininas que mantêm a dicotomização e as dissimetrias entre esses dois universos. Como ressalta Funck (2004, p. 157), “embora não se tratem de hierarquias naturais, as dissimetrias de gênero, assim como as de raça e classe social, entre outras, continuam a operar em nossas relações sociais e a ser disseminadas através de práticas discursivas”.

Em nossas interações diárias produzimos e difundimos, incessantemente, o discurso que nos constitui como sujeitos masculinos e femininos e contamos, para a consolidação da polarização entre estes universos, com o papel das instâncias de socialização, que

⁶ Bem, apesar da igualdade, nós jamais seremos iguais.

⁷ Mesmo que o objetivo da igualdade seja alcançado em 20 anos, mulheres e homens ainda serão diferentes. Estas diferenças nas atitudes, habilidades e interesses têm raízes principalmente na biologia. A diferença básica entre mulheres e homens se sustenta no fato de que mesmo em 20 anos, ainda serão as mulheres a parir crianças.

normatizam e normalizam a distância entre os gêneros. Por isso, estamos aqui defendendo, conforme pensamento já desenvolvido por Fávero (2009a), que o modo como homens e mulheres vão sendo socializados ao longo da vida resulta na construção de diferentes subjetividades e diferentes funcionamentos psicológicos. Não se trata de tomar os processos socializadores como determinantes exclusivos da subjetividade, pois desse modo estaríamos desprezando as idiossincrasias e a atividade mental do sujeito, como bem pondera Fávero (2005), dizendo que sem a idéia de um sujeito ativo, cognoscente, “isto é, o sujeito que constrói, não haveria sentido, em última análise, nos referirmos a uma Psicologia do Desenvolvimento ou à construção de conhecimento” (Fávero, 2005, p. 19).

Por esse motivo, por assumirmos, juntamente com Fávero (2005, 2007a, 2009a), que a construção de si é resultado da interação da atividade mental do sujeito com as práticas culturais socialmente mediadas é que consideramos fundamental entender os impactos da socialização sobre a constituição subjetiva. Em outras palavras, comungamos da concepção de que o desenvolvimento psicológico de sujeitos masculinos e femininos é orientado por processos de socialização generizadamente hierarquizados, que obedecem, no caso de nossa sociedade, a uma configuração patriarcal.

Nessa direção, Roucha-Coutinho (1994) também se pronuncia, articulando a socialização com as diferenças psicológicas entre homens e mulheres. Para a autora, as experiências sociais que vivem homens e mulheres influenciam no seu processo de desenvolvimento subjetivo e desencadeiam diferenças que se fazem notar nos padrões lingüísticos e comportamentais adotados e na utilização de estratégias de controle.

Ela diz:

A desigualdade entre os sexos começa na socialização das crianças que obedece, na maioria das sociedades ocidentais modernas, a um princípio de estereótipos nas atividades e que vai, pouco a pouco, amadurecendo diferenças psicológicas. Basicamente, a socialização nos ensina o que nossa cultura considera maneiras corretas

de pensar, comportar-se, falar, sentir, relacionar-se com os semelhantes e lidar com situações (Rocha-Coutinho, 1994, p. 58)

Assim sendo, na medida em que entendemos o gênero como categoria produzida na dinâmica das relações humanas, torna-se fundamental levar em conta as instâncias institucionais envolvidas na socialização e na difusão de um modelo de pensar e fazer o gênero, como a educação, já mencionada. Como vimos mais acima neste trabalho, a escola e seus princípios de educação formal funcionam há séculos como veículo para a socialização diferenciada de meninos e meninas, direcionando, por conseqüência, as áreas de conhecimento que serão dominadas por “competências” masculinas ou femininas.

A esse respeito, Fávero, Tunes e Marchi (1991) desenvolveram um trabalho sobre a resolução de tarefas na área de matemática, mostrando que as representações sociais de gênero podem influir no desempenho de alunos e alunas frente às tarefas apresentadas. Nesse trabalho, os autores mostram como as representações sociais das áreas de conhecimento se articulam com representações sociais de gênero dentro da escola (Fávero, Tunes e Marchi, 1991).

Os resultados obtidos desta investigação dão indícios de algumas das discussões atuais sobre gênero nas instituições escolares: a questão das diferenças no nível de escolarização de meninos e meninas e a influência do chamado currículo oculto, que conduz alunos e alunas para diferentes áreas do conhecimento, “criando prioridades diferentes para meninos e meninas e determinando diversas estruturas motivacionais e sistemas de crenças” (Fávero, Tunes e Marchi, 1991, p. 261). As prioridades assinaladas, que são estabelecidas no decurso da vida escolar, acabam, por conseguinte, direcionando estes estudantes para diferentes ocupações. Esse direcionamento ocupacional iniciado na escola funciona na manutenção do acesso ao mercado e da divisão do trabalho dentro de

uma relação de hierarquia do poder, conforme discute Fávero em seu mais recente trabalho (2009a).

Também no mesmo sentido, outro trabalho que chama a atenção é o de Rosemberg (2001), que fez um amplo levantamento dos avanços e lacunas nas políticas educacionais pelo viés do gênero. Nesse texto, a autora discute o fato de que o sistema educacional do país provê igual acesso aos níveis básicos do ensino para homens e mulheres, mas no momento em que se afunila o processo de escolarização e que se ingressa nos níveis escolares mais especializados, nosso sistema tende ainda ao sexismo e à segmentação dos ramos de ensino de acordo com o sexo dos estudantes, acentuando o caráter de resistência patriarcal do modelo educacional. Uma mudança nesse panorama dependeria, diz a autora, de mudanças na cultura e não só nas políticas educacionais, tendo em vista que se trata de uma segregação engendrada nas relações sociais e não apenas nas diretrizes legais. Diz Rosemberg (2001, p.11) :

Alterar o quadro da diferenciação sexual pelos ramos de ensino extrapola as políticas educacionais, pois sua configuração atual parece resultar, também, de padrões de socialização de gênero midiáticos, familiares, religiosos e dos pares além da forte segregação sexual do mercado de trabalho. Portanto, recomendações para o incentivo à formação profissional heterodoxa na escola, para homens e mulheres em contexto laboral tão intensamente segregado, será pouco eficiente se forem mantidas inalteradas as tendências das demais instâncias socializadoras e do mercado de trabalho.

Aqui, é interessante pensar como se articulam os trabalhos de Rosemberg e Fávero, já que ambos levantam uma questão fundamental: o direcionamento das expectativas escolares para meninos e meninas é precoce, atravessa todo o período de escolarização, ocorre sub-repticiamente ao currículo formal e tem efeitos para além da vida escolar. Estamos falando da condução profissional que é alimentada na escola a partir da

manutenção de esferas generizadas de competência e, mais do que isso, estamos falando de como o sujeito é conduzido a acreditar que sua competência é naturalmente circunscrita nessas esferas, de maneira que a amplitude de seu desenvolvimento e as possibilidades de sua atuação profissional acabam ficando delimitadas.

Significa que quando as mulheres se lançam ao mercado já há uma orientação prévia quanto às carreiras a serem escolhidas conforme as características femininas salientadas ao longo do processo educacional. Desse modo, entendemos que a escola, como uma das mais fundamentais instâncias de socialização, vem colaborando para que se mantenha a naturalização das diferenças, haja vista que as próprias “escolhas” ocupacionais servem de argumento para que se entendam as diferenças entre homens e mulheres como categorias natas, visto que se expressam, inclusive, nas opções profissionais (Fávero, 2009a).

Sob esse aspecto, é importante ainda considerar as implicações que a noção de “competências natas” traz para o desenvolvimento das subjetividades masculinas e femininas, uma vez que a naturalização das aptidões não forja apenas as direções profissionais, mas interfere também no tipo de conceituação de si que homens e mulheres terão a partir daí. Uma vez caracterizados como naturalmente dotados de determinadas características, muitos dos comportamentos, afetos e modos de operar masculinos e femininos, por consequência, sofrem direcionamento.

No que concerne, portanto, a aspectos mais amplos do desenvolvimento das subjetividades, é preciso ressaltar que a caracterização biológica e essencialista de homens e mulheres não se manteve restrita à definição das potencialidades cognitivas. Não só a competência intelectual feminina foi tomada como categoria inata, mas foram também naturalizadas as diferenças quanto às características emocionais de homens e mulheres, por

meio de argumentos que subsidiam explicações sobre os motivos para um desenvolvimento intelectual masculino maior do que o feminino.

De acordo com uma das grandes teorias do desenvolvimento utilizadas pela psicologia, qual seja, a psicanálise freudiana, a mulher não dispõe do impulso necessário à solução do complexo de Édipo, o que a levaria à aquisição de um superego incapaz de desenvolver racionalidade e senso de justiça necessários às exigências da vida, lançando-a numa fragilidade emocional insuperável. Essa análise quanto aos efeitos da diferenciação emocional atribuída a homens e mulheres foi desenvolvida por Fávero (1997), tomando como referência as teses de Chodorow (1974) e Gilligan (1982), para salientar o quanto as relações são marcadas pela concepção de que a emoção masculina e feminina tem natureza diferente.

Para Fávero (1997, p. 32), a idéia da inferioridade emocional da mulher

é ainda partilhada na nossa sociedade, usada como justificativa de inúmeros procedimentos paternalistas e sempre que para resguardar a supremacia masculina seja necessário desqualificar a mulher.

Fala-se em inferioridade emocional, porque, como destaca a autora, as emoções não têm o mesmo *status* e o mesmo significado na nossa cultura e o fato de serem expressas com mais frequência pelas mulheres do que pelos homens demonstra nelas uma ausência de autocontrole (Fávero, 1997). A expressividade emocional, tida como característica da natureza feminina, é, portanto, percebida negativamente, como sinal de imaturidade ou déficit de racionalidade. Daí para o direcionamento das escolhas profissionais e ocupacionais, a trilha parece sedimentada pela diferenciação biológica e essencialista entre homens e mulheres. Por isso, Fávero (2009a) vem defendendo arduamente que a premissa fundamental, presente tanto nas diferenças de socialização quanto no conseqüente

direcionamento das escolhas de carreiras, assenta-se na concepção de que homens e mulheres já se diferenciam inatamente, em função da natureza de suas emoções.

Foi por causa desse tipo de argumentação que os movimentos feministas tomaram a naturalização das diferenças como centro de sua insurreição teórica, mostrando que o desnível valorativo entre o modo de classificar qualidades de homens e mulheres é construído. Graças às bandeiras desfraldadas pelos feminismos foi possível discutir aquilo sobre o que hoje nos debruçamos neste estudo e que representa tese central nos trabalhos de gênero desenvolvidos por Fávero desde 1991: o desenvolvimento humano como fruto de uma construção conceitual, circunscrita num tempo e numa cultura. Por causa disso, engrossamos o cordão dos que entendem que as diferenças de hierarquia e status atribuídas aos gêneros masculino e feminino podem ser transformadas, de modo que deixe de ser considerado natural o jugo do feminino pelo masculino.

Para isso, em primeiro lugar, é preciso que se tome conhecimento da produção da diferença e que se conheçam também seus efeitos naquilo que nós nos tornamos ao longo da vida (Fávero, 2007a). Em segundo lugar, é preciso abrir mão de exercer apenas o papel do “outro”, que foi às mulheres atribuído por tanto tempo e do qual, segundo Beauvoir (2008), elas muitas vezes se comprazem, porque resistir e reivindicar pode custar o desabono e a retaliação dos “superiores”.

Em outras palavras, acreditamos que no que tange à psicologia do desenvolvimento, a contribuição dos movimentos feministas tenha culminado na possibilidade de se compreender como se chega a ser o homem e a mulher que se é, de modo que os sujeitos, a partir da apropriação desse conhecimento possam também se apropriar de seus caminhos desenvolvimentais.

Ademais, a denúncia feminista de que convivemos com a sobrevivência de princípios patriarcais nos nossos processos de socialização permitiu que nos atentássemos,

conforme aponta Araújo (2005), para o fato de que as mulheres, em sua maioria, permanecem alijadas das instâncias decisórias significativas, embora participem volumosamente do mercado econômico. Tal fato chama a atenção para a existência daquilo que parece ser uma nova roupagem do patriarcado (Narvaz e Koller, 2006), que se disfarça querendo não ser reconhecido, mas que funciona, ainda, para a manutenção da hierarquia entre homens e mulheres.

Esta temática, por sua importância, será tratada a seguir.

1.1. O patriarcado contemporâneo

Muitas controvérsias existem, dentro dos próprios movimentos feministas - que como já se disse, não são monolíticos -, sobre a persistência ou não da noção de patriarcado como modelo de estabelecimento de privilégios masculinos presente ainda hoje. Para autores como S. Costa (2004), que discutem as necessidades de revisão e atualização dos conceitos feministas, “o paradigma do patriarcalismo, conceito universal de dominação masculina, tem privilegiado relações (de oposição) entre masculino e feminino e desigualdades dos sexos, num rígido recorte de territórios a ser revisto” (S. Costa, 2004, p. 25). Para a autora, o patriarcalismo (expressão que ela usa) é tomado como acontecimento deveras generalizado e por isso impede que tenham visibilidade outras experiências femininas que refletem um movimento de transgressão das mulheres, bem como um deslocamento do poder entre sexos (e entre classes, etnias e gerações também, aponta S. Costa). Para ela, quando se usa o conceito de patriarcalismo como um evento universal e único entre os diferentes tipos de segmentos sociais, perde-se de vista as nuances das transformações nas relações de poder vividas nos níveis microssociais.

Em nosso entendimento, a noção de patriarcado não deve, de fato, ser tomada como conceito de manifestação homogênea na sociedade. Pelo contrário, o modelo patriarcal sofre a intervenção das resistências e criatividade humanas e, ao mesmo tempo em que produz relações e práticas, é, por outro lado, produzido e ressignificado no fluxo das interações sociais. Por isso mesmo, é possível dizer que aquele modelo patriarcal, assentado sob o poder do pai, que repousa no imaginário social não é mais hegemônico nem se manifesta de forma idêntica nas diferentes famílias e classes, tendo em vista a ação humana sobre a permanência deste modelo (Narvaz e Koller, 2006).

Tanto assim que se fala hoje em um patriarcado moderno ou contemporâneo, caracterizado pelo exercício de um poder, ainda tomado como natural, do homem sobre a mulher, especialmente dentro das relações conjugais (Machado, 2000, apud Narvaz e Koller, 2006; Pateman, 1993). Contudo, a heterogeneidade desse modelo reflete-se no fato de que o próprio sistema patriarcal disponível atualmente permite antagonismos, já que não produz apenas condutas reforçadoras de sua existência, mas gera também re-invenções dos papéis e modelos familiares, rompendo a hegemonia dessa sistemática e questionando o imaginário social na medida em que mostra serem possíveis outras configurações de famílias não-patriarcais. Para Narvaz e Koller (2006), a invenção de novas sistemáticas familiares corresponde à “criativa e subversiva capacidade de resistência humana às normatizações reguladoras” (p. 49).

Em certa medida, há que se levar em conta a perspectiva de S. Costa (2004) quando assinala que as próprias mulheres, e entre elas, obviamente, as militantes feministas, valeram-se de uma “rede de apoio” formada por outras mulheres para que pudessem lançar-se ao mercado de trabalho, o que permitiu sua evasão, ao menos parcial, da esfera doméstica. Assim, os cuidados com esse lar “evadido” foram entregues a outras mulheres, as chamadas “mulheres de confiança”, reproduzindo, nesse âmbito, segundo S. Costa

(2004), uma relação de desigualdade antes imputada pelos homens às mulheres das classes mais privilegiadas, quando ainda eram alijadas do mercado e mesmo imputada pelas próprias mulheres na lida com seus escravos e empregados desde o período colonial, sublinhando o caráter de dominação aí presente.

Em nosso olhar, porém, estes dados não desmentem a existência de princípios patriarcais na configuração das relações entre homens e mulheres. Ao contrário, só vêm reforçar a idéia de que o patriarcado se espraia também nas relações entre mulheres e mulheres. Isso significa que as mulheres são afetadas por esse modelo e o confirmam nas suas interações, especialmente, como diz S. Costa (2004), quando se trata de interações entre mulheres de classes diferentes. Em outras palavras, poderíamos dizer que o pensamento patriarcal não é exclusividade masculina, mas está presente também e freqüentemente no universo feminino.

O que há de interessante nas considerações de S. Costa (2004), é que em sua denúncia contra um certo totalitarismo feminista - todas as versões dos movimentos feministas, segundo a autora, em algum momento agruparam os objetivos das mulheres ocidentais sob uma noção de unidade e sororidade - ela aponta “a homogeneização e a ocultação das diferenças entre as mulheres” (p.25). Nesse sentido, ela acusa os feminismos de negligência para com a situação das mulheres que formam a chamada “rede de apoio”, mencionada acima, e que pertencem a classes sociais menos favorecidas.

Entendemos que nesse aspecto as considerações de S. Costa são importantes, pois alertam para a invisibilidade do trabalho doméstico exercido pelas “mulheres de confiança”, não incluídas na pauta de luta por direitos femininos, uma vez que o trabalho delas garante a possibilidade de que as outras mulheres, aquelas inseridas no mercado formal, assegurem seu espaço.

A invisibilidade do trabalho doméstico também é considerada significativa na ótica de Elson (1998), uma vez que para esta autora herdamos a noção de que o chamado setor doméstico, apesar de sustentar o setor público até mesmo na difusão de valores necessários ao exercício da boa cidadania, não é setor produtivo.

Para Elson (1998), a sociedade se organiza em três setores ou circuitos, o público, o privado e o doméstico, cujas estruturas são interdependentes. E, pontua ela, além de interdependentes são ainda generizadas, haja vista que tais estruturas não são formadas apenas por homens e mulheres, mas também por seus “modos de operar” constituídos a partir de uma ordem de gênero. Nessa perspectiva, Elson (1998) defende que há, sim, uma força produtiva no setor doméstico, que não pode ser medida em valores quantitativos ou materiais, embora seja fundamental para o funcionamento da sociedade. É que para a autora, o setor doméstico é produtor de capacidades sociais intangíveis que sustentam normas de funcionamento da sociedade. Diz ela:

We have argued that the domestic sector produces labour force; and, more than that, plays a foundational role in the production of people who possess not only the capacity to work, but also to acquire other more intangible social assets – a sense of ethical behaviour, a sense of citizenship, a sense of what it is to communicate – all of which permit the forming and sustaining of social norms. We have argued that, without these intangible social assets, the three circuits could not function with any degree of regularity or continuity⁸ (Elson, 1998, p. 197)

A questão é que em nosso o modelo atual de funcionamento econômico, não há preocupação em investir para a manutenção desses “recursos”, localizados no setor

⁸ Temos argumentado que o setor doméstico produz força de trabalho; e, mais que isso, desempenha um papel fundacional na produção de pessoas que possuem não só capacidade de trabalho, mas também de adquirir outros bens intangíveis – um senso de comportamento ético, um senso de cidadania, um senso do que é comunicar-se – que permitem a formação e sustentação de normas sociais. Temos argumentado que, sem estes bens sociais intangíveis, os três circuitos não poderiam funcionar com nenhum grau de regularidade ou continuidade.

doméstico, que garantem o fornecimento da força de trabalho e dos bens sociais intangíveis, como se este setor não necessitasse de remuneração e como se funcionasse independentemente da política de tributos, preços e salários (Elson, 1998). Isso significa que o território das atividades domésticas, tomado pelas próprias mulheres, inclusive, como responsabilidade feminina, constitui-se em significativo espaço de construção de valores, mas mantém-se invisível diante das políticas de investimento.

Tanto assim que outros autores, como Rocha-Coutinho (1994), que se preocuparam com o caráter de “não-trabalho” que o setor doméstico assume, assinalam a dificuldade de reconhecimento destas mulheres como cidadãs de direitos, mostrando como a economia “extrafamiliar”, embora se apóie e se sirva do setor doméstico, confere a este espaço um enorme desprestígio social, a começar do descompromisso com os investimentos públicos, como Elson (1998) também sublinha. É notável, portanto, a negligência quanto ao universo doméstico e, dentro dele, quanto às donas-de-casa que não se constituem alvo de políticas do setor público. Para Rocha-Coutinho:

As mulheres, portanto, as donas-de-casa, passam a ser trabalhadoras que nunca vão conhecer os benefícios que aos poucos a sociedade capitalista vai outorgando a outros trabalhadores – salário, descanso, limite de jornada, férias, licença, aposentadoria ou seguro social – a não ser de forma indireta, através do homem de quem dependem (1994, p.33)

A invisibilização e desvalorização do setor doméstico por parte do setor público e privado (frisa-se novamente, como se as tarefas domésticas não fossem pertencentes ao universo produtivo), colaboram para que se mantenha o silêncio e a exclusão desse setor na agenda das reivindicações por direitos e contribuem para o enfraquecimento das *householders* no que tange ao seu questionamento sobre princípios e práticas excludentes e desmoralizadores, já que esse trabalho é percebido ou caracterizado muitas vezes como

ignóbil, ou como não merecedor de atenção dos outros setores. A execução das tarefas domésticas parece ser entendida como menor, como se não exigisse nenhum tipo de qualificação do trabalhador. Sendo assim, configura-se, em nossa sociedade produtivista, como um trabalho desprestigiado, que desemboca na condição de marginalidade social.

Nas palavras de Elson (1998, p. 205):

(...) It is hard to sustain social norms of ethical behaviour in the demoralization that comes from realizing that you are no more than a dispensable, interchangeable unit of labour from the point of view of the private sector; and from realizing that the public sector will do little to mitigate or contest this⁹.

A desconsideração do setor doméstico como alvo das políticas de investimento acaba então por demonstrar como o patriarcado se reconfigura, mas mantém algumas de suas bases fundantes. Na invisibilidade do setor doméstico, povoado por mulheres, sustenta-se uma forma de alijamento que se difunde também quando levamos em conta as instâncias decisórias ligadas ao poder político.

Esta reflexão é fundamental na medida em que se percebe, por um lado, uma crescente ocupação feminina do mercado de trabalho, enquanto por outro, permanece uma exclusão quanto à participação da mulher em instâncias decisórias significativas, como a esfera política. Isso parece indicar que as polarizações colocadas pelo patriarcado sofrem reajustes em suas configurações, mas mantêm-se presentes na condução das relações que sustentam as hierarquias de gênero. Como pondera Saffioti (2008), o gênero, juntamente com outras categorias como classe e etnia, está profundamente imbricado nas articulações do poder que tomam por base o modelo patriarcal de organizar a sociedade, ainda que se argumente sobre a amplitude da participação feminina em espaços ditos masculinizados

⁹ É difícil sustentar normas sociais de comportamento ético na desmoralização que vem de perceber que você não é mais que uma unidade de trabalho dispensável e intercambiável do ponto de vista do setor privado; e de perceber que o setor público fará pouco para mitigar ou contestar isso.

como o da política. Mesmo diante do alargamento das fronteiras que circunscrevem os territórios de ocupação feminina, diz a autora,

Não basta ampliar o campo de atuação das mulheres. Em outras palavras, não basta que uma parte das mulheres ocupe posições econômicas, políticas, religiosas etc., tradicionalmente reservadas aos homens. Qualquer que seja a profundidade da dominação-exploração da categoria mulheres pela dos homens, a natureza do patriarcado continua a mesma. A contradição não encontra solução nesse regime. Ela admite a superação, o que exige transformações radicais no sentido da preservação das diferenças e da eliminação das desigualdades, pelas quais é responsável a sociedade (Saffioti, 2008, p. 157).

Na tentativa de desmentir a existência da dominação, utilizam-se exatamente as estatísticas que apresentam dados sobre a ampliação da ocupação do mercado por parte das mulheres, mas o que não se discute nos números é a maneira como esta ocupação ocorre. Usa-se como justificativa para o fim das condições subalternas femininas o alibi das conquistas mercantis, que a princípio aparentam a superação dos obstáculos, quando, na verdade, se olharmos microscopicamente para as tais conquistas, será possível perceber que a ascensão feminina ainda se dá em espaços de discriminação, como aponta Blay (1999).

Para esta autora,

As mulheres ampliaram seus espaços na educação, em carreiras novas e na universidade. O paradoxal é terem chegado à educação, mas de má qualidade, entrarem nas universidades, porém, em setores 'femininos', ajustáveis aos espaços familiares e se profissionalizarem em atividades compatíveis com o trabalho doméstico, continuarem a ganhar menos do que os homens (Blay, 1999, p. 140).

Corroborando esta idéia, tomamos a análise de Araújo (2005), para quem ainda há, nas instâncias decisórias do poder, uma inserção feminina bastante pequena que contrasta com o “grau de conquistas ou de participação das mulheres em esferas da vida social, como na educação e no trabalho” (Araújo, 2005, p. 193).

Ao apresentar esse tipo de retrato sobre a participação feminina, autores como Araújo reforçam a noção de que ao se falar de um “novo poder” das mulheres, não basta constatar que há a ocupação de espaços. É necessário, conforme mencionamos acima, entender o modo como tais espaços vêm sendo ocupados, pois esse entendimento revela uma participação feminina ainda secundária no que tange ao compartilhamento do poder. Basta acompanhar os dados sobre o número de mulheres eleitas para os cargos máximos de seus países¹⁰, ou, para situar os dados no nível local, basta olhar para o número de cadeiras ocupadas por mulheres nas assembleias legislativas do país, em qualquer nível do poder.

Além disso, a própria coleta de dados a respeito do modo como se dá a ocupação feminina em searas consideradas tradicionalmente masculinas, não leva em conta a categoria de gênero, ignorando a distinção entre homens e mulheres, especialmente em se tratando do campo da política. Esse fato, como assinala Blay (1999), demonstra o quanto a presença feminina nessa esfera de atuação profissional é desqualificada, dada sua invisibilidade nas estatísticas.

A autora ilustra a questão mencionando os procedimentos para inscrição a cargos eletivos. Diz ela:

A pressuposição de que os candidatos a cargos eletivos sejam apenas homens faz com que nas fichas de inscrição dos Tribunais Eleitorais não se precise indicar o sexo do candidato. As mulheres não estão previstas no cenário político, nem no econômico ou social, que ‘aliás não é o lugar delas: a mulher pertence ao lar’ (Blay, 1999, p. 141)

¹⁰ Araújo (2005) apresenta dados de 2000, mostrando que de 193 países espalhados no mundo, apenas 9 tinham mulheres como governantes/presidentes eleitas.

É, portanto, necessária uma análise atenta do que dizem os números, pois uma apreciação superficial poderia aparentar a instalação de igualdade de condições profissionais ou de poder para homens e mulheres. Diante dos dados relativos ao aumento quantitativo de mulheres ocupando o mercado e dominando alguns segmentos intelectuais - como a educação, conforme mencionado - os defensores do fim do patriarcado se regozijam em exibir estatísticas, como se os números representassem uma comprovação absoluta do “empowerment¹¹” feminino. Todavia, ao se analisar a participação política da mulher, não como eleitora, mas como candidata e como eleita, parece-nos que permanece a mesma noção secular da mulher como “indivíduo de segunda classe” (Beauvoir, 2000), ocupada – ou seria distraída? - com assuntos menos relevantes, enquanto os homens fazem o que interessa: legislam e governam o país, mantendo a hierarquia entre tarefas exercidas por mulheres e homens. No caso deles, priorizam-se as tarefas alocadas fora do âmbito doméstico, numa reconfigurada divisão de territórios.

Essa divisão permanece no nível microssocial, no cotidiano dos lares. Em pesquisa sobre a opinião de homens e mulheres a respeito da igualdade ou desigualdade na divisão de tarefas domésticas, Araújo e Scalon (2006, p. 55) encontraram resultados indicativos de que “mulheres de diferentes níveis educacionais, áreas de residência, gerações, trabalhando fora ou não, com distintas percepções e valores morais sentem compartilhar uma experiência comum: a assimetria das tarefas domésticas”. Ou seja, ao que parece, a mulher deixou a exclusividade do território doméstico para penetrar em outras veredas, mas continua com os encargos do lar – obviamente que mantendo também os ganhos sociais que isso significa e contando com a rede de apoio que sustenta sua saída – e mantém-se ainda distante das engrenagens do poder.

¹¹ Empoderamento

Temos, assim, duas questões que parecem indicar a permanência de padrões patriarcais, ainda que ressignificados, nos meandros das inter-relações de gênero: a primeira diz respeito à desvalorização do terreno doméstico, até aqui ocupado majoritariamente por mulheres e invisível para as políticas de investimento social por ser considerado não produtivo segundo a ótica capitalista.

A segunda questão tange à discrepância entre a maciça presença feminina no mercado econômico e sua sub-representação em instâncias decisórias do poder, fato que revela a sustentação de uma divisão de domínios masculinos e femininos no acesso às regiões do território público onde se concentra o poder de tomar decisões políticas e coletivas.

Eis então mais um argumento a favor de nosso interesse original neste trabalho, que é conhecer, do ponto de vista psicológico, algumas mulheres que, de certa forma, romperam com o *script* usual de seus pares e lançaram-se em busca dos espaços nestas instâncias de poder político. Por isso, a seguir, nosso foco recai sobre esta temática.

CAPÍTULO 2. Mulher e Política: a resistência dos mitos

Assim como em outros assuntos da esfera pública, a inserção feminina na política, mesmo que ainda tímida, vem acontecendo a partir das reivindicações trazidas à tona pelos movimentos feministas e pelo crescimento de outras mobilizações sociais que se insurgem contra os variados tipos de exclusão. Por séculos, a participação da mulher na política foi considerada incompatível com sua natureza talhada para os domínios do privado, entendido como um terreno “apolítico”, ao contrário do território público, político por excelência e, portanto, sob dominação exclusiva do homem (Scott, 2002). Tanto que o conceito original de cidadania para o modelo de pensamento ocidental – conceito este forjado na Grécia Clássica, e posteriormente ressignificado pelo Iluminismo - trata o termo como um atributo de homens livres, excluindo-se então servos, escravos e mulheres (Scott, 2002).

Claro que uma longa trajetória foi percorrida pela mulher da Grécia Clássica até aqui, mas muitas foram – e ainda são - as ressalvas quanto à capacidade feminina de ocupar o território das atividades políticas. Diderot, no século XVII, já apresentava sua tese quanto à impropriedade feminina na ocupação de algumas funções, uma vez que, dizia ele, “a mulher é um ser de paixões e de emoções, comandada por seu útero” (Diderot, apud Badinter, 1991, p. 25). Na opinião do filósofo, comungada por outros pares, a mulher é escrava de sua fisiologia, mais especificamente dos seus órgãos genitais, que lhe conferem caráter de subserviência, pois são destinadas ao prazer do homem e à perpetuação da espécie. É o homem e seu desejo por elas que lhes dá sentido à existência.

Além disso, as mulheres representam os instintos naturais, com pendores natos para a histeria e a insanidade que deles decorre, enquanto o homem é o ser da razão e da cultura. Portanto, para elas, a ignorância e a insatisfação representariam o destino comum de

muitas, negligenciadas na sua educação e desprezadas na sua velhice. Contudo, há um aparente paradoxo nas considerações de Diderot, que irá se repetir em outros comentaristas da alma feminina: apesar de falar detidamente sobre como as mulheres são inferiores e miseráveis, este filósofo se apiedará delas, condescendentemente. Na análise de Badinter (1991), Diderot vai colocá-las num pedestal:

As misérias delas tornaram-se motivos de grandeza. Estão fora da humanidade, porque mais próximas do divino que o homem. Sem temer o paradoxo, o filósofo conclui pela superioridade das mulheres, “que sabem ler no grande livro do mundo”. Sua ignorância e seu destino as predispõem a receber a verdade melhor do que os homens, prisioneiros de seus conhecimentos de do espírito de sistema (Badinter, 1991, p. 29)

Para a autora, essa “transformação” nas apreciações de Diderot mais parecia o desejo de emprestar outro tom à tristeza com que a condição feminina fora cantada por ele. Tanto que as argumentações do filósofo sobre as pretensas qualidades das mulheres padeceram da ausência de referências e exemplos e soaram à Badinter (1991) como “um trabalho incompleto”, cuja pretensão poderia ser a de angariar a simpatia das leitoras.

Esta mesma tônica aparece em outros analistas da mulher, como Montaigne e Michelet¹² (apud Beauvoir, 2008 e Perrot, 2007) que mal disfarçando seu preconceito, atreviam-se a cometer alguns elogios ao espírito feminino enquanto pisoteavam-no. O que se pode inferir a partir de argumentos como o de Diderot, é que a estratégia de valorizar alguns aspectos das qualidades femininas poderia funcionar para que a mulher se contentasse com o lugar que lhe era conferido, deixando passar despercebida a hierarquização de gênero, por entender esta hierarquia como natural, decorrente de suas incapacidades de inserção em outros espaços, já que o doméstico se configurava como o

¹² Para Beauvoir (2008), Montaigne compreendeu ser injusto o destino imposto às mulheres, “mas não chegou a defendê-las verdadeiramente”. Michelet, por seu turno, fala da mulher como ser relativo e para Perrot (2007), ele “valoriza a ‘mulher do povo’

lugar naturalmente feminino. Desse modo, também não seria necessário preocupar-se com a mulher como cidadã, visto que a cidadania era considerada um exercício para quem habita os espaços públicos e a mulher, por seu “espírito”, estaria tratando de outros assuntos, os domésticos.

Como se nota, há muito a mulher sofre do alijamento no que tange à sua participação no terreno público. Quanto ao ambiente doméstico, considerado de domínio feminino, como já apontado, ainda hoje se pode dizê-lo invisível perante as políticas públicas de investimento. As mulheres que se dedicam exclusivamente a esse terreno contam com uma divisão de poderes que não garante a elas real participação nas decisões tidas como “importantes”.

Queremos ressaltar aqui que não pretendemos negligenciar a participação feminina no âmbito que Brito (2001) chama de micropolítica, ou política do cotidiano. Sabemos que algumas correntes do pensamento feminista propuseram que fosse revisto o conceito de participação política como ação meramente quantitativa e institucional – perspectiva esta tida como masculina - e que a ampliação desse conceito redefiniu a territorialização de ações masculinas e femininas. A partir dessa análise ampliada, algumas práticas consideradas de caráter privado revelaram-se como práticas políticas, à medida que se manifestam como exercício de poder e que produzem efeitos expandidos para além do terreno doméstico (Brito, 2001).

No entanto, entendemos que ainda assim estamos falando de uma hierarquização entre estas práticas. Para fundamentar esse entendimento, retomamos as considerações de Araújo (2005) a respeito da distância feminina das instâncias decisórias do poder e fazemos uso dos argumentos de Fávero (2009) quando é mencionada a equiparação de status entre homens e mulheres no exercício das decisões políticas: para estas autoras, há significativa diferença quanto ao compartilhamento do poder, pois no caso da mulher esse

poder é exercitado no universo invisibilizado da micropolítica, ao passo que o exercício do poder masculino resulta em incumbências que envolvem, por exemplo, as diretrizes das políticas públicas.

Ademais, estamos falando também da representação política feminina e nesse aspecto é importante lembrar o funcionamento de nosso sistema partidário e, dentro dele, como se apresentam, de fato, as possibilidades de inserção da mulher nas instâncias políticas. Conforme análise de Araújo (2005, p. 196), “o problema das mulheres não reside tanto em conseguir serem indicadas candidatas e, sim, em conseguirem condições efetivas de competir”, tanto interna quanto externamente ao partido. Mesmo que o Brasil tenha adotado parcialmente¹³ o sistema da proporcionalidade, teoricamente mais vantajoso no sentido da elegibilidade da mulher, uma das grandes batalhas femininas dirige-se exatamente ao espaço a ser conquistado dentro do próprio partido, no embate com aqueles que já detêm outros mandatos, ou seja, que já estão inseridos na máquina política.

A questão aqui é que a maciça presença de homens no território do poder político acaba gerando padrões e perfis de eleição associados a modelos de atuação masculinos (Matland, 2002, apud Araújo, 2005), o que compromete o potencial de elegibilidade feminina. Apesar disso, ainda se considera que o sistema proporcional seja aquele que mais comporta a pluralidade de candidaturas, favorecendo a implantação de ações afirmativas tal como a adoção de quotas para mulheres, exemplo do que fez o Brasil.

Sobre isso, Araújo (2005) comenta que a aprovação de quotas no país encontrou facilidade, já que parte do nosso modelo eleitoral obedece ao sistema proporcional de eleição. Nesse caso, a inserção das candidaturas femininas não ameaça o *status quo*, pois não destitui ninguém do seu lugar e ainda colabora no somatório final de votos. Ou seja, pode-se dizer que no nosso sistema as quotas foram tranquilamente adotadas tendo em

¹³ O processo eleitoral para cargos do poder legislativo obedecem a esse sistema. Para cargos do executivo, é usado o sistema majoritário. Talvez por essa razão, a inserção feminina seja mais volumosa na esfera do legislativo

vista que a mulher não *divide* espaço; ela apenas *soma* votos. Poderíamos inferir, portanto, que a adoção dessa estratégia tem efeitos demagógicos, pois aparenta democratização e abertura de espaços para a participação feminina, mas não se compromete com a efetiva eleição da mulher.

Ainda assim, mesmo não havendo significativo compromisso partidário com a eleição das candidatas, é notável o incremento das candidaturas femininas no Brasil, em todos os partidos, mesmo naqueles considerados mais conservadores. Esse fenômeno, como destaca Araújo (2005), ganhou escala mundial, tendo em vista, entre outros fatores, o peso do eleitorado feminino, bem como a necessidade de abertura para reivindicações elencadas pelos movimentos feministas. Nas palavras de Araújo (2005, p. 199):

Importa notar que, nesse processo, há um movimento de mão-dupla. Por um lado, a crescente organização das mulheres tende a exercer pressão no sentido de que suas demandas sejam apoiadas pelas direções partidárias. Por outro, a descoberta de que as mulheres são uma força eleitoral decisiva e, portanto, suas demandas não podem ser desprezadas, conduz os partidos a assumir algum nível de compromisso público em relação ao problema da sua inserção nas esferas de poder.

Além da necessidade estratégica de incorporar a participação política feminina, para angariar votos e aparentar um reconhecimento das questões trazidas pelas mulheres, os partidos se ancoraram na idéia da diferença de atuação feminina, como ressalta Avelar (2001), valendo-se do argumento de que a presença da mulher traria mudanças qualitativas no exercício da política. No entanto, como defende esta autora, a presença feminina na política só implicará em mudanças qualitativas de fato quando houver a consciência da diferença de *status* entre homens e mulheres, que as mantêm em condições de inferioridade política e social e quando houver formação política cuja finalidade seja promover a participação feminina. Nas palavras dela:

Para a promoção da consciência política da mulher, considera-se de fundamental importância a educação política relacionada com os direitos e deveres cívicos, sobretudo o direito à participação. Os governos, parlamentos, partidos políticos, organizações sindicais, organizações não-governamentais e mídias podem todos contribuir para esse processo (Avelar, 2001, p. 38).

Enquanto isso, é de se supor que a política de quotas, por si só, pode pouco alterar no jogo eleitoral, e mais, altera pouco a dinâmica do poder intra-partidário, como pondera Araújo (2005). Também na opinião de Blay (1999), as quotas só podem funcionar eficientemente se vierem acompanhadas de outros mecanismos - partidários ou não, tais como o treinamento em lideranças e o investimento em formação política - que tragam aparato suficiente para viabilizar a participação feminina. Sim, porque para haver a participação feminina nas instâncias decisórias do poder externas ao partido, como legítima representante de uma população, as mulheres devem antes enfrentar a distribuição do poder dentro dos próprios partidos a que se filiam e, muitas vezes, confrontar-se com atitudes preconceituosas dos próprios companheiros de partido.

Mas além dessa questão, queremos crer que uma efetiva mudança qualitativa de construção dos espaços políticos depende de processos mais complexos de transformação do que a noção de “treinamento”, por exemplo. Entendemos que essa mudança seria factível quando a mulher deixasse de tentar “fazer política” seguindo os moldes masculinos, visto que esse comportamento acaba reforçando a idéia de que quem sabe “fazer política” é o homem. Desse modo, as mulheres talvez pudessem falar em participação feminina na política, que aponte, de fato, possibilidades de mudança no cenário atual de atuação e de interação intra-partidária nesse campo.

Mesmo a política de quotas, segundo Avelar (2001), pode não representar de fato uma mudança no modo como a participação feminina é encarada, pois apesar dela, muitos

partidos ainda mantêm procedimentos, explícitos ou não de discriminação contra a mulher. Além disso, ela prossegue, as próprias mulheres já há muito inseridas na esfera política relatam problemas com a convivência preconceituosa com seus parceiros (Avelar, 2001).

A questão a ser pensada é que as mulheres se fazem presentes, têm tido sua representação aumentada, mas ainda não conquistaram efetivamente o respeito e a valorização de sua participação. É observando o espaço e a qualidade da participação feminina nos diretórios partidários que fica transparente o modo como o poder se configura nas estruturas dos partidos. Sobre isso, usamos as palavras de Araújo (2005)

a extensão em que as mulheres encontram-se inseridas nas instâncias decisórias pode dizer-nos muito sobre a cultura política predominante em relação ao gênero e o compromisso e o investimento do partido em prol de melhor equilíbrio na participação (p. 210).

Aliás, ao se falar em participação feminina, é preciso também considerar não só o papel das mulheres que se candidatam, mas de todas aquelas filiadas e que devem partilhar das decisões quanto aos rumos e estratégias que seu partido toma. Por isso é que, na opinião de Avelar (2001), as mulheres devem se estruturar em organizações coletivas que formem um corpo forte e consciente, capaz de articular suas reivindicações a ponto de conseguir incluir a pauta de demandas femininas em varias instâncias do poder: dentro dos partidos, em associações de classe e, claro, na definição das diretrizes das políticas públicas, sublinhando, enfim, a possibilidade de alteração no atual quadro de distribuição do poder no que tange aos domínios da atuação política.

Sem a inclusão da mulher nos processos de compartilhamento do poder decisório, interno ou externo aos partidos, mantém-se, inexoravelmente, a diferenciação hierárquica dos territórios destinados a homens e mulheres, corroborando a invisibilidade da mulher como sujeito político, especialmente perante o Estado.

Tanto que um dos reflexos dessa diferença quanto ao tipo de poder exercido por homens e mulheres reside, exatamente, no direcionamento das políticas públicas, que muitas vezes ainda se voltam para um homem universal, homogeneizando demandas a partir do universo masculino e desconsiderando especificidades de gênero, como a questão da feminização da pobreza. Reivindicações de segmentos femininos, como a de mulheres trabalhadoras rurais demonstram como ainda há, no nível governamental, um descaso com algumas condições femininas. Na manifestação de agosto de 2000, conhecida como “Marcha das Margaridas” (Castro, 2001), duas mil trabalhadoras rurais apresentaram dados relativos à falta de investimento do governo em políticas públicas que combatam a exploração da mulher e que assegurem melhor acessibilidade aos recursos produtivos e direitos.

Como defende Castro, “ao nível das restrições materiais específicas, poder significaria ter acesso a direitos para o exercício da cidadania” (Castro, 2001, p. 76). Por isso, sem desconsiderar as ações políticas executadas por mulheres no nível microssocial e cotidiano, entendemos que o incremento da participação feminina nas esferas da política institucional ainda representa um desafio e uma necessidade.

No próprio imaginário social, considera-se como ações políticas aquelas praticadas em âmbito institucional, das quais as mulheres mantêm-se quantitativa e qualitativamente excluídas. Portanto, o que estamos defendendo, é que mesmo que haja uma participação feminina no nível das micropolíticas, estas ainda não são enxergadas e menos ainda valorizadas, o que acaba por colaborar na exclusão feminina dos âmbitos decisórios que se vinculam ao campo do exercício político-institucional.

Estas decisões a que nos referimos são, de fato, usualmente tomadas por uma expressiva maioria masculina, já que, via de regra, eles ocupam grande parte das cadeiras e cargos em postos de decisão finalística, não só nas organizações eleitorais e partidárias. A

presença masculina também é preponderante naqueles espaços que Avelar (2001) chama de “canais corporativos do poder”, representados por outras instância do trabalho público. Nesses espaços, a participação numérica feminina é notável, porém padece do mesmo alijamento que já apontamos até aqui: a distância dos cargos e funções com poderes decisórios. Segundo dados apresentados por Avelar (2001) no que tange à esfera pública federal, por exemplo, as mulheres estão localizadas principalmente nas instâncias intermediárias, realizando funções burocráticas e de baixa remuneração.

Outro dado interessante levantado por Avelar (2001) diz respeito ao atrelamento das mulheres às áreas de atuação consideradas “femininas”. Tome-se o exemplo da presença da mulher em Secretarias de Estado nas unidades federadas do país: a ocupação dos cargos máximos, qual seja, o de Secretária, ocorre quando se trata das Secretarias de Educação ou de Ação Social, espaços tradicionalmente destinados às mulheres em função da volumosa frequência feminina nestes campos. É pouco usual que se destinem às mulheres postos mais “masculinizados”, como as Secretarias de Fazenda, Planejamento, ou Administração, por exemplo (Avelar, 2001). Ainda segundo essa autora, esse tipo de exclusão feminina dificulta sua participação crítica, fenômeno que têm incidência em todo o mundo. Ela pontua:

Apesar das diferenças entre países, as mulheres nas administrações públicas de todo o mundo enfrentam problemas similares, pois, apesar de seu aumento nos serviços das áreas governamentais, nas posições administrativas seniores, seu número ainda não é suficiente para formar uma massa crítica de decisão (Avelar, 2001, p. 102).

Até mesmo para a fecundação do campo da política com discussões ligadas a problemas de gênero, houve dificuldades. Tanto que Scott (1986) refere-se a este campo como a “trincheira de resistência”, para significar seu recrudescimento à inclusão de questões femininas, ou de outros assuntos vinculados ao gênero, por serem categorizados

como temática pouco relevante, ou oposta aos assuntos “sérios” dos quais trata a política. Se as questões de femininas não eram consideradas sérias o bastante para suscitar preocupações políticas mais significativas, não é de se estranhar que por tanto tempo tenha havido uma ampla ausência das mulheres no campo da atuação política, e que ainda hoje sua presença nas instâncias decisórias desse terreno seja tímida, mesmo que crescente.

Há que se lembrar, nesse sentido, as marcantes lutas feministas no ocidente por direitos de sufrágio nos séculos XIX e XX, desvelando as incoerências dos direitos “universais” iluministas que excluía as mulheres do processo político recorrendo à justificativa das diferenças sexuais. A noção de indivíduo, presente no cerne da ideologia iluminista, é generalizadora, pois defende o “homem universal”, ao mesmo tempo em que o distingue de outras espécies, conferindo características especiais ao indivíduo humano (Scott, 2002).

Tais características indicavam habilidades humanas únicas, como a razão e a capacidade de ocupar o poder. Daí se tinha a distinção sobre quem poderia ou não se enquadrar na noção de indivíduo e de cidadão - sujeito histórico e político. Por esse critério, mulheres e outras minorias tidas como incapazes, como os negros, por exemplo, estavam excluídos a partir de uma fundamentação ideológica.

Segundo Melo (2008, p. 556, referindo-se a Scott, 2002), “a mulher não correspondia ao protótipo humano: era o *outro* que confirmava a individualidade; a masculinidade era pré-requisito para idéia de indivíduo e atribuir gênero à cidadania foi algo recorrente no discurso político francês”, que, assim, defendia a cidadania como exercício exclusivamente masculino. Portanto, considerava-se desnecessário inserir discussões sobre hierarquias de gênero no campo político e refletir sobre os direitos de participação feminina nessa esfera, já que as mulheres nem se constituíam, para o movimento iluminista e seus descendentes, como indivíduos aptos a praticar sua cidadania.

No Brasil do século XIX, politicamente inspirado pelas concepções iluministas, a situação não foi diferente. Conforme assinala Pinto (2003), na Constituição de 1891, no artigo que tratava dos detentores de direito ao voto, as mulheres nem chegaram a ser mencionadas. Para Pinto (2003), o texto constitucional não representou um simples esquecimento. Conforme aponta a autora, “a mulher não foi citada porque simplesmente não existia na cabeça dos constituintes como um indivíduo dotado de direitos” (Pinto, 2003, p. 16).

Nesse cenário político, então, entram em campo o movimento feminista brasileiros, que em seus primórdios tinha como mote principal a luta pelo sufrágio das mulheres. Apesar de acusado de representar apenas os clamores da elite por se configurar como um movimento liderado por mulheres de classe média-alta, brancas e com alto nível de escolarização, o feminismo brasileiro da década de 20 conseguiu aplicar importante pressão social para que o voto fosse conquistado e exercido em 1945 (Blay, 1999).

As movimentações femininas e a reivindicação pela inclusão das temáticas de gênero começavam a incomodar o poder instituído. Tanto que em sua trajetória no Brasil, como em outros lugares do mundo, os feminismos - especialmente nas décadas de 70 e 80 quando experimentaram seu crescimento - foram atacados, ridicularizados e acusados de distanciamento das “verdadeiras” necessidades femininas, numa tentativa de desqualificar os movimentos como legítimos.

À parte as bifurcações que os feminismos experimentaram, não só no país, sua consolidação atingia diretamente o poder autoritário (Blay, 1999). Em plena ditadura militar, como diz Blay (1999, p. 137), “a questão ‘mulher’ tornou-se assunto de segurança nacional, portanto, muito perigoso para as militantes.” Nessa época, duas grandes estratégias de combate aos feminismos foram utilizadas pelo poder político. Uma delas, o combate direto, que exercia oficialmente a repressão às ameaças subversivas, por meio de

prisão, tortura e exílio. A outra estratégia envolvia o ataque indireto, convocando os meios de comunicação a achincalhar as militantes, apresentando-as como alienadas e inconseqüentes, defensoras de propostas estranhas à realidade da mulher trabalhadora, no claro intuito de transformar as questões de gênero em temática desimportante.

Claro que até que se chegue à desvalorização dos temas de gênero por parte dos representantes políticos, um longo caminho de construção de conceitos sobre homens e mulheres foi trilhado em outras esferas, como a esfera doméstica, familiar. Isso nos leva a repetir, como já dito antes, que no interior das famílias brasileiras, o sistema patriarcal, importado pela colonização, ainda prevalece em determinados âmbitos - particularmente naquelas estruturas familiares que seguem o modelo de família burguês e também nas classes desprivilegiadas, como aponta estudo de Cecconello (2003, apud Narvaz e Koller, 2006) - mesmo coexistindo com valores contemporâneos. Especialmente na travessia para a era moderna, a combinação de capitalismo e patriarcado, ao mesmo tempo em que alçou a mulher ao status de trabalhadora para além da esfera doméstica, também parece ter rendido significativos prejuízos para a condição feminina. Sobre isso, pontuam Narvaz e Koller (2006, p. 51):

Embora o patriarcado seja anterior ao advento do capitalismo, estes dois sistemas parecem articulados na modernidade, duas formas de produzir e reproduzir a vida a partir de relações de dominação e expropriação, em especial dos corpos e da autonomia das mulheres.

Do mesmo modo, na opinião de Roudinesco (2003) com o advento do que ela chama de “família econômica”, que se constitui tal como uma comunidade de trabalhadores, incluídos aí homens, mulheres e crianças, a figura paterna ainda é referência tanto da empresa como do coração do lar. Na opinião da autora, o homem atua em território íntimo, guiando a conduta da mulher, pois impõe

limites ao exercício da onipotência do feminino, sejam mães ou mulheres misturadas. A ordem familiar econômico-burguesa repousa, portanto, em três fundamentos: a autoridade do marido, a subordinação das mulheres, a dependência dos filhos (Roudinesco, 2003, pp. 37-38).

O que se depreende daí é que o modelo patriarcal de estruturar as relações imiscui-se em todas as esferas da vida social - incluindo, obviamente, o âmbito privado, da intimidade -, definindo a hierarquia das interações e dos espaços ocupados por homens e mulheres. Sob essa ótica, se considerarmos o modo como as práticas sociais vão forjando o retrato da mulher, mesmo após suas conquistas econômicas, só se pode pensar mesmo numa discriminação quanto à inserção feminina no campo da política, dadas as distinções valorativas entre a imagem social do masculino e do feminino.

A esse respeito, citam-se os resultados obtidos num estudo realizado com sujeitos portugueses e que levantou a hipótese de existência de assimetria simbólica na imagem de homens e mulheres (Amâncio, 1996). Segundo a autora, a assimetria é um princípio que modela a construção de categorias de gênero, definindo mulheres como categoria sexuada, enquanto os homens representariam os indivíduos de maneira universal. Nesse estudo, concluído por volta de meados dos anos 80, foi apresentada a um grupo de sujeitos, homens e mulheres, uma lista com traços considerados tipicamente masculinos e femininos na cultura portuguesa. Com base nesta lista, os sujeitos do estudo deveriam referenciar os traços apresentados como atributos masculinos ou femininos. O que se observou, segundo Amâncio, é que a dimensão de qualidades instrumentais foi atribuída aos homens, vistos com mais traços pertencentes ao universo adulto. Às mulheres foram atribuídas características ligadas à afetividade e à dependência emocional, que as vinculava ao universo infantil.

O interessante desse estudo é que ele foi replicado dez anos mais tarde, quando Portugal aderiu à Comunidade Econômica Européia e experimentou um período de intenso crescimento econômico, marcado pela maciça presença feminina no mercado de trabalho (Amâncio e Oliveira, 2006). Para os autores, a hipótese de assimetria simbólica poderia, então, ser refutada, visto que a mulher, em grande número, passava a pertencer ao universo adulto e produtivo da economia de mercado.

No entanto, o que se notou é que apenas a imagem masculina foi modificada: o homem não só continuou se mantendo como ponto de referência, como também passou a ser visto como alguém que incorporou mais capacidades instrumentais e ao mesmo tempo perdeu alguns traços de autoritarismo, protagonizando o crescimento sócio-econômico português. Ou seja, nas palavras dos autores:

The category of men remained fused with the idea of adult person (Amâncio, 1996) and men emerged as the leading actors of Portugal's transformation from a backward, rural and (aggressively) patriarchal society to a competitive, modern, (reasonably) patriarchal society ¹⁴(Amâncio e Oliveira, 2006, p. 37)

A imagem da mulher, por sua vez, não se modificou significativamente. Ao contrário, para os sujeitos pesquisados, ela permaneceu restringida aos limites do corpo e da maternidade, a despeito de sua expressiva ocupação de um universo tomado como representativo da independência e da produtividade.

Some-se ao trabalho de Amâncio e Oliveira (2006), pesquisa realizada por Fávero e Salgado (2006, 2007) sobre a prática da docência masculina em ciclos básicos de alfabetização. Neste trabalho, os autores demonstram que a presença masculina é percebida como fator que confere a essa modalidade de docência uma maior cientificidade e

¹⁴ A categoria dos "homens" manteve-se fundida com a idéia do "adulto" e os homens emergiram como os líderes da transformação de Portugal, deixando de ser uma sociedade retrógrada, rural e (agressivamente) patriarcal para ser uma sociedade competitiva, moderna e (razoavelmente) patriarcal.

racionalidade, como se os professores do sexo masculino fossem mais aptos a tratar a infância de modo menos emocional, e, por isso, mais adulto. Por seu turno, os professores, calcados ainda em sua imagem de provedores do lar, reivindicavam maiores salários, não por acreditarem que esta seja uma necessidade daquela categoria profissional, mas por crerem que eles, homens e provedores, merecessem, sob essa alegação, um incremento salarial.

O que se percebe, então, a partir dos trabalhos citados, e poderíamos arrolar inúmeros outros, é que permanecem erguidos os pilares fundantes do patriarcado, sustentando relações calcadas na hierarquia de gênero, mesmo quando se trata de um universo já maciçamente tomado pela presença feminina, como é o mercado de trabalho.

Ressaltamos, como já dito antes, que algumas áreas de atuação profissional ainda são socialmente caracterizadas como masculinas ou femininas, por conta de suas chamadas competências “naturais”, o que via de regra delimita as possibilidades de acesso e sucesso nos espaços tidos como não característicos. Além do que, como também já salientamos e retomaremos mais à frente, embora seja notório o volumoso ingresso feminino no mercado dito produtivo, ainda estão atreladas às mulheres as funções maternas, de cuidado com os filhos e com o lar.

Até mesmo entre algumas teóricas feministas (Agacinski, 1998; Fouque, 1995; Irigaray, 1989, apud Badinter, 2005), a título de retomar a maternidade como exemplo de superioridade feminina, houve uma exaltação à capacidade de se tornar mãe, que remontava, como dizia Badinter (2005), às origens da “boa mãe natureza”. Badinter (2005) destaca algumas considerações de Fouque (1995), que mantinha em sua teoria o tom de apologia à maternidade. Para esta autora (apud Badinter, 2005), a dissimetria e o privilégio de ser mãe conferia às mulheres infinita superioridade sobre seus parceiros. Sobre isso,

Badinter (2005) resgata uma ilustrativa fala em que Fouque (1995) exalta a relação mãe/filha:

Penso que essa genealogia feminina da transmissão de práticas, aprendizados e capacidades de mãe para filha (...) talvez seja portadora de algo diferente do modelo antigo. (...) As mulheres têm uma capacidade a mais, da continência ativa, ligada à gestação. (Fouque, 1995, apud Badinter, 2005, p. 48)

Sendo assim, se mesmo os feminismos já levantaram bandeira em prol desta maternidade tão benfazeja, há que se entender porque sua sobrevivência ainda aparece, mesmo depois de séculos, como uma das funções naturais das mulheres, que lhes confere status, dada sua exclusividade e capacidades dela advindas.

Além disso, como apontam Narvaz e Koller (2006), a mídia e outras instituições esmeram-se em destacar contundentemente a importância da maternidade para a estruturação da família, enquanto a participação política da mulher como cidadã é raramente lembrada como função necessária aos processos democráticos. Ou seja, prima-se por valorizar atributos femininos como a dedicação e o zelo no papel de esposa e mãe, ignorando as possibilidades de atuação sócio-política da mulher.

Dessa forma, para as autoras, a maternidade é apresentada como uma prescrição normativa e aquelas mulheres privadas involuntariamente deste papel ou que o vivenciam com dificuldade, são consideradas deficientes e acusadas individualmente desta condição, como se não se tratasse de uma produção histórico-social. Ou, como se a problemática ligada à feminização da pobreza e a falta de estrutura social equitativa para as mulheres não fosse fruto da lógica capitalista patriarcal.

Também na opinião de Elson (1998), a forma como o setor doméstico se organiza ainda impõe às mulheres, mais do que aos homens, restrições quanto à sua participação na vida política, não só pelos encargos das tarefas domésticas – encargos dos quais, como

Elson coloca, as próprias mulheres não abrem mão – mas também pelo fato de que as mulheres não são socialmente preparadas para assumir este tipo de função. Além disso, trata-se de um trabalho não-remunerado, mas que funciona como um manancial de mão-de-obra trabalhadora para o mercado considerado produtivo. Por essa razão, a autora defende a inclusão do setor doméstico nas discussões feministas sobre sistemas políticos e econômicos.

Para Elson (1998), quando se passa a considerar que este setor articula-se com a política e a economia, descortinam-se interessantes possibilidades de colaborar para o empreendimento de um setor doméstico “não domesticado”, ou seja, não passivo e não acomodado com as normas de invisibilidade e exclusão. É importante ressaltar que, para a autora, o setor doméstico não é uma unidade composta de elementos idênticos, válidos para quaisquer classes, idades ou etnias. Ao contrário, ela leva em conta as muitas diferenças entre os segmentos que compõem esse setor. Mas, ela diz, ao se levar em conta as implicações da atuação desse setor na estrutura social, também poderão ser vistas suas diferenças internas.

A partir daí, do momento em que o setor doméstico com suas especificidades, dessemelhanças e capacidades, fosse ao menos considerado como parte fundante da estrutura social, seria então possível confrontar a importância das atividades desempenhadas no interior da domesticidade com o atual modelo patriarcal de desvalorização econômica e política destas atividades e a restrição das capacidades femininas a alguns espaços, como o da maternidade, por exemplo.

Embora estejamos vivenciando uma era de grande desenvolvimento das tecnologias de reprodução, que possibilitam à mulher optar ou não pela maternidade, isso ainda não representou o fim do dilema entre mulheres-mães que também querem escolher uma carreira profissional extra-doméstica, como argumenta Scavone (2001). Para esta autora,

uma vez que as mulheres ainda estão investidas de maior carga de responsabilidade parental, o confronto entre o investimento profissional e a necessidade de cumprir os ditames sociais que imprimem o modelo da mãe zelosa e dedicada pode gerar conflitos e levar algumas mulheres a escolher por métodos mais radicais e definitivos de não-maternidade, como a esterilização. No entanto, nota a autora, apesar das ambigüidades entre vida profissional e maternidade, “a expansão da reprodução assistida no país e no mundo evidencia que o projeto da maternidade continua presente na vida das mulheres” (Scavone, 2001, p. 145), numa demonstração da força dessa prescrição normatizadora.

Ainda hoje, segundo Narvaz e Koller, a mulher-mãe-trabalhadora, passa a ser culpada por sua deficiência no cumprimento da função de mãe, enquanto “discursos científicos, e sociais isentam o homem, o Estado e a comunidade de sua responsabilidade social” (2006, p. 52). Até mesmo a falta de políticas públicas voltadas para a valorização dos *households* e para a equilibração entre os investimentos nos setores tidos como produtivos e nas atividades domésticas, pode ser considerada fruto de um modelo de gestão que não se interessa pelo universo doméstico.

Uma vez sedimentada como responsabilidade feminina, e, mais do que isso, como responsabilidade doméstica, a preocupação do Estado quanto à sustentabilidade da maternidade não ocupa o centro das discussões e investimentos de políticas públicas. Nessa perspectiva, como apontam Narvaz e Koller (2006), uma das grandes possibilidades de mudança neste quadro seria o comprometimento do Estado ao formular políticas específicas para a condição social feminina, incluindo aí a necessidade de revelar e discutir os dispositivos que a produzem - como o modelo patriarcal, por exemplo - nas instituições de formação social, moral e intelectual, como a escola e a mídia.

Contudo, embora desprezada por setores governamentais é a maternidade que ainda serve como grande significante social da mulher, a ponto de termos a figura da mãe

resgatada recorrentemente como diferencial da atuação feminina em diversas profissões. Esta associação entre mulher e mãe, apesar de retomada com frequência, serve muitas vezes como valoração negativa das qualidades femininas, mostrando sua inaptidão para assumir determinadas funções, como as políticas, dada a excessiva emotividade que a maternidade confere às mulheres.

Por essas razões, por considerar a amplitude dos efeitos sociais da função materna e sua profunda identificação com as competências femininas, abrimos o tópico seguinte, para olhar mais de perto a questão.

2.1. Mulheres-mães, Mulheres-menos: natureza, maternidade e inépcia

Como se supõe pelo título do tópico, podemos dizer que as expectativas de desempenho feminino em searas como a política, por exemplo, ainda subestimam a capacidade da mulher de mostrar competência num universo amplamente ocupado pelos homens, especialmente por se atribuir a elas a característica da não-agressividade, conforme defendem Ruddick (1989, apud Miguel, 2001) e Elshtain (1981, apud Miguel, 2001). Para Miguel, estas autoras intitulam o modelo de atuação política feminina como “política do desvelo”, considerando que sua participação nessa esfera abrandaria a agressividade presente nas atividades políticas, já que esta é uma qualidade tipicamente masculina.

Contar com a mulher na política significaria, para Ruddick e Elshtain, o ingresso no exercício do zelo, da tolerância e da busca pela paz, superando o egoísmo e a política de interesses exercida pelo homem. Ou seja, as autoras crêem, de fato, num “estilo” próprio à mulher, caracterizado por ações ligadas à sua natureza, diferente da natureza masculina. Assim, ressalta Miguel (2001), se há alguma tentativa de valorização da participação

feminina na política ela se dá a partir do enaltecimento das qualidades que a mulher demonstra no território de ação doméstica, de modo que a atuação política feminina vai se diferenciando da masculina exatamente por significar uma extensão do lar. Diz o autor:

O central, nesta corrente, é a revalorização da esfera familiar, vista como o espaço de realização dos valores que são negados nas atividades públicas, sempre competitivas e egoístas (Miguel, 2001, p. 260).

Assim, a presença política da mulher é usualmente associada a características que ela poderia “importar” de seu desempenho no campo doméstico, marcando, então, na comparação com o homem, uma diferença em sua militância e no exercício de funções políticas.

É importante frisar que em se tratando de pesar estas qualidades tidas como femininas no que tange à competência política, o que comumente se nota é a valoração negativa destas qualidades, desautorizando a mulher ao exercício de atividades ligadas ao mando político, já que ela é considerada insuficientemente agressiva. Há, subjacentes à participação da mulher nestas atividades, estereótipos que relacionam a competência e o saber com a masculinidade, enquanto a mulher se associa ao afeto e à maternidade quando incorre no campo da política.

Para Miguel, são muitos aqueles que defendem que mulheres transpõem seu “instinto maternal” para as funções políticas, o que então faria delas criaturas inaptas para uma plena atuação nesse campo. Significa dizer que ao se utilizar as qualidades ligadas à maternidade como marcadores de atuação feminina, atribui-se à mulher a incompetência para exercer o papel que a política exige, sendo esta uma atividade eminentemente masculina. Em outras palavras, o fato de carregar consigo a maternidade como marca impressa, assinala a inépcia da mulher para o bom desempenho de funções que exijam masculinidade. Diz o autor:

Ademais, a maternidade é uma relação de intimidade e exclusividade (...) enquanto a cidadania requer as qualidades opostas de abertura e inclusividade. Tudo isso torna a relação entre mãe e filho, como observou Mary Dietz, ‘um modelo particularmente impróprio’ para a vida pública (Miguel, 2001, p.262).

Essa não é uma concepção nascida nos dias de hoje, em que apesar de certa desaprovação social pode-se dizer que a mulher tenha conseguido penetração nessa esfera. As restrições à participação política da mulher já eram amplamente utilizadas e justificadas filosoficamente, mesmo antes que elas efetivamente adentrassem no círculo das instâncias de decisão política, como se percebe na obra de contratualistas do porte de Hobbes e Locke (apud Miguel, 2001). Para o primeiro, embora haja uma “igualdade” quanto à capacidade física e intelectual de mulheres e homens, a fragilidade feminina é decorrente da maternidade que a coloca como responsável por outra vida, lançando-a numa condição de submissão à autoridade masculina. Para Locke, no entanto, a igualdade entre homens e mulheres não existia *a priori*, e elas, assim como os trabalhadores, eram inaptas à participação na vida pública, em função de sua racionalidade inferior (apud Miguel, 2001).

Não só as representações ligadas à maternidade difundem uma mulher menos capaz, mas outras ferramentas de construção dos estereótipos de gênero embasadas no modelo de pensamento patriarcal acabam funcionando no sentido de desqualificar as características femininas, apontando a debilidade nata da mulher.

Esse modelo patriarcal de avivamento da fragilidade feminina parece atravessar o curso da vida de tal modo, que, como mostrou Fávero (1998), influencia até mesmo na concepção sobre as causas que levam mulheres à procura de serviços médicos. No referido trabalho, realizado com adultos, idosos e médicos de um hospital público de Brasília, a investigação girou em torno da acentuada frequência com que mulheres procuravam os serviços médicos e da perscruta sobre os motivos que levariam a tal acento. Os resultados

obtidos demonstraram que as explicações dos sujeitos fundamentavam-se na concepção clássica de que as mulheres são mais frágeis, adoecem mais e precisam de maior cuidado e atendimento médico (Fávero, 1998). Interessante destacar que as mulheres também ouvidas nessa pesquisa, não comungaram da mesma opinião dos sujeitos masculinos, acreditando que a explicação por eles apresentada traduzia-se apenas numa crença comum aos homens.

Isso significa o quanto os variados espaços de circulação axiológica de gênero ainda estão repletos do *background* que pensa e constrói as relações humanas a partir de princípios do patriarcado, com reflexos em práticas sociais tidas como científicas e neutras, como a prestação de serviços médicos, por exemplo. É de se notar, então, como a difusão das hierarquias de gênero alcança e permeia todas as esferas de nossa vida social, produzindo impactos importantes no desenvolvimento das subjetividades.

Nesse aspecto, podemos considerar que um dos mais expressivos recursos de difusão representacional é a mídia televisiva. Ali são apresentados estatutos de gênero que corroboram alguns estereótipos e que Fischer (2005) chamou de “dispositivo pedagógico da mídia”. Para a autora, é importante tratar em particular da mídia televisiva, que, usando de estratégias de linguagem, estabelece a si própria como o lugar privilegiado da informação, veiculando “verdades” em seus produtos, e fazendo com que o telespectador reconheça-se nestas verdades. Uma das maneiras utilizadas pela TV para provocar o reconhecimento do telespectador é a exposição da intimidade, conferindo aos produtos um caráter de seriedade e de negação da hipocrisia.

Essa tentativa da mídia de publicizar a intimidade é dirigida a vários segmentos sociais, quais sejam, adolescentes, crianças, mulheres e em cada um deles o intuito é idêntico: transformar vidas privadas em espetáculo e instituir-se como veículo que “dá voz” às diferenças. No entanto, conforme o longitudinal estudo de Fischer (2005), mesmo

que a mulher ocupe hoje papel de destaque como protagonista de variados produtos midiáticos, é preciso entender como essa mulher é apresentada pela mídia e como, a partir dos sentidos circulantes nesse espaço, são partilhados os significados sobre as relações de gênero e construídas suas representações.

Em sua análise sobre material televisivo, Fischer (2001) aponta para as estratégias presentes na formação discursiva da TV e para as relações de poder subjacentes a esse discurso. Na análise da autora, há clara separação entre os espaços que são permitidos à mulher ocupar e os espaços masculinos. Por exemplo, um dos programas analisados por Fischer (*Erótica*, rede MTV) vai de encontro aos estereótipos já mencionados aqui, que estabelecem o saber como o lugar masculino e a emotividade como o lugar feminino. No referido programa, a figura do médico especialista preenche o espaço do saber científico, enquanto a apresentadora é identificada com a *falta* do conhecimento especializado, restando-lhe, então, enfeitar o lugar, exibindo-se como figura de sensualidade e beleza.

Além disso, a forma com que o programa se dirige ao telespectador, colocando o sexo em discurso e sublinhando as relações de gênero, demonstra como se dá a pedagogização de nossa subjetividade. Diz Fischer (2001, p. 261):

Ora, esse processo todo se mostra como plenamente ‘pedagógico’: não só porque, tomando ainda o exemplo do programa *Erótica*, busca-se explícita e didaticamente informar sobre sexo e amor, mas porque há o recurso permanente a toda uma ‘tecnologia de si’, a uma produção da verdade sobre e para o sujeito individual, que ‘deve’ olhar para dentro de si mesmo e julgar-se como sujeito de uma determinada sexualidade e de um determinado gênero.

Consoante as considerações acima, entendemos que essa produção de verdades sobre e para o sujeito facilita a criação de um universo simbólico de compartilhamento de significados que restringe lugares e capacidades para os sexos e promove a constituição de

representações generizadas, que marcam a construção das identidades masculinas e femininas. Como vimos, o instituto da inferioridade intelectual da mulher e da necessidade de conformação moral de sua sexualidade marca presença nas mais variadas instâncias das relações humanas, produzindo, conforme já ressaltado, práticas discursivas e interacionais de hierarquização dos gêneros.

No entanto, apesar de estarmos falando constantemente sobre como as hierarquias de gênero difundidas no modelo patriarcal acabam por definir lugares masculinos e femininos, não estamos defendendo que a socialização seja a explicação absoluta que se presta à compreensão definitiva dos processos de engendramento da subjetividade. Se assim fosse, dois sujeitos imersos num mesmo contexto social teriam subjetividades idênticas e sabemos que isso não ocorre. Então, nossa defesa aqui se coaduna com a perspectiva trazida por Fávero (2005, 2007a, 2009a) que entende a impossibilidade de se separar *o sujeito em si* do próprio processo de construção social de seu universo subjetivo. A autora pontua que na interação com as práticas sociais, o ser humano constrói os chamados paradigmas pessoais, numa clara demonstração de seu caráter ativo e resignificador. Diz Fávero (2007a, s/p)

(...) the personal paradigm, which, while not isolated from the collective, preserves the unique and particular individual identity of the subject, if we consider the notion of internalization as transformation¹⁵.

Na sua articulação entre a constituição das subjetividades e inserção do sujeito num espaço simbólico, Fávero defende a importância da mediação semiótica como processo sem o qual não haveria desenvolvimento psicológico tal como o entendemos hoje.

Reiteramos, então, o que já dissemos antes: o partilhar de significados não quer dizer uma absoluta e integral internalização de sentidos. É por essa razão que nossa linha

¹⁵ O paradigma pessoal, enquanto não isolado do coletivo, preserva a identidade única e particular do sujeito, se considerarmos a noção de internalização como transformação.

de argumentação tem por base os trabalhos de Fávero, cuja tese é a de que a internalização pressupõe transformação e ressignificação, que são fenômenos particulares ao sujeito. Mais uma vez, frisamos que nossa perspectiva, apoiada pelas pesquisas de Fávero, toma direção contrária à da dicotomização entre sujeito e objeto, e segue no mesmo sentido do que apontou Moscovici (2005) quando disse da relação entre comunicação e cognição.

Também Saffioti (2008) chama a atenção para a importância de que se desenvolva a consciência como pré-requisito para a transformação das sociedades e entende que a consciência, como capacidade humana de caráter filogenético, deva ser incluída nas problematizações sobre as questões de gênero.

Assumimos, portanto, juntamente com Fávero (2009), o posicionamento de que na interação com as representações sociais e com as práticas culturais que orientam os processos de desenvolvimento, o sujeito, por ser ativo e não um mero receptáculo constrói “paradigmas pessoais”, que engendrados a partir do coletivo preservam o que há de particular e único na subjetividade.

Finalizamos reiterando que a proposta desse trabalho foi, de um lado, entender como as interações sociais e as práticas discursivas difundem e produzem conceitos de gênero, e, de outro lado, entender como, do ponto de vista psicológico, foram construídos os paradigmas pessoais de mulheres que adentraram o campo da política, a partir da análise de suas narrativas. É por isso que nosso estudo, descrito em seguida, envolve dois movimentos ou etapas: a investigação junto a grupos, analisando como são produzidas as interações e quais os significados de gênero ali partilhados e a entrevista individual, em que tomamos a narrativa das mulheres como porta de entrada para a perscruta psicológica desses sujeitos.

PARTE II: O ESTUDO

CAPÍTULO 3 - O Problema e o Método

3.1. Delimitação do problema e Escolha do Método

Desde que inaugurou a disciplina que se propõe a discutir questões de gênero na Universidade de Brasília, Fávero vem se dedicando a entender quais as implicações dos processos socializadores de meninos e meninas e da hierarquia de gênero para o desenvolvimento humano. Sua preocupação, nesse sentido, é entender como homens e mulheres interagem com os sistemas de signos culturais que resultam em processos diferenciados de desenvolvimento. Têm sido estas, então, as lentes de pesquisa utilizadas por esta autora, desde seus primeiros trabalhos sobre o assunto, publicados em 1991. Fazemos esse intróito por acreditar que o trabalho que aqui se apresenta é fruto de um caminho que tenho trilhado na esteira das reflexões sobre a relação entre gênero e desenvolvimento, caminho este iniciado em 2000, pelas mãos de Fávero, como minha orientadora de mestrado, até culminar no interesse pela participação feminina na política, objeto do presente estudo.

Aliada a isso, está minha experiência como professora universitária há quase doze anos, à frente de disciplinas como Psicologia do Desenvolvimento, Sociologia e Psicologia Comunitária. Em todas elas, sempre me chamou a atenção o modo estereotipado como alguns assuntos são trazidos pelos alunos em discussões de sala de aula. Um dos assuntos recorrentes diz respeito às capacidades femininas e às áreas temáticas de interesse das mulheres, dentre as quais a política nunca é apontada, como se a atuação nessa área não fosse uma aptidão feminina natural.

Assim, estudando as questões de gênero desde 2000, foi possível perceber a resistência de princípios do patriarcado nas manifestações verbais dos estudantes, o que nos instigou a ir mais a fundo na temática ligada à participação feminina na política, visto que nos encontrávamos num contexto de proximidade com as eleições. O contexto eleitoral e a ainda pequena candidatura de mulheres, somada ao fato de que a opinião manifestada nas salas de aula ia ao encontro do que se lia nos referenciais bibliográficos que tratam das hierarquias de gênero, esses elementos todos resultaram na definição do objeto de pesquisa: a participação feminina na política sob o olhar de estudantes universitários e sob a ótica das próprias mulheres envolvidas nesse campo.

Para desenvolver o trabalho a partir desse foco, tomamos, como já dito anteriormente, a perspectiva dos estudos sobre gênero realizados por Fávero sobre a mulher e o câncer (1997), sobre gênero auto-cuidado e a procura de serviços médicos (1998), sobre a identidade masculina e feminina na telenovela brasileira (2000), sobre gênero e a situação de gravidez na adolescência (2001) e por Fávero e colaboradores sobre a relação entre as representações da matemática como área particular do conhecimento e gênero (Fávero, Tunes e Marchi, 1991), sobre a gravidez de adolescentes e sua repercussão na escolaridade (Fávero e Mello, 1997) sobre a interação de adolescentes com o texto da telenovela (Fávero e Abrão, 2006), sobre os significados de gênero nas salas de bate-papo virtuais (Abrão e Fávero, 2006) sobre as representações sociais do magistério e o gênero (Fávero e Salgado, 2006; Fávero e Salgado, 2007).

Como Fávero (2009) salienta, trata-se de uma linha de pesquisa que procura articular duas questões principais:

A primeira diz respeito aos estudos de gênero desenvolvidos segundo a perspectiva feminista e que focam suas análises nas práticas do discurso da cultura e nas estruturas sociais que produzem e são produzidas por tais práticas, procurando explicar o *status quo* das relações de gênero e obter conhecimento para fundamentar as transformações

dessas práticas. A segunda diz respeito à defesa de uma perspectiva inter e multidisciplinar para a Psicologia do Desenvolvimento de modo a fundamentar efetivamente a tese da interação dialética entre o ser humano e a sociocultura e evidenciar, assim, a importância do gênero nessa interação, seja do ponto de vista das construções pessoais como do ponto de vista das construções socioculturais. Uma vez que se admite que é nessa interação que se constroem, se partilham e se negociam significados, temos procura fundamentar a articulação entre desenvolvimento, conhecimento e gênero, defendendo ao mesmo tempo a compatibilidade de tal articulação com a perspectiva feminista (Fávero, 2009a, no prelo).

Podemos dizer que o fio condutor que une esses estudos relaciona-se intrinsecamente à questão que trata da relação entre a mulher, o conhecimento e a sociedade dentro do debate mais amplo da relação entre ciência e sociedade (Fávero, 2009a; Fávero, 2009b).

Fávero (2009a) partilha a perspectiva teórica de Shields (2008), que propõe a abordagem da *interseccionalidade*, “segundo a qual uma categoria de identidade, tal como o gênero, tem significado em relação à outra categoria de modo que a formação e manutenção das categorias de identidade é um processo dinâmico no qual o próprio indivíduo está ativamente engajado. Nós não somos ‘recipientes’ passivos de uma posição de identidade, argumenta essa autora (Fávero, 2009a), mas ‘práticos’ de cada aspecto da identidade como informado por outras identidades”.

A compatibilidade entre Shields (2008) e Fávero (2005, 2009a) se expressa na consideração de um sujeito humano ativo, construtor de significados, de modo que suas teses se articulam, na medida em que a segunda tem insistido “na tomada de consciência, considerada não como uma *iluminação súbita*’, mas como um processo psicológico por

meio do qual novos dados, novas informações, novos fatos observáveis, novas maneiras de observá-los são construídos” (Fávero, 2009a).

No entanto, Fávero tem insistido em várias ocasiões que o fato de fazer referência ao processo individual interno não é incompatível com o processo de mediação semiótica como abordamos anteriormente:

[...] a análise sobre os processos de internalização e de externalização nas teorias de Piaget e de Vygotsky, expõe um conjunto importante de princípios epistemológicos e metodológicos comum aos dois autores: para ambos a relação entre interno (ações internalizadas para Piaget, funções intrapsicológicas para Vygotsky) e externo (ação manifesta para Piaget e funções interpsicológicas para Vygotsky) está em constante mutação através do desenvolvimento; para ambos, a realidade interna e externa não são duas entidades diferentes, estáticas, definidas de uma vez por todas: elas são construídas e suas fronteiras são instáveis. Portanto, o conhecimento para Piaget se fundamentava no progresso em duas direções: na internalização e na externalização, o que é compatível com a formulação de Vygotsky que, longe de considerar a internalização como uma simples transposição das propriedades do funcionamento interpessoal para o plano interno, considerava a internalização como uma reconstrução interna que, por sua vez, modifica a função interpsicológica. Assim, podemos afirmar que ambos defendiam a natureza dialética do conhecimento. Isso significa que, na medida em que reformulamos os significados que atribuímos à vida, aos outros, ao mundo e a nós mesmos, nós reformulamos também nossa interação com a vida, com os outros, com o mundo e conosco, interação esta que se revela por meio do que temos nos referido como *prática pessoal* e *prática social*. Por sua vez, essa mesma prática, gera outras mudanças internas e assim por diante. Dito em outros termos, ambos defendiam, como temos insistido, que o plano do funcionamento interno não é dado; ele é construído (Fávero, 2009a, no prelo, grifo da autora).

Tal fundamentação teórico-conceitual é compatível tanto com a abordagem metodológica da utilização do *grupo focal* (Morgan, 1997, De Antoni et.al. 2001), como é compatível com a proposta de Fávero, que defende a perspectiva de que as interlocuções produzidas no *grupo focal* devam ser tomadas e analisadas como *atos da fala* (Fávero, 2005; 2007a; 2007b). Segundo esta autora, o ato da fala constitui um ato social através do qual os autores sociais interagem. Ou seja, enquanto a teoria que trata dos atos da linguagem privilegia o conceito de ação, a noção de ato da fala lida essencialmente com o conceito de interação.

Além disso, a formação de grupos focais nos pareceu útil tendo em vista que a particularidade dessa ferramenta metodológica, segundo alguns autores (Charlesworth e Rodwell, 1997; Carey, 1994), reside no fato de ser um método que leva em conta a visão dos participantes sobre o tema proposto, considerando, para efeito de análise, as próprias palavras e comportamentos dos sujeitos, buscando alcançar o significado, os valores e as crenças que saltam durante as interlocuções.

Da mesma forma, entendemos que essa abordagem investigativa é compatível com a utilização das *narrativas*, uma vez que, como diz Fávero, trata-se de considerar

[...] a relação entre a sociabilidade e a subjetividade, ou, segundo a tese que já expusemos, defender que essa relação seja vista na articulação entre os aspectos subjetivos, desenvolvimentais e cognitivos dos processos semióticos num contexto psicológico, e o fundamento histórico, institucional e ideológico dos sistemas de signos, num contexto sociocultural. Assim, estamos reafirmando a defesa da tese segundo a qual o ser humano constrói permanentemente seu desenvolvimento, por meio da interação entre a sua atividade psicológica individual e o conjunto das atividades que contextualiza um meio sociocultural particular. Como exposto antes, assumir essa tese é o mesmo que dizer que cada pessoa constrói, na sua interação com as representações sociais e as práticas de um dado contexto sociocultural, o seu

paradigma pessoal (Fávero, 2007 a; 2007b), o que preserva a identidade única e particular de cada um de nós, isto é, nossa subjetividade e identidade. (Fávero, 2009a).

Fávero (2009a) toma a narrativa no sentido defendido por Barthes (1977), Bruner e Ricoeur (1991), salientando que:

Como dizia Barthes (1977), “a narrativa está presente em cada idade, em cada lugar, em cada sociedade” (p. 79). No mesmo tom, Bruner (1991) afirma que “a narrativa organiza a estrutura da experiência humana” (p. 21). Em outros termos, isso expressa a mesma compreensão filosófica de Paul Ricoeur (1991) sobre a relação entre vida e narrativa, o que significa dizer que nossa experiência é sempre mediada por fontes simbólicas, incluindo as histórias que são contadas pelos outros, de modo que, configurando e re-configurando narrativas, nós estamos sempre reinterpretando nossa identidade nas narrativas disponibilizadas para nós via nossa cultura (Fávero, 2009a).

Na sua pesquisa bibliográfica sobre a narrativa como aporte metodológico, Fávero (2009) salienta a proposta de Zilber, Tuval-Mashiach e Lieblich (2008), enfatizando dois aspectos particulares da contribuição dessas autoras:

Em primeiro lugar, essas autoras enfatizam a importância do contexto para a construção, comunicação e compreensão das histórias de vida e apontam para três esferas de contextos nos quais e, em relação aos quais, os narradores contam suas histórias de vida: 1. o contexto intersubjetivo que se refere aos meios pelos quais as interações e relações imediatas nas quais as histórias são construídas, são referidas pelo narrador; 2. o contexto social no qual a vida de uma pessoa e a sua história é evocada; 3. o contexto das metanarrativas que dizem respeito à rede de significados que fundamentam a história e as formas culturais disponíveis que podem ser usadas pelo narrador. O segundo aspecto metodológico salientado por Zilber, Tuval-Mashiach e Lieblich (2008) refere-se ao que elas chamam de dois pontos-chaves principais a serem

considerados nas interpretações do contexto: a *intertextualidade* – as relações entre porções do texto, entre várias leituras do mesmo texto ou entre o texto focal e outros textos - e a *reflexibilidade* – a distinção entre os contextos trazidos pelos narradores e aqueles trazidos pelo pesquisador, seja na coleta de dados, como na sua análise (Fávero, 2009a, negrito da autora).

Assim, levando em conta tais aspectos teórico-conceituais e metodológicos, e uma vez que nossa proposta era, de um lado, conhecer as concepções de sujeitos universitários sobre a participação da mulher na política e, de outro lado, cernir, de modo particular, a concepção de mulheres que efetivamente participam ou participaram da política, optamos por desenvolver nosso estudo em duas etapas, transcorridas simultaneamente, envolvendo os dois tipos de procedimento acima descritos: o grupo focal e a entrevista, sendo esta última o instrumento capaz de nos oferecer acesso às narrativas das mulheres participantes para que, desse modo, pudéssemos conhecer suas histórias de vida.

Em consulta ao aporte teórico que nos serviria de fundamentação, fomos nos apercebendo de que boa parte das análises sobre a participação feminina na política estava focada menos no sujeito e mais na força das instituições sociais. Não que o sujeito fosse considerado um elemento passivo diante da sociedade, ou meramente modelado por ela. Pelo contrário, no material consultado foi possível perceber que a subjetividade era tomada como resultado de processos de ressignificação ocorridos na interação entre o sujeito e sua sócio-cultura.

Contudo, talvez pelo fato de que uma amostra significativa de trabalhos publicados a esse respeito¹⁶ esteja calcada no viés sociológico ou antropológico, sentimos falta de estudos que focassem o sujeito do ponto de vista psicológico e que tomassem suas narrativas biográficas como histórias que contam um processo de construção de si.

¹⁶ Considerando o universo bibliográfico pesquisado

Assim, seguindo a proposta teórico-metodológica de Fávero (2005, 2007a, 2009a), que privilegia o caráter ativo do sujeito e se volta para o modo como esse sujeito se recria dentro de um sistema simbólico disponibilizado pela configuração sociocultural em que se insere, nosso trabalho procura focar a mulher nessa perspectiva, entendendo-a como alguém que se constrói nas relações que estabelece e entendendo como esta construção se manifesta nas sua estória de vida. As narrativas das mulheres entrevistadas foram então tomadas como unidade de análise, pois representariam um caminho para a compreensão do modo como elas interagiram com signos e símbolos da sócio-cultura e como, nessa interação, reinventaram sua subjetividade a partir de sua inserção.

A seguir, a descrição dos participantes do estudo.

3.1. Participantes

Tendo em conta os aspectos apresentados acima e sabendo que as etapas da pesquisa seriam desenvolvidas com duas categorias de participantes, quais sejam, mulheres envolvidas no meio político e universitários, restava definir, quanto a esta última categoria de participantes, quais as áreas de conhecimento de onde os estudantes se originariam. A estrutura universitária de Ituiutaba (Minas Gerais), onde a investigação com os grupos foi realizada, oferece mais de vinte cursos, de todas as grandes áreas da ciência, mas uma vez que as discussões sobre os processos de hierarquização social são tradicionalmente mais profícuas em cursos ligados à formação social e humanística, optamos por constituir os grupos com alunos dessas áreas, imaginando que sua capacidade crítica e reflexiva fosse mais estimulada durante a formação, e, portanto, mais acentuada nas interlocuções.

Assim sendo, e visto que o projeto já havia sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB, sob registro 125/2008, demos início ao recrutamento dos participantes.

Foram convidados estudantes universitários dos cursos de Psicologia, Direito, Administração e Educação Física (Licenciatura), de duas instituições de ensino superior em Ituiutaba, sendo ambas de regime privado, e uma delas associada à Universidade do Estado de Minas Gerais.

Entendemos que a população universitária representa um segmento em que a criticidade quanto às nossas práticas sociais deveria ser fomentada pelos educadores. Portanto, ao analisar quais os significados de gênero que reverberam nas interlocuções, faz-se possível também avaliar qual a qualidade da mediação interposta pela escola no que tange às questões ligadas ao gênero, lembrando a importância dessa instituição como instância de socialização, conforme mencionado nos capítulos anteriores. Por isso, por permitir também uma análise do papel da escola e de seus educadores, é que este público torna-se particularmente interessante.

Em cada um dos cursos escolhidos, foram convidados a participar seis sujeitos, três homens e três mulheres, mas a composição dos grupos não teve o mesmo número de participantes em todos os cursos. No caso do grupo de alunos de Psicologia, um dos sujeitos masculinos convidados não compareceu e no caso dos alunos de Educação Física, as estudantes pediram que fosse incluída mais uma colega.

A faixa etária dos participantes desta etapa variou de 19 a 57 anos e os grupos foram numerados de acordo com a ordem de realização dos encontros. A terminologia utilizada para identificar os interlocutores nos grupos também considerou a ordem da primeira manifestação verbal de cada um dos participantes, somada às letras SF e SM,

significando sujeito feminino ou masculino. A distribuição dos participantes nos grupos obedece às disposições apresentadas na tabela abaixo.

Tabela 1: Distribuição de participantes por grupo, de acordo com o sexo e a série

Curso	Participantes Masculinos	Participantes Femininos	Série
Direito (GF1)	3	3	1 ^a
Psicologia (GF2)	2	3	3 ^a , 4 ^a e 5 ^a
Educação Física (GF3)	3	4	2 ^a
Administração (GF4)	3	3	3 ^a

A segunda etapa da pesquisa foi desenhada a partir do interesse em promover uma análise da participação feminina na política do ponto de vista dos aspectos psicológicos presentes nas histórias de vida, como já explicado, o que nos levou a uma seleção apenas de mulheres, por razões óbvias. Desse modo, partimos em busca daquelas que participassem tanto do âmbito legislativo da política, quanto do âmbito executivo.

Foram contatadas várias mulheres, candidatas e eleitas em nível local, e várias outras que já atuavam na esfera federal e estadual, tais como deputadas (cujos cargos não foram objeto do último pleito), secretárias e funcionárias do alto escalão ministerial. Quanto às candidatas locais, o contato foi feito pessoalmente, ou por meio de amigos e familiares que dispunham de acesso. As demais, em sua maioria, foram contatadas por meio eletrônico. No entanto, dos contatos eletrônicos obtivemos resposta apenas de uma funcionária de cargo ministerial, que se prontificou a ser entrevistada. Deputadas e senadoras não se manifestaram.

Algumas candidatas à prefeitura e à câmara, não apenas de Ituiutaba, mas de cidades vizinhas, chegaram a agendar a entrevista mais de uma vez, mas não compareceram, mesmo quando procuradas já depois da posse. O que se percebeu é que apesar das muitas tentativas de contato, a sinalização positiva à participação ocorreu, no mais das vezes, em função da rede de relacionamentos da pesquisadora com pessoas conhecidas das candidatas que possibilitaram o acesso pessoal a elas.

Surpreendeu-nos inicialmente o aceno positivo da secretária de uma das mulheres que ocupam o primeiro escalão da Secretaria de Especial de Políticas para Mulheres, que prontamente atendeu ao convite feito apenas por e-mail, sem nenhuma outra intervenção. Durante a entrevista, realizada na própria secretaria, em Brasília, pudemos perceber que sua disponibilidade para a participação numa pesquisa acadêmica relacionava-se com sua própria trajetória de vida, trilhada dentro da academia.

Um dado curioso quanto à última das mulheres entrevistadas é o modo como se chegou até ela. Ao que nos pareceu, trata-se de uma figura conhecida na região de Uberaba, pois foi a primeira mulher vereadora dos arrabaldes. Embora já tenha deixado de atuar em cargos da política institucional há bastante tempo, sua presença nessa área marcou a história da localidade. Ainda assim, sua trajetória era desconhecida da pesquisadora. Foi uma amiga, que coletando material para sua pesquisa em artes visuais, teve contato com ela e sabendo dos objetivos deste trabalho imaginou que uma entrevista pudesse ser interessante. O encontro com essa mulher, portanto, foi quase por acaso.

As entrevistadas foram identificadas todas pela letra “E”, seguida do número relativo à ordem de realização das entrevistas. Logo abaixo, a distribuição das entrevistadas com suas respectivas funções políticas e outros dados de apresentação.

Tabela 2: Dados de apresentação dos participantes por ordem de entrevista

Ordem de Entrevista	Idade	Função Política	Situação pós-eleição	Localidade
Entrevistada 1 (E1) (Psicóloga)	44	Candidata à Vereadora	Não-eleita	Uberlândia
Entrevistada 2 (E2) (Assistente Social)	52	Vereadora	Eleita (reconduzida)	Uberlândia
Entrevistada 3 (E3) ¹⁷ (Médica)	56	Cargo ministerial	Não concorreu	Brasília
Entrevistada 4 (E4) (Advogada)	32	Candidata à Vereadora	Eleita (1º mandato)	Ituiutaba
Entrevistada 5 (E5) (Ensino Fundamental)	98	Ex-Vereadora	Não concorreu	Uberaba

No tópico que se segue, passaremos a descrever os procedimentos de coleta despendidos para a primeira e para a segunda etapa da pesquisa.

3.2. Procedimentos de Coleta

Tendo em vista que a investigação transcorreu em duas etapas distintas, desenvolvidas simultaneamente, os procedimentos de coleta utilizados em cada uma delas serão descritos separadamente, como se vê a seguir.

3.2.1. Procedimentos de Coleta nos Grupos Focais

Antes do contato pessoal com os estudantes para convidá-los à participação, os coordenadores dos cursos foram procurados com o objetivo de informar sobre a finalidade da pesquisa, de modo que eles pudessem autorizar o convite aos alunos. Não havendo oposição das coordenações de curso, procedeu-se a uma visita da pesquisadora a cada uma

¹⁷ E3 também ocupou função política eletiva, quando disputou e venceu as eleições para reitoria de uma universidade pública, tendo sido a primeira mulher eleita para este cargo no Brasil.

das séries dos cursos escolhidos para explicar, em linhas gerais, qual a proposta do estudo e solicitar a manifestação dos interessados em tomar parte.

Uma vez que nossos objetivos não contemplavam a análise das diferenças de proposição verbal entre alunos ingressantes, intermediários ou concluintes, à medida que os voluntários manifestavam interesse em participar, fossem eles de qualquer série, já se agendavam os encontros. Com exceção dos participantes do curso de Psicologia, que formaram um grupo multi-seriado, os demais grupos foram formados por alunos da mesma série, que manifestaram interesse na ocasião do convite. Durante a exposição da pesquisadora sobre o desenvolvimento do trabalho, ainda enquanto o convite era feito, informava-se sobre a quantidade de alunos em cada grupo.

O número de seis participantes foi assim delimitado em função de estudos anteriormente desenvolvidos (Fávero e Abrão, 2005) com a mesma quantidade de indivíduos por grupo, o que nos leva a crer que esta formação é significativa para a manutenção da dinâmica das interlocuções e porque um número maior de interlocutores poderia dificultar a apreensão das falas.

Definidos os grupos, a pesquisadora procedia a uma reunião fora do ambiente da sala, em que detalhes mais específicos sobre a coleta eram apresentados. Nesse momento, informava-se mais detidamente sobre os objetivos da pesquisa, bem como sobre a situação de interlocução nos grupos e a necessidade de registro destas interlocuções em áudio e vídeo, frisando que os encontros só ocorreriam mediante autorização expressa, traduzida na assinatura do Termo de Consentimento (Anexo 1).

Depois da anuência dos participantes, era marcado com eles o encontro nas dependências de suas respectivas instituições de ensino, em data e horário definidos em conjunto.

Os encontros se realizaram entre Outubro de 2008 e Fevereiro de 2009 e, como já dito, foram registrados em áudio e vídeo e as interlocuções produzidas foram transcritas na íntegra (Anexo 2), conservando os caracteres próprios das manifestações verbais dos sujeitos, inclusive quando transgrediam a norma culta da gramática portuguesa.

3.2.2. Procedimentos de Coleta das Entrevistas

Para se chegar às mulheres que participaram desta pesquisa, partimos do critério inicial de que elas deveriam estar participando ou ter participado da política, ocupando ou disputando, preferencialmente, cargo de mandato eletivo. O mandato eletivo apareceu como critério preferencial pelo fato de que ele nos permitiria avaliar dados biográficos a respeito da trajetória dessas mulheres até o ponto em que optaram por lançar sua candidatura. Além disso, contar com pessoas que estavam fazendo ou já tinham feito parte do processo eleitoral na condição de candidatas, nos daria da possibilidade de ter indícios sobre o modo como essas mulheres se colocam (ou se colocavam) no processo de disputa e o modo como se situam (ou se situavam) nos partidos.

Como já mencionado antes, foram várias as tentativas de contatos diferentes, tanto com candidatas em eleições locais à época, quanto com mulheres que já atuavam em cargos não disputados na última eleição, tais como deputadas e senadoras. Além destas, foram contatadas algumas funcionárias de alto escalão dos ministérios, pensando, nesse caso, não no critério de elegibilidade, mas na importância do cargo para indicar o modo como se dá o compartilhamento do poder nas instâncias executivas de decisão política. No caso das deputadas, senadoras e funcionárias ministeriais, o contato ocorreu por meio eletrônico, conseguido em sites de busca da internet e através de uma funcionária da Assembléia Legislativa Federal, que se prontificou a informar alguns canais de acesso mais direto com determinadas parlamentares. Todavia, de todos os contatos realizados nas

esferas de atuação federal e estadual, apenas a funcionária do ministério anuiu em participar, como já demonstrado na Tabela 2.

Quanto às candidatas e ex-candidatas do nível local, o acesso a elas foi viabilizado por intermédio da rede de relações pessoais da pesquisadora, que forneceu as informações necessárias para que o contato com essas mulheres ocorresse. Assim, de posse destas informações que levavam aos possíveis participantes, a pesquisadora fazia o convite ora por telefone, ora em visita ao comitê.

Tanto nas situações de contato eletrônico quanto nos casos de contato pessoal, eram informados os objetivos da pesquisa, esclarecendo-se, assim como ocorreu nos grupos, sobre a necessidade de anuência expressa. Uma vez que a mulher concordasse em participar, era agendado um encontro em data e horário de sua preferência, e realizada a entrevista semi-estruturada, embasada num eixo investigativo, contendo quatro grandes aspectos a serem abordados: objetivos políticos, processos de socialização, diferenças entre homens e mulheres na atuação política, sistema de quotas.

Entendemos que a entrevista possibilita nosso contato com as narrativas pessoais dos sujeitos, nos mesmos moldes do que fez Fávero em outros trabalhos, onde a escuta dos participantes já era privilegiada (Fávero, 1998, 2001) e sua fala tomada como texto. As entrevistas foram registradas em áudio e vídeo e transcritas na íntegra, tais como as interlocuções ocorridas nos grupos.

As entrevistas foram realizadas entre Outubro/2008 e Abril/2009 e as transcrições desta etapa da pesquisa estão apresentadas no Anexo 3. Uma ressalva apenas a ser mencionada com relação à coleta junto à terceira mulher entrevistada: nessa entrevista, a Profa. Maria Helena Fávero também participou. Por isso, como se verá no referido anexo, dividimos as terminologias em Entrevistadora 1, para designar a mim, por ter iniciado as perguntas e Entrevistadora 2 para designar a Profa. Maria Helena.

3.3. Procedimentos de Análise

Considerando os objetivos de cada etapa da pesquisa, realizada a partir de instrumentos metodológicos diferentes e contando, nas duas etapas, com a participação de sujeitos com características também distintas, os procedimentos de análise serão apresentados em dois subitens, da mesma forma que os procedimentos de coleta, respeitando-se as propostas desse estudo.

3.3.1. Procedimentos de Análise dos Grupos Focais

Os Grupos Focais têm a especial característica de valorizar as interações humanas, por ser uma ferramenta metodológica que considera o ambiente interacional como *locus* capaz de promover, ao mesmo tempo, tanto a produção quanto a partilha de significados (Carlini-Cotrim, 1996; Morgan, 1997).

Como é de nosso interesse conhecer quais os conceitos e representações de gênero expressos nos grupos, e, mais especificamente, conhecer qual a opinião dos sujeitos sobre a participação feminina na política a partir de uma situação de interação, optamos por utilizar um formato de análise que tomasse por base a compreensão dos atos da fala, nos moldes propostos por Fávero (Fávero, 2000a). Como diz a autora,

avaliar os atos da fala produzidos nas interações sociais permite que se considerem as contribuições dadas por cada um dos sujeitos, os seus processos de construção e atribuição de significados (Fávero, 2000a, p. 11).

Em sua perspectiva, Fávero defende a tese de que o uso dos atos da fala como instrumento de análise deve buscar a articulação entre dois aspectos: o primeiro é o aspecto da dinâmica das interações e de como os participantes organizam sua inserção no grupo. O segundo aspecto diz respeito à compreensão dos significados produzidos e partilhados pelos interlocutores no momento mesmo da interação. A proposta de Fávero, então, é que a análise das interlocuções a partir da compreensão dos atos da fala sirva à articulação entre

a dinâmica das trocas verbais e o entendimento dos significados produzidos e partilhados, o que pode nos revelar o modo como são interpretados e ressignificados os sentidos de gênero veiculados na nossa cultura.

Para classificar as diferentes ações presentes nas trocas verbais e sua função, são identificadas algumas esferas sob as quais os atos da fala podem ser categorizados, segundo procedimento já utilizado em trabalho anterior (Fávero e Abrão, 2005).

A Esfera da **Informação** corresponde a todo ato da fala que visa descrever, categorizar, definir, ter em conta os objetos do mundo e sua relação, de maneira não avaliativa. Temos, dentro desta esfera, as categorias assim definidas: Informar (INF); Exemplificar (EXE); Confirmar (CON); Infirmar (INR); Retificar (REC); Exemplificar (EXP); Explicitar (EXR); Citar (CIT).

A Esfera da **Avaliação** compreende todo ato da fala que marca por uma modalidade, uma 'atitude' do locutor, exprimindo um julgamento de valor, ou uma apreciação, sobre os objetos ou estados do mundo. Suas categorias são: Avaliar (AVA); Tomar posição (PPO); Dar um aviso (AVI); Validar (VAL) / Invalidar (INV); Justificar (JUS); Criticar (CRI).

A Esfera da **Interação** corresponde a todo ato da fala que visa à co-elaboração das identidades dos parceiros e à co-gestão das suas relações, segundo a situação, o contrato de comunicação e os riscos, para melhorá-los ou colocá-los em discussão. As categorias pertencentes a essa esfera são as seguintes: Cumprimentar (CUM)/Desaprovar (DSP); Acusar (ACC); Reconhecer (REE); (Se) Escusar (SES); Complementar (CPL); Conformer (CNF); Desmentir (DES); Desafiar (DFR); Atenuar (ATR)/Acentuar (ACE); Contestar (CNT);

Como Esfera **Acional** pode-se definir todo ato da fala que visa a propor fazer, incitar a fazer, exortar a fazer, se engajar no fazer, declarar (onde e quando fazer é igual a

fazer). Suas categorias são: Propor (PRO); Incitar (INC); Exortar (EXO); Engajar (ENG); Declarar (DEC).

A Esfera **Contratual** compreende todo ato da fala que tem por função gerar ou regular a comunicação, em função dos objetivos e jogos de ações e do contrato de comunicação.

Portanto, no intuito de articular os dois aspectos de análise antes mencionados, quais sejam, a dinâmica interacional e os significados da produção resultante das trocas verbais nos grupos, conforme proposto por Fávero (2000a), todas as interlocuções foram classificadas e analisadas a partir das categorias acima descritas e dispostas em quadros que identificam as manifestações verbais e suas respectivas categorizações como atos da fala. Apenas as falas da pesquisadora não foram classificadas no quadro, uma vez que não variaram dada sua função no grupo. Suas falas se enquadraram na *Esfera Contratual* ou na *Esfera Acional*, dentro da categoria *Propor*.

No capítulo dedicado à análise dos resultados serão primeiramente apresentadas as discussões dos resultados grupo-a-grupo para depois procedermos a uma discussão geral, alinhando os elementos de relevância em cada um deles.

3.3.2. Procedimentos de Análise das Entrevistas

A análise das narrativas tomou a perspectiva baseada nos pressupostos trazidos por Zilber, Tuval-Mashiach e Lieblich (2008, apud Fávero, 2009), autoras que consideram importante apreender o contexto em que as histórias de vida se constroem e sugerem a compreensão das três esferas de contexto: a intersubjetividade (que se refere às interações

e relações imediatas narradas pelo sujeito), o contexto social e as metanarrativas (refere-se aos significados e símbolos culturais evocados na narrativa).

Em nossa análise das entrevistas não perderemos de vista o aspecto da *reflexibilidade*, apontado por Zilber, Tuval-Mashiach e Lieblich (2008, apud Fávero, 2009) como fundamental para a interpretação do contexto. A reflexibilidade diz respeito à distinção entre o que é trazido pelo narrador e o que é trazido pelo pesquisador, necessária para que a interpretação não resulte distorcida.

Outro ponto destacado por Zilber, Tuval-Mashiach e Lieblich (2008, apud Fávero, 2009) como necessário para esse tipo de investigação é a *intertextualidade*, que se refere às relações do texto com seus próprios trechos, com outros textos e com outras leituras, o que nos dá a possibilidade de conhecer a estória do ponto de vista de quem narra, ao mesmo tempo em que podemos entrecruzar estórias de narradores diferentes, buscado entender onde os elementos biográficos são comuns e onde se diferenciam.

Para verticalizar as reflexões sobre os resultados obtidos, cada narrativa ensejará uma discussão específica para posteriormente desenvolvermos uma discussão geral, do mesmo modo como procedemos na análise dos grupos focais.

CAPÍTULO 4 - Resultados e Discussão

4.1. Apresentação de resultados obtidos nos Grupos Focais

Embora as etapas da pesquisa tenham transcorrido simultaneamente, como já dito, apresentaremos de início os resultados obtidos em cada um dos grupos focais e suas respectivas discussões e depois os resultados das entrevistas, também com as discussões pertinentes.

4.1.1. Grupo Focal 1

Nesse tópico serão apresentados os resultados das interlocuções desenvolvidas no Grupo Focal 1, realizado com alunos do curso de Direito, para posterior análise.

Tabela 3: Interlocuções do GF1 e análise dos atos da fala

Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
<p>Entrevistadora: Vamos começar pensando sobre o sistema de quotas. O que vocês acham desse sistema de quotas? Existe uma legislação que fala sobre uma reserva para a candidatura feminina. O que vocês pensam disso, do sistema de quotas?</p> <p>SF1: Ah...</p> <p>SF2: Eu acho que devia ser igual, né, pra começar.</p> <p>SM1: Eu acho...</p> <p>SM2: É, devia ser....</p> <p>SM3: Nós estamos num país democrático, né? Devia ser igual.</p> <p>SF2: (<i>Sem ouvir o que SM3 disse</i>) Por quê existe um sistema, uma quota menor para mulher do que pro homem? Começa por aí, né?</p> <p>SM3: Mas aí, como SM1 fala, tem três vagas no partido dele, só uma candidatou, tá sobrando.</p> <p>SF2: Mas é uma questão de cultura, isso tem que ser incentivado</p> <p>SM3: Isso!</p> <p>SF3: Mas tem lugares em que é bem brigado, né?</p> <p>SM3: É, tem uns lugares em que as pessoas brigam para poder entrar e não podem entrar por causa da quota (<i>SF2 concorda, meneando a cabeça</i>).</p> <p>SF2: Porque é cheio, né? (<i>SM3 concorda, meneando a cabeça</i>) A quota é pequena.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Interação • Interação • Avaliação • Interação • Interação • Interação e Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Tomar Posição • Tomar Posição • Validar • Contestar • Contestar • Validar • Contestar • Complementar • Complementar e Validar

<p>SF3: Mas se a gente for pensar nisso tem a questão do homem estar à frente do profissionalismo no nosso país. A gente sabe que por mais que a mulher lute, ela ainda tem muito campo a abrir.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação 	<ul style="list-style-type: none"> • Contestar
<p>SF1: É a questão popular, né? O homem tem preferência popular</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação e Avaliação • Interação 	<ul style="list-style-type: none"> • Complementar e Validar • Complementar
<p>SF3: <i>(meneando a cabeça em direção a SF1. SF2 também sinaliza com a cabeça, aprovando a fala de SF2 e diz em tom baixo “Isso”)</i> Fica perpetuado aquela coisa do homem estar à frente.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação e Informação 	<ul style="list-style-type: none"> • Complementar e Exemplificar
<p>SF2: É. Isso no Brasil, acho que agora é que está emergindo. Você vê aí, no poder, né, agora que as mulheres estão tomando os cargos assim</p>		
<p>Entrevistadora: Então, mas vocês acham que o sistema de quotas foi criado por quê? Qual foi a função desse sistema de eleger, então, uma reserva pra mulher?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Tomar posição
<p>SF2: De início, acho que pra reparar injustiça. Tanto quanto aquele negócio do sistema de quotas para o negro na universidade. Mas eu sou totalmente contra. Eu acho que isso aí, é, tira a vaga de muita gente. E outra, o sistema que eles usam pra selecionar o negro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Validar
<p>SM2: É uma característica já de domínio, mesmo. Se colocar igualdade, o grupo de mulheres vão crescer muito.</p>		
<p>Entrevistadora: Se aumentar a quota?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Validar
<p>SM2: Se aumentar a quota. Se equiparar, eu acho que vai aumentar muito, então eles não têm esse interesse. Acho que é mais ou menos por aí.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação 	<ul style="list-style-type: none"> • Complementar
<p>SM3: Mas eu acho que de acordo com o que for abrindo espaço pra mulher eles aumentam as quotas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Complementar • Avaliar
<p>SF1: Ou pelo menos não ter quota, né?</p>		
<p>SM3: Conforme elas vão se interessando mais, eles vão ser obrigados...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação • Interação 	<ul style="list-style-type: none"> • Complementar • Complementar
<p>SF3: A abrir mais espaço.</p>		
<p>SM2: O negócio é esse.</p>		
<p>Entrevistadora: E como é que a gente estimula o interesse? O SM1, que tem uma experiência como presidente de partido, como é que vocês captam mulheres para participar?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação e Informação 	<ul style="list-style-type: none"> • Tomar posição e Exemplificar
<p>SM1: É, eu acho que na maioria das vezes é um pouco desestimulante pelo seguinte: vai estimular mais o dia que a mulher entender que os movimentos feministas vão ganhar mais força a partir da política. Porque a mulher, muitas vezes, as pessoas não entendem isso, igual essas leis, algumas conquistas da mulher foram através da política e ela ainda não entendeu isso. A mulher ainda não entendeu isso dessa forma. O dia que ela entender isso dessa forma, tem vários movimentos que são abortados na Câmara até por ela não ocupar esse espaço também. Isso vem já de um preconceito, mas agora, por exemplo, já tá abrindo essa vaga, mas ela tem que entender que ela vai ganhar o espaço com a participação na política. Acho que não seria só a abertura, a igualdade, muitas vezes ela se omite também.</p>		
<p>SF2: E como é que ela vai chegar a entender isso aí? É esse trabalho...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação 	<ul style="list-style-type: none"> • Complementar
<p>SM1: Esse trabalho é de conscientização. Por exemplo, veja bem:</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação, 	<ul style="list-style-type: none"> • Complementar,

<p>PDT Mulher, PSDB Mulher,tal, tantos partidos, Contagem tem, Betim tem, Belo Horizonte tem. Belo Horizonte tem uma pessoa extraordinária que dá palestra, o Brasil todo tem. Aqui em Ituiutaba não tem um partido feminista. Fala PDT Mulher, não acha mulher pra fundar o PDT Mulher. Você entendeu? Existe o PDT Jovem, o PDT Mulher e não tem. Os partidos têm essa abertura, dentro da estrutura partidária existe essa abertura, o PDT Jovem e o PDT Mulher. Aqui em Ituiutaba não tem. Mas nos grandes centros têm, eu acho que essa questão</p> <p>SF1 (<i>Interrompendo</i>): Deixa eu te perguntar um negócio: o partido mesmo ele procura uma mulher, por exemplo, pra se interessar, pra ver se ela se interessa em candidatar...</p> <p>SM1: Procura! Procura!</p> <p>SF1: Mas, ou seja, pra mostrar pra ela o que que...</p> <p>SM1: Procura!</p> <p>SM2 (<i>Interrompendo</i>): E o que que é as respostas?</p> <p>SM1: Geralmente, há um desestímulo...</p> <p>SF3: Eu acho que é muita falta de consciência, né?</p> <p>SF1: Eu acho também. Falta de consciência e falta de informação.</p> <p>SF2: Então, é como eu tava dizendo, o que é que tá sendo feito pra isso?</p> <p>SM1: É um desestímulo que nós vemos, entendeu? Tá na internet, tá ligado nos meios de comunicação do partido, tudo, mas não existe. O PDT Mulher, aqui, nós tentamos fundar e não conseguiu. E o jovem, também, não tá participando da política. Tanto a mulher como o jovem estão desinteressados.</p> <p>SF2: Eu acho que quanto ao jovem, ele já tá tendo mais consciência do que a mulher. Porque eles, a cultura deles de votar, isso aí já tá sendo trabalhado. E a pessoa que já tá numa certa idade, que vem de uma cultura mais antiga, que tá sendo mais resistente. Porque eu acho que esse lado é que não tá sendo trabalhado.</p> <p>SM1: E outra coisa também, veja agora, nós podemos citar um exemplo do que você tava dizendo. Às vezes sai um pouco, distorce um pouco o assunto, mas ex-ministra Marina Silva, ministra do Meio Ambiente, ela é respeitada internacionalmente. Ela é respeitada internacionalmente, o que que acontece, simplesmente ela foi bombardeada, massacrada e foi praticamente obrigada a pedir demissão do cargo dela de ministra. Por quê? Porque ela era mulher. Se ela fosse homem e tivesse mais resistência, o amparo do partido...</p> <p>SM2: É aquilo que eu falei antes</p> <p>SM1: ... Ela não tinha pedido demissão. Sabe por quê que ela pediu demissão?</p> <p>SF1: Ela foi obrigada.</p> <p>SM1: Não. Porque falou-se o seguinte, o ministro da Agricultura, os produtores rurais do Nordeste, na área da Amazônia, falou o seguinte: nós vamos apoiar o projeto do governo Lula, mas nós vamos liberar os financiamentos para a produção se a Marina retirar as propostas dela...</p> <p>SF2 (<i>Interrompendo</i>): Falta de apoio, né?</p>	<p>Informação, Avaliação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acional • Informação • Acional • Informação • Acional • Informação • Interação • Interação • Acional • Avaliação e Informação • Avaliação • Interação, Informação, Avaliação • Avaliação • Acional • Informação • Informação • Interação • Interação e 	<p>Exemplificar e Tomar posição</p> <ul style="list-style-type: none"> • Incitar • Informar • Incitar • Informar • Incitar • Informar • Complementar • Complementar • Incitar • Avaliar e Exemplificar • Avaliar • Complementar, exemplificar, Avaliar • Validar • Incitar • Informar • Informar • Complementar • Complementar e
---	--	--

<p>SM1: Cê entendeu? De proteção ao meio ambiente. E aí a classe dos produtores rurais teve mais força e ela não teve força. E aí, em detrimento a ela, o Lula estava no exterior, eles fizeram a medida. Quando chegou, ela já tinha pedido demissão.</p> <p>SF1: Aí o Lula chega, e “não sei de nada”. (<i>Todos riem</i>)</p> <p>SM1: Aí, por exemplo, o que que acontece? Não teve uma mulher que manifestou ao lado dela. Eu assisti...</p> <p>SF2 (<i>Interrompendo</i>) A própria mulher não apoiou.</p> <p>SM1: Eu assisti, acompanhei a matéria na Folha de São Paulo, na TV Senado em tudo que cê possa pensar. Eu não vi uma (<i>enfático</i>) mulher manifestar. Eu vi algum jornalista na Folha manifestar favorável dela. E o mundo reconhece ela, e reconheceu e foi manchete em todos os jornais do mundo. Então, eu acho que se fosse, às vezes, um homem, tinha suportado mais. Às vezes falta das mulheres darem apoio para ela.</p> <p>Entrevistadora: Vocês acham que as mulheres representam uma demanda de um segmento, por exemplo, quando a mulher chega a se eleger, ou na própria candidatura, ela tá ali, levantando uma bandeira...</p> <p>SF2: Feminina.</p> <p>Entrevistadora: Feminina, ou não?</p> <p>SM2: Tá, mas ela encontra barreira: Porque o número ser menor, ninguém vai apoiar a atitude dela. E outra coisa, eu acho o seguinte, a classe feminina ainda tem muita preocupação com o negócio de corrupção. Pelo que a gente conversa com as pessoas, né? Já o homem, não. O homem não esquenta, não. Então devido a isso, acho que elas se afastam.</p> <p>Entrevistadora: Essa é uma boa questão que SM2 está levantando, quer dizer, tem diferença de atuação política entre homens e mulheres?</p> <p>Todos (<i>com exceção de SM1, que fica calado, respondem enfaticamente</i>): Tem!</p> <p>Entrevistadora: Onde? Onde é que...</p> <p>SF1: O homem é mais, como é que a gente vai falar...</p> <p>SM3: Influenciável...</p> <p>SF1: Influenciado, como se diz, depois que você tá lá, ou você faz aquilo, ou você sai. E a mulher, ela se deixa menos influenciar, não é?</p> <p>SM3: É por aí.</p> <p>SF1: Então, a gente acaba saindo, ou não tem o apoio das outras pessoas (<i>dirigindo-se a SM1</i>)</p> <p>SM2: E outra coisa, o homem chegou no poder, ele quer continuar a qualquer custo, ele faz qualquer negócio. E a mulher não, trabalha já por ideal.</p> <p>Entrevistadora: Tem uma diferença, então? A gente poderia dizer, vocês acham assim? Que tipo de diferença, ideológica, ética...</p> <p>SM2: Ética! Ética!</p> <p>SF2: Eu acho, sim. Ela é mais idealista.</p> <p>SM2: Mais idealista.</p> <p>SF1: Às vezes até é cultural, né?</p>	<p>Informação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Acional <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação e Acional <ul style="list-style-type: none"> • Informação <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Interação • Avaliação <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Interação <ul style="list-style-type: none"> • Interação e Avaliação <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Interação • Avaliação 	<p>Informar</p> <ul style="list-style-type: none"> • Validar • Incitar <ul style="list-style-type: none"> • Validar • Avaliar e Incitar <ul style="list-style-type: none"> • Confirmar <ul style="list-style-type: none"> • Avaliar <ul style="list-style-type: none"> • Validar <ul style="list-style-type: none"> • Avaliar • Complementar • Avaliar <ul style="list-style-type: none"> • Validar • Complementar <ul style="list-style-type: none"> • Complementar e avaliar <ul style="list-style-type: none"> • Avaliar • Validar • Validar • Complementar • Avaliar
--	---	--

<p>SM2: Ela se preocupa muito com a personalidade, pra não misturar, porque aonde tá os políticos de hoje, a fama?</p> <p>SF3: Mas eu acho também que até ela despertar isso, deve ficar latente, entendeu, nas mulheres, não sei.</p> <p>SM2: Eu acho que devia dar igualdade, pra elas...</p> <p>SF3 (<i>dirigindo-se à Entrevistadora</i>): ... Quando ela toma consciência, percebe e se identifica com aquilo que quer, ela vai à luta.</p> <p>SF2: Eu acho que mais pra frente, essa igualdade vai chegar, porque como já tá sendo trabalhado nas escolas, eu vejo, e agora mesmo foi implantado pelo Mec, obrigatório essas matérias como Filosofia, que fazem a pessoa refletir melhor, aprofunda mais os conhecimentos..</p> <p>SM2 (<i>Interrompendo</i>): Mais pra frente, cê acha qual tempo que é?</p> <p>SF1: Uns dez anos</p> <p>SF2: É...</p> <p>SM2: Não.</p> <p>SM3: Não dá, não.</p> <p>SM2: <i>Balança a cabeça negativamente e faz som onomatopéico de não</i></p> <p>Entrevistadora: Dez anos, você acha que é pouco, SM2?</p> <p>SM2: Iiiih...</p> <p>SF2: Eu acho que não chega a tudo isso, não!</p> <p>SF1: Não, eu também acho que não.</p> <p>SM2: Eu ouço isso, já tem, ó (<i>faz gesto de passagem de tempo, com o estalo dos dedos</i>). E olha que eu tenho 57 anos.</p> <p>SF2: Ah, não, mas mudou muita coisa, antigamente a mulher não saía de casa.</p> <p>SM2: Mas ficou pior.</p> <p>SF2: Era totalmente submissa.</p> <p>SM2: Quando era liberado tinha mais candidatas a mulher, foi só colocar 37, você tem que pegar a laço. Você é presidente de partido você sabe que é? (<i>referindo-se e dirigindo-se a SM1</i>) É ou não é? (<i>SM1 concorda com a cabeça</i>).</p> <p>Entrevistadora: Você acha que...</p> <p>SF1: Eu acho também que tinha que ser liberado.</p> <p>Entrevistadora: Sem quotas?</p> <p>SF1: É, sem quotas.</p> <p>SF2: Não, no princípio, a princípio tem que ser 50%, a princípio.</p> <p>SM2: Isso já é liberado.</p> <p>SF2: Quando for se adaptar, pra poder impor, não pode por homem na vaga que é da mulher, entendeu?</p> <p>SM3: Você tá dizendo assim no sentido de direitos iguais?</p> <p>SF2: Exato.</p> <p>SM2: Aí você tá admitindo que o homem sabe mais de política do que a mulher, tem que ser liberado, não interessa de que elas vão passar por cima ou não.</p> <p>Entrevistadora: Deixa eu entender: você acha que não deve ter quotas, ou que deve ter uma quantidade maior?</p> <p>SF2: Uma quantidade maior, tipo metade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação e Informação • Acional • Avaliação • Avaliação • Interação • Avaliação • Avaliação • Interação • Interação • Interação • Interação • Interação • Interação e Acional • Avaliação • Informação • Interação • Informação • Avaliação • Interação • Avaliação • Acional • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar • Tomar posição • Avaliar • Avaliar e Exemplificar • Incitar • Avaliar • Validar • Contestar • Validar • Tomar posição • Contestar • Validar • Contestar • Contestar • Desmentir • Contestar • Contestar e Incitar • Validar • Confirmar • Contestar • Informar • Tomar posição • Complementar • Tomar posição • Desafiar • Avaliar
---	--	--

<p>SM3: Eu acho que tinha que ser liberado, se candidatar mais mulher não tem problema não.</p> <p>SF2: Eu acho que existe um preconceito, entendeu?</p> <p>SM2 (Interrompendo): E isso é baseado na cultura, na história, por isso que vai voltar a existir cédula, por isso que 10 anos é muito pouco, pode botar uns 50.</p> <p><i>(Risos gerais)</i></p> <p>SF1: Aí você foi longe demais.</p> <p>SM2: Ó, tô falando, vai sair o Lula e vai entrar um outro presidente, o que você acha que vai acontecer?</p> <p>Entrevistadora: É a Dilma, a Dilma Rouseff não é uma opção? Ela está sendo preparada para ser a sucessora, o que vocês acham dela?</p> <p>SM2: Ela vai ter uns contra e não vai conseguir.</p> <p>Entrevistadora: Mas por ser mulher ou independente disso?</p> <p>SM2: Por ser mulher.</p> <p>SF2: Eu acho que ainda existe um preconceito muito grande da própria mulher, um medo, sabe?</p> <p>Entrevistadora: Medo de que?</p> <p>SF1: Medo de colocar uma própria mulher.</p> <p>SF3: Medo de colocar a própria mulher, dela não ter preparação.</p> <p>SF2: É o preconceito da própria mulher porque a cultura, como ele falou <i>(se referindo a SM2)</i>, não vai mais 50 anos, eu não acredito nisso, mas a cultura de gente da nossa a idade ainda tá nessa etapa. Entendeu? Daqui a mais um tempo talvez ela conseguisse. Tipo o Lula, não? Tentou, tentou, tentou até conseguir, foi chegando e foi fazendo a cabeça das pessoas, foi mudando, foram muitos anos.</p> <p>SM2: Precisou...</p> <p>SF2 (Interrompendo): A mudança do povo, agora no caso dela, agora não, talvez ela não consiga, mas mais para frente ela consegue, sim.</p> <p>SM2: Precisou na Polônia de um operário ganhar para depois dar sustentação para o Lula crescer. Se não acontece aquilo lá o Lula não tinha sido presidente.</p> <p>SM1: Agora eu to lembrando duma coisa que ele falou, que partes eu concordo, eu concordo em partes. Ele falou que a mulher é mais sensível e tal, mas não sei se ela é tão sensível em relação à não corrupção. Veja bem, por exemplo, existe uma frase muito interessante “Para se conhecer uma pessoa, dê poder a ela”. É, ou não é? A Roseana Sarney começou como candidata disparada para a presidência, inúmeras corrupções mostradas e ela retirou da candidatura. A Yeda Crusius, lá do PSDB no Rio Grande do Sul, era um dos governos mais corruptos. Então eu não sei bem se a atuação que a mulher tem, se ela não vai ser corrupta. Tem casos de corrupção feminina, que é uma porcentagem pequena, mas ela pode ser suscetível à corrupção também com prova concreta disso.</p> <p>SM2: Mas é as pessoas que é corrupta ou é o partido? O Lula é corrupto ou é o PT que é corrupto?</p> <p>SM1: Eu tô citando a mulher, tô citando a mulher.</p> <p>SM2: Mas é a influência do partido!</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação • Avaliação • Avaliação • Interação • Acional • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação, Interação, Informação • Interação e Avaliação • Informação e Avaliação • Avaliação, Informação • Acional • Avaliação • Interação 	<ul style="list-style-type: none"> • Contestar • Avaliar • Validar • Desaprovar • Incitar • Avaliar • Validar • Avaliar • Avaliar • Validar • Avaliar, Contestar e Exemplificar • Complementar e Avaliar • Exemplificar e Avaliar • Tomar posição, Exemplificar, • Incitar • Justificar • Acentuar, Contestar
--	--	--

<p>SM1: Não, não, não!</p> <p>SF1: Do partido e de quem tá ao redor dela.</p> <p>SM2: É claro, mas ela se torna corrupta porque...</p> <p>SF1: Pois é (<i>dirigindo-se a SM1</i>), mas você falou do contato dela, de quem tá em volta.</p> <p>SM1: Por exemplo, a Roseana Sarney, a corrupção foi dela que pegou o dinheiro, junto com o marido dela. A Yeda Crucius, a corrupção também foi dela. Eu não tô falando da questão partidária, eu não sei se essa questão de corrupção, se assim que a mulher dominar, se essa corrupção vai ser diminuída, eu não posso arriscar a falar isso para você. E tem caso de corrupção sim, e são poucas que participam do poder, da mulher é pouca a representação, então a corrupção eu acho que não é só da mulher, é generalizada de uma cultura nossa, que o Brasil é um dos países em 14º lugar de corrupção (<i>foi interrompido por SF1</i>).</p> <p>SF1: Às vezes é tão cultural, por isso que certas mulheres vão e depois desistem, como é o caso da Roseana.</p> <p>SM2: É isso aí que tô falando, ela entrou num meio...</p> <p>SF1: Ela tem que participar ou vazar.</p> <p>SM2: Aí quem é integro não serve.</p> <p>SM1: Mas, por exemplo, temos casos de vereadoras aqui de Ituiutaba, que existia, por exemplo, uma distribuição de cargos, em muitos mandatos anteriores. Não tô citando o nome do prefeito, mas existia uma coisa do tipo: eu te dou tantos reais e você se manda para lá, vai ocupar o cargo e me repassa um tanto de dinheiro. Essas participaram até hoje. Elas pegam os cargos assim, no fim do mês falam pro funcionário: eu te devo tantos reais e você deixa eu pegar o resto. A maneira indireta do prefeito comprar voto e apoio e aqui sempre as que tiveram, as que eu conheço, continuou desse jeito.</p> <p>Entrevistadora: Elas colaboram com essa prática?</p> <p>SM1: Do mesmo jeito</p> <p>SM2: O poder vem de cima para baixo.</p> <p>SM1: O que eu quero focar é que pela minha experiência...</p> <p>SF2 (Interrompendo): Eu acho que o Brasil de uma maneira toda, a nível de corrupção tem mudado muito, mas ainda falta muito, e como ele falou (<i>referindo-se a SM2</i>), a pessoa que tem integridade, ela chega e ela desiste no meio do caminho, e fala: isso não serve. Vai levar um tempo, vai levar um tempo, mas isso aí não vai levar 50 anos não.</p> <p>Entrevistadora: Então você tá voltando na questão do idealismo, você acha que a mulher desiste no meio do caminho porque ela tem um ideal para a política e quando ela entra no sistema ela percebe que...</p> <p>SF2: Que não é aquilo que ela pensa.</p> <p>SM2: Deixa eu te perguntar (<i>dirigindo-se a ninguém, especificamente</i>), o número de eleitores feminino é maior que o masculino?</p> <p>SF2: O feminino é maior.</p> <p>SF1: Ah, eu acho que é.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação • Interação • Avaliação • Acional • Informação e Avaliação • Interação e Informação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Informação e Avaliação • Informação • Avaliação • Informação • Avaliação • Interação • Acional • Informação • Informação 	<ul style="list-style-type: none"> • Contestar • Contestar • Validar • Exortar • Exemplificar e Tomar posição • Complementar e Exemplificar • Validar • Validar • Avaliar • Exemplificar e Criticar • Confirmar • Avaliar • Exemplificar • Avaliar, Validar • Complementar • Incitar • Informar • Confirmar
---	---	---

<p>SM2:É, não é?</p> <p>Entrevistadora:A gente tem uma diferença pequena de população, acho que 1% a mais de mulheres e isso reflete no contingente eleitoral.</p> <p>SM2:Vem cá, reflete, não reflete? O que que é, então que era para ter?</p> <p>SF1:A mulher ter maior quantidade de candidatura.</p> <p>SF2:Se a mulher se conscientizasse.</p> <p><i>(Aqui, alguns sujeitos entram em conversas paralelas ininteligíveis)</i></p> <p>SM2:É o sistema, gente!</p> <p>SF3:Eu acho que é uma coisa e outra também.</p> <p>SM2 <i>(Apontando para SF2, diz):</i> Você é uma estudante, tem cultura, se você tem interesse pela coisa, ou você não tem interesse de candidatar, por quê? A maneira deles agir, você sabe que você vai entrar no esquema e você não consegue.</p> <p>SF3:Eu acho que o homem ele tem medo de liberar e aí ter mais espaço para a mulher, entendeu?</p> <p>Entrevistadora: Liberar sem quotas, você diz?</p> <p>SF3: É, e acho que de contrapartida também a mulher não sabe avaliar o poder que se altera perante uma situação dessa.</p> <p>SF1:De bater de frente, né?</p> <p>SF3:A partir do momento que ela tiver essa consciência aí vai, aí tem razão do homem ter medo.</p> <p>SF2:É verdade, por isso que eu digo que ela não tem consciência.</p> <p>SM2: Deixa eu só fazer uma pergunta: eleição para vereador, vamos tirar por base aqui em Ituiutaba, você acha que uma candidata mulher, mesmo que tenha, vamos supor que tenha 200.000 reais para gastar na política, você acha que ela vai sair falando, vou te dar 50 para você votar em mim, vou te dar 50, você acha que a mulher tem condições, tem coragem de fazer isso?</p> <p>Entrevistadora: Você acha que não?</p> <p>SM2:Não, mulher não tem não! Agora, o homem...</p> <p>SF1: Candidata faz benfeitoria para a pessoa, vamos supor...</p> <p>SM2 <i>(Interrompendo):</i> Agora o homem não, qualquer pé-rapado vai lá, candidata e aí sai comprando os votos e ganha eleição.</p> <p>SF2:Então. A cultura masculina é corrupta.</p> <p>Entrevistadora: É?</p> <p>SF2: Totalmente, né?</p> <p>SM2: É isso que eu coloquei.</p> <p>Entrevistadora:Mas vamos pegar <i>(SM3 começa a falar, percebe que falou simultaneamente à Entrevistadora e se cala)</i></p> <p>Entrevistadora: Pode falar.</p> <p>SM3: Não, queria dizer o seguinte: a mulher sai porque ela não consegue entrar naquilo lá, ela não tá levando vantagem nenhuma com isso, se ela levar vantagem ela vai ficar.</p> <p>SF3:Eu acho que não. Tanto o homem quanto a mulher, se der brecha.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Acional • Acional • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Interação • Acional e Avaliação • Avaliação • Avaliar • Interação • Avaliação • Avaliação • Acional • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Informação • Avaliação • Interação 	<ul style="list-style-type: none"> • Incitar • Incitar • Validar • Validar • Criticar • Complementar • Incitar e Avaliar • Avaliar • Avaliar • Complementar • Dar um aviso • Validar • Incitar • Tomar posição • Avaliar • Validar • Tomar posição • Validar • Confirmar • Avaliar • Contestar
--	--	---

<p>trabalho dela lá também. Apesar de ter uma dívida de muitos e muitos anos, acredito que ela vai ser uma candidata, assim como a Marta Suplicy, hoje o PT tem duas mulheres, tem a Marta e tem a Dilma e uma das duas vai ser candidata, porque na Argentina teve candidata. Eu acho que isso ainda vai crescer, esse preconceito já era. Nos EUA um negro agora que é filho do Quênia, um negro que o pai é filho do Quênia pode se tornar um presidente, então isso vai avançando, vai mudando.</p> <p>SF3: Com certeza, e vai abrindo chances e possibilidades pra ela.</p> <p>SM2: A gente tava falando do local e já passamos para o exterior e você vê que a cultura é a mesma coisa, entendeu? Então, a mulher, se tiver apoio, vai. Agora, não adianta, gente, política é isso aí.</p> <p>Entrevistadora: Bom, bom, quando vocês foram entrando para a escola, etc, vocês se lembram em algum momento de ter alguma discussão sobre política, ou na casa de vocês, isso existia? Como é que era a questão do despertar do interesse da política na vida de vocês, teve isso?</p> <p>SF1: Não, não.</p> <p>SF2: Quando eu era criança meu pai conhecia os políticos e falava assim, quando eu cheguei na fase de votar: votem em fulano, votem em tal autoridade, porque é nosso amigo, era essa, era uma ordem.</p> <p>Entrevistadora: Mas só para você ou pra todo mundo?</p> <p>SF2: Para todos eles.</p> <p>SM2: Sabe o que mudou a cultura? Dinheiro. O pai chega e fala: você não vai votar no fulano não, porque ele não vai me dar dinheiro, vou pegar do outro, eu vou votar nesse.</p> <p>SF2: Se eu falar em dinheiro minha filha devasta comigo, ela tirou título, ela fez 18 agora, mas ela tirou antes de completar os 18 anos e ela queria votar.</p> <p>Entrevistadora: E vocês promovem algum tipo de discussão sobre política em casa, esse assunto vem à pauta em algum momento ou não?</p> <p>SF2: Vem, quando a gente tá sentado assim, vendo Jornal Nacional.</p> <p>SM2: Assistindo televisão</p> <p>SF2: É, acontece alguma coisa, algum episódio, aí a gente discute.</p> <p>SM2: É, mas a maioria das conversas que sai, fica só eu falando</p> <p>SF2: E a minha filha ela defende o feminismo mesmo, por isso que eu digo, a classe de adolescentes na base dos 16, 18 anos de idade, essa classe que eu tô falando que tá emergindo, não vai demorar mais que 10,15 anos para isso não, não vai, não. Eu vejo a gurizada da idade dela, dessa faixa, 16,18 anos, eles já debatem piamente e defendem mesmo.</p> <p>SM1: Agora ... (<i>É interrompido por SF2</i>)</p> <p>SF2: Você não lembra quando era pequeno (<i>dirigindo-se a SM1</i>)?</p> <p>SM2: Isso é porque você tá num nível, mas vai na periferia e olha, para você ver como é que é.</p> <p>SF2: Mesmo na periferia já existe uma consciência maior.</p> <p>SF1: Por isso que o Lula tá lá.</p> <p>SF2: Por isso que ele tá dando aí, Bolsa-alimentação, Bolsa-escola.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação • Informação • Informação • Informação • Avaliação • Avaliação e Informação • Informação • Informação • Informação • Informação • Informação, Avaliação • Acional • Interação • Interação • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Validar • Validar • Informar • Informar • Informar • Avaliar • Invalidar e Exemplificar • Informar • Confirmar • Confirmar • Informar • Exemplificar e Tomar posição • Incitar • Contestar • Contestar • Validar
--	--	---

<p>mexer com isso”. Tem? <i>(Todos balançam a cabeça, concordando que sim)</i> SM1 (<i>Dirigindo-se à entrevistadora</i>): Agora deixa eu te fazer uma pergunta para eu entender bem: você tá pesquisando em relação à participação da mulher na política ou a conquista do poder? Entrevistadora: As duas coisas. SM1: Eu acho que são coisas diferenciadas, uma coisa é o resultado eleitoral, que ela não consegue, mas o resultado político no poder tá conseguindo. O resultado político ela tá conseguindo. SF1: A influência Entrevistadora: Você fala do aumento na participação do processo? SM1: Do processo e algumas conquistas da mulher. Tem a ver também com política, de muitos anos, tem a ver com política, isso é resultado da política também, porque esse movimento se dá através da política, não é isso? Os movimentos comunistas, por exemplo, vêm através da política porque na verdade todo mundo vive pela política. Você vai fazer uma parada gay, as lésbicas, não sei o que, você chega na câmara de São Paulo, você vai no poder imediato. A parada gay aqui é apoiada pela prefeitura, então se dá através da política, então o resultado da política da acontecendo. Ainda não dá o resultado eleitoral, mas eu vejo dessa forma, ela tem conseguido o resultado político. Entrevistadora: Deixa eu perguntar outra coisa: qual foi a última candidata em quem vocês votaram, vocês se lembram? Alguém já votou numa candidata? Por exemplo, nós tivemos na presidência a candidata Heloísa Helena. SM2: Eu vou ser sincero: eu não votei, não. SF2: Também não SF1: Também não Entrevistadora: E por que não? SM2: Porque no momento que aconteceu, eu acho que não era a melhor opção. Entrevistadora: E vocês acham que tem gente que vota simplesmente porque a pessoa é mulher, e daí não avalia a plataforma política, o programa, vota só por mulher, porque pode significar que ela tá representando outras Tem gente que vota assim? <i>(SF1 não fala, mas balança a cabeça dizendo que não)</i> SF2: No Brasil acho que não tem esse feminismo todo, não. SF1: Tem não. A pessoa avalia mais a pessoa, assim o todo, o que ela já fez, o que ela pode fazer, do que por ser mulher. SF2: E eu ainda acho que brasileiro tem a memória muito curta. SM2: Mas vocês estão falando em termos gerais? SF1: É, em termos gerais. SM2: Porque no nível local, o governo e a política são diferentes Entrevistadora: Aqui? Aqui na nossa região, por que SM2? SM2: Porque eu acho que é, se não tiver valor não ganha a eleição. Igual qualquer nível, qualquer nível. Agora o que elas tão falando aí, deve ser outra política que elas tão vendo, porque a minha que eu</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informação • Avaliação • Avaliação • Avaliação e Informação • Informação • Informação • Informação • Avaliação • Avaliação • Interação • Informação • Informação • Avaliação • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Informar-se • Avaliar • Validar • Validar, Avaliar e Exemplificar • Informar • Confirmar • Confirmar • Justificar • Avaliar • Validar • Complementar • Informar-se • Confirmar • Avaliar • Tomar posição e Invalidar
---	---	--

<p>vejo local é assim. SF1: Mas aí vamos pegar o presidente. SM1: Mas o presidente é uma coisa mais universal maior, não é uma coisa local. Entrevistadora: Espera aí, o que você tá dizendo é que aqui tem pouca avaliação da plataforma política e mais preocupação com o favorecimento? SM2: É! Entrevistadora: E aí não depende de ser uma mulher? SM2: É, porque aí eles não tão interessados com quem vai entrar. SF1: É a mesma coisa que os vereadores que tem aqui e ficam arrumando aposentadoria para os aposentados. Tipo a... (<i>cita o nome de uma então vereadora da cidade</i>), não é? SM1: Isso. SF1: Então. É uma troca de favores, ela tá lá, candidata, ela é vereadora, mas..(<i>Foi interrompida por SM2</i>). SM2: Só que ela falou, mas tem que ter o dinheiro para comprar os votos. Ela pode não fazer diretamente, mas alguém faz por ela. Não sei quem faz. Aí circulou a Maria da Penha, não sei se vocês viram, foi um caso que circulou por aí, que aconteceu e que tá crescendo pro interesse da mulher, mas eu vi ai numa edição a entrevista dela, essa semana agora, recebendo uma indenização de 60.000 reais e ela não ficou satisfeita, pela entrevista dela, porque ela perdeu muita coisa. Aquele 60.000 reais não serve. Eu via, eu sentia a maneira que ela pegou o cheque lá, sorriu, mas no pronunciamento dela você vê que ela não tá satisfeita ainda. Entrevistadora: O que ela queria, na sua opinião? SM2: Eu acho que foi muito pouco pelo que aconteceu, entendeu? O sofrimento dela, o que ela deixou de, sei lá, de conseguir, não vai conseguir, entendeu? Valeu a pena mas... SF2: Só ta sendo reconhecida agora, ela tá ali sendo exposta na mídia, então... SM2: Foi um fato isolado, vamos pegar, que tá melhorando, é um fato isolado, mas deu oportunidade das pessoas ficarem mais esclarecidas, correr atrás Entrevistadora: O que vocês pensam dessa lei “Maria da Penha”. Muita gente diz que ela tem uma coisa meio pejorativa. O que que vocês acham? SM2: É, para o convívio das pessoas eu acho que melhorou bastante, eu acho que a pessoa hoje não faz as coisas por impulso, já pensa antes nas conseqüências, existe a lei. SF2: Eu acho que é no fato positivo e não no negativo, até eu, às vezes, até eu brinco: “olha, eu te ponho na Maria da Penha” (<i>risos</i>), e meu marido não tem nada a ver, mas a gente brinca. SM1: Eu acho que ela tinha que ter menos sentido de força e mais caráter educativo, e não no sentido de força discriminatória. Entrevistadora: É, vocês percebem isso ou não? É uma lei, de fato, com efeitos preventivos? SF2: Não, preventivos não. SM2: Eu acho. Em casa a pessoa já pensa, se eu fizer isso eu vou</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Acional • Avaliar • Informação • Avaliação • Avaliação e Informação • Informação • Avaliação • Interação, Avaliação e Informação • Avaliação • Interação • Interação • Avaliação • Avaliação e Informação • Avaliação • Avaliação • Interação 	<ul style="list-style-type: none"> • Propor • Justificar • Confirmar • Validar • Validar e Exemplificar • Confirmar • Validar • Complementar, Avaliar e Exemplificar • Avaliar • Contestar • Contestar e Complementar • Avaliar • Avaliar e Exemplificar • Tomar posição • Avaliar • Contestar
---	--	--

<p>ser punido.</p> <p>SM3: A pessoa fica menos ofensiva.</p> <p>SF1: A pessoa pensa duas vezes antes de fazer</p> <p>SM2: Eu acho muito interessante, porque parece que tá mudando a cultura, eu não posso fazer com a mulher então eu vou fazer com o homem ou com o filho.</p> <p>SF1: Nem com o homem nem com o filho, não pode!</p> <p>SM2: Então, mas peraí, não pode, mas eles tão partindo para esse lado aí, vocês tão prestando atenção, morrendo muita criança. Eles não tão nem aí com o que vai acontecer.</p> <p>SF1: Ah, tá. Entendi.</p> <p>SF2 (Referindo-se à fala de SM2): Ele tá falando da violência, da violência entendeu?</p> <p>SM2: Só influenciando na vida do casal, essas coisas.</p> <p>SF2: São muitos assassinatos que tão ocorrendo com as crianças.</p> <p>SM2: Uai, depois daquela já apareceu um punhado.</p> <p>SF1: Nossa, teve uma mulher aqui que jogou o bebê.</p> <p>SM2: Aí, tô falando. Por isso aí, ó.</p> <p>Entrevistadora: Um bebê de meses, né?.</p> <p>SF2: Tá acontecendo alguma coisa na sociedade, que ela tá se afogando, a gente percebe.</p> <p>SM2: Pois é, não é culpa dessa criança, eu não tinha pensado por esse lado, mas veio o assunto, o cara pensa, se eu fizer com ela (<i>a mulher</i>) vai acontecer isso, então faz com outro.</p> <p>SF2: Tem que ter uma intervenção social!</p> <p>Entrevistadora: Você tá dizendo que a violência, ela continua existindo, se tem muito holofote sobre a mulher, eu faço com o filho. É isso que cê quer dizer?</p> <p>SM2: É, só apareceu, só clareou isso aqui porque eu comecei a focalizar isso aí.</p> <p>Entrevistadora: Então, no seu raciocínio, a lei acaba não atingindo o efeito social, por exemplo, da reeducação?</p> <p>SM2: Eu acho que não.</p> <p>Entrevistadora: O que vocês acham?</p> <p>SF1: Eu concordo!</p> <p><i>(Os outros apenas balançam a cabeça, em sinal também de concordância)</i></p> <p>Entrevistadora: Mais alguma coisa que vocês queiram dizer?</p> <p><i>(Ninguém se manifesta)</i></p> <p>Entrevistadora : Ok gente. Então, muito obrigada pela participação de vocês. Foi ótimo!</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Interação e Informação • Interação • Informação • Avaliação • Informação • Informação • Informação • Avaliação • Avaliação e Interação • Avaliação • Acional • Avaliação • Avaliação • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Validar • Validar • Avaliar • Invalidar • Contestar e Exemplifica • Reconhecer • Confirmar • Validar • Informar • Confirmar • Confirmar • Justificar • Avaliar e Acentuar • Tomar posição e Validar • Propor • Justificar • Tomar posição • Validar
--	---	--

4.1.1.2 Discussão da Análise dos Atos da Fala do GF1

Para a visualização da dinâmica das interlocuções do ponto de vista da frequência com que os atos da fala se distribuem nas esferas e categorias de classificação, será apresentada a tabela abaixo, para posterior análise.

Tabela 4. Frequência das interlocuções do GF1 de acordo com as esferas e categorias em que se localizam

ESFERAS (Tt de ocorrências)	CATEGORIAS	FREQÜÊNCIA
AVALIAÇÃO (Tt = 139)	Validar	63
	Avaliar	53
	Tomar posição	20
	Criticar	03
	Invalidar	03
	Dar um aviso	01
INFORMAÇÃO (Tt = 65)	Exemplificar	26
	Confirmar	20
	Informar	02
INTERAÇÃO (Tt = 59)	Complementar	32
	Contestar	25
	Justificar	07
	Desmentir	01
	Desaprovar	01
	Acentuar	01
	Reconhecer	01
ACIONAL (Tt = 24)	Incitar	21
	Propor	02
	Desafiar	01
	Exortar	01

Com relação às interlocuções deste grupo, pode-se notar que a esfera dos atos da fala mais utilizada nas trocas verbais foi a esfera da *Avaliação*. A maioria das falas dessa esfera foi distribuída nas categorias *Validar* e *Avaliar*, com pouca diferença de frequência entre elas.

Em seguida, ocorrem em maior número as falas localizadas na esfera da *Informação*, com pequena diferença de frequência entre as categorias *Exemplificar*, *Confirmar* e *Informar*. A utilização da esfera da *Interação* aparece quase tanto quanto a da *Informação*, e dentro dela as interlocuções se mantiveram principalmente nas categorias *Complementar* e *Contestar*.

As trocas verbais na esfera *Acional* apareceram em número bem menor e a absoluta maioria delas dentro da categoria *Incitar*.

Tomando tão somente estes dados de frequência dos atos da fala, podemos dizer que eles sugerem a presença de um tom de consenso nas interlocuções. Embora tenha havido trocas verbais sustentadas pela contestação, elas aparecem numa frequência bastante inferior à das trocas consensuais. Vejamos, por exemplo: as categorias que expressaram embate entre os interlocutores foram *Criticar*, *Invalidar*, *Contestar*, *Desmentir*, *Desaprovar* e *Desafiar*. Somadas as interlocuções dentro dessas categorias, a frequência total é de 34 ocorrências.

Já as trocas verbais que mantiveram tom de consenso e complementaridade, expressas nesse grupo pela manifestação de falas dentro das categorias *Validar*, *Confirmar*, *Complementar* e *Reconhecer* somaram, no total, 112 ocorrências.

Poderíamos conjecturar que se trata de um assunto pouco polêmico, ou que suscita opiniões comuns entre os interlocutores, mas a polêmica apareceu. Por isso a importância de não se deter apenas no aspecto quantitativo da dinâmica dos atos da fala, mas principalmente nos seus significados. Observando essa questão, percebeu-se que apesar de ter havido contestações, o grande motivo do embate, especialmente entre SF2 e SM2, foi um quesito relativamente pouco significativo: os participantes discordaram demoradamente sobre quanto tempo seria necessário para uma mudança nas condições de igualdade entre homens e mulheres, como se vê no trecho seguinte:

SF2: Eu acho que mais pra frente, essa igualdade vai chegar, porque como já tá sendo trabalhado nas escolas, eu vejo, e agora mesmo foi implantado pelo MEC, obrigatório essas matérias como Filosofia, que fazem a pessoa refletir melhor, aprofunda mais os conhecimentos..

SM2 (*Interrompendo*): Mais pra frente, cê acha qual tempo que é?

SF1: Uns dez anos

(...)

SM2:Não.

(...)

SF2: Eu acho que não chega a tudo isso, não!

SF1: Não, eu também acho que não.

SM2: Eu ouço isso, já tem, ó (*faz gesto de passagem de tempo, com o estalo dos dedos*). E olha que eu tenho 57 anos.

SF2:Ah, não, mas mudou muita coisa, antigamente a mulher não saía de casa.

SM2:Mas ficou pior.

SF2:Era totalmente submissa.

SM2:Quando era liberado tinha mais candidatas a mulher, foi só colocar 37, você tem que pegar a laço. Você é presidente de partido você sabe que é? (*referindo-se e dirigindo-se a SM1*) É ou não é? (*SM1 concorda com a cabeça*).

Perceba-se que naqueles tópicos de discussão que poderiam suscitar maiores divergências, tais como a finalidade e o funcionamento do sistema de quotas, ou mesmo as diferenças de atuação política entre homens e mulheres, quase todo o grupo opinou na mesma direção, concordando que as quotas são ineficazes e reforçam a discriminação e a diferença entre homens e mulheres, que reside principalmente no fato de que a mulher é mais idealista em sua atuação.

A voz dissonante foi a de SM1, que interpôs exemplos do quadro político nacional e local para mostrar que as mulheres também são corruptas e que essa é uma questão de cultura e não de atributos pessoais. Quando SM1 ilustra sua fala com exemplos, ele é contestado por SM2 que insiste na idéia de que a responsabilidade pela corrupção é do “*sistema*”, como se este fosse uma entidade esvaziada de pessoas. Nesse sentido, SM2, apoiado por SF1, defende que a mulher se corrompe por causa do partido e é excluída se demonstrar integridade moral. Vejamos a seguinte interlocução:

SM1: Agora eu tô lembrando duma coisa que ele falou, que partes eu concordo, eu concordo em partes. Ele falou que a mulher é mais sensível e tal, mas não sei se ela é tão sensível em relação à não corrupção. Veja bem, por exemplo, existe uma frase muito interessante “Para se conhecer uma pessoa, dê poder a ela”. É, ou não é? A Roseana Sarney começou como candidata disparada para a presidência, inúmeras

corrupções mostradas e ela retirou a candidatura. A Yeda Crusius, lá do PSDB no Rio Grande do Sul, era um dos governos mais corruptos. Então eu não sei bem se a atuação que a mulher tem, se ela não vai ser corrupta. Tem casos de corrupção feminina, que é uma porcentagem pequena, mas ela pode ser suscetível à corrupção também com prova concreta disso.

SM2: Mas é as pessoas que é corrupta ou é o partido? O Lula é corrupto ou é o PT que é corrupto?

SM1: Eu tô citando a mulher, tô citando a mulher.

SM2: Mas é a influência do partido!

SM1: Não, não, não!

(...).

SM1: Por exemplo, a Roseana Sarney, a corrupção foi dela que pegou o dinheiro, junto com o marido dela. A Yeda Crusius, a corrupção também foi dela. Eu não tô falando da questão partidária, eu não sei se essa questão de corrupção, se assim que a mulher dominar, se essa corrupção vai ser diminuída, eu não posso arriscar a falar isso para você. E tem caso de corrupção sim, e são poucas que participam do poder, da mulher é pouca a representação, então a corrupção eu acho que não é só da mulher, é generalizada de uma cultura nossa, que o Brasil é um dos países em 14º lugar de corrupção (*foi interrompido por SF1*).

SF1: Às vezes é tão cultural, por isso que certas mulheres vão e depois desistem, como é o caso da Roseana.

SM2: É isso aí que tô falando, ela entrou num meio...

SF1: Ela tem que participar ou vazar.

SM2: Aí quem é íntegro não serve.

Em outros momentos do encontro, SM2, apoiado por outros participantes, insiste na idéia de que a mulher não adota algumas práticas corruptas como o homem e as falas dos interlocutores remetem a uma “cultura masculina corrupta”, como se verá logo a seguir. Junto com essa idéia, os participantes também reforçam a crença na sujeição ao sistema, mais forte do que o indivíduo que, não podendo mudá-lo, fica de fora. É interessante notar que a noção de cultura, ou de sistema, aparece na forma de instituições distantes do nível pessoal, contra as quais o indivíduo não pode lutar, restando-lhe a conformação ou a exclusão. Note-se que a crença na força do sistema é tão grande que, num determinado momento, a fala de SM2 menciona o fato de que uma mulher candidata não teria “*coragem*” de se corromper, praticando, por exemplo, a compra de votos. Essa coragem feminina que aparece na fala de SM2 pode estar ligada tanto ao idealismo da mulher, considerado por ele como um atributo típico, quanto às condições de sujeição mais comuns ao universo feminino. Tanto que no momento seguinte, minutos depois, ele assume que

mudar o funcionamento do sistema é difícil, reconhecendo o poder de jugo dessa engrenagem social, como se pode ver nas interlocuções recortadas e apresentadas abaixo:

SM2: Deixa eu só fazer uma pergunta: eleição para vereador, vamos tirar por base aqui em Ituiutaba, você acha que uma candidata mulher, mesmo que tenha, vamos supor que tenha 200.000 reais para gastar na política, você acha que ela vai sair falando, vou te dar 50 para você votar em mim, vou te dar 50, você acha que a mulher tem condições, tem coragem de fazer isso?

Entrevistadora: Você acha que não?

SM2: Não, mulher não tem não! Agora, o homem...

SF1: Candidata faz benfeitoria para a pessoa, vamos supor...

SM2 (Interrompendo): Agora o homem não, qualquer pé-rapado vai lá, candidata e aí sai comprando os votos e ganha eleição.

SF2: Então. A cultura masculina é corrupta.

Entrevistadora: É?

SF2: Totalmente, né?

SM2: É isso que eu coloquei.

Entrevistadora: Mas vamos pegar

(SM3 começa a falar, percebe que falou simultaneamente à Entrevistadora e se cala)

Entrevistadora: Pode falar.

SM3: Não, queria dizer o seguinte: a mulher sai porque ela não consegue entrar naquilo lá, ela não tá levando vantagem nenhuma com isso, se ela levar vantagem ela vai ficar.

SF3: Eu acho que não. Tanto o homem quanto a mulher, se der brecha.

SM2: Não querendo generalizar, mas o sistema existe e derrubar esse sistema é difícil.

Vejamos como SM2 é corroborado pelas participantes femininas: SF1 começa a mencionar uma suposta vantagem na prática de campanha feminina, anunciando que “*candidata faz benfeitoria para pessoa*”. Por sua vez, SF2 aponta a existência de uma cultura masculina corrupta. Essa idéia parece ser compartilhada por SF3, pois quando SM3 aventa a possibilidade de que também haja candidatas corruptas, a participante retoma a noção de corrupção como um instituto, desrevestindo a mulher de culpa por essa prática. Alinhando as falas desses participantes, é possível perceber que a opressão do sistema é justificativa para a mulher corrupta, mas não para o homem. Ao que nos parece, essas falas ressoam a crença de que o “sistema” (político, nesse caso) é construído por homens e a mulher apenas se sujeita a ele, por isso sua desculpabilização.

Na mesma direção da maior incorruptibilidade feminina, outras diferenças entre homens e mulheres são apontadas pelos sujeitos. A mulher é caracterizada como idealista e

ética, como alguém que se preocupa com a personalidade e que não se mistura com os “políticos”. Por seu turno, o homem é aquele que faz qualquer negócio em nome do poder, como se vê a seguir:

SM2: E outra coisa, o homem chegou no poder, ele quer continuar a qualquer custo, ele faz qualquer negócio. E a mulher não, trabalha já por ideal.

Entrevistadora: Tem uma diferença, então? A gente poderia dizer, vocês acham assim? Que tipo de diferença, ideológica, ética...

SM2: Ética! Ética!

SF2: Eu acho, sim. Ela é mais idealista.

SM2: Mais idealista.

SF1: Às vezes até é cultural, né?

SM2: Ela se preocupa muito com a personalidade, pra não misturar, porque aonde tá os políticos de hoje, a fama?

Além destas, outras opiniões dos sujeitos sobre o modo feminino de atuar retomam concepções naturalizadas, como a da fragilidade feminina e a da desunião da mulher como “classe”. Ao mencionar o assunto do afastamento da ministra Marina Silva, SM1 diz que ela não recebeu apoio de outras mulheres no episódio do embate com os produtores rurais, o que a levou a pedir demissão. Ele recebe o apoio de SF1 e SF2 e completa dizendo que talvez, se fosse um homem no lugar dela, teria “*suportado mais*”

Em outros momentos das trocas verbais, logo no início do encontro, SF1, SF2 e SF3 colocam que há uma diferença no acesso ao poder por parte de homens e mulheres, e entendem que o homem está “*à frente do profissionalismo no país*” (SF3) e que tem “*preferência popular*” (SF1). Portanto, apesar de ostentar qualidades como idealismo, ética e fragilidade, estes atributos parecem não ser suficientes para levar a mulher a cargos de maior envergadura, como a presidência da república, por exemplo. Quando colocada a questão da sucessão presidencial e quando perguntados sobre a possibilidade de uma candidatura feminina, os participantes não crêem que uma candidata possa se eleger, exatamente por ser mulher. Isso é dito textualmente por SM2, além de SF1 e SF2, que alegam preconceito por parte da própria mulher. Vejamos:

Entrevistadora: E a Dilma, a Dilma Rousseff não é uma opção? Ela está sendo preparada para ser a sucessora, o que vocês acham dela?

SM2: Ela vai ter uns contra e não vai conseguir.

Entrevistadora: Mas por ser mulher ou independente disso?

SM2: Por ser mulher.

SF2: Eu acho que ainda existe um preconceito muito grande da própria mulher, um medo, sabe?

Entrevistadora: Medo de que?

SF1: Medo de colocar uma própria mulher.

SF3: Medo de colocar a própria mulher, dela não ter preparação.

SF2: É o preconceito da própria mulher porque a cultura, como ele falou (*se referindo a SM2*), não vai mais 50 anos, eu não acredito nisso, mas a cultura de gente da nossa idade ainda tá nessa etapa. Entendeu? Daqui a mais um tempo talvez ela conseguisse.

Interessante articular a questão do medo citado por SF1 e SF2 com a discussão desenvolvida no grupo sobre as quotas para a candidatura feminina. Como ação afirmativa, as quotas pretendem ser uma estratégia de inserção compulsória da mulher no meio político, uma forma de torná-la mais participativa, ainda que isso não signifique incremento em seu potencial de eleição, como já discutido em momentos anteriores desse texto. No trecho acima, SF1 e SF2 dizem que existe, entre as próprias mulheres, medo de uma candidata despreparada. No entanto, em outros momentos da interlocução, os participantes negam a necessidade de quotas alegando tratar-se de política discriminatória. Ao que nos parece, se as mulheres não elegem uma outra por julgá-la despreparada, seria indispensável para sua “*preparação*” que ela pelo menos tivesse mais acesso à participação no meio político, como é a proposta da política de quotas. Isto é, se essa ação afirmativa presta-se a aumentar a participação feminina, parece contraditório que as mulheres presentes no grupo, e que apontam o medo do despreparo das candidatas como critério de sua inelegibilidade, entendam as quotas como desnecessárias.

Um outro modo de interpretar esse posicionamento do grupo nos leva a hipotetizar que, ainda que isso não esteja explicitamente presente na fala dos participantes, para eles o medo de uma mulher despreparada pode significar a não identificação do universo da política como sendo um lugar para mulheres e, por essa razão, as quotas talvez sejam

mesmo desnecessárias, tendo em vista que a mulher não conseguirá se preparar para ocupar um espaço identificado com qualidades masculinas.

Ademais, também é possível perceber no discurso que toma as ações afirmativas como políticas discriminatórias a aparente superficialidade com que a questão é tratada, até mesmo nos meios acadêmicos, já que se trata de universitários. De certa forma, nota-se certo desconhecimento dos sujeitos sobre o assunto, quando dizem:

SM3: Nós estamos num país democrático, né? Devia ser igual.

SF2: (*Sem ouvir o que SM3 disse*) Por quê existe um sistema, uma quota menor para mulher do que pro homem? Começa por aí, né?

(...)

Entrevistadora: Então, mas vocês acham que o sistema de quotas foi criado por quê? Qual foi a função desse sistema de eleger, então, uma reserva pra mulher?

SF2: De início, acho que pra reparar injustiça. Tanto quanto aquele negócio do sistema de quotas para o negro na universidade. Mas eu sou totalmente contra. Eu acho que isso aí, é, tira a vaga de muita gente. E outra, o sistema que eles usam pra selecionar o negro.

SM2: É uma característica já de domínio, mesmo. Se colocar igualdade, o grupo de mulheres vão crescer muito.

Entrevistadora: Se aumentar a quota?

SM2: Se aumentar a quota. Se equiparar, eu acho que vai aumentar muito, então eles não têm esse interesse. Acho que é mais ou menos por aí.

SM3: Mas eu acho que de acordo com o que for abrindo espaço pra mulher eles aumentam as quotas.

SF1: Ou pelo menos não ter quota, né?

Mencionamos o aparente desconhecimento sobre o assunto, visto que quando insistem em classificar a política de quotas como exercício de domínio, os participantes, com exceção de SM1, parecem entender que as quotas representam uma limitação quanto ao número possível de candidatas, como se percebe nas falas acima. Ao que nos parece, antes de conhecer o assunto mais verticalmente interessou aos sujeitos apresentar uma resposta à questão colocada pela pesquisadora e, para isso, recorreram ao repertório discursivo já presente no imaginário social, que costuma condenar a política de quotas, seja ela praticada em qualquer âmbito.

Apenas SM1, talvez por sua função como presidente de partido, não corroborou o entendimento dos demais sobre a política de quotas, mas também não se manifestou no

sentido de desautorizar as falas dos colegas. Chegou a dizer, numa de suas primeiras participações no grupo, que a mulher deveria se organizar politicamente para ampliar suas conquistas e assim entender que só ocupará alguns espaços com a participação na política. Para ele, deve haver um trabalho partidário de conscientização, que estimule o interesse feminino. Entendemos que ele fala, mais particularmente, da população local, mas em alguns momentos acusa a falta de apoio mútuo das mulheres em nível nacional, como no episódio da ministra, que já citamos acima. Sua fala parece mais engajada e até panfletária em algumas situações.

Na sua opinião, o PT está “*fabricando*” a atual ministra Dilma Rousseff para a candidatura à sucessão e, para que ela seja indicada, faltaria apenas que ela acreditasse em si mesma, assim como as demais mulheres. Ele diz:

SM1: Então, essa questão aí eu acho que já tá evoluindo, tá cessando. Vamos citar, por exemplo, a Marta Suplicy, já foi várias vezes e pode ganhar novamente em São Paulo. Mas ela é diferente das outras? Eu acho que não, é uma busca interior dela mesma, ela acredita nela, falta a mulher acreditar nela. A Dilma se ela acreditar nela, ela tem tudo para sair lá dentro, porque o PT tá fabricando ela, ela já tá sendo colocada para isso, e ela tem mostrado competência, porque esse PAC, que é a estrutura, que precisa para um país se desenvolver, é da cabeça dela. (...) hoje o PT tem duas mulheres, tem a Marta e tem a Dilma e uma das duas vai ser candidata, porque na Argentina teve candidata. Eu acho que isso ainda vai crescer, esse preconceito já era.

A necessidade de que a mulher creia em suas próprias capacidades também aparece na fala das mulheres do grupo, como SF2, por exemplo. Diante da pergunta “*o que falta à mulher pra conseguir enfrentar os problemas?*”, SF2 respondeu que é preciso “*conscientizar as próprias mulheres, as próprias pessoas que ela é capaz, não só por ela ser mulher, entendeu?*”. Na nossa interpretação, a fala de SF2 sobre a conscientização da capacidade feminina parece soar como uma necessidade de que a mulher, em primeiro lugar, convença a si mesma de sua capacidade, para, então, poder convencer o outro, já que ela mesma, e as pessoas à sua volta, não crêem de antemão nessa capacidade.

No entanto, para que a mulher - e mais especificamente na hipótese de uma candidata à presidência - esteja capacitada, os participantes ressaltam a necessidade de que ela se alie aos que já desfrutem do poder e mantenha o “*pulso*” para se sustentar na posição. Em outras palavras, parece que mais uma vez os sujeitos evocam a necessidade de conformação feminina ao sistema de poder regido pelos homens, entendendo que a participação política da mulher existe em função de uma concessão masculina, mantida sob a condição de que a mulher se adapte ao esquema. Vejamos o excerto:

Entrevistadora: Mas o que estaria faltando, por exemplo, para a candidata Dilma, para a gente pensar: “não sei se ela vai dar conta de enfrentar tudo isso”. O que que falta nessa candidata mulher para nos fazer ter essa dúvida?

SF1: Primeiro, o apoio.

SM3: Falta ela se aliar ao grupo que tá lá.

SM2: Se ela chegar lá ela dá conta. Com o apoio da população entendeu? Ela dá conta.

SM3: E se ela se aliar também aos outros lá.

SF1: Acho que primeiro apoio e depois pulso para conseguir ficar lá, porque se ela tiver o apoio certamente ela vai conseguir passar por isso.

SM3: E como ela vai conseguir esse apoio? Se aliando.

Percebe-se, novamente, que o jugo masculino é idéia recorrente entre os participantes, pois a mulher, mesmo conscientizada de sua capacidade, só se sustenta no poder se aliando aos homens. O poderio masculino parece ser tão amplo que antes, quando SF2, por exemplo, era mais jovem, o pai orientava os votos da família, visto que a política, ou o exercício do voto, não era assunto de discussão no território doméstico; era assunto de obediência, ou como SF2 disse, “era uma ordem” que o pai dava.

Hoje ainda, segundo os participantes, a posição do homem funciona como impeditivo para candidaturas femininas quando se trata de uma unidade conjugal. Nesse caso, como alerta SM1, o marido acaba decidindo se a esposa “pode” ou não lançar-se como candidata. Ele diz:

SM1: Dentro da própria casa, há 10 anos atrás se falasse assim: eu sou seu marido e vou ser candidato. Às vezes você, homem, não encontrava resistência. Agora, se falasse: eu sou sua mulher e vou candidatar: “Você tá doida?”

SF2: É, existia isso.

SF1: Mas isso ainda existe.

Entrevistadora: Existe o que?

SF1: Existe, esse preconceito, essa resistência ainda existe sim, dentro de casa ainda existe hoje.

SF2: (*Dirige-se pra SM1*) Você tem mais facilidade de saber do que nós, né?
(*Risos*)

SM1: É, porque eu pego o telefone para ligar para determinada candidata, o marido dela (*Ele faz sinal com os dedos, indicando a ação de uma tesoura. Risos*). Então, existe isso sim. (*Risos*)

Dentro da família, de acordo com o que trazem os participantes, quando se trata da expansão do terreno doméstico para o âmbito público, mesmo que se esteja falando dos caminhos trilhados pela mulher, a decisão final quanto à apresentação ou não de uma candidatura é do homem, como aponta SM1 no trecho acima.

Sobre SM1, é importante destacar que boa parte de suas falas localizou-se na esfera da *Informação*, nas categorias *Informar* ou *Exemplificar*, em virtude do movimento que o grupo fez em torno da função partidária deste sujeito. Percebemos que o próprio grupo o investiu de autoridade sobre o assunto e ele assumiu esse investimento, utilizando-se de ilustrações do quadro político local e nacional e falando sempre a partir de sua localização no universo da experiência.

Para finalizar, assinalamos nossa percepção de que, para esse grupo, a mulher parece vitimizada e entendida como alguém que se mantém sob o domínio masculino, sem muitas possibilidades de ação que não sejam a conscientização de um potencial que nem ela acredita ter, ou a aliança com os “poderosos”.

4.1.2. Grupo Focal 2

Nesse tópico serão apresentados os resultados das interlocuções desenvolvidas no Grupo Focal 2, realizado com alunos do curso de Psicologia, para posterior análise.

Tabela 5: Interloquções do GF2 e análise dos atos da fala

Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
<p>Entrevistadora: Bom, gente, obrigada por terem aceito o convite. Como eu já expliquei, a gente vai conversar um pouco sobre a participação da mulher no cenário político e eu queria começar perguntando, por exemplo, o que que vocês pensam do sistema de quotas, que garante uma porcentagem, né, cada partido deve reservar uma porcentagem dos seus...do total dos seus candidatos, para ser preenchido por mulheres. O que que vocês pensam disso? É eficaz do ponto de vista da, da compensação, do equilíbrio...</p> <p>SM1: Olha, eu acho que ainda...</p> <p>SM2 (Interrompendo): Preconceito, preconceito.</p> <p>SF1: Ah, não sei...</p> <p>SF2 (Interrompendo): Eu acho que não teria que ser necessário isso, mas se não tivesse quotas, né, se não tivesse quotas, eu acho também que eles não colocam mulheres, muitas vezes, não sei de todos. Mas assim, às vezes a quota faz entrar pessoas despreparadas na política, mulheres despreparadas. Mas sem a quota... fica mais difícil.</p> <p>SM2: Mas eu acredito que é preconceito, do mesmo jeito que existe a quota pra negros na universidade, por quê? Não deveria ser isso, deveria ser por competência. Você tem competência pra entrar, você está lá, não existe se é 10%, 1%, não existe. Por que pra negros? Eles são diferentes? Né? Então, quer dizer, nesse momento eles já estão restringindo uma quota...então quer dizer, “você pode entrar, mas ó, o seu espaço tá até limitado...”</p> <p>SM1: Indiretamente tá fortalecendo essa cultura aí, esse...</p> <p>SM2: Reforçando.</p> <p>SM1: Reforçando.</p> <p>SM2: Como se fosse um reforço pra questão do machismo, do preconceito, então eu acho que acaba se resumindo nisso. Porque, independente se tivesse... se existisse um partido, independente se tem 10 mulheres, 11 homens, ou meio a meio, ou 10 mulheres e 1 homem, independente. Aí sim, aí a coisa estaria liberada, não existia diferença. Acho que deveria ter o direito de falar sobre essa questão da moral, preconceito, mas como existe a quota...</p> <p>Entrevistadora: Quando a gente observa as campanhas, das mulheres, vocês acham que tem uma, tem alguma qualidade que a mulher usa como chamariz político, alguma qualidade que ela diz: “Ah, votem em mim porque eu sou assim ou assado”.Tem alguma especificidade na proposta política da mulher, no jeito de atuar, vocês acham que tem?</p> <p>SM1: Que difere ela do masculino?</p> <p>Entrevistadora: Isso.</p> <p>SM1: Não, eu não...percebi isso ainda... Então eu acredito que não há essa.. .</p> <p>SF2 (Interrompendo): Eu acho que pode ter uma coisa meio</p>	<p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação • Avaliação <p>• Interação, Avaliação e Informação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Interação • Avaliação • Avaliação e Informação <ul style="list-style-type: none"> • Informação • Avaliação • Avaliação 	<p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliar • Avaliar • Avaliar <p>• Contestar, Avaliar e Exemplificar</p> <ul style="list-style-type: none"> • Validar • Complementar • Validar • Validar, Avaliar e Exemplificar <ul style="list-style-type: none"> • Informar-se • Avaliar • Avaliar

<p>relacionada mais à questão de colocar o lado mãe, aquele lado protetor, coisa que a mulher pode levar isso em frente... É claro que eu não conheço todas que participam da política, mas eu acho que muitas vão usando termos que é bem pra esse lado protetor da mulher, esse lado também que é muito valorizado.</p> <p>SF3: Eu já acho que na campanha elas usam mais, tipo assim, votem na força da mulher, na força da mulher, acho que eles usam mais o lado tipo, batalhador da mulher, que consegue administrar três papéis...Eu acho que elas usam mais a força da mulher.</p> <p>SM2: Eu acho que...</p> <p>SM1 (Interrompendo): Eu recebi na campanha uma mala direta, de uma candidata feminina, inclusive. E eu percebi que uma palavra que ela ta falando lá, tem a ver com essa força. Eu percebi isso. Parece, mas não sei se poderia estar fortalecendo, aí, assim, essa imagem.</p> <p>SF1: Eu acho que é algo bem assim mesmo.</p> <p>SM1: Essa entrada aí da mulher na política, a palavra “educadora”, por exemplo. Elas falam bastante.</p> <p>SF2: É, professora, educadora</p> <p>SM1: Lembra bastante esse papel que...</p> <p>SF1 (Interrompendo): Eu acho que talvez seria até de forma bem indireta isso.</p> <p>SF2: Isso.</p> <p>SF1: Né? Eu acho que é até, às vezes, é usado sem perceber, porque já é a tradição a mulher professora, educadora.</p> <p>SM2: Mas eu acho que não, não é só a mulher porque hoje basicamente os candidatos voltam pro lado social. A fala deles é única, você pode prestar atenção que é única. É educação e saúde.</p> <p>SF3: E esporte (<i>risos</i>).</p> <p>SM2: E esporte... É essa fala que então você não vê nada diferente. Então assim, pode ser a forma dela se expressar, mas o conteúdo mesmo, eu acho que acaba sendo comum.</p> <p>Entrevistadora: Você acha que elas propõem as mesmas coisas que todos?</p> <p>SM2: As mesmas coisas.</p> <p>Entrevistadora: E indiretamente? Será que tem a valorização de algumas coisas ou qualidades que são historicamente ligadas à mulher.</p> <p>SM2: Isso é, isso é.</p> <p>Entrevistadora: Por exemplo, a mulher trabalhadora, a mulher mãe, a mulher batalhadora. Vocês acham que isso funciona? Isso eleger?</p> <p>(<i>Silêncio. Eles baixam a cabeça, pensando</i>)</p> <p>SF2: Não sei. (<i>diz baixo e rindo</i>)</p> <p>SF1: Bom...</p> <p>SM1: Eu acho que...</p> <p>SM2 (Interrompendo): Olha, todas poderiam fortalecer essa questão também, como já foi falado, acaba sendo, digamos assim, eu vou pegar essa parte aqui do preconceito, pra poder buscar o restante da mulherada que tá batalhando com a questão,né? Porque do mesmo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação e Avaliação - • Informação e Avaliação • Avaliação • Avaliação • Interação • Interação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Interação • Interação • Avaliação • Avaliação • Interação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação - - • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Contestar e Avaliar - • Exemplificar e Avaliar • Validar • Avaliar • Complementar • Complementar • Avaliar • Validar • Avaliar • Contestar • Complementar • Validar e Avaliar • Avaliar • Avaliar • Avaliar • Avaliar • Avaliar - - • Avaliar
--	--	---

<p>jeito que existem muitas mulheres que estão como juízas, estão despontando na igualdade com o homem, mas a maioria ainda não. A massa ainda é aquela mulher que trabalha, e quer ter filho, aquela coisa toda, né? Então, assim, eu acho que acaba sendo uma fala pra poder buscar essas que estão despontando aí pra conquistar o espaço.</p> <p>SF3: Só que talvez não tenha tanto efeito, né? Porque se a gente for pensar, na câmara municipal hoje só tem o quê? Uma mulher, né?</p> <p>SM2: É, é.</p> <p>SF3: Uma mulher em quantos?</p> <p>Entrevistadora: Dez.</p> <p>SF3: Dez...muito pouco. Então esse apelo não tem tanto efeito.</p> <p>Entrevistadora: Vocês acham que o fato de ter poucas mulheres eleitas mostra que não tem efeito a apelação a essa questão da mulher batalhadora?</p> <p>SM1: Ah, não tem, não. Eu não acho, não.</p> <p>SF2: Eu acho que seria mais interessante mostrar um trabalho já feito do que apelar. Assim como eu creio que pros homens também seria melhor mostrar o trabalho, é isso que elas têm que fazer. São poucas e nem todas estão preparadas.</p> <p>SM1: Hoje tá de uma forma geral, tá elegendo aquele candidato que tá justamente mostrando coisas feitas, coisas que o povo tá esperando, que o povo tá aguardando. Se você entrar ali no currículo lá e tiver vazio, você não vai conseguir pessoas aí pra te eleger, não. Então não adianta, eu acho, você ficar falando, tentar fortalecer a cultura feminina: “ah, educadora, não sei mais o quê”. Se o povo tá esperando algo pra ser feito, para realmente mexer, apesar que política tem a questão das promessas aí, que as pessoas, todo mundo promete e depois aquilo ali fica “a Deus dará”. Mas eu percebo que esses candidatos eleitos, que foram eleitos na última eleição, a maioria dos que ganharam, eles mostraram projetos que já realizaram em campanhas passadas, que participaram ativamente com outros candidatos vereadores, que já não são mais. Entendeu? Assumiram então aquele cargo que era de outro e assim eles vão entrando, de uma forma ou de outra vão entrando na carreira política até se candidatar. Uns entram direto a prefeito, outros já vão entrando indiretamente.</p> <p>Entrevistadora: E se a gente tivesse uma candidata à presidência do país? Igual a Dilma, no caso, parece que ela está sendo cogitada para a sucessão...</p> <p>SM2: Então, eu já acho que é mais questão de cultura. É, no caso, igual aqui que é um cidade interiorana, é, se for comparar aqui com a questão de São Paulo. Lá é uma cidade maior, então assim, a mentalidade das pessoas parece que estão mais desenvolvidas, estão mais abertas. A Marta, a Marta mesmo, ela vai muito pra questão do sexo, ela vai... digamos assim, ela apóia a parada gay, ela...Sabe? Então ela tem maior abertura pra esse tipo de coisa. Então quer dizer que ela vai de acordo com a cultura da cidade, do espaço lá. Aqui, sei lá, sei lá, às vezes Gurinhatã, Capinópolis, essas cidades um pouco mais interioranas eu acho que ainda mais ainda existe</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação • Informação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação e Informação • Interação, Avaliação e Informação 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar • Validar • Informar-se • Avaliar • Avaliar • Avaliar • Avaliar e Exemplificar • Contestar, Avaliar e Exemplificar
---	--	---

<p>essa questão do machismo e do preconceito, entendeu? Então, é digamos, lá pra ela de lá de São Paulo ou pra Dilma que já tá mais na frente, pra ela conseguir uma candidatura, ou talvez até conseguir se eleger, talvez seja muito mais fácil do que aqui talvez aparecer uma candidata pra assumir uma prefeitura.</p> <p>SF2: Eu acho que é mais difícil pra mulher conquistar esse eleitorado nosso, quer dizer, assim...</p> <p>Entrevistadora: Interiorano, como vocês disseram?</p> <p>SF2: ...Interiorano, não que seja mais preconceituoso, mas que está, às vezes, com uma cultura ainda mais...</p> <p>SM2: É, arraigada ainda, a questão do machismo ainda é forte. Porque é um absurdo, você tem isso o tempo todo, né? A questão do preconceito, você tá indo pra uma universidade, você pensa que as pessoas têm a mente aberta, tão preparadas, você chega aqui...eu choquei com isso, entendeu? (<i>Risos</i>). Só porque você mora aqui você é obrigado a fazer agronomia, você tem que beber, você tem... uai, peraí (<i>risos</i>). Então eu acho que existe muito isso, né? Quanto mais interiorano é, mais ainda tá arraigada ainda nas pessoas, ainda.</p> <p>SF3: Mas eu vejo, por exemplo, a candidatura do McCain lá nos Estados Unidos. Ele usou a vice dele pra conseguir o voto feminino. Ele literalmente verbalizou isso. Ele falou que é pra conseguir maior, pra atingir o maior...</p> <p>SM1: Número de pessoas.</p> <p>SF3: Número de pessoas, das mais variadas faixas etárias.</p> <p>SM2: Pois é, mas o que você vê lá no país de primeiro mundo, o que que eles usaram também? A questão do preconceito. O primeiro candidato negro do país. Então, né? Então quer dizer, que não tá muito diferente a questão do país de primeiro mundo pra nós aqui, né? Então, assim, acaba usando isso também. Que lá também o negro não tem vez lá, não. Ou tem dinheiro, ou...</p> <p>Entrevistadora: Então, parece que aí na eleição americana a gente teve uma briga, né? Uma batalha de dois grandes estereótipos: um, eu acho que o de gênero, que era a Hillary, e o outro, o estereótipo étnico, que é o Barack. Vocês acham que teve algum medo do partido indicar a Hillary e ela perder por ser mulher, o que é que vocês acham? Ou não teve isso?</p> <p>(<i>Silêncio. Ficam pensativos</i>)</p> <p>SM2: Ah, eu acho que é a classe, questão de classe mesmo, ver se pode mudar alguma coisa. No caso lá tem muito negro lá. Então eu acredito que a classe, de repente, tá fazendo força e empenhando pra ver se vai acontecer alguma mudança, pra ver se vai mudar a questão do comportamento. Eu não sei como que funciona essa questão de quotas, eu não sei. Mas eu acho que no deles é na força, né? Do mesmo jeito que a parada gay começou em São Paulo. Hoje já tem em Uberlândia, parece que já teve, ou ia ter, eu não sei, né? Então assim, eu acho que a questão, a questão é de massa, da massa empurrando isso pra frente pra ver se realmente vai chegar ao ponto de não ter diferença, se você é gay, se você é negro, se você é mulher candidata, né? Então assim, acho que a questão é as pessoas terem uma aceitação com tudo isso. Que seja com o gênero</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação • Interação, Avaliação e Informação • Informação • Interação • Interação • Interação e Avaliação • Avaliação e Informação • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Validar • Avaliar • Complementar, Avaliar e Exemplificar • Exemplificar • Complementar • Complementar • Complementar e Avaliar • Avaliar e Exemplificar • Avaliar e Tomar posição
--	---	---

<p>feminino, com o “gênero étnico”. Entendeu, a cabeça das pessoas...Vão abrindo a cabeça pra esse tipo de coisa.</p> <p>SM1: Eu também acho que não houve medo nessa questão, não. Agora, eu acho que uma coisa que eles deveriam deixar de dar ênfase, porque acaba reforçando indiretamente, é essa questão étnica aí, racial: “primeiro candidato negro”. Pra quê? Não cita. Não precisa ficar citando isso. É o negro, primeiro isso, primeiro aquilo, uai.</p> <p>SM2 (Interrompendo): Na fórmula ...</p> <p>SM1: Vai fortalecendo de uma forma ou de outra porque...</p> <p>SM2 (Interrompendo): Na fórmula 1, aquele cara lá não parece nem, você olha, ele nem parece ser negro, mas eles acabam colocando: o negro, o negro lá na fórmula 1.</p> <p>SM1: Não, vai fortalecendo. Isso aí, quanto mais fica falando, mais vai fortalecer, porque vai aparecer uma hora, uma pessoa. Que nem o Martin Luther King, lá, né?</p> <p>Entrevistadora: E por que vocês acham que ninguém fala, por exemplo, “é o quinquagésimo candidato branco”? Por quê? (<i>Todos riem</i>)</p> <p>SM1: Ué, é claro. Vai aparecer, né? É uma pessoa também, como as outras, é só olhar e já sabe que é negro.</p> <p>SM2: A não ser os que são deficientes visuais, mas fora eles, todo mundo tá vendo, né? Então não precisa de estar reforçando...É como se fosse um reforço mesmo..</p> <p>SM1: Reforça, sim.</p> <p>SM2: Aquele cara da F1, se você talvez não prestar atenção, você nem vê, nem percebe isso. Passa batido. Mas não, eles acabam querendo frisar bem isso. Então, no caso eu acho que seria a mesma coisa na política, né? Igual, aqui, como a gente tem uma vereadora, talvez pra entrar mais, aí pode querer começar a usar isso também como argumento pras próximas eleições. Então eu acho que acaba reforçando.</p> <p>Entrevistadora: Vocês se lembram de ter votado em uma mulher nas últimas eleições? Alguém já votou, já deu algum voto em candidata?</p> <p>SM1: Não.</p> <p>SM2: Não.</p> <p>SM1: Mas se eu não tivesse já um candidato nas últimas eleições, assim da família, eu teria uma candidata feminina.</p> <p>Entrevistadora: Pra vereadora?</p> <p>SM1: Vereadora.</p> <p>SF3: Eu também.</p> <p>Entrevistadora: E vocês acham que a mulher imprime alguma marca dela, feminina, no jeito de atuar na política?</p> <p>SM2: Ah, eu acho que volta nessa coisa da educadora, da mulher preocupada com o próximo, uma coisa meio mãe, meio professora.</p> <p>SF1: É, porque essa também é uma imagem que a mulher vende na hora de candidatar, né?</p> <p>SF3: Mas eu não sei se a mulher age assim, não...</p> <p>SM1: Eu acho que mulher tem uma coisa maior de sensibilidade,</p>	<p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação e Informação <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Informação e Avaliação <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Informação • Informação • Avaliação <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Informação • Informação <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Interação • Avaliação <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação 	<p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliar • Avaliar e Exemplificar <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Validar <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliar <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Validar <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Validar <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exemplificar e Avaliar <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Informar • Informar • Avaliar <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Informar • Informar <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliar <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Validar • Contestar • Avaliar <p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliar
--	---	--

<p>sim, mas não são todas. Algumas...</p> <p>SM2 (<i>Interrompendo</i>): Algumas são bem sacaninhas, também passam a mão!</p> <p>SM1: É, mas eu acho ainda que a maioria é mais diferente do homem, mais correta, talvez. Parece que fica assim, acho que querendo dar o exemplo, assim, igual mãe mesmo, conservar essa imagem.</p> <p>SM2: Só que a política é corrupta, né? A gente não pode esquecer isso. É corrupta pra todo mundo, tem hora. Tem hora que eu acho que não salva ninguém.</p> <p>SF1: É, acaba que a mulher às vezes tem que, tipo assim, tem que entrar no esquema, senão...</p> <p>Entrevistadora: E vocês acham que a mulher faz isso a contragosto?</p> <p>SM1: Ah...</p> <p>SM2: É... Bom, não dá pra generalizar, né? Mas o homem parece que já tá mais acostumado a meter a mão, porque usa o poder tem muito mais tempo, já tá lá, já sabe como é que funciona, já tem aliança, já tem canais, já tem tudo, esquema completo. E não quer mudar, ninguém cobra, ninguém faz nada, todo mundo pensa que roubar é normal, político é ladrão mesmo, todo mundo aceita.</p> <p>Entrevistadora: Muito bom, gente. Mais alguma coisa que vocês queiram falar? Então, agradeço muito a participação de vocês, viu? Valeu mesmo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Interação • Avaliação <li style="text-align: center;">- • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar • Contestar • Validar <li style="text-align: center;">- • Avaliar
---	---	---

4.1.2.2 Discussão da Análise dos Atos da Fala do GF2

Para a visualização da dinâmica das interlocuções do ponto de vista da frequência com que os atos da fala se distribuem nas esferas e categorias de classificação, será apresentada a tabela abaixo, para posterior análise.

Tabela 6. Frequência das interlocuções do GF2 de acordo com as esferas e categorias em que se localizam

ESFERAS (Tt de ocorrências)	CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
AVALIAÇÃO (Tt =48)	Avaliar	38
	Validar	12
	Tomar posição	02
INFORMAÇÃO (Tt = 17)	Exemplificar	10
	Informar	06
	Confirmar	01
INTERAÇÃO (Tt = 14)	Complementar	08
	Contestar	06

Ao que se pode notar, diferentemente da dinâmica do GF1, as interlocuções nesse grupo foram menos volumosas e seu conteúdo distribuiu-se em um número também menor de esferas e categorias. Falas enquadradas na esfera *Acional*, por exemplo, não tiveram frequência. Mais uma vez, observa-se o predomínio de trocas verbais enquadradas na esfera da *Avaliação*, num total de 48 ocorrências, sugerindo que as discussões focaram a emissão de julgamentos de valor, como é característico das trocas verbais localizadas nessa esfera. Aqui, no entanto, a categoria mais frequente foi *Avaliar* e não *Validar*, como no grupo anterior, embora esta última ocupe o segundo lugar em termos de frequência de aparecimento.

Depois da esfera de *Avaliação*, foi *Informação* a esfera mais frequente, com 17 ocorrências. Nessa esfera, a categoria que mais aparece é *Exemplificar*, seguida da categoria *Informar*. Também diferentemente do grupo anterior, em que a categoria *Confirmar* teve muitas manifestações, nesse grupo apenas uma fala foi enquadrada nessa categoria.

A esfera da *Interação* também teve baixa frequência. Apenas 14 falas se enquadraram nessa esfera, sendo destas 08 falas pertencentes à categoria *Complementar* e 06 falas pertencentes à categoria *Contestar*.

Observando esse quadro, e pensando no acentuado predomínio de manifestações verbais enquadradas na esfera da *Avaliação*, pode-se inferir que a dinâmica do GF2 voltou-se para a emissão de juízos de valor a respeito da temática apresentada, complementando a emissão com exemplos, como se percebe pela frequência de falas na categoria *Exemplificar*.

O tom de consenso aparece também nesse grupo e nota-se um claro domínio das manifestações masculinas, tanto em termos de frequência quanto com relação ao tom valorativo das trocas verbais. Apesar de estarem em menor número, SM1 e SM2 centralizaram as discussões e se expressaram mais longamente. Em alguns momentos, pôde-se perceber que só os dois participantes se manifestavam, enquanto as mulheres pareciam assistir. Não houve contestações insistentes nem significativas e as interlocuções não se mostraram muito fluidas. Tanto que o encontro teve pequena duração (foi o mais curto de todos os grupos) e produziu poucas trocas verbais no total.

Certamente foi uma experiência de muito curta duração para que possamos fazer qualquer análise mais aprofundada da questão, mas ainda assim chamou-nos a atenção o fato de que exatamente no grupo de estudantes de um curso que é tradicionalmente marcado pela majoritária presença feminina, tenham sido os homens a canalizar as discussões.

Nas falas dos participantes percebe-se conteúdo similar ao que foi manifesto no grupo anterior. Não de forma tão explícita quanto no GF1, mas também no GF2 nota-se a tendência de tomar a política como uma entidade abstrata, ou um sistema, como dito no grupo anterior. Em algumas ocasiões, os participantes usam o termo “*eles*” para se referirem aos que mandam na organização política, corroborando a idéia de um sistema manipulado por homens. Vejamos:

SF2 (*Interrompendo*): Eu acho que não teria que ser necessário isso, mas se não tivesse quotas, né, se não tivesse quotas, eu acho também que **eles** (*grifo nosso*) não colocam mulheres, muitas vezes, não sei de todos.

(...)

SM2: (...) Então, quer dizer, nesse momento **eles** (*grifo nosso*) já estão restringindo uma quota.

Com relação ao tema das quotas, ao que parece, o grupo também mostrou um desconhecimento sobre o funcionamento desta ação afirmativa, demonstrando que entende as quotas como limitadoras da participação das mulheres, como se a existência de quotas significasse um número máximo de candidaturas femininas possíveis. Além disso, as quotas aparecem, na fala dos participantes, como política discriminatória, que serve para distinguir os que não têm competência de entrar pelos próprios méritos. Eles dizem:

SF2 (*Interrompendo*): Eu acho que não teria que ser necessário isso, mas se não tivesse quotas, né, se não tivesse quotas, eu acho também que eles não colocam mulheres, muitas vezes, não sei de todos. Mas assim, às vezes a quota faz entrar pessoas despreparadas na política, mulheres despreparadas. Mas sem a quota... fica mais difícil.

SM2: Mas eu acredito que é preconceito, do mesmo jeito que existe a quota pra negros na universidade, por quê? Não deveria ser isso, deveria ser por competência. Você tem competência pra entrar, você está lá, não existe se é 10%, 1%, não existe. Por que pra negros? Eles são diferentes? (...) então quer dizer, “você pode entrar, mas ó, o seu espaço tá até limitado...”

SM1: Indiretamente tá fortalecendo essa cultura aí, esse...

SM2: Reforçando.

SM1: Reforçando.

SM2: Como se fosse um reforço pra questão do machismo, do preconceito, então eu acho que acaba se resumindo nisso. Porque, independente se tivesse... se existisse um partido, independente se tem 10 mulheres, 11 homens, ou meio a meio, ou 10 mulheres e 1 homem, independente. Aí sim, aí a coisa estaria liberada, não existia diferença. Acho que deveria ter o direito de falar sobre essa questão da moral, preconceito, mas como existe a quota...

É interessante notar também que quando se toca na questão das quotas, tanto nesse grupo quanto no anterior, percebe-se uma equivalência da condição feminina com a condição do negro, também considerado excluído. Em ambos os casos, os sujeitos se posicionam contra esse tipo de ação afirmativa, entendendo que essas minorias teriam condições de se impor por sua competência, não necessitando de regulamentações legais

que as privilegiem. Nesse sentido, os sujeitos acreditam que quanto mais visibilidade for dada à diferença, menos ela será superada e mais reforçada será a discriminação, tanto para as mulheres, quanto para negros e homossexuais, como se vê na fala de SM2 e SM1:

SM1: (...) Agora, eu acho que uma coisa que eles deveriam deixar de dar ênfase, porque acaba reforçando indiretamente, é essa questão étnica aí, racial: “primeiro candidato negro”. Pra quê? Não cita. Não precisa ficar citando isso. É o negro, primeiro isso, primeiro aquilo, uai.

(...)

SM2 (*Interrompendo*): Na fórmula 1, aquele cara lá não parece nem, você olha, ele nem parece ser negro, mas eles acabam colocando: o negro, o negro lá na fórmula 1.

SM1: Não, vai fortalecendo. Isso aí, quanto mais fica falando, mais vai fortalecer, porque vai aparecer uma hora, uma pessoa. Que nem o Martin Luther King, lá, né?

(...)

SM2: Aquele cara da F1, se você talvez não prestar atenção, você nem vê, nem percebe isso. Passa batido. Mas não, eles acabam querendo frisar bem isso. Então, no caso eu acho que seria a mesma coisa na política, né? Igual, aqui, como a gente tem uma vereadora, talvez pra entrar mais, aí pode querer começar a usar isso também como argumento pras próximas eleições. Então eu acho que acaba reforçando.

Para os sujeitos, portanto, expor a questão da diferença significa corroborá-la e não colocá-la sob reflexão, daí a interpretação que eles têm quanto à política de quotas. Em outras palavras, significa que promover a possibilidade de participação feminina na política por meio das quotas é o equivalente, para a mulher, a receber um atestado de incompetência, ao invés de funcionar como uma tentativa de inclusão. O que nos parece nessas falas, é que é imperceptível aos sujeitos a questão da desigualdade do acesso feminino ao meio político, como se a mulher não participasse apenas porque não quer. Assim como o negro, a mulher aparece nas falas como alguém competente, que não necessitaria desse tipo de interferência normativa.

Outro ponto de similaridade entre GF1 e GF2 diz respeito à existência de diferenças entre homens e mulheres no campo político. Quando levantada essa questão, os participantes do GF2 mencionaram não só a diferença na atuação política, mas também a diferença na condução da campanha. Segundo eles, a mulher desenvolve sua campanha usando alguns aspectos de suas características: a maternidade, a força tipicamente

feminina, que torna a mulher capaz de acumular funções e desempenhar mais de um papel social e a tradição profissional que associa a mulher ao magistério. Isto é, a mulher usualmente se apresenta como mãe, capaz de proteger a população; ou como super-mulher, apta a assumir várias funções diferentes; ou ainda como educadora, professora, vinculada a uma área profissional marcada como feminina. Assim como no GF1, as características descritas aparecem coladas à figura da mulher, assinalando a tendência à naturalização destes atributos. Vejamos a seguinte interlocução:

Entrevistadora: Quando a gente observa as campanhas, das mulheres, vocês acham que tem uma, tem alguma qualidade que a mulher usa como chamariz político (...)?

SF2: Eu acho que pode ter uma coisa meio relacionada mais à questão de colocar o lado mãe, aquele lado protetor, coisa que a mulher pode levar isso em frente. (...) Muitas vão usando termos que é bem pra esse lado protetor da mulher, esse lado também que é muito valorizado.

(...)

SF3: Eu já acho que na campanha elas usam mais, tipo assim, votem na força da mulher, na força da mulher, acho que eles usam mais o lado tipo, batalhador da mulher, que consegue administrar três papéis...Eu acho que elas usam mais a força da mulher.

(...)

SM1 (Interrompendo): Eu recebi na campanha uma mala direta, de uma candidata feminina, inclusive. E eu percebi que uma palavra que ela tava falando lá, tem a ver com essa força.

(...) **SF1:** Eu acho que é algo bem assim mesmo.

SM1: Essa entrada aí da mulher na política, a palavra “educadora”, por exemplo. Elas falam bastante.

SF2: É, professora, educadora

(...)

SF1: Né? Eu acho que é até, às vezes, é usado sem perceber, porque já é a tradição a mulher professora, educadora.

Não só na campanha estas características femininas são assinaladas, mas na própria atuação os interlocutores apontam que a mulher resgata o papel da mãe e da educadora e que esse seria um dos diferenciais femininos de exercício político, juntamente com a maior sensibilidade. Para SM1, a mulher é mais correta que o homem, no intuito de “*dar o exemplo, assim, igual mãe mesmo*”, ele diz. Os demais discordam e defendem que a política é corrupta e que seus representantes, homens ou mulheres, também são. “*Não salva ninguém*”, diz SM2. SF1 completa, dizendo que a mulher “tem que entrar no

esquema, senão...”. Nesse momento, mais uma vez parece clara a vitimização da mulher ou a necessidade de sua sujeição ao sistema político manipulado pelos homens. Para SM2, a corrupção é uma prática mais costumeiramente ligada ao homem, pois ele “*usa o poder tem muito mais tempo e não quer mudar*”, restando à mulher, então, como alienígena nesse sistema, adaptar-se.

Apesar, porém, de apontar características positivas no estilo de atuação feminina, os participantes crêem que o fator preponderante para a elegibilidade não é a presença destas características e sim a competência, demonstrada pelos trabalhos já realizados, especialmente dentro do meio político.

O que se percebe é que as características que os participantes definiram como tipicamente femininas parecem não servir para eleger as candidatas, cabendo a elas destacar sua competência como os homens fazem, para, assim, atestar que estão “*bem preparadas*” e assegurar sua capacidade para assumir uma função política. Vejamos:

SF2: Eu acho que seria mais interessante mostrar um trabalho já feito do que apelar. Assim como eu creio que pros homens também seria melhor mostrar o trabalho, é isso que elas têm que fazer. São poucas e nem todas estão preparadas.

SM1: Hoje tá de uma forma geral, tá elegendo aquele candidato que tá justamente mostrando coisas feitas, coisas que o povo tá esperando, que o povo tá aguardando. Se você entrar ali no currículo lá e tiver vazio, você não vai conseguir pessoas aí pra te eleger, não. Então não adianta, eu acho, você ficar falando, tentar fortalecer a cultura feminina: “ah, educadora, não sei mais o quê”. Se o povo tá esperando algo pra ser feito, para realmente mexer, apesar que política tem a questão das promessas aí, que as pessoas, todo mundo promete e depois aquilo ali fica “a Deus dará”.

Além de ter a necessidade de comprovar sua competência para se eleger, os interlocutores entendem que a mulher também passa por uma maior dificuldade de ingressar nas funções políticas em função da questão cultural, como apontam SM2 e SF2. Para esses participantes, as cidades interioranas são mais machistas e por isso haveria mais dificuldade em eleger uma mulher. Essa concepção é apoiada por SF2 que acha difícil que a mulher conquiste o eleitorado do interior.

Na fala de SM2, nota-se que ele faz uma distinção entre as mentalidades de quem mora no interior e de quem habita os maiores centros. Estes últimos teriam “*mais abertura*” para as candidaturas femininas, especialmente a cargos como a presidência, pois sua mentalidade é mais desenvolvida que a dos interioranos. Para ilustrar sua colocação, SM2 cita duas cidades da região, que ele considera machistas e preconceituosas. No entanto, as duas cidades citadas foram as únicas da região a eleger prefeitas, dado que passou despercebido em suas colocações.

De modo geral, embora tenha havido uma grande discrepância entre GF1 e GF2 com relação à quantidade de interlocuções, é possível sublinhar uma grande similaridade nas esferas e categorias em que os atos da fala foram classificados, bem como no conteúdo das manifestações verbais.

O conteúdo parece demonstrar até aqui que na opinião dos participantes há dificuldade por parte das mulheres em se mostrarem aptas a ocupar um território com o qual não estão direta e comumente associadas. A submissão feminina ao sistema e a utilização dos atributos considerados tipicamente femininos, como a maternidade e a sensibilidade, não são considerados suficientes para garantir a eleição, mas foram objeto de destaque nas interlocuções, corroborando as manifestações registradas no grupo anterior.

Na seqüência, apresentaremos e discutiremos os resultados do GF3, formado por estudantes do curso de licenciatura em Educação Física.

4.1.3. Grupo Focal 3

Nesse tópico serão apresentados os resultados das interlocuções desenvolvidas no Grupo Focal 3, realizado com alunos do curso de Educação Física, para posterior análise.

Tabela 7: Interlocuções do GF3 e análise dos atos da fala

Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
<p>Entrevistadora: Bom, gente, então vamos começar? Primeiro, obrigada por vocês terem vindo, né? Pela disponibilidade de vocês estarem aqui. A idéia é a gente fazer um bate-papo sobre a questão feminina na política. E aí eu queria começar perguntando pra vocês, o que que vocês acham da participação da mulher na política? (<i>Silêncio. Os sujeitos ficam pensativos</i>)</p> <p>SF1: Olha...</p> <p>SM1: Muito importante. É, eu acho que marca uma certa...igualdade, né. Pra mim, tá, as mulheres vão votar, vão exercer a sua função, né, eu acho que representa...</p> <p>SF2 (Interrompendo): Cidadania.</p> <p>SM1: É, a sua cidadania de uma maneira mais completa, assim..... Porque hoje em dia não, a gente vê essa atuação mais nítida, né. Eu acho que é interessantíssimo.</p> <p>SM2: É. (<i>Silêncio novamente</i>)</p> <p>SM3: Sem dúvida, a mulher já vem ganhando o seu prestígio no mercado em todos os setores e a mulher na política já ganhou o seu espaço.</p> <p>Entrevistadora: Vocês acham, vocês concordam?</p> <p>SF2: <i>Balança a cabeça discordando, mas não fala.</i></p> <p>SM3: Eu acho. (<i>Silêncio novamente</i>)</p> <p>Entrevistadora: E as mulheres presentes, o que é que acham? Uma de vocês balançou a cabeça...</p> <p>SF2: Eu não acho, não. Eu acho que...</p> <p>SF3: Eu acho que...</p> <p>SF2: A mulher continua sendo discriminada.</p> <p>SF3: É, tem muito preconceito ainda com relação à mulher na política. Tá indo, mas tá devagarinho.</p> <p>Entrevistadora: Que tipo de preconceito?</p> <p>SF3: Ah, eu acho que é, como se fosse da força mesmo, da mulher. Preconceito de que a mulher não tem a capacidade, que ela tem de batalhar pra conseguir estar ingressando aí na política.</p> <p>SM2: Geralmente quando você vê o político, ele sempre soa: “oh, aquele homem”. Você nunca teve mulher participando daquela rotina, então já fica mais difícil, sabe? Ela simplesmente entrar e participar. Ah, o que vai ser falado, tem sempre uma conversa assim, que a mulher não sabe mexer com negócio de política, que a mulher isso, que política é pra homem...</p> <p>Entrevistadora: E vocês acham que o assunto “política” ainda é considerado um assunto pouco feminino?</p> <p>SM2: Geralmente quando se trata da política em si, quem tá conversando sobre política, geralmente eles não querem saber a opinião da mulher. O que eles acham é que: “Bom, o que os homens</p>	<p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Interação • Interação e Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Interação - • Avaliação • Interação • Avaliação • Avaliação e Informação • Avaliação e Informação 	<p>-</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliar • Complementar • Complementar e Avaliar • Validar • Validar • Invalidar • Validar • Contestar - • Avaliar • Complementar • Avaliar • Avaliar e Exemplificar • Avaliar e Exemplificar

<p>problema...</p> <p>SM1: Uma coisa que acontece em casa que é interessante. Eu trabalho dois períodos, minha mãe trabalha dois, eu faço faculdade no terceiro, ela trabalha dois e trabalha no Conservatório à noite também, e ainda canta no final de semana. Então na verdade são quatro (<i>turnos de trabalho</i>) e a casa ainda fica meio pra ela, sabe?</p> <p>Entrevistadora: É assim?</p> <p>SM1: É. Ela é muito assim. Além de fazer tudo, a casa ainda é dela. Então, é assim... A vida de vocês é mais dura. Eu agradeço a Deus de ter nascido homem.</p> <p>Todos: Risos.</p> <p>SM1: Agradeço mesmo! Demais da conta, Nossa Senhora.</p> <p>Entrevistadora: O que que vocês acharam dessa última campanha pras eleições municipais? A gente viu muito panfleto de mulher, né? Qual foi a percepção geral de vocês com relação a como as mulheres se apresentaram?</p> <p>(<i>Silêncio. Os sujeitos ficam pensativos durante um curto tempo</i>)</p> <p>SF3: Deu um aumento, né, em relação à política passada. Realmente o número de mulheres aumentou nesse, nessa campanha agora...</p> <p>Entrevistadora: Tem alguma característica comum que vocês perceberam na campanha das mulheres em geral? Algum tipo de apelo feminino...</p> <p>SM1: Eu acho que tinha a ver com mulher, né, ela tá na política, ela tá defendendo a classe.</p> <p>Entrevistadora: Você diz que ela se dirige às outras mulheres?</p> <p>SM1: Eu acredito que sim. Quando você tá falando isso, eu tô lembrando, tentando puxar pela memória e eu lembro disso assim. A mulher faz campanha pra mulher.</p> <p>SF3: É, pra outra mulher.</p> <p>SM1: Eu acredito muito nisso.</p> <p>SM2: Tem uma coisa assim, que aconteceu com o prefeito que saiu, só que algumas das mulheres ainda pegam muita coisa assim, na hora de votar, olham pras obras, né? O prefeito fez muita coisa debaixo da terra, ninguém vê. Então você olha por cima, não tem muita coisa visível. Eu sei o que foi feito. Mas pra muita gente, se não vê o que foi feito, não serve. E na campanha da candidata daqui (<i>refere-se à candidata à prefeita pelo Partido Verde</i>), ela tava falando de coisas do ambiente, de propostas ecológicas, muita coisa também que as pessoas não vão ver e aí, ninguém pôs fé. Na campanha dela aparece algumas coisas que a gente não tá acostumado a ver e aí fala que isso não serve pra minha cidade...</p> <p>Entrevistadora: Você acha que a campanha dela, ou outras campanhas femininas causaram alguma estranheza pelo tipo de proposta?</p> <p>SM2: É, é diferente, fica diferente, assim... é um impacto diferente das brigas que você costuma ver, então aquele tá falando mal do outro, tá falando mal do outro, mas ela não entrou no fala mal direto. Mas também não fez o que eles fizeram, ela não fez um programa de governo. Ficou naquela: “eu não tenho um prédio</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação e Informação • Avaliação • Informação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Interação • Avaliação • Avaliação e Informação • Avaliação e Informação 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar e Exemplificar • Avaliar e Tomar posição • Confirmar • Avaliar • Avaliar • Avaliar • Complementar • Validar • Avaliar e Exemplificar • Validar, Avaliar e Exemplificar
--	--	---

<p>ganha sempre. Então, então eu acho que a mulher em alguns setores, elas estão bem estruturadas, já.</p> <p>SF4: Então, também tem a M. C., prefeita de Gurinhatã, ali, ó, da primeira vez concorreu com um candidato e ganhou, fez um bom trabalho, tanto é que agora na última eleição ela não teve concorrente</p> <p>Entrevistadora: Não teve, né?</p> <p>SF4: Não teve. E ela continua fazendo o que? Ela continua fazendo o mesmo trabalho que ela tava fazendo. Então quer dizer, quando realmente a pessoa quer, ela consegue. Ela já passou por muita coisa, já criticaram ela, já malharam em muita coisa, né, mas mesmo assim ela vai indo. Quem sabe chega mais longe?</p> <p>Entrevistadora: Hum, hum. É isso aí. Então, gente, mais alguma coisa que vocês queiram falar? Bom, então muito obrigada pela participação, pela disponibilidade em terem saído da aula.</p> <p>SM1: Ah, que isso. Foi tão ruim matar aula!</p> <p>Todos: Risos</p> <p>Entrevistadora: Sei! Obrigada, então, gente.</p>	<p>Informação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Informação e Avaliação • Informação e Avaliação 	<p>Exemplificar</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exemplificar e Avaliar • Confirmar, Exemplificar e Avaliar
---	--	---

4.1.3.3 Discussão da Análise dos Atos da Fala do GF3

Para a visualização da dinâmica das interlocuções do ponto de vista da frequência com que os atos da fala se distribuem nas esferas e categorias de classificação, será apresentada a tabela abaixo, para posterior análise.

Tabela 8. Frequência das interlocuções do GF3 de acordo com as esferas e categorias em que se localizam

ESFERAS (Tt de ocorrências)	CATEGORIAS	FREQÜÊNCIA
AVALIAÇÃO (Tt =70)	Avaliar	45
	Validar	29
	Tomar posição	04
	Invalidar	01
INFORMAÇÃO (Tt = 21)	Exemplificar	20
	Confirmar	02
	Informar	01
INTERAÇÃO (Tt = 18)	Complementar	11
	Contestar	05
	Atenuar	02

Assim como nos demais grupos até aqui, predominaram no GF3 as interlocuções enquadradas na esfera da *Avaliação*, com larga vantagem sobre as demais esferas em termos de frequência de manifestações verbais, totalizando 69 ocorrências. Dentro desta esfera, destacam-se as falas localizadas na categoria *Avaliar*, disparadamente a mais frequente entre os interlocutores. Nesse grupo, proporcionalmente aos demais até agora, as falas de tom contestatório foram ainda menos utilizadas, totalizando apenas 06 ocorrências, somadas as categorias de esferas diferentes como *Invalidar* (esfera da *Avaliação*) e *Contestar* (esfera da *Interação*). Por outro lado, as falas de tom conciliador foram bastante frequentes, totalizando 42 manifestações, considerando tanto aquelas ocorridas na categoria *Validar* (esfera da *Avaliação*), quanto aquelas ocorridas na categoria *Complementar* (esfera da *Interação*) e *Confirmar* (esfera da *Informação*).

É importante registrar também que apesar de as participantes femininas estarem em maior número, como no caso do GF2, a frequência de manifestações verbais das mulheres foi baixa. As mais frequentes nas interlocuções foram SF3 e SF4, com destaque para esta última, cujas manifestações verbais foram mais frequentes e mais longas. As demais mulheres, SF1 e SF2, limitaram-se a algumas poucas manifestações, participando das trocas, no mais das vezes, apenas com o olhar ou com o meneio de cabeça para concordar ou discordar, e, ainda assim, com baixa frequência.

Também nesse grupo, assim como no anterior, não só a frequência das interlocuções foi dominada pelos participantes masculinos, mas a condução do conteúdo ficou por conta deles, principalmente. Em alguns momentos, SF4 discorria mais longamente sobre algum assunto, ou apresentava exemplos, mas sua participação, bem como a das demais, não chegava a alterar a direção das interlocuções, nem introduzia alguma outra temática ou perspectiva diferente daquelas trazidas pelos sujeitos masculinos.

Um dos principais momentos de contestação feminina se deu logo no início das interlocuções, quando foi colocada a pergunta introdutória sobre como eles viam a participação feminina na política. Os homens mencionaram a conquista de espaços em todos os setores, incluindo a política. As mulheres mantiveram-se em silêncio, mas quando provocadas pela pesquisadora, esboçaram reação de discordância, como SF2, por exemplo, que disse que a mulher continua sendo discriminada. Logo a seguir, SF3 concorda e diz que o preconceito existe e que as mudanças acontecem, mas vêm “*devagarinho*”. Na seqüência, SM2 prossegue na mesma tônica, assumindo que o preconceito contra a participação da mulher na política está presente e a contestação entre os interlocutores praticamente se encerra aí. Quanto a SF2, ela só vai falar novamente muito tempo depois, apenas complementando outras falas.

Do mesmo modo que assinalamos antes com relação a esta questão, também ocorrida no GF2, trata-se um encontro de curta duração, insuficiente para conjecturas mais consistentes, mas mesmo nesse caso, algumas perguntas ficam ressoando, incômodas: as mulheres de GF2 e GF3 sentiram-se inaptas a participar mais significativamente em função do tema escolhido? Ou, simplesmente por concordarem com a tônica do discurso masculino não sentiram necessidade de se expressar? Ou, ainda, poderíamos pensar que se trata de um dado que corrobora os resultados obtidos em trabalho anterior (Fávero e Abrão, 2005), realizado com adolescentes, onde se notou que as verbalizações femininas diminuem à medida que as meninas ficam mais velhas.

De toda maneira, entendemos que seriam necessárias outras oportunidades de encontro para que pudéssemos, efetivamente, apurar essas questões com mais verticalidade

Outros significados, no entanto, aparecem mais notadamente, permitindo a análise que vimos desenvolvendo até agora. É o caso da opinião dos participantes sobre a política de quotas. Como nos outros grupos, permanece a idéia de um sistema político feito e

manipulado por homens e as quotas como uma estratégia de discriminação, como um privilégio desnecessário, conforme ilustrado pela fala de SM1:

SM1: Pois é, mas eu acho esse plano de quotas, sei lá meio discriminativo, assim. Né? Tipo o PROUNI, que é um lance dos crioulos, do negão ganhar aquela fatia ali. Eu acho que a coisa tinha que ser meio que normal pra todo mundo: “ó, tá ali, quem conseguir...” Sabe, quem tiver qualidade pra ir lá e fazer, vai ganhar, vai ter a possibilidade, eu acho que tinha que ser mais ou menos assim.

Também novamente percebemos que a temática ligada às quotas remete às condições de exclusão vividas por outras minorias, como os negros, sempre citados nos grupos. É interessante que o discurso contra as quotas faz referência à competência destes grupos, como se o acesso a alguns espaços sociais fosse apenas uma questão de capacidade ou de esforço pessoal, que isentam as políticas públicas e as outras instâncias de distribuição de poder de qualquer responsabilidade pela não participação dos excluídos. Tanto que SM3, ao mesmo tempo em que defende a quota como ação importante para estimular a participação da mulher, aponta o fato de que mesmo sem a quota, a mulher já ganhou um espaço grande, até na política, porque se esforçou para isso. Ele diz:

Entrevistadora: Sim, você diz que é interessante (*as quotas*) como estímulo, é isso?
SM3: É, pra ter um estímulo, mas mesmo com essa quota eu acho que a mulher hoje já ganhou um espaço muito grande em cima da política, né? E em cima de outras coisas também. Tá indo bem, vai dela mesmo querer fazer e correr atrás. Ela consegue, com mais dificuldade, mas ela consegue.

Outro sujeito masculino, SM2, entende que a mulher pode se sentir desestimulada a participar da política porque não é “*bem-vinda*” e porque não é de interesse “*deles*” estimularem as mulheres, nem informá-las a respeito das quotas. Essa retenção de informação por parte dos homens é ainda mais prejudicial às mulheres não instruídas, que desconhecem essa ação afirmativa, segundo o sujeito. Já para SM1, a mulher não conhece sobre as quotas nem participa significativamente da política, porque não é de seu perfil interessar-se por esse tipo de assunto, embora, como ele assinala ao final da fala, esse perfila venha mudando. Vejamos sua fala:

SM1: É, eu acho que isso não foi colocado ainda dessa maneira, né? A mulher é a mãe da família, é aquela mulher que vai tá procriando e tal, ela não vai ter o estilo de política, ela não vai deixar a casa dela pra, pra de repente mexer com, com política. Porque isso não é habitual, mas a coisa tá mudando. Eu acho que o perfil da mulher hoje em dia tem mudado, não só na política. Ele tem mudado. É, eu acho que vai ocorrer algumas pessoas que, que são a favor, né, e pessoas que são contra também a isso: “Ah, essa mudança vai acarretar isso”. Mas eu acho que ninguém sabe até mudar. E a mudança vem pra, eu acredito que pra melhor, assim. A gente vai ter que se adaptar. Eu acredito que os homens daqui pra frente, com as mudanças que vêm acontecendo, esse lance da mulher ser dona de casa, ficar cuidando do marido, da casa, esse lance não vai ser o mesmo, não.

Aparentemente, para esse estudante, as mudanças ocorrerão e os parceiros das mulheres participarão mais ativamente das tarefas domésticas, como ele pontua na seqüência: “*nós vamos ter que encarar a louça também, sabe, eu acho que vai ser bem assim*” (SM1). No entanto, essa crença na mudança parece ser duvidosa, pois no transcorrer das interlocuções, quando ele menciona que a mãe trabalha “*quatro turnos*”, porque além de atuar fora do lar, cuida sozinha das incumbências da casa, ele diz:

SM1: É. Ela é muito assim. Além de fazer tudo, a casa ainda é dela. Então, é assim... A vida de vocês é mais dura. Eu agradeço a Deus de ter nascido homem.

Todos: Risos.

SM1: Agradeço mesmo! Demais da conta, Nossa Senhora.

Essa fala é bastante representativa, porque quando o participante diz “*a vida de vocês é mais dura*”, ele toma a condição da mulher como permanente. Não é o mesmo que dizer “*a vida de vocês está mais dura*”, significando transitoriedade. Diante da constatação da dura vida, ele pensa em agradecer por não ter nascido mulher, como se a condição feminina fosse um destino, uma herança que não se transforma, assumindo que é assim que as coisas são, é assim que a natureza as fez.

Por isso a inserção da mulher na política carrega algumas marcas naturais como a maternidade, por exemplo. Na fala de SM2 a maternidade pode fazer a mulher chegar “*nas cabeças*”, porque “*todo mundo idolatra a mãe*” e a mulher pode ser mãe. No entanto, mais uma vez essa não será a qualidade determinante para que ela seja bem avaliada. Assim

como demais grupos, aqui também os participantes opinaram que a mulher deve comprovar sua competência, pois será muito mais cobrada do que um homem seria, dizem os interlocutores. Um erro feminino num território masculino custa caro; pode custar, inclusive, a permanência da mulher nesse espaço. Vejamos a seguinte interlocução:

SM2: Essa facilidade, entre aspas, que a mulher parece que tem com a maternidade, que todo mundo idolatra a mãe, a mulher podendo ser mãe, a mulher pode com isso até chegar lá “nas cabeças”, mas é cobrado dela o dobro do que se cobra do homem.

SM1: Com certeza.

SM2: Porque se ela abrir a boca e disser alguma coisa que não tá certo, ih... Mas se o homem disser, tá beleza, ninguém cobra dele do mesmo jeito, ele fica de boa e ela leva a pior, porque vai ser chamada de burra, de incompetente.

Entrevistadora: Seria assim no caso, por exemplo, de mulheres com profissões que têm mais homens, como a arbitragem esportiva, é isso?

SM2: Exato, uma mulher erra: “mas não deveria ter posto uma mulher pra apitar”. Se for o mesmo erro vindo do homem, não tem problema...

Talvez por essa razão os membros desse grupo tenham pontuado que a característica marcante da mulher nas campanhas políticas foi o diálogo com sua “classe”, onde provavelmente ela encontraria maior apoio e menos hostilidade. Para os participantes, como SM1 e SF3, a “*mulher faz campanha pra mulher*” e defende os interesses femininos, como também diz SF4: “*elas vão lutar por coisas que são de mulheres, como a gravidez, a...a, como é que fala, a licença-maternidade*”.

No entanto, apesar de dirigir sua campanha ao público feminino, a mulher, na opinião desses interlocutores, deve ter ajuda de homens, capazes de lhes orientar e aconselhar. Isso porque, no entender até mesmo dos próprios sujeitos femininos do grupo, a mulher tem projetos ainda “*humildezinhas*”, ou de menos valia (como proteger as “*arvrinhas*” da cidade), se comparados aos dos homens. É SF4 inclusive que ressalta a importância do socorro prestado por senhores, rapazes e cabos eleitorais dispostos a auxiliar a mulher a ter mais “*assunto*” numa discussão que pode ser sustentada “*de igual para igual*”. Ao que parece, a mulher precisa da ajuda masculina para saber como se

expressar politicamente, mesmo que seu público-alvo seja, como eles acentuaram, as próprias mulheres. Vejamos os seguintes excertos de falas:

SM2: (*Sobre a candidata à prefeitura de Ituiutaba*) [...] Mas também não fez o que eles fizeram, ela não fez um programa de governo. Ficou naquela: “eu não tenho um prédio construído, não tenho isso, mas assim eu vou proteger as árvores, vou proteger aquele jardim ali”. No contexto, o pessoal não assimilou ainda que a gente tem que proteger as “arvrinha” não. Todo mundo só pensa: “eu quero ver o que a cidade vai render pra mim, no que eu vou trabalhar, então.”

(...)

SF4: E ela tá, ela já tá tendo, mesmo com todas as tarefas, as dificuldades que ela tem, ela tá tirando aquele tempo pra ler um jornal, pra ler um livro, pra assistir uma pesquisa, pra questionar mesmo, né, as coisas. Então, já abriu várias portas, né? Muitas vezes ela tem um caminho, acha um senhor ou um rapaz mesmo que se disponha a ajudar ela naquilo ali. Igual a gente vê muito aí, vê muito cabo eleitoral que aconselha, chega e diz: “ó, tá acontecendo assim, assim, você foca mais nesse lado”. Que busca pra ela, pra ela poder ter mais assunto, mais argumento pra questionar com qualquer um de igual pra igual.

Apesar do que foi pontuado acima, os participantes entendem que as mudanças estão acontecendo, pois o assunto ligado à política deixou de ser misterioso para a mulher, como diz SM2. E, além disso, uma “significativa” mudança foi destacada por SM1: a mulher agora mudou o horário de fazer janta. Nas palavras do sujeito: “*Antes era: ‘minha novela primeiro, depois eu faço minha janta’. Não, agora eu vou fazer minha janta mais cedo porque eu não quero perder meu jornal*”.

É ilustrativa a noção de mudança trazida por SM1, SM2 e mesmo por SF4, conforme vimos no trecho citado. Para eles, a situação feminina é de transformação e não só na política, mas trata-se de uma transformação fraudulenta, pois na concepção de mudança que os participantes trazem ainda há a necessidade de que a mulher seja orientada e aconselhada por homens para incrementar seus projetos políticos e ainda continua sendo da mulher a incumbência de fazer o jantar, mesmo que em outro horário.

A mudança anunciada pelos sujeitos parece não se efetivar também no que tange às diferenças entre homens e mulheres no campo político. Os participantes corroboram a literatura sobre as diferenças de gênero apontando a agressividade como característica

masculina e a expressividade como qualidade feminina. Dizem que na política, os homens partem para a baixaria e falam da vida pessoal dos adversários. Mas em seguida, ressaltam novamente que as mudanças vêm acontecendo, já que agora a mulher também faz isso.

SM3: Mas, mas hoje em dia também igual a R. (*a mencionada candidata*) , né, do Partido Verde, falou também, mostrou muita coisa dos homens. Ela, quer dizer, as mulheres devagarzinho tão se igualando. Então elas estão entrando devagar, devagar, mas se você der a corrente elas vão lá e ganham, e ganham do homem. Então, o homem tem medo da mulher. Então, ele cerca muito a mulher também (...)
(...)

SM2: A diferença toda é que elas ainda tão cercadas pelos homens que têm que dar aquele toque final. Nada vai passar sem chegar no homem pra ele dar o toque final. Então ela vai perder um pouquinho daquilo ali.

SF3: Sempre tem um homem por trás também...

Note-se que o final da fala de SM3 faz referência ao medo que o homem tem da mulher, visto que elas estão se igualando, assim como já dito em outros grupos. A esse respeito, no entanto, SM2 se pronuncia para lembrar que o medo deve ser infundado, já que os homens estarão presentes, cercando, dando seu “*toque final*”.

A presença dos homens na vida política da mulher foi bastante reforçada neste grupo; todavia, o arremate das interlocuções retomou a concepção do sucesso político como resultado de um esforço individual. Isto é, apesar dos senões que se lhe apresentarem, a mulher deve prosseguir na luta, como diz SF4: “*quando uma pessoa realmente quer, ela consegue*”. Mais uma vez, vemos aqui que a responsabilidade pela baixa participação feminina na política é das próprias mulheres, mas só daquelas que não se esforçaram o bastante.

4.1.4. Grupo Focal 4

Nesse tópico serão apresentados os resultados das interlocuções desenvolvidas no Grupo Focal 4, realizado com alunos do curso de Administração, para posterior análise.

Tabela 9: Interlocuções do GF4 e análise dos atos da fala

Transcrição dos Atos da Fala	Esferas dos Atos da Fala	Categorias dos Atos da Fala
<p>Entrevistadora: Boa noite, gente. Bom, então nós vamos bater um papo aqui sobre a questão da mulher na política. E eu queria saber de vocês, primeiramente, o que vocês acham da participação feminina, no geral e em cargos eletivos?</p> <p>SF3: Na política mesmo, lá?</p> <p>Entrevistadora: Na política mesmo.</p> <p>SF2: Partidária, né?</p> <p>Entrevistadora: É.</p> <p>SF1: Eu acho que a mulher, ela tem mais, assim, bom senso, pra começar, partindo de que ela é um ser que tem filhos, pode ter, gerar vidas. Então eu acho que ela tem mais sensibilidade ao tratar da comunidade, das pessoas no geral, ela tem um sentimento maior do que o próprio homem. Pensando dessa forma, né, desse princípio. Mas nem sempre, tudo é relativo, né? Tem mulheres que são calhordas, que a gente já viu por aí.</p> <p>SF2: Tanto quanto ou mais que os homens.</p> <p>SF1: É, ou mais que os homens, que elas têm uma maneira mais fácil de enganar, e ela engana muito melhor do que o homem, né?</p> <p>Entrevistadora: Você acha, por que?</p> <p>SF1: Eu acho, porque ela tem o poder de persuasão, ela sabe conquistar, ela sabe....</p> <p>SF3: Ela tem....sedução, é uma coisa, assim, sedução mesmo.</p> <p>SF1: É, a coisa de ludibriar, ela sabe, ela sabe seduzir, então eu acho que a mulher, ela tem esse poder além dos homens.</p> <p>Entrevistadora: O que os homens acham?</p> <p>SM1: Assim, eu acho que a mulher tem armas mesmo pra conseguir carisma, tem muito poder de persuasão. Igual lá na nossa cidade, Capinópolis, foi eleita a primeira prefeita mulher, né? Eu acho assim que foi até, trouxe essa vitória pra ela foi o quê? Carisma. Então assim, mulher, eu acho que no meio social, ela tem como persuadir mais que os homens.</p> <p>SF1: (<i>Interrompendo e falando ao mesmo tempo</i>) É que nem a C. lá de Ipiacu, né? Ipiacu, a C. (<i>referindo-se à atual prefeita de Gurinhatã</i>)?</p> <p>SF3: Gurinhatã.</p> <p>SF1: Gurinhatã. Assim, é lógico que ela não teve concorrência, ela foi....é uma ótima prefeita, ela põe a mão na massa, ela ajuda a construir os canteiros, ela enfia a mão na terra, ajuda a plantar....Então, ela tem carisma, ela trouxe um bem-estar pra população. Então, é impossível, assim, não tem concorrência na cidade.</p> <p>SF3: É igual você falou, depende do jeito da mulher também, porque tem mulher que não ta nem aí, né? Igual essa aí já é diferente, ela liga pro povo.</p> <p>SF1 (<i>Interrompendo</i>): É, quer saber o que tá precisando...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informação • Informação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Interação • Avaliação • Avaliação e Informação • Informação • Informação • Avaliação e Informação • Avaliação e Informação • Informação 	<ul style="list-style-type: none"> • Informar-se • Informar-se • Avaliar • Validar • Validar • Avaliar • Complementar • Validar • Validar e Exemplificar • Exemplificar • Retificar • Avaliar e Exemplificar • Validar e Exemplificar • Confirmar

<p>SF3: Vai lá, põe a mão na massa, quer saber. Agora tem umas também, né?</p> <p>SF1 (Interrompendo): Aí só quer o dinheiro.</p> <p>SF3: Mas a mulher aquela mulher que se candidata pra política, ela tem que ser assim, né? Tem que agarrar!</p> <p>Entrevistadora: Vocês acham que a mulher tem uma tendência a pôr a mão na massa, a ser mais participativa?</p> <p>SF3: Eu acho.</p> <p>SF2: No caso da M.C. (<i>ainda sobre a prefeita de Gurinhatã</i>) é, isso....</p> <p>SF1 (Interrompendo): Nem todas.</p> <p>SF2: Quem conhece a M.C., sabe que é o perfil dela, mas assim, uma coisa que eu vejo muito em política, infelizmente, as mulheres ainda não tão usando a facilidade de conviver em ambiente. Ela se adapta bem aos ambientes, então tipo assim, ela usa isso.</p> <p>SF3: Ela tem mais organização.</p> <p>SF2: É, por exemplo, a mulher organiza uma casa, ela organiza as despesas de casa. Quantas mulheres não trabalham fora, né? Vamos falar no dia-a-dia, quantas mulheres não trabalham fora e conseguem manter o padrão do marido, financeiramente, economizando, sabe assim, buscando soluções, muito melhores do que as que trabalham fora. Então se elas levassem esse conhecimento pra área da política..</p> <p>SF1 (Interrompendo e falando ao mesmo tempo): Se usassem esse tipo de administração...</p> <p>SF2: Pra isso, né?</p> <p>Entrevistadora: Pra função política?</p> <p>SF2: Pra função política, teríamos ótimas, maravilhosas, né? Infelizmente, essas pessoas ainda não têm, não tomaram esse conhecimento, ou simplesmente quando entram lá</p> <p>SF1 (Interrompendo): São gananciosas, né?</p> <p>SF2: São. Ficam tapadas.</p> <p>SF1: São.</p> <p>SF3: Ou então vai seguindo à risca a atitude dos homens, acho. Pensa: “ah, fulano faz isso, eu vou fazer isso também...”</p> <p>SF1: É o poder, ele cega as pessoas, né? Acho que deturpa a mente do ser humano, o poder, o dinheiro. Às vezes você vem de um lugar, assim, humilde, você vai conquistando coisas e de repente quando você se pega, você tá sendo arrogante com o outro. Porque você ta com salto, você ta aí com um carro pra andar, um celular bacana, e você passa por colegas que já foram de infância, de escolas, assim. E você se sente assim, sei lá.</p> <p>SM2: Superior a eles.</p> <p>SF1: Então, o poder às vezes cega as pessoas. Se você não tiver um foco de vida, lembrar das raízes, do bem-estar comum mesmo, que hoje é muito esquecido, você vai ser como um deles, lá.</p> <p>SF2: Eu acredito assim.</p> <p>SF1: Vai ser omissos com as pessoas, pensando só em si próprio.</p> <p>SF2: Comigo já aconteceu duas vezes, eu sou filiada a um partido, eu amo política, né? Ontem eu já estava... Depois até eu quero até</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Informação • Avaliação • Avaliação • Informação • Interação • Informação e Avaliação • Avaliação • Avaliação e Informação • Avaliação • Avaliação • Informação e Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação e Interação • Avaliação e Informação • Interação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Informação e Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Validar e Avaliar • Confirmar • Avaliar • Avaliar • Confirmar • Contestar • Informar e Avaliar • Validar • Validar, Avaliar e Exemplificar • Validar • Validar • Confirmar e Avaliar • Validar • Validar • Validar • Avaliar e Complementar • Validar e Exemplificar • Complementar • Validar e Avaliar • Validar • Validar • Exemplificar, Informar e
---	---	---

<p>comentar com os colegas todos, é coisa sobre política dentro da faculdade, que eu tô vendo umas coisas que tão acontecendo, tem uma semana que eu cheguei, eu já vi que tá tudo errado, bagunçado. Não tá do jeito que a gente deixou, já acho tudo errado. Já entrei com meus colegas que eram da minha época do diretório, empresa júnior, falei: “ei, cadê vocês, me ajuda, a coisa aqui tá assim”. Então assim, duas vezes já era pra eu candidatar. Uma vez eu ia sair candidata a vice-prefeita do T.</p>		<p>Tomar posição</p>
<p>SF1: Risos. SF2 (<i>Também rindo</i>): É verdade. E não saí por quê? Porque eu via muito. Eu não aceito aquele negócio de falar assim: “não, você tem que sair e é assim que tem que fazer”. Uma coisa que eu acho difícil na política, no geral, você conviver com os homens na política. Por você ser mulher, eles querem mulheres na política, mas eles querem mulheres pra eles manipularem.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Criticar • Justificar, Tomar posição, Avaliar
<p>SF1: Dominarem, né? SF2: Porque eu tenho comércio, porque eu tenho convivência, porque eu conheço as pessoas, aí fala assim: “então a SF2 vai.” “Por quê?” “Não, porque a SF2 tem comércio, consegue levar tantas pessoas”. Então tá. Quando eu vi o jeito que ele usava pra política, o que que ele fazia: “Ah, o fulano é isso, o fulano é aquilo”. O negócio dele era dar... (<i>Bate as mãos</i>)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Informação e Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Validar • Exemplificar e Tomar posição
<p>Entrevistadora: Porrada? SF2: Pancada, é, sem ter conceito, ele não tinha um ponto de apoio, porque que ele tava fazendo aquilo de qualquer jeito, sem moral. Simplesmente larguei, fui chamada de traidora, de traía, de abandonando o barco. Mas foi minha consciência. Fui, trabalhei com outro, fiquei super feliz, sabe? Consegui ser ouvida.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informação e Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Informar, Tomar posição, Justificar
<p>Entrevistadora: Você achou que conseguiu defender o seu ponto de vista? SF2: Consegui. Conseguir mais um ponto com que eu busco... eu busco ser o que eu sou do meu jeito e ponto. Goste quem goste. Não gostou, o problema é de quem não gostou, entendeu? Até meu marido brinca assim, ele fala assim: “SF2, eu acho bom que as pessoas gostam de você do jeito que você é, boca dura”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informação e Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Confirmar, Exemplificar e Tomar posição
<p>Entrevistadora: (<i>Risos</i>). Boca dura? SF2: É, faladeira, sincera... E chorona, pego briga dos outros. Se eu vejo que ela tá sentindo alguma coisa, eu largo as minhas coisas, vou lá acudir ela, sabe, assim? Sou desse jeito, a E. já me conhece há um bocado de tempo. É, e na a última eleição, eu ia sair candidata a vereadora.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informação 	<ul style="list-style-type: none"> • Informar e Tomar posição
<p>Entrevistadora: Isso que eu ia te perguntar, você não quis tentar? SF2: Então, eu ia sair candidata a vereadora, uma pessoa da minha família deu a maior força. Eu tava num partido, “não, vamos pra tal partido, vamos fazer isso, tal, lá tem a proposta que é assim, assim e assim”. Quando chegou a hora, o momento de ir, todos que estavam aqui nas minhas costas, me empurrando, abriram. “Olha, a situação é essa: ou a gente faz assim e assim e assim, ou não vira. Você vai entrar, mas você vai entrar da seguinte forma: você não vai entrar pra ganhar a eleição, você vai ganhar votos pra eleger o fulano”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informação e Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Informar, Exemplificar e Tomar posição

<p>Simplesmente...</p> <p>SF1 (<i>Interrompendo</i>): Te usando como laranja, né?</p> <p>SF2: Simplesmente catei o meu, documentozinho (<i>faz sinal de rasgar</i>), peguei minha bolsinha, pus debaixo do braço e acabou a palhaçada.</p> <p>SF3: Humm, mas é... Mas é, aí tá o tal negócio...O medo, né? A mulher é medrosa.</p> <p>SF2 (<i>Interrompendo</i>): Mas eu não. No meu caso não foi medo.</p> <p>SF1 (<i>Dirigindo-se à entrevistadora</i>): O cara tava usando ela.</p> <p>SF2: Eles tavam me usando, não foi essa a minha conversa com eles.</p> <p>SF1: Só pra chamar votos.</p> <p>SF3: Mas você não podia arriscar?</p> <p>SF2: Eu poderia sim, só que no momento eu tava num partido que eu tinha condição, eu tinha observado, já, que independente do que eu fizesse, iria me estrear. Eu consegui graças a Deus, eu consegui descobrir qual era a intenção do depois. E eu não ia fazer parte desse depois, porque eu não concordo com eles. E eu sou assim, SF3, se eu não concordo eu não vou.</p> <p>Entrevistadora: Cê acha que essa tentativa de manipulação teve a ver com o fato de você ser mulher?</p> <p>SF2 (<i>Fica em silêncio um tempo</i>): Também, também, porque eles acham...</p> <p>SF1 (<i>Interrompendo</i>): O homem subestima, ele subestima a mulher, né? Nem todos, tem homens que acreditam.</p> <p>SF2: Eles são.....</p> <p>SM3 (<i>Interrompendo</i>): Infelizmente, acontece ainda, né, direta ou indiretamente. Usam muito a mulher pra imagem própria deles, pra melhorar a imagem, pra dar credibilidade.</p> <p>SF3: É.</p> <p>SM3: Em qualquer parte, política ou mídia em geral. Quando falaram pra SF2 candidatar porque ela é comunicativa, ela é carismática, vamos dar o apoio pra ela, o objetivo não era ela eleger, era ela ajudar na imagem do partido.</p> <p>SF2: Você coloca da seguinte forma, por exemplo, eu vou lá, assisto tudo que é horário político, acho bom ver lá. Aí você vê uma senhora que não sabe falar. Quando eu digo “não sabe falar”, todo mundo sabe falar, mas não sabe falar ali.</p> <p>SM1: É aquela forma, de expressar, né, o jeito de se expressar.</p> <p>SF2: Você vê que o texto dela foi criado por um marketeiro que tá atrás dela.</p> <p>SF1: Coitada, você fica com dó, tão usando a pessoa, personagem crítica.</p> <p>SF2: Você entendeu. Aí, quem tem o convívio ali dentro, quem não conhece como funciona, muita das vezes cai nessa quando eles falam: “vamos colocar tantos vereadores”. Mas daí o candidato pequeno não atinge pontuação necessária pra entrar e parte pra cima do que foi eleito, por quê? Porque os votos deles só serviu para somar lá, com os que subiram.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Informação e Avaliação • Avaliação • Interação e Informação • Informação • Avaliação • Avaliação • Acional • Informação e Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação e Informação • Avaliação • Avaliação • Avaliação e Informação 	<ul style="list-style-type: none"> • Validar • Informar e Tomar posição • Avaliar • Contestar e Exemplificar • Confirmar • Justificar • Validar • Incitar • Informar e Justificar • Avaliar • Avaliar • Validar • Validar • Validar • Avaliar e Exemplificar • Validar • Avaliar • Validar • Validar e Exemplificar
---	--	--

<p>Entrevistadora: Você tá falando do nosso sistema eleitoral.</p> <p>SF2: É. Aqui em Ituiutaba tem um partido que tá precisando, tá assim, pedindo socorro pra que uma mulher vá lá e tome frente. Aí esses dias o meu pai, que ama política também, chegou assim: “Filha, eu vou pra um lado, cê vai pro outro, vambora”. Falei: “não vou. Eu tenho dois anos de faculdade pela frente, eu vou terminar minha faculdade, não vou”. Mas por quê? Por que duas vezes já eu vi como, como funciona lá dentro. Eu tenho vontade de entrar? Muita, muita, muita, eu sou doente por causa de política. Duas vezes já, desde que eu tô assim. Porque eu tô na faculdade, eu acho que tem... Entrei em 2004, entendeu? Então, assim, eu já tinha um certo conhecimento, daí então eu não quero mais agora. Já apareceram funções lá dentro, eu não aceitei. “Ah, porque você é orgulhosa”. Não, não é. São coisas que não me interessavam naquela hora. Eu tenho minhas coisas, eu tô trabalhando pra mim, pra mim, pro meu crescimento pessoal. Então lá dentro eu vou estagnar, onde eles queriam me colocar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação e Informação 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar, Tomar posição e Exemplificar
<p>Entrevistadora: Quem te inspirou a participar de política, a gostar de política?</p> <p>SF2 (Silêncio): Meu Deus, boa pergunta. É, eu acho que é o meu pai, mas o meu pai não luta por... Você não vê assim, uma luta dele. Eu acho que a minha vontade de entrar na política - e ele já falava pra mim que se entrar na política por conta disso eu vou sofrer muito - é a injustiça.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação e Informação 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar, Tomar posição e Informar
<p>SF3: Mas é igual a gente tá falando, aí você entra lá, você vê os outros fazendo, aí você acaba subindo a cabeça, ta no poder, você vai fazendo coisas que sem perceber....</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Validar
<p>SM1: Eu acho que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informar 	<ul style="list-style-type: none"> • Exemplificar e Confirmar
<p>SF1 (Interrompendo): Teve um cara que foi presidente da câmara aqui de Ituiutaba, que ele é vizinho da minha avó fazia mais de trinta anos. Ele foi presidente da câmara, ele foi assim, ele teve que sair porque ele foi jurado de morte, porque ele via coisas erradas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação • Informação 	<ul style="list-style-type: none"> • Complementar • Confirmar
<p>SF3: E ele contava.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação • Informação 	<ul style="list-style-type: none"> • Complementar • Confirmar
<p>SF1: É ele tava bloqueando, interferindo, como que fala, nos projetos, ele via que era tudo pra pegar dinheiro, e ele não aceitava aquilo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informação • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Confirmar • Validar e Tomar posição
<p>SF2: Pois é, então a primeira coisa que a gente faz...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Tomar posição • Validar
<p>SM1(Interrompendo e dirigindo-se a SF2): Pra mim, no meu ponto de vista, eu acho que você tá fazendo a coisa certa. Igual você conhece um pouco do que é lá dentro, você conhece o bastante. Então é melhor sair mesmo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Tomar posição • Validar
<p>SF2: E eu não tenho preparação aí pra suportar a pressão deles.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação 	<ul style="list-style-type: none"> • Complementar
<p>SM1: Pelo jeito que você tava vendo, essas pessoas estão querendo te usar pra poder te manipular, assim sabendo que a mulher tem esse poder de...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação • Interação, Avaliação, Acional 	<ul style="list-style-type: none"> • Complementar • Complementar, Validar e Incitar
<p>SF1: Seduzir, de conquistar, de....</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação 	<ul style="list-style-type: none"> • Complementar
<p>SM1: Seduzir, mesmo, de conquistar. Eles tão te querendo pra poder ganhar mais território, no caso. Utilizar ela pra poder ter um poder a mais. Se ela, tá fazendo a coisa certa, esperar um pouco mais, conhecer realmente. Dizer não a essas pessoas. Aí ela vai ter</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação 	<ul style="list-style-type: none"> • Complementar

<p>uma oportunidade na política.</p> <p>SM2: Eu vejo mulher na política, assim, é uma tendência, não só na, na política, em qualquer área. A participação é menor, mas é uma tendência, somos iguais. A inteligência da mulher é igual à do homem. Eu não vou dizer nem que é superior, nem inferior. Olhando pro lado maternal, como a SF1. falou, a gente vê uma força e uma fraqueza ao mesmo tempo. A gente vê uma força ali, uma tendência de olhar por todo mundo, mas vem uma fraqueza também, porque aquelas pessoas de má fé podem usar daquilo ali pra fazer maldade: “ah, ela é muito boazinha”. Aí já começa a agir com traição nas costas pra fazer outras coisas, entendeu? E uma coisa que foi dito aqui, igual a SF2 falou, às vezes chega lá, né, igual a SF1. mesmo disse, chega lá, sobe no poder e não faz nada. Às vezes colocam a mulher lá dentro ó pra ela ganhar a política, mas na realidade quem vai fazer alguma coisa não é ela. Na verdade ela tá por trás de um partido, então qualquer função, qualquer ação que ela for fazer, é o partido que definiu aquilo, né? Então eu acho que com o tempo isso tem que parar, a pessoa tem que agir pela própria cabeça, não por partido, tem que deixar dessa pressão boba, tem que ter projetos, entendeu. Aqui, entrando já na política recente, eu acho que o F. (<i>referido-se a um dos candidatos a prefeito nas últimas eleições</i>) perdeu pra ele mesmo, entendeu? Ele perdeu pra ele mesmo. Aquela campanha dele, dele começar a entrar e falar mal do P (<i>um dos outros candidatos</i>), aquilo foi um tiro na cabeça, entendeu? Hora nenhuma a gente viu o P...</p> <p>SF3 (Interrompendo): Ele devia ter preocupado com ele, não preocupado com os outros.</p> <p>SM2: É, ele na realidade, ela tava só incentivando, colocando o P. cada vez maior. Toda vez que ele falava “P.”, ele perdia um voto e o P. ganhava um, entendeu? Então...</p> <p>SF2 (Interrompendo): Sempre lembrava o outro.</p> <p>SM2: Ele perdeu pra ele mesmo. Ainda mais depois que a gente vê lá os resultados que a diferença foi pouca, aí sim, que ele perdeu pra ele mesmo. Se ele tivesse deixado aquela política, se o marketing dele tivesse trabalhado direito, se não tivesse feito aquilo, às vezes ele seria eleito, né?</p> <p>SF2: SM2, mas uma coisa que aconteceu muito ali, nós já fizemos uma reunião depois que passou, teve posse, nós fizemos a reunião, porque não aceitamos a “perca”, de início. Nós vimos o que tava acontecendo, quando eu digo nós, assim, o próprio pessoal do marketing, os próprios candidatos a vereadores do mesmo lado, viram o que tava acontecendo, hoje mesmo eles reconhecem isso, mas foram omissos. Nenhum deles teve coragem de chegar lá no F. e falar: “perai, o senhor tá trabalhando errado, não é assim”.</p> <p>SF3: E aí continuou acontecendo, né?</p> <p>SF2: Prova disso, só concluindo, prova disso é que o vice dele é um colega nosso, uma pessoa que tem um futuro pela frente brilhante, não sei se você tem conhecimento com ele, mas ele é uma pessoa assim, se você falar com ele, assim, você fica assim boba, sabe?</p> <p>SM2: É, não, o que eu to defendendo aqui, entendeu, então se ele</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação e Informação • Interação • Interação e Avaliação • Interação • Avaliação • Avaliação e Informação • Interação • Interação e Avaliação • Interação, 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar, Validar, Tomar posição e Exemplificar • Complementar • Complementar e Avaliar • Complementar • Validar e Avaliar • Justificar, Informar e Exemplificar • Complementar • Complementar e Avaliar • Conformer,
--	--	--

<p>viu que tava fazendo errado, que não era assim, então tinha que ter agido com a própria cabeça, falar: “ta errado”. Não é deixar o marketing tomar conta e fazer perder a eleição, foi isso o que aconteceu. Então no caso da mulher também tem que ser assim. Ela não tem que deixar lá o partido mandar nela, dominar, porque depois quem vai queimar o filme é o dela. Se ela fizer isso, vai ser mal vista, depois nunca mais ganha eleição. Tudo que ela tinha projeto pra fazer, às vezes ela entra lá, fala assim: “Ah, eu vou ganhar, depois eu faço alguma coisa”, ela vai perder tudo. Então eu acho que é uma tendência, mulher tem capacidade, muita capacidade, entendeu. Mulher, ela é, eu acredito assim que ela é mais centrada, ela não dispersa tão fácil quanto o homem.</p> <p>Entrevistadora: Então, vocês acham que tem estilos diferentes de fazer política? O estilo da mulher é diferente do estilo do homem?</p> <p>SF1: Eu acho que sim.</p> <p>SF3: Com certeza.</p> <p>SM2: É, eu acho que já vem do ser. O ser mulher é diferente do ser homem. Igual eu falei assim, a mulher é mais difícil de dispersar. É simples. Vamos supor: tá ali três mulheres conversando...</p> <p>SF1 (Interrompendo): Porque ela consegue fazer coisas que são tudo ao mesmo tempo, né. Ajuda o filho, está no telefone, assiste televisão.</p> <p>SM2 (Falando junto com SF1): E três homens conversando aqui. Aí passa uma gostosona aqui, os três pára e olha. Às vezes a mulher tá conversando lá, passa um cara aqui todo-todo, passa, elas continua conversando. Então, é isso aí, o homem tem mais facilidade de dispersar.</p> <p>SM1: Mas, agora, se as mulheres começarem a se impor na política, vai ter uma facilidade maior delas conseguirem entrar. Por quê? A população tá acostumada sempre homens, homens, e sempre, às vezes, os mesmos. Eles têm um passado, digamos, já, que compromete eles, um pouco. A mulher não, igual aconteceu lá em Capinópolis. Ela era vereadora, mas só que a forma, né? O ano inteiro ela sempre tem aquela simpatia, aquela forma de falar com as pessoas. Eu acho que isso ajudou a ganhar, um pouco. Aí tem certa diferença dos homens. No caso, a mulher, se ela se expor mais a entrar, igual ela, tendo conhecimento, mas só que tem que ter esse conhecimento, igual a que ganhou.</p> <p>SF1: E ter inteligência política, né? A mulher não pode “Ah, eu vou me candidatar porque eu sou assim...”.</p> <p>SM1: Ela teve que ganhar experiência política primeiro. Ela passou quantos anos de vereadora?</p> <p>SM3: Foram cinco anos.</p> <p>SM1: Cinco anos de vereadora, então ela conhecia bem os problemas do povo, teve experiência no poder.</p> <p>SF2: Ela teve um mandato?</p> <p>SM3: Isso. Um mandato. É quatro anos, né? Quatro anos. Então, o homem, assim, é da cultura já, né, o jeito de fazer política, de tratar as pessoas, de usar o poder. A mulher já está sendo uma cultura</p>	<p>Avaliação e Acional</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação • Avaliação e Informação • Avaliação e Informação • Informação e Avaliação • Avaliação e Informação • Avaliação • Avaliação e Informação • Informação • Avaliação • Informação • Informação e Avaliação 	<p>Tomar posição, Avaliar e Exortar</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tomar posição • Validar • Validar, Tomar posição e Exemplificar • Validar e Exemplificar • Exemplificar e Validar • Avaliar e Exemplificar • Avaliar • Validar e Exemplificar • Informar • Validar • Informar-se • Informar e Avaliar
--	---	--

<p>nova.</p> <p>SM1: Exatamente.</p> <p>SM3: Tá sendo uma. inovação à própria política, política mesmo. Eu acho assim, que ta mudando as coisas, agindo diferente</p> <p>SF1: Com certeza, sem dúvida nenhuma é uma nova tendência, mas que ainda tem um preconceito muito grande com o que a mulher faz, principalmente nesse setor de política.</p> <p>SF3: É.</p> <p>SF1: Muita gente ainda acha que mulher não sabe fazer política.</p> <p>SM2: Eu concordo muito com isso que o SM3 falou de ser uma coisa nova, de sempre é homem, homem, homem. A gente tem ma prova disso, às vezes a gente não liga muito, mas a gente tem uma prova disso. Quanto tempo o PMDB, o PSDB ficaram no poder, né? E aí não virava nada. Então quando o Lula elegeu naquela eleição que ele ganhou. Eu, sinceramente, tem muito tempo que eu não voto, porque eu sou de Uberlândia, eu tô aqui desde 2001, eu não vou lá votar. Eu ainda penso, às vezes de uma forma errada, que eu tô tendo uma perda de tempo votando, que eu não vou ganhar nada com isso. Infelizmente, né?</p> <p>SF1: E aí nem transfere o voto, né?</p> <p>SM2: Também não, então eu deixo lá, fico aqui e pronto, né?</p> <p>SF1: Tá errado!</p> <p>SM2: Então, quando o Lula ganhou, eu mesmo pensei, falei: “nossa, o povo tá doido, vai pôr o Lula lá, esse trem vai ficar....vai acabar com o resto”. Eu queimei a língua, entendeu. Por que que colocaram o Lula lá onde ele está hoje? Porque queriam algo diferente.</p> <p>SF3: É isso mesmo.</p> <p>SM2: É, ele não queria o Brasil da mesma forma, então hoje tá num contexto assim, mais fácil ainda da mulher tomar seu espaço. Porque o povo, no geral, quer algo diferente. Quer ver coisa nova.</p> <p>Entrevistadora: Nós estamos vendo...</p> <p>SF3 (Interrompendo): Só que falta na mulher a coragem.</p> <p>SM2: Tá faltando atitude.</p> <p>SF1: Atitude.</p> <p>SF2: Mas assim, nós tivemos...</p> <p>SF3: Atitude, a mulher não tem. Já vem aquela cultura, do homem, né.? A mulher não busca...</p> <p>SF1: (Falando junto) É medrosa, é medrosa, é mais cautelosa...</p> <p>SF2: (Interrompendo) Uma mulher que foi vereadora na cidade aqui, eu acho que dois mandatos. Eu brincava assim que ela herdou o mandato do pai, porque o pai dela foi vereador e tinha uma máquina política na mão. O pai dela faleceu, ela herdou a parte da política e em seguida ela ganhou pra vereadora. Eu não conheço, me perdoe, mas eu não conheço um ato que ela tenha feito pra mostrar: “eu sou mulher, eu fiz a diferença aqui dentro”.</p> <p>SF3: Não faz a diferença.</p> <p>SM1: Só que tem uma questão também, essas mulheres...</p> <p>SF2 (Interrompendo): Não, só um minutinho. Aí o que aconteceu</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação e Informação • Avaliação • Informação • Interação e Avaliação • Informação e Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Interação • Avaliação • Avaliação • Informação e Avaliação • Avaliação • Interação 	<ul style="list-style-type: none"> • Validar • Validar • Validar • Validar • Validar • Validar e Exemplificar • Criticar • Confirmar • Exortar e Criticar • Exemplificar e Tomar posição • Validar • Validar e Avaliar • Avaliar • Validar • Validar • Contestar • Avaliar • Validar • Exemplificar e Avaliar • Validar • Contestar • Complementar
--	--	--

<p>agora? Foi dois mandatos, né? Foi dois, né?</p> <p>SF1: Han, han (<i>expressando concordância</i>), dois.</p> <p>SF2: Foram dois mandatos. Ela tinha a máquina na mão, mas aí mudaram a máquina...</p> <p>SF1: Dessa vez não passou.</p> <p>SF2: Cê entendeu? Aí o que que acontece agora? Ela se esqueceu que ela precisava trabalhar.</p> <p>SF1: Folgou.</p> <p>SF2: Ela perdeu a eleição. Agora tá magoada, que o povo é ingrato. Mas ela não fez nada, entendeu?</p> <p>Entrevistadora: Você acha que ela poderia fazer algo mais voltado pras próprias mulheres?</p> <p>SF2: Também, entendeu?</p> <p>Entrevistadora: Você acha que as mulheres esperam isso?</p> <p>SF2: Também, porque o que nós precisamos aqui...</p> <p>SF1 (Interrompendo): As comunidades, né?</p> <p>SF2: Esses dias, numa reunião, eu comentei assim: “o que que me preocupa muito?” A SF1 tem um buraco na porta da casa dela, ela olha pra cara do moço da prefeitura lá e fala assim: “eu não vou votar nesse cara não, tem um buraco na porta da minha casa e ninguém quer tampar. Eu vou votar no outro, porque o outro prometeu que vai tampar o buraco”. Gente, eleição não é só isso, são quatro ângulos.</p> <p>SF1: Eleição é uma vida.</p> <p>SF2: Aquele vereador, todo ano ele ganha a eleição. Quatro anos na vida ele passa por você e nem te olha, no carrão dele. Tá. O dia que chega a véspera da eleição, ele chega na porta da sua casa. “SF1, vim te trazer uma cestinha básica, meu bem, cê tá precisando de uma de uma viagenzinha pra algum lugar com uma receita médica?” Até quando?</p> <p>Entrevistadora: Deixa eu fazer uma pergunta com relação a uma possibilidade que a gente tá vendo, que é da Dilma Roussef, que tem sido cogitada pra sucessão. O Brasil elegeria uma presidente?</p> <p>SM2: Não.</p> <p>Entrevistadora: Por que?</p> <p>SM2: Hoje não, no caso da Dilma Roussef, não, pelo seguinte: não pela Dilma. Se o Lula pudesse candidatar, ele ganharia. Por que? Pelo Lula, pelo que ele fez, pelo que ele saiu e levou no Brasil.</p> <p>SF1: Concordo também.</p> <p>SM2: Agora, a Dilma, ela vai ser o que, uma representante do PT. Pelo monte de cagada que o PT fez...</p> <p>SF2 (Interrompendo): É, o partido tá dividido.</p> <p>SM2: Do início até agora, acabou. O Lula não deu conta, entendeu, de colocar ninguém lá pra suceder ele.</p> <p>SF1: Queimou um pouco o partido.</p> <p>SM2: Quem que poderia fazer isso? Como que chama aquele de Ribeirão Preto?</p> <p>Entrevistadora: Palocci.</p> <p>SM2: O Palocci. Se ele não tivesse queimado o nome dele, ele teria, ele seria o próximo presidente, do PT, entendeu? Mas aí saiu aquele</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informação • Avaliação • Informação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Informação • Avaliação e Acional • Avaliação • Avaliação e Acional • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Informação • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Confirmar • Avaliar • Confirmar • Criticar • Validar • Criticar • Avaliar • Avaliar • Confirmar • Tomar posição e Exortar • Validar • Criticar e Incitar • Avaliar • Avaliar • Validar • Avaliar • Validar • Avaliar • Validar • Informar-se • Avaliar
--	---	--

<p>tanto de coisa lá, foi onde ele queimou...</p> <p>SF1: (<i>Interrompendo</i>) Foi um escândalo!</p> <p>SM2: E, entendeu? Então vê Palocci, vê Zé Dirceu, vê um monte de gente do PT no escândalo. Isso não arreventou com a imagem do Lula porque ele soube se manter. Ele não foi defender ninguém, ele não entrou no meio da briga. Ele firmou ali e quietou. Então o Lula tem uma boa imagem, agora o PT não tem. Então não é porque é a Dilma é mulher que ela vai perder e sim pelo partido que ela é filiada. Eu vejo dessa forma.</p> <p>SF1: (Falando junto) Pelo partido que ela representa.</p> <p>Entrevistadora: Só pra encerrar: o que que vocês pensam do sistema de cotas, que garante uma participação mínima da mulher.....</p> <p>SF1 (<i>Interrompendo</i>): Ah, eu acho uma bobagem isso. Principalmente em relação a negros, só porque é negro, pensam que é incapaz. Eu conheço várias pessoas negras aí que são...</p> <p>SF2 (<i>Interrompendo</i>): Dez a zero.</p> <p>SF1: Dão de mil na inteligência de muitos branquinhos, bem.</p> <p>Entrevistadora: E a questão da quota pra política? Tem que ter... cada partido tem que sair com um número mínimo de mulheres candidatas. O que que vocês pensam disso?</p> <p>SM2: Tudo que falam que é quota eu sou contra. Falou assim: “ah, é quota pra pobre entrar na faculdade, é cota pra negro na faculdade, é quota pra mulher na política”, tudo eu sou contra quota.</p> <p>SF2: É a mesma coisa de você pegar uma placa e colocar assim, ó: “eu tenho preconceito”. É a visão que eu tenho.</p> <p>SF1: É.</p> <p>SM2: Na verdade...</p> <p>SF2 (<i>Interrompendo</i>): Quando eu vejo na televisão, no jornal, alguma coisa tipo assim...</p> <p>SF3: Propaganda.....</p> <p>SF2: Não, como é que é: “está em votação cotas pra facilitar não sei o quê”. Facilitar por quê? É prova que não tem capacidade?</p> <p>SF1: É incapacidade? Mental, moral?</p> <p>SF2: Né, porque que tem que limitar? Uai, por quê? É medo da concorrência ou não? “A gente precisa pôr uma mulher aqui, com uma cota mínima, porque senão vai ficar feio pra gente”.</p> <p>SF3: Não, mas no caso assim, da mulher na política. Às vezes, às vezes simplesmente por causa da diferença.</p> <p>SF2: Mas por quê? Mas por que tem que estabelecer?</p> <p>SM2: Mas é preconceito.</p> <p>SF3: Porque o povo é acostumado com isso.</p> <p>SF2: Mas não, você não tá entendendo. A história da cota mínima ali, é o quê? O partido tem que ter aquela quantidade de candidata? Não facilita.</p> <p>SF1: É. É obrigado a ter, porque se fosse pela vontade própria do partido, eles nem queriam, eu acho, que tivesse mulher.</p> <p>SM2: Se a gente for pensar, SF3, dessa forma, igual tá sendo pensado aqui, às vezes essa cota, não deixa a mulher dentro da</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação e Informação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação - • Informação - • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Interação • Interação • Avaliação • Interação • Interação e Avaliação • Avaliação • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Validar • Avaliar • Validar • Avaliar e Exemplificar • Validar • Validar • Tomar posição • Validar e Tomar posição • Validar - • Informar - • Avaliar • Validar • Validar • Contestar • Contestar • Invalidar • Contestar • Contestar e Avaliar • Avaliação • Tomar posição
--	--	--

<p>política. Por quê?</p> <p>SF3: Às vezes deixa.</p> <p>SM2: Não, sabe por que que eu digo que às vezes ela não deixa dentro da política? Pelo seguinte: tem cota lá. Vamos supor, tem que ter dez por cento. Quem que são os cabeças? São homens. Eles vão atrás das mulheres. Às vezes vai uma pessoa lá, uma mulher lá, que tem capacidade e eles não...</p> <p>SF3 (Interrompendo): Não deixa, né?</p> <p>SM2: Isso, não deixa.</p> <p>SF3: É, tem isso. É isso...</p> <p>SM2: (Interrompendo) Por que? Porque ela vai tomar o espaço de muitos homens, entendeu! Aí, hora que coloca cota, dez por cento. Eles vai lá e cata dez por cento lá que não vai fazer nada, só pra tomar voto dos outros, só pra ganhar votos pro partido.</p> <p>SF1: É os laranjas.</p> <p>SM2: É, então na adianta. Não é, não é assim, com cotas. Tem que ter interesse, tem que gostar de política e entrar em política porque quer fazer alguma coisa. No caso da SF2, pelo que ela falou aqui agora, eu acho que ela tem um futuro na política, ela tem que correr atrás disso.</p> <p>SF3: Mas SM2, faz o que? Vamos supor que não tem que escolher, não tem que escolher, aí chega lá uma poderosa, uma SF2, fala assim: “Eu vou candidatar e pronto”. Aí é porque tem cota. Aí a SF2 vai lá e faz a diferença, ganha. E aí, desfaz?</p> <p>SM2: Pois é, não. Eu não sou contra a mulher! Eu quero deixar bem claro o seguinte: aí é a cota que atrapalha.</p> <p>SF3: Mas aí não atrapalha, às vezes ajuda.</p> <p>SF2: Mas aí na hora, tá. Mas se você for ver tamanho do documento que você tem que arrumar pra ir lá e candidatar. Não é simplesmente você chegar lá e falar “eu vou candidatar”, não. Cê entendeu?</p> <p>SF3: Eu sei, mas é uma questão da burocracia...</p> <p>SF2: (Falando junto) Aí eles fala assim....não, mas a SF2,eu não quero que a SF2 entre nessa parte da cota. Um documentozinho meu que eles falam que tá faltando, eu não entro.</p> <p>SM2: (Falando junto) E aí eles arrumam mais mil documentos impossíveis de você conseguir, acabou.</p> <p>SM1: Tem uma questão também, igual a das mulheres que estão agora nos partidos e que estão conseguindo cargos mais altos. Igual as duas prefeitas. Essas mulheres, elas têm que fazer a diferença. Tanto elas quanto as outras que já têm em outros partidos.</p> <p>Entrevistadora: Por que?</p> <p>SM1: Por que? Se elas fizerem bobagem, vai ter uma imagem negativa da mulher. Se elas fizerem a diferença, se outra mulher candidatar, logicamente o público vai se espelhar nessas outras que fizeram bem, né?</p> <p>Entrevistadora: Sim, então vocês acham que tem mais cobrança para a mulher lá dentro, na política? Ela é mais cobrada?</p> <p>SF1: Como é que é?</p> <p>Entrevistadora: Tem mais cobrança quando a mulher entra pra</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interação • Interação e Avaliação • Interação • Avaliação • Interação • Avaliação • Avaliação • Avaliação e Acional • Acional, Interação e Informação • Avaliação • Interação • Avaliação e Informação • Interação • Interação e Informação • Avaliação • Interação e Avaliação • Avaliação • Informação 	<ul style="list-style-type: none"> • Contestar • Contestar e Avaliar • Conformer • Validar • Conformer • Avaliar • Validar • Tomar posição e Exortar • Incitar, Contestar e Exemplificar • Tomar posição • Contestar • Invalidar e Exemplificar • Contestar • Contestar e Exemplificar • Validar • Atenuar e Avaliar • Avaliar • Informar-se
---	---	--

<p>política, uma cobrança mais...</p> <p>SF1: (<i>Interrompendo</i>) Ah, eu acho que sim.</p> <p>SF2: Com certeza.</p> <p>SF1: Eles jogam muito peso pra ver se realmente a mulher agüenta, tipo assim: “vamos ver se ela vaza, se ela pede as contas, aqui” Eu acredito que eles impõem muita coisa pra mulher.</p> <p>SM2 (<i>Falando junto</i>): Eu acho que tem mais cobrança pela expectativa criada, porque na hora que pensa assim: “não, vai ser diferente” a cobrança já dobra.</p> <p>SM1: É.</p> <p>SM2: Então, ela pode fazer o mesmo tanto que o homem fez, mas ela ainda fez pouco, porque a expectativa era maior.</p> <p>SF2: A Marta Suplicy deu aquela frase lá, né?</p> <p>Entrevistadora: Sim, você fala aquela aquela do “relaxa e goza”, né?</p> <p>SF2: Então, aí o que que acontece? Cadê os homens? Eles falam um monte de asneiras, eles vão pra orgias, amanhecem na putaria, lá, não sei o que, não sei o que. Cadê cobrança pra cima deles? Cadê cobrança de postura deles nos cargos, nas assembléias?</p> <p>SM2: Eles agarram nos tapa lá dentro, né! (<i>Risos</i>)</p> <p>SF2: É aí sai que a Dilma fez plástica. Em pleno Jornal Nacional...</p> <p>SF1: (<i>Interrompendo</i>) Na capa da <i>Veja</i>.</p> <p>SF2: Não, em pleno Jornal Nacional, é demais! “Vocês viram como está a nossa ministra? Toda esticadinha”? Cê entendeu? Tipo assim, vão lá e dão uma taxada. Por que, pra que? Tem necessidade?</p> <p>SM1: Como se fosse pra queimar a imagem da pessoa.</p> <p>SF2: Eu acho que as mulheres hoje... Eu acho, não. Eu tinha um padrão que ele falava assim pra mim, que a gente não tinha que achar nada, ou a gente sabe, o a gente não, não acredita. Acredito que o que acontece é o seguinte: mulher hoje em dia, graças a Deus ela tá passando daquela fase: “eu tenho que concorrer com ele, eu tenho que mostrar que eu sou melhor”. Não, não. Por que que eu não posso trabalhar junto com ele? Peraí, a minha idéia com a dele vai fazer isso aqui, tá, eu vou lá com ele. Por que que eu tenho que bater de frente? Chega pro SM2 e fala assim: “não, SM2, eu sou melhor que você, eu vou participar, eu vou te mostrar”. Não, não tem que ser assim, sabe?</p> <p>SF1: Eu acho que a mulher só tem a acrescentar.</p> <p>SF2: É, no sentido do “me ajuda aqui, vamos lá”. Aí, no final das contas, vamos entrar num consenso. É só dizer: “peraí, SM2, eu me destaquei mais” ou então “você se destacou mais”. Por que que não pode existir isso? Por que que não pode existir essa concordância? É, igual meu marido, eu falo muito isso pra ele, porque ele é muito capitalista, individualista, só visa o dinheiro. Ele é daqueles: “eu sou o cara”. Aí eu brinco com ele assim: “quando tudo tá certo, lindo, maravilhoso, perfeito e não sei o quê, foi ele que fez”.</p> <p>Entrevistadora: E quando dá errado...</p> <p>SF2: Quando dá errado “por que que você (<i>ênfatisa</i>) não olhou, SF2, como é que você deixou passar SF2”? Então eu vejo por isso. Aí eu chego nele e falo assim pra ele, assim: “(faz sinal negativo) é</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Avaliação • Informação • Avaliação e Informação • Informação • Informação • Interação • Avaliação e Informação • Interação • Avaliação e Informação • Avaliação • Interação, Avaliação e Informação • Avaliação e Informação 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar • Validar • Avaliar • Validar • Validar • Validar • Exemplificar • Avaliar e Exemplificar • Exemplificar • Exemplificar • Complementar • Avaliar e Exemplificar • Complementar • Avaliar e Exemplificar • Validar • Complementar, Validar, Avaliar e Exemplificar • Avaliar, Tomar posição e Exemplificar
--	--	---

<p>meio a meio, responsabilidade, responsabilidade. Quando você chama pra você as coisas boas, eu nunca cheguei e falei pra você assim: não, não foi você que fez, fui eu”. Então, eu vejo por aí. Se as pessoas começarem a andar lado a lado, as coisas vão melhorar. Na política, no dia-a-dia, na convivência. Na realidade tem que usar política. O que que é política? Não é pro bem comum? Então tem que visar o bem comum. Não é o “eu sozinho”. Não. Distorceram muito o significado de política. Então, política, às vezes a pessoa entra na política e pensa: “ah, eu vou ser prefeita”. Mas não tá visando o bem comum da, da sociedade, da comunidade. Ela tá visando que ela vai ter um bom salário, vai comprar umas terrinhas...</p> <p>SM2: É isso mesmo. E aí é onde que tá perdendo, ninguém mais quer saber de política, fala de política, torce a cara, por quê? O significado distorceu.</p> <p>SF1: É que nem futebol, antigamente se jogava pelo amor à camisa, ao clube, ao time. Hoje em dia joga pelo salário.</p> <p>Entrevistadora: Quem paga mais, né?</p> <p>SF1: E não jogam nada mais. É isso.</p> <p>Entrevistadora: Muito bom. Tem mais alguma coisa que vocês querem acrescentar aqui? Não? Então, ok, gente, muito obrigada. Valeu demais pela participação.</p> <p>SF1: Obrigada a você.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Avaliação e Informação • Interação 	<ul style="list-style-type: none"> • Validar e Avaliar • Validar e Exemplificar • Complementar
--	--	---

4.1.4.4. Discussão da Análise dos Atos da Fala do GF4

Para a visualização da dinâmica das interlocuções do ponto de vista da frequência com que os atos da fala se distribuem nas esferas e categorias de classificação, será apresentada a tabela abaixo, para posterior análise.

Tabela 10. Frequência das interlocuções do GF4 de acordo com as esferas e categorias em que se localizam

ESFERAS (Tt de ocorrências)	CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
AVALIAÇÃO (Tt = 147)	Validar	74
	Avaliar	57
	Tomar posição	24
	Criticar	06
	Justificar	05
	Invalidar	02
INFORMAÇÃO (Tt = 64)	Exemplificar	38
	Informar	17
	Confirmar	13
	Retificar	01
INTERAÇÃO (Tt = 18)	Complementar	16
	Contestar	13
	Conformar	02
	Atenuar	01
ACIONAL (Tt = 08)	Exortar	04
	Incitar	04

Como vêm ocorrendo nos demais grupos analisados, também no GF4 a esfera da *Avaliação* foi a que teve maior frequência de interlocuções aí enquadradas, totalizando 147 ocorrências. Dentro dela, como ocorreu no GF1, as falas se enquadraram principalmente na categoria *Validar*. Note-se que tanto GF4 quanto GF1 apresentaram número expressivo de trocas verbais, ao contrário de GF2 e GF3, em que as interlocuções ocorreram em quantidade menor. O que se pode perceber, complementarmente, é que no GF1 e no GF4 a categoria mais utilizada foi *Validar*, mostrando que as interlocuções nesses grupos, além de mais volumosas, foram mais marcadas pela presença de interações complementares.

Não que esse dado tenha sido desmentido nos demais grupos. Pelo contrário, nos quatro grupos analisados, notou-se a baixa frequência de manifestações contestatórias. A diferença realmente ficou por conta da categoria *Validar*, que aparece mais no GF1 e GF4. Nesse último, assim como nos demais, foram muito menos frequentes as trocas verbais de

embate, que classificamos como aquelas incluídas nas categorias *Invalidar* (esfera da *Avaliação*), *Criticar* (esfera da *Avaliação*) e *Contestar*, totalizando 22 ocorrências.

Se compararmos esta frequência com a quantidade de falas incluídas nas categorias referentes ao consenso, tais como *Validar* (esfera da *Avaliação*), *Confirmar* (esfera da *Informação*), *Conformar* (esfera da *Interação*) e *Complementar* (esfera da *Interação*), que totalizaram 105 ocorrências, podemos perceber que, de fato, a tônica das interações no grupo foi a complementaridade e não o embate, corroborando os resultados obtidos nos outros grupos.

Nesse grupo, assim como no GF1, uma das participantes já tinha um envolvimento com o meio político, o que fez com ela apresentasse uma série de exemplificações da sua própria história de vida, distinguindo suas falas com o conhecimento vindo da experiência, como *locus* de saber privilegiado, reconhecido, inclusive, pelo grupo, do mesmo modo que ocorreu no GF1, em que um dos interlocutores era presidente de partido.

As semelhanças entre os quatro grupos são profundas, a começar pela caracterização da mulher. No GF4, a marca dada à mulher é a da maternidade, do bom senso e da preocupação com o próximo. Alguns participantes, como SF1, reconhecem na mulher mais sensibilidade e até mais “*sentimento*” do que no homem. No entanto, ao fazer a ressalva de que algumas “*mulheres são calhordas*”, SF1 puxa o coro das opiniões que vão definir uma outra característica feminina: a capacidade de seduzir e ludibriar. Esse dado não apareceu em nenhum outro grupo tão marcadamente quanto aqui. No GF4, em mais de uma ocasião, os participantes vão se referir à mulher como alguém capaz de enganar, mas entendem que se trata de um poder que ela tem e o homem não, como se vê no excerto abaixo:

SF1: (...) Tem mulheres que são calhordas, que a gente já viu por aí.

SF2: Tanto quanto ou mais que os homens.

SF1: É, ou mais que os homens, que elas têm uma maneira mais fácil de enganar, e ela engana muito melhor do que o homem, né?

Entrevistadora: Você acha, por que?

SF1: Eu acho, porque ela tem o poder de persuasão, ela sabe conquistar, ela sabe....

SF3: Ela tem....sedução, é uma coisa, assim, sedução mesmo.

SF1: É, a coisa de ludibriar, ela sabe, ela sabe seduzir, então eu acho que a mulher, ela tem esse poder além dos homens.

Esse poder de persuasão é traduzido por SM1 como carisma, qualidade que em outras situações vai reaparecer como essencial àquele que quer inserir-se na política. Além do carisma, os interlocutores entendem que para a mulher, especificamente, é necessário ter vontade de pôr “*a mão na massa*”. Nesse sentido, ilustram um caso de mulher bem-sucedida na carreira política citando a prefeita de uma cidade vizinha e mencionando os atributos que a elegeram: vontade de “*agarrar*”, disponibilidade para “*enfiar a mão na terra*”, preocupação com “*o povão*” e capacidade de “*se adaptar bem aos ambientes*”. Para os participantes masculinos e femininos o conjunto destas qualidades funcionou como diferencial para a eleição e a reeleição da prefeita.

Além disso, eles assinalam, a mulher é mais organizada, pois sabe, por exemplo, gerenciar a casa, controlando despesas e buscando soluções. Para SF2, seria interessante até que a mulher levasse essa sabedoria doméstica para o ambiente da política. Ela diz:

SF2: É, por exemplo, a mulher organiza uma casa, ela organiza as despesas de casa. Quantas mulheres não trabalham fora, né? Vamos falar no dia-a-dia, quantas mulheres não trabalham fora e conseguem manter o padrão do marido, financeiramente, economizando, sabe assim, buscando soluções, muito melhores do que as que trabalham fora. Então se elas levassem esse conhecimento pra área da política..

SF1 (*Interrompendo e falando ao mesmo tempo*): Se usassem esse tipo de administração...

SF2: Pra isso, né?

Entrevistadora: Pra função política?

SF2: Pra função política, teríamos ótimas, maravilhosas, né? (...)

Nesse ponto, eles apresentam uma outra ressalva que mostra a possibilidade de desvirtuamento dessa característica feminina quando a mulher adere ao modelo masculino de agir. Vejamos a seqüência da fala de SF2, interrompida acima.

(...) Infelizmente, essas pessoas ainda não têm, não tomaram esse conhecimento, ou simplesmente quando entram lá...

SF1 (*Interrompendo*): São gananciosas, né?

SF2: São. Ficam tapadas.

SF1: São.

SF3: Ou então vai seguindo à risca a atitude dos homens, acho. Pensa: “ah, fulano faz isso, eu vou fazer isso também...”

SF1: É o poder, ele cega as pessoas, né? Acho que deturpa a mente do ser humano, o poder, o dinheiro. (...) Porque você tá com salto, você tá aí com um carro pra andar, um celular bacana, e você passa por colegas que já foram de infância, de escolas, assim. E você se sente assim, sei lá.

SM2: Superior a eles.

SF1: Então, o poder às vezes cega as pessoas. Se você não tiver um foco de vida, lembrar das raízes, do bem-estar comum mesmo, que hoje é muito esquecido, você vai ser como um deles, lá.

Note-se que o final da fala de SF1 equipara a mulher gananciosa a “*um deles*”, o que parece indicar, assim como nos outros grupos, o reconhecimento do meio político como um sistema dominado por homens, que usam e manipulam as mulheres. O interessante nesse ponto comum aos grupos é a percepção da mulher como sujeito passivo, submissa a esse sistema incorpóreo, que se deixa manipular como se fosse incapaz de refletir sobre o que faz e conduzir seus próprios atos.

Sob a ótica dos participantes, a mulher é excluída à medida que rompe os padrões de submissão, numa demonstração da impenetrabilidade do sistema e da sujeição das mulheres a ele. Ao contar sobre sua experiência política, SF2 se coloca como uma dessas mulheres, excluída por insubordinação. Ela conta:

SF2: (...) Uma vez eu ia sair candidata a vice-prefeita do T.

SF1: *Risos.*

SF2 (*Também rindo*): É verdade. E não saí por quê? Porque eu via muito. Eu não aceito aquele negócio de falar assim: “não, você tem que sair e é assim que tem que fazer”. Uma coisa que eu acho difícil na política, no geral, você conviver com os homens na política. Por você ser mulher, eles querem mulheres na política, mas eles querem mulheres pra eles manipularem.

Na opinião dela, apoiada posteriormente pelos colegas, as mulheres são usadas, muitas vezes, de forma amoral pelos homens. Em sua estória, a não aceitação da manipulação foi encarada por seus correligionários como ato de traição, mas segundo o que disse, ela apenas seguiu sua “*consciência*”. A trajetória de SF2 é significativa, pois apesar de acreditar que houve tentativas de manipulação de sua candidatura, ela não abandonou o meio, mas mudou de partido e confessa que tem “*muita, muita, muita vontade*

de entrar”, ou seja, de se candidatar e ser eleita. O apoio dos demais apareceu para reforçar a idéia de que a mulher é usada pelo sistema, assim como seus atributos especiais também são usados: a capacidade de seduzir e conquistar, mencionada acima, é utilizada pelos que querem ter “*um poder a mais*”, como pontua SM1.

Nesse aspecto, a maternidade, outra qualidade tipicamente feminina, pode significar uma força e uma fraqueza, como entende SM2:

SM2: (...) Olhando pro lado maternal, como a SF1 falou, a gente vê uma força e uma fraqueza ao mesmo tempo. A gente vê uma força ali, uma tendência de olhar por todo mundo, mas vem uma fraqueza também, porque aquelas pessoas de má fé podem usar daquilo ali pra fazer maldade: “ah, ela é muito boazinha”.

A maternidade, aqui, pode ser um diferencial ligado à preocupação com o outro, como apontado antes, mas também parece conferir à mulher uma mansidão perigosa, que a propicia à submissão.

Interessante é que através dessa fala podemos perceber a concepção personalista e individualista de atuação política trazida pelos participantes, tendo em vista a seqüência da fala de SM1 que convida os políticos a desconsiderar o partido e agir “*pela própria cabeça*”. Também SM2 exorta as mulheres a não se deixarem “*dominar pelo partido*”, porque elas têm “*capacidade*” e não precisam “*queimar o filme*”. Uma destas capacidades, por exemplo, é a dificuldade de se dispersar na execução de tarefas. Apesar de não comentar sobre como essa capacidade poderia colaborar especificamente na atuação política, SM2 defende que a mulher “*é mais centrada, ela não dispersa tão fácil quanto o homem*”.

Para SM1, o que facilitaria o ingresso das mulheres na política é o fato de que elas representam uma novidade no ambiente político, pois imprimiriam uma outra marca de atuação: a simpatia. Mais uma vez essa característica feminina é citada no grupo como fator fundamental para a eleição de uma prefeita, como ilustra a fala do participante narrando o ocorrido nas eleições de outra cidade próxima. Ele diz:

SM1: Mas, agora, se as mulheres começarem a se impor na política, vai ter uma facilidade maior delas conseguirem entrar. Por quê? A população tá acostumada sempre homens, homens, e sempre, às vezes, os mesmos. Eles têm um passado, digamos, já, que compromete eles, um pouco. A mulher não, igual aconteceu lá em Capinópolis. Ela era vereadora, mas só que a forma, né? O ano inteiro ela sempre tem aquela simpatia, aquela forma de falar com as pessoas. Eu acho que isso ajudou a ganhar, um pouco. Aí tem certa diferença dos homens. No caso, a mulher, se ela se expor mais a entrar, igual ela, tendo conhecimento, mas só que tem que ter esse conhecimento, igual a que ganhou.

SF1: E ter inteligência política, né? A mulher não pode “Ah, eu vou me candidatar porque eu sou assim...”.

SM1: Ela teve que ganhar experiência política primeiro. Ela passou quantos anos de vereadora?

Sem diferir dos demais grupos até aqui, os interlocutores destacam também que para o reconhecimento de sua capacidade de atuar politicamente, a mulher deve mostrar competência nesse terreno, tido como masculino. Ou seja, a afetividade caracterizada como atributo feminino e traduzida na simpatia e cuidado com próximo não é suficiente; faz-se necessário, além disso, demonstrar conhecimento do ramo, como se vê na última fala de SM1, citada acima. Portanto, o diferencial que a mulher pode representar deve estar acompanhado das qualidades necessárias à atuação política, como atitude e coragem, que os participantes entendem faltar na mulher, como se percebe na interlocução seguinte:

SF3 (*Interrompendo*): Só que falta na mulher a coragem.

SM2: Tá faltando atitude.

SF1: Atitude.

(...)

SF3: Atitude, a mulher não tem. Já vem aquela cultura, do homem, né.? A mulher não busca...

SF1: (*Falando junto*) É medrosa, é medrosa, é mais cautelosa...

SF2: (*Interrompendo*) Uma mulher que foi vereadora na cidade aqui, eu acho que dois mandatos. Eu brincava assim que ela herdou o mandato do pai, porque o pai dela foi vereador e tinha uma máquina política na mão. O pai dela faleceu, ela herdou a parte da política e em seguida ela ganhou pra vereadora. Eu não conheço, me perdoe, mas eu não conheço um ato que ela tenha feito pra mostrar: “eu sou mulher, eu fiz a diferença aqui dentro”.

SF3: Não faz a diferença.

Outro tema que aqui encontrou ressonância com os demais grupos foi a política de quotas. Com relação a esse assunto, os estudantes se posicionam contrariamente, entendendo que essa ação afirmativa é “*uma bobagem*”. Ao se tocar na questão das quotas

como estratégia de inclusão feminina na política, houve imediata equiparação da condição da mulher com a condição do negro, assim como ocorreu nos outros GF. Para os participantes, a necessidade de se estabelecer quotas para a inclusão de algumas minorias, não funciona como ação afirmativa e sim como prova de incapacidade. Nesse sentido, destacam que as quotas são uma ferramenta de discriminação e de reforço do preconceito.

Do mesmo modo que na maioria dos grupos, estes interlocutores demonstraram certo desconhecimento quanto ao funcionamento da política de quotas, pois também entendem que essa ação é limitadora da participação feminina. A exceção foi SF3, que aderiu de início ao discurso comum do grupo contra as quotas, mas depois passou a ponderar que essa estratégia poderia ajudar o ingresso feminino. Depois de algumas empenhadas contestações por parte de vários sujeitos, na tentativa de dissuadi-la, ela se calou diante do exemplo de SF2, que mesmo envolvida com o meio político, posicionou-se de forma contrária às quotas, dizendo que elas não garantem o acesso feminino, pois o sistema de escolha dos candidatos é manipulado. Vejamos as interlocuções:

SM2: Tudo que falam que é quota eu sou contra. Falou assim: “ah, é quota pra pobre entrar na faculdade, é quota pra negro na faculdade, é quota pra mulher na política”, tudo eu sou contra quota.

SF2: É a mesma coisa de você pegar uma placa e colocar assim, ó: “eu tenho preconceito”. É a visão que eu tenho.

(...)

SF1: É incapacidade? Mental, moral?

SF2: Né, porque que tem que limitar? Uai, por quê? É medo da concorrência ou não? “A gente precisa pôr uma mulher aqui, com uma quota mínima, porque senão vai ficar feio pra gente”.

SF3: Não, mas no caso assim, da mulher na política. Às vezes, às vezes simplesmente por causa da diferença.

SM2: Se a gente for pensar, SF3, dessa forma, igual tá sendo pensado aqui, às vezes essa quota, não deixa a mulher dentro da política. Por quê?

SF3: Às vezes deixa.

SM2: Não, sabe por que que eu digo que às vezes ela não deixa dentro da política? Pelo seguinte: tem quota lá. Vamos supor, tem que ter dez por cento. Quem que são os cabeças? São homens. Eles vão atrás das mulheres. Às vezes vai uma pessoa lá, uma mulher lá, que tem capacidade e eles não...

SF3 (Interrompendo): Não deixa, né?

(...)

SF3: Mas aí não atrapalha, às vezes ajuda.

SF2: Mas aí na hora, tá. Mas se você for ver tamanho do documento que você tem que arrumar pra ir lá e candidatar. Não é simplesmente você chegar lá e falar “eu vou candidatar”, não. Cê entendeu?

SF3: Eu sei, mas é uma questão da burocracia...

SF2: (*Falando junto*) Aí eles fala assim....não, mas a SF2, eu não quero que a SF2 entre nessa parte da quota. Um documentozinho meu que eles falam que tá faltando, eu não entro.

SM2: (*Falando junto*) E aí eles arrumam mais mil documentos impossíveis de você conseguir, acabou.

É possível notar que, subjacente à concepção das quotas como ferramenta discriminatória está também a idéia de que os homens, “*os cabeças*” do sistema político, como diz SM1, têm “*medo*” de que a mulher ocupe seu lugar e por isso impedem seu acesso. A idéia ilustrada nesse trecho corrobora os resultados dos outros grupos, onde o medo dos homens com relação à presença feminina na política também recebeu destaque.

Um dos reflexos desse medo que os participantes sublinham é a excessiva cobrança que a mulher sofre quanto a seu desempenho na seara política. Segundo os interlocutores, como SM1, as mulheres devem “*fazer a diferença*”, para servirem de espelho e conquistarem a credibilidade do público. Se, ao contrário, “*fizerem bobagem, vai ter uma imagem negativa da mulher*”, mostrando que, na sua opinião, apoiada pelos colegas, a presença feminina parece ser mais vigiada e que a ação de uma mulher pode ser generalizada e estendida para todas as outras.

Ainda com relação às cobranças direcionadas à atuação feminina, SF1 pontua que “*eles jogam muito peso pra ver se a mulher agüenta*”. Nessa fala, é possível perceber que as mulheres ainda são encaradas como criaturas mais frágeis, não talhadas para atividades como a política e por isso constantemente colocadas à prova.

Para finalizar, destacamos a fala de SF2 que conclama as mulheres à prática do trabalho conjunto. Ela considera que “*a mulher hoje em dia, graças a Deus, ela tá passando daquela fase: ‘eu tenho que concorrer com ele, eu tenho que mostrar que eu sou melhor’*”. Não, não. *Por que eu não posso trabalhar junto com ele?*”. Podemos pensar que

esta posição relaciona-se com uma compreensão equivocada do movimento feminista, como sendo uma mobilização de mulheres que queriam “*concorrer*” ou até se tornar homens, mobilização esta que desqualificaria o atributo da feminilidade. Nessa fala, parece persistir a idéia de que ser feminista é não ser feminina e, por isso, é melhor dar “*graças a Deus*” que essa “*fase*” tenha sido superada. Com esse corolário, queremos crer que o final destas interlocuções soou bastante emblemático, pois apesar de todas as discussões desenvolvidas e dos significados nelas presentes, SF2 entende que é possível simplificar as relações de homens e mulheres eliminando a hierarquia de gênero numa fórmula que estabelece o trabalho “*lado-a-lado*” e que retoma o significado da palavra política como o exercício do bem-comum.

4.1.5. Discussão Geral das Interlocuções nos Grupos Focais

As interlocuções desenvolvidas entre os universitários nos possibilitaram levantar alguns pontos comuns a todos os grupos.

Uma questão que chama a atenção logo de início é a consensualidade que os grupos adotaram diante da temática proposta, que, imaginamos, poderia suscitar polêmicas ou diferenças de opinião. As manifestações verbais contestatórias ocorreram em raros momentos e a tônica valorativa das interlocuções foi marcada pelo discurso dos interlocutores masculinos, especialmente nos grupos de estudantes de Psicologia e Educação Física. A frequência de manifestações femininas nesses dois grupos foi baixa, e quase sempre as falas apreciam para corroborar os juízos de valor enunciados pelos homens do grupo.

A esse respeito, talvez possamos pensar, na mesma direção do que argumenta Rocha-Coutinho (1994), que se trata de um padrão feminino de polidez e condescendência que funciona como estratégia de aprovação social, ao mesmo tempo em que reflete o modo como a mulher se coloca nas interações, tendo em vista o poder de que dispõe (ou de que não dispõe).

Para a autora, “o padrão estratégico, assim, nos encoraja a perceber as interações de homens e mulheres como indicações de respostas a uma distribuição diferencial de poder no mundo público” (Rocha-Coutinho, 1994, p.141). Diante disso, além das questões que já levantamos antes, poderíamos conjecturar, ainda, que as mulheres nos GF desse estudo, e mais particularmente em algumas áreas de conhecimento, acabaram por se comportar de maneira a repetir o modo como o poder se distribui nas suas outras relações.

Ainda como possibilidade de refletir sobre o marcante consenso entre os interlocutores de todos os grupos, poderíamos pensar que ele retrata a superficialidade com que as interações transcorreram. De fato, os participantes não pareciam estar imersos num ambiente de interação, mas de “comunicação conjunta”, em que o debate efetivo e as contestações não se constituíram vigorosamente. Pode ser que os mesmos grupos, numa outra proposta de pesquisa, que solicitasse, talvez, encontros contínuos, conseguissem desenvolver momentos mais de interação mais intensa.

Outro aspecto que apareceu em todos os GF diz respeito à noção fortemente marcada nas trocas verbais de que há diferença na atuação política de homens e mulheres. Essa noção, compartilhada pela maioria dos participantes em cada grupo, remete-nos ao que falava Miguel (2001) sobre a permanência de uma concepção que defende o estilo maternal adotado pelas mulheres ao atuarem no campo da política como possibilidade de superação da “política de interesses”, tida como masculina, substituindo-a pela política do cuidado, considerada feminina.

Tanto que os interlocutores, via de regra, apontaram as mulheres como mais “*idealistas*”, “*éticas*” e “*sensíveis*” que os homens em suas funções políticas. Alguns sujeitos chegaram a verbalizar, explicitamente, que o estilo feminino de atuar na política devia-se à maternidade, que proporciona à mulher maior “*cuidado*” com o outro. Apesar de manifestações contrárias, que acentuavam a existência de mulheres tão “*calhordas*” quanto os homens, a distinção entre os gêneros era constantemente retomada em vários momentos das interlocuções, fazendo referência à “*simpatia*” feminina, à “*força*” da mulher e sua capacidade de exercer várias funções simultâneas e até mesmo ao poder de “*sedução*” que as mulheres podem usar a seu favor. Note-se, como já assinalamos neste trabalho, que as qualidades atribuídas à mulher parecem não ser muito associadas ao campo da política. Os próprios participantes reconhecem que os homens estão “*há mais tempo no poder*”, o que faz deste um universo de domínio e caracterização masculina.

O resultado dessa distinção de núcleos de atuação caracterizados por qualidades masculinas e femininas é a impermeabilização destes espaços, mantendo a polarização entre homens e mulheres e consolidando o que Miguel chama de divisão do trabalho político, como ele expõe:

O discurso da “política maternal” propõe uma alteração da hierarquia de prestígio das atividades políticas, o que merece reflexão, mas ao mesmo tempo parece eternizar a divisão do trabalho político, insulando as mulheres no seu nicho próprio e destinando aos homens as tarefas que, ao menos por enquanto, são as mais valorizadas socialmente (Miguel, 2001, p.261).

Pudemos perceber também que os universitários usualmente se utilizaram do verbo “ser” para definir qualidades e condições masculinas e femininas, mostrando tendência à naturalização da divisão dos universos de gênero, traduzida no entendimento de que essa divisão tem caráter permanente, visto que é assim definida pela natureza. Como vimos em

muitos participantes, as falas marcaram o aspecto definitivo da caracterização de homens e mulheres, conforme se vê em alguns exemplos:

A vida de vocês é mais dura (SM1/GF3)

Ela é mais idealista (SF2/GF1)

Ela se preocupa muito com a personalidade, pra não misturar (SM2/GF1)

A maioria (*das mulheres*) é mais diferente do homem, mais correta, talvez (SM1/GF2)

Os homens são mais agressivos (SM1/GF3)

A mulher sabe seduzir (SF1/GF4)

Eu acho que já vem do ser. O ser mulher é diferente do ser homem (SM2/GF4)

No sentido do que colocam os interlocutores, trata-se de diferenças irreduzíveis, que serão carregadas por homens e mulheres onde quer que eles estejam ou trabalhem, como se tais diferenças não fossem construídas a partir do modo como o poder se hierarquiza nas relações. O gênero, portanto, ou as diferenças de gênero, pelo menos, são entendidas pelos sujeitos como características existentes *a priori*, de modo que, para eles, as relações entre homens e mulheres é que se constroem a partir das diferenças e não o contrário.

Sob esse raciocínio, é pertinente que os participantes entendam que mulheres e homens não poderiam, de fato, desfrutar de condições igualitárias de poder, tendo em vista que suas qualidades são diferentes. E sendo assim, também é possível justificar a permanência do patriarcado como condição natural de divisão de poderes entre homens e mulheres a partir de suas diferenças. Não à toa, portanto, SM1 (GF3) entende que a mulher pode até mudar o horário de fazer o jantar, mas fazê-lo é parte integrante de seus atributos.

Talvez daí a opinião presente em todos os grupos quanto à política de quotas como uma ação discriminatória. Se as diferenças são irreduzíveis, as quotas, para os sujeitos, serviriam apenas para reforçar tais diferenças, já que transformá-las não é possível. Em

todos os grupos os sujeitos se posicionaram contrariamente à adoção dessa ação afirmativa, não só para as mulheres na política, mas para os negros também.

Nas situações em que o tema das quotas era aventado, a equiparação entre mulheres e negros era instantânea e para ambos utilizava-se a mesma justificativa quanto ao posicionamento contrário às quotas: elas não são necessárias, porque negros e mulheres são capazes de conseguir sua inclusão por si mesmos. A iniquidade no acesso das minorias ao poder passou ao largo da reflexão dos sujeitos. Em suas falas, o tom meritocrata com que a ideologia capitalista defende seus pilares e exime o Estado de responsabilidade apareceu claramente. Foram várias as manifestações alusivas ao esforço pessoal e à força de vontade como fatores determinantes para se conseguir “*chegar lá*”.

A meritocracia, no nosso entendimento, é uma armadilha normativa, pois estabelece o sucesso como padrão e defende a responsabilidade individual de alcançar esse sucesso. Portanto, assim como assinalam Narvaz e Koller (2006), os insuficientemente esforçados são pessoalmente “culpados” por se manterem à margem do compartilhamento do poder, desonerando comunidade e Estado de sua parcela de responsabilidade. Pensando assim, torna-se realmente dispensável a utilização de ações afirmativas, como as quotas, que ajam em prol da equidade, pois a possibilidade de acesso aos núcleos de poder, segundo os participantes, não é um problema de ordem pública, mas sim de ordem privada, individual.

No entanto, quando os interlocutores avaliaram o funcionamento da engrenagem política, desculpabilizaram a ação individual como alavanca de movimentação dessa engrenagem. Nesse caso, a política não parece feita de seres humanos; assemelha-se mais a uma entidade incorpórea e intangível que paira sobre os indivíduos e os coage a agir. Essa entidade que representa a atividade política foi chamada, em vários momentos, de “*sistema*” e submete os indivíduos a um assujeitamento. A mulher, menos corrupta e

menos acostumada ao poder, fica ainda mais subjugada e deve se adaptar a esse sistema, sob pena de sua exclusão.

Poderíamos pensar em uma contradição entre esse modo de pensar o sistema político e o modo de encarar o estabelecimento de quotas como ação afirmativa, mas, ao que parece, o raciocínio é similar. Em ambas as situações, a mulher sofre sujeição: no primeiro caso, se sujeita às diferenças impostas pela natureza, o que torna desnecessário o estabelecimento de quotas. Se as capacidades existem, como um dado natural, resta à mulher usá-las na luta pessoal pela conquista de seu espaço. Na segunda situação, a mulher se sujeita ao sistema e passa a não ser responsabilizada pela conduta corrupta, assim como não é sua culpa o fato de não participar da política. Isso pareceu natural aos participantes porque o sistema, criado e mantido por “eles”, não vai se abrir para a presença “delas”. E ademais, não se luta contra um sistema impessoal, formado por uma massa de homens sem rosto.

Diante das falas dos interlocutores nos grupos, o que parece restar à mulher é o comportamento sugerido abaixo:

SF1: Ela tem que participar ou vazar (GF1)

SF1: É, acaba que a mulher às vezes tem que, tipo assim, tem que entrar no esquema, senão... (GF2)

É possível pensar, então, que para os participantes, ainda que avaliem a possibilidade de corrupção feminina, permanecem dois principais aspectos ligados à figura da mulher: o primeiro aspecto refere-se à naturalização dos atributos femininos, que imprimem na mulher um estilo maternal, retilíneo e afetivo de atuação política.

O segundo aspecto tange à passividade feminina frente a um sistema corrupto, manipulador e masculino que só aceita sua presença mediante a adequação às normas de agir, definidas pelos que já ocupam o poder.

De ambos os pontos de vista, ainda é muito pouco o que pode a mulher.

4.2. Apresentação dos resultados e discussão das Entrevistas

Assim como procedemos na apresentação de resultados e discussão dos grupos, as entrevistas serão analisadas separadamente, a partir da ordem em que foram realizadas com cada mulher, para posteriormente apresentarmos uma discussão geral, alinhavando os principais pontos de análise.

4.2.1. Análise da Entrevista 1

A primeira entrevistada foi uma mulher de 44 anos, candidata a vereadora em Uberlândia e não eleita.

Sua narrativa foi marcada pelo tom de luta em prol da igualdade. Disse que seu primeiro pensamento sobre política ocorreu quando tinha por volta de cinco anos de idade e brincava com a filha da empregada. Nesse momento, ela narrou, começou a pensar por que é que existiam diferenças de classe social e a partir daí nunca mais deixou de lutar pela igualdade de oportunidades.

Sendo psicóloga da rede pública, sua atuação sempre primou pela ajuda à “*comunidade*” e em mais de um momento na sua narrativa, a entrevistada fez menção ao contexto social em que sua estória de vida transcorreu, retomando a questão da sua classe originária. Ela fez alusão ao fato de que é oriunda de um segmento privilegiado e, portanto, acha mais difícil lutar por questões de outra classe, em que não está inserida. Mas apesar dessa dificuldade, por várias vezes a entrevistada referiu-se à população dos bairros em que já trabalhou como “*meu povo*”. Segundo ela, o impulso final para sua candidatura veio “*desse povo*”, que ficou indignado quando ela foi retirada da coordenação de uma Unidade Básica de Saúde. Os moradores do bairro coletaram duas mil assinaturas em um curto

espaço de tempo para reivindicar sua volta e a partir desse episódio, ela decidiu candidatar-se, para defender a população: “*mexeu com meu povo, então vamos*”, ela disse.

Analisando o aspecto da metanarrativa, avaliamos que essa fala é representativa, pois a expressão “*meu povo*”, que apareceu recorrentemente na narrativa dessa entrevistada guarda alguns significados. Diante dela, é possível pensar que reverbera na fala de E1 a noção de dominação das classes privilegiadas sobre as desfavorecidas, especialmente presente nos discursos políticos. Essa expressão, “*meu povo*”, ou “*minha gente*”, é constantemente utilizada no meio político para sugerir, por um lado, proximidade entre candidato e eleitorado, e, por outro, posse ou dominação, marcada pelo sobrepujamento econômico dos segmentos mais favorecidos.

Além disso, na estória de vida da entrevistada também parece ter pesado sua formação religiosa católica, que pode ter emprestado um certo teor caritativo às suas ações, embora ela negue, fazendo questão de esclarecer que a ajuda que presta ao povo busca desenvolver naqueles que auxilia “*o poder de gerir sua própria vida*”.

Essa marca da ajuda parece ser uma importante referência identitária para a entrevistada, pois ela mesma admite que esta é sua principal característica política, juntamente com a afetividade. Tanto que, se tivesse sido eleita, a entrevistada usaria de “*cuidado*”, “*jeito*” e “*carinho*” na tribuna, sem alterar sua “*essência*”. Para ela, com estes atributos, associados, como ela diz, à maternidade, é possível mudar as relações no meio político e transformar os preconceitos.

No nosso entendimento, E1 trouxe uma visão relativamente romântica da política, como sendo uma atividade que prescinde do afeto feminino e que poderia ser magicamente transformada a partir da atuação dócil e jeitosa da mulher-mãe. É possível pensar que a docilidade e a mansidão com que a entrevistada percebe a mulher tenham sido estimuladas

no seu próprio processo de desenvolvimento, marcando o modelo com o qual identifica o universo feminino.

Pelos dados que ela apresentou em sua biografia, E1 veio de uma família conservadora e religiosa, e construiu sua identidade sobre a figura da mulher cuidadora, que pode carregar estas qualidades para o campo da política, modificando-o a partir de sua atuação. Note-se que assim como ocorreu nos grupos focais, a característica tipicamente feminina apontada por E1 não é a competência técnica, mas o cuidado e a capacidade de estabelecer relações afetivas com as pessoas. Em sua trajetória na saúde pública, a entrevistada assinala uma forte característica sua, considerada tipicamente feminina, que marca seu estilo de gestão. Vejamos o seguinte trecho:

Entrevistadora: E você acha que você imprimiu alguma característica que é essencialmente feminina no seu jeito de gerir, vamos dizer assim?

E1: Talvez o cuidar. O cuidar, a questão do cuidar, a questão maternal, talvez. O cuidar, vamos pegar o cuidar, né, a função de cuidar e que não precisa ser praticamente materna. Mas se gente for pensar, por exemplo, eu sou psicodramatista, né, tem as funções, tal. O cuidar das pessoas, assim. Do povo...

Ao que parece, portanto, é possível para ela estender o atributo do cuidado para com o outro à esfera da atuação política, usando a seu favor, inclusive, o fato de ser psicóloga, como ela menciona no final da sua fala.

Nesse sentido, e observando o aspecto da intersubjetividade presente na sua estória, podemos dizer que a política representaria para ela uma extensão do lar e da carreira privada. Tanto que em outra de suas falas, E1 disse que o exercício do poder (político) começa “*dentro de casa, do jeito que eu trato minhas empregadas, do jeito que eu trato meus cabos eleitorais*”, porque dependendo do “*jeito que eu agir, vão dizer: ‘nossa, ela tem o poder e tá tratando o empregado dela assim’.*” Ou seja, a atuação política, para essa entrevistada, é uma reprodução das relações profissionais e familiares fora desse âmbito, com todas as características afetivas nelas impregnadas.

Percebeu-se também em sua fala que a ligação com o meio político teve início a partir da atuação do avô, que tendo sido prefeito de sua cidade natal durante vinte anos, fez do lar o palco da convivência com correligionários e afins. Desde pequena, ela presenciava a agitação da casa, mas nunca foi estimulada a participar. Ela diz:

Entrevistadora: (...) Você foi estimulada diretamente a tomar esse caminho? Ou você, você sozinha é que foi percebendo que você gostava? Como é que foi esse processo?

E1: Não, não teve estímulo não. Porque assim, com meu avô a gente não tinha... meu avô político, mas a gente não tinha liberdade de expressão.

O movimento presente na casa, que ela que menciona no início da entrevista, ao que parece não envolvia a todos, especialmente crianças, como ela na época em que se deu conta da atividade do avô, e as mulheres, conforme ela relata:

Entrevistadora: É mesmo? E as mulheres, falavam disso, de política?

E1: Ah, não, não falavam não. Naquela época, né? A mulher não se envolvia nisso, até porque tinha a figura do meu avô que era central, ele era, assim, o homem forte da casa, sabe? Então, né, não sobrava esse assunto pras mulheres, não. E era muito tempo de política, né? Por isso que eu falo que foi sofrido, assim, pra minha mãe, né? Porque ela viveu isso muito com ele.

É interessante perceber que a figura do avô, mesmo que não fosse estimuladora, foi uma das importantes fontes de inspiração para a carreira dessa entrevistada. Talvez seja possível conjecturar a respeito da manutenção de um culto familiar à figura desse patriarca, uma vez que a entrevistada conviveu pouco tempo ele (falecido quando ela tinha 15 anos), e ainda assim o tem como inspiração, mesmo duvidando de que ele fosse se orgulhar de suas idéias políticas, por achá-las “*muito revolucionárias*”. Analisando esse aspecto do contexto social em que a estória de E1 é produzida, entendemos que a representação mítica do avô nessa família reforça nossa tese sobre a resistência dos princípios patriarcais nas configurações familiares de hoje, pois apesar desse avô não mais existir, sua figura

permanece como referência atual, assim como permaneceu o modelo conservador de criação, retratado no relato da entrevistada.

Tanto que ela sublinha o alijamento das mulheres do assunto ligado à política, pois o avô era a figura central, o homem forte da casa, que como ela disse antes, não dava “*liberdade de expressão*”. No entanto, como se vê na fala acima, a entrevistada reconhece que a família acabava se envolvendo por vias indiretas, haja vista a participação afetiva dos familiares, pois, como ela conta, sua mãe sofreu com os muitos anos de trajetória política trilhada por seu avô. É notável, contudo, que a despeito do sofrimento vivenciado pela família desse homem, sua carreira se manteve, o que nos leva a supor o papel secundário dos familiares diante da decisão do patriarca de seguir no caminho da política.

Já na biografia da entrevistada, ao contrário da aparente negligência do avô quanto à opinião da família, percebeu-se a importância do apoio familiar para sua decisão de lançar-se candidata, marcando a relevância de sua relação com seus familiares, desenvolvida no contexto intersubjetivo. Ela disse:

E1: (...) Você primeiro tem que decidir dentro de casa, não eu, mas as pessoas sempre falavam: ‘primeiro você tem que decidir’. Hoje eu vejo que é importante, porque se as pessoas não estiverem do seu lado, é complicado, né? (...) Às vezes um acha que não seja tão bom, que é complicado, mas pensa: ‘se é importante pra ela, estamos todos juntos’. Do meu pai ao meu filho, né? E, muito, em todos os sentidos... financeiro, apoio moral, tudo, sabe?

Esse relato corrobora a fala de um dos participantes do GF1 que menciona o peso da família, mais particularmente do marido, na decisão final quanto à candidatura da mulher. Ao que parece, a família dessa entrevistada compartilha com ela a idéia de que sua carreira política é o atendimento a um clamor popular, a resposta a uma manifestação afetiva do “*povo*” que ela sempre ajudou e tratou com carinho.

Interessante que apesar de definir-se como uma profissional profundamente comprometida com as causas populares, a idéia de atuação política não lhe passava pela

cabeça, a não ser “*inconscientemente*”, ela disse. Essa percepção sobre uma orientação inconsciente pode estar relacionada ao fato já mencionado por ela de que nunca foi diretamente estimulada a atuar politicamente, posto que na família esse assunto não era dirigido às mulheres. Convivendo com o meio político, mas familiarmente alijada das possibilidades de participação direta nesse meio, a entrevistada parece ter escanteado seu desejo, como seria de se esperar que uma mulher fizesse, enveredando-se por outras possibilidades de ajuda ao “*povo*”, como a profissão de psicóloga, por exemplo, que é, essa, sim, considerada feminina.

Um detalhe importante a ser observado nessa fala é que a própria entrevistada faz a separação entre o campo da política e o campo da psicologia, ignorando o caráter político de seu trabalho como psicóloga. Ou seja, na visão da entrevistada exercer a psicologia não é o mesmo que trabalhar politicamente, já que esta área de atuação parece demarcada num território mais específico e não ao naturalmente acessível às mulheres.

Essa questão nos remete novamente aos trabalhos de Fávero (1991) e Rocha-Coutinho (1994) sobre como se dá o direcionamento ocupacional de homens e mulheres a partir dos processos diferenciados de socialização disponíveis a meninos e meninas. Para as autoras, o modo como homens e mulheres vão sendo socializados e a maneira como são desenvolvidas as capacidades tidas como masculinas e femininas já funciona como ferramenta de direcionamento não só das subjetividades, mas também das carreiras profissionais abraçadas por homens e mulheres. Nessa entrevistada, uma característica considerada como particularmente sua, que é o desejo de ajudar e de voltar-se para o povo, encontrou a via “natural” de realização na psicologia, para só bem mais tarde ser introduzida a possibilidade de atuação política.

Outro aspecto notado na narrativa de E1 diz respeito à inobservância de si como sujeito generizado. Apesar de reconhecer diferenças entre o estilo masculino e o feminino

de atuar politicamente, ela diz que tanto faz a questão de gênero, pois o “*ser humano tem um monte de dificuldade*”. Vejamos o seguinte trecho:

Entrevistadora: Onde tá essa diferença (*no estilo político de homens e mulheres*)?

E1: Nunca pensei sobre isso, porque eu não sou muito corporativista, né? Tudo bem, exclusão da mulher na sociedade, concordo, eu acho que temos, acho tem outros lugares, tal, mas eu não sou corporativista de ficar defendendo as mulheres, de ficar defendendo os psi... sou representante dos psicólogos no Conselho Municipal de Saúde, mas não consigo ter essa visão só do psicólogo, só da mulher, não consigo ver isso, né? De defender, nós, mulheres... Agora, que mulher é discriminada, é, né? Eu sinto na pele. Que temos mais dificuldades? Temos. Que a valorização é menor? É. Tudo isso eu consigo enxergar, né? Mas acho que o homem tem um monte de dificuldade também, o ser humano, em si, tanto faz a questão de gênero aí. Mas talvez tenha sim, tenho pensado. Tenho gostado das mulheres, assim, que eu tenho conhecido na política, a questão... Não sei se porque a quantidade é menor, também, né? A questão da não corrupção, a questão... não sei, tem me passado que... e as pessoas têm visto isso com bons olhos, querem mulheres, tá um movimento, assim, vamos colocar mulher lá, tal. Não é esse o meu discurso, mas... acho que é interessante...

A leitura que E1 faz da defesa da mulher como “*corporativismo*” ilustra a ausência de reflexão sobre questões de gênero nas relações sociais cotidianas, o que nos remete, mais uma vez, à concepção naturalizadora das diferenças, contra as quais, então, não há nada a fazer, visto que as dificuldades vivenciadas por homens e mulheres não são resultado de uma hierarquia de gênero, mas fazem parte da condição universal do ser humano. Por isso, a luta dessa entrevistada não se dirige às mulheres, até porque, segundo ela coloca, as próprias mulheres têm dificuldade de votar em outras, do mesmo modo como foi assinalado em alguns grupos focais.

Segundo E1, a inelegibilidade da mulher pode estar relacionada à idéia de fragilidade feminina, corroborando o que já vimos até aqui sobre a noção de que as mulheres não parecem bem preparadas, ou não são talhadas para a política.

Julgamos importante discutir também outro aspecto da fala de E1 que caminha na mesma direção das interlocuções nos grupos focais: a adoção das quotas como ação afirmativa. Sobre isso, a entrevistada toma posicionamento semelhante aos dos interlocutores dos GF, alegando que se trata de política discriminatória. Embora acredite

ser justificável a adoção dessa ação como forma de “*igualar os desiguais*”, ela entende que as quotas promovem a discriminação e oferecem à mulher uma posição confortável, pois elas não precisam “*brigar*” para lançar suas candidaturas. Pelo contrário, costumam ser “*procuradas*”, como ela foi, para que o partido obedeça à obrigatoriedade de cumprir a política de quotas.

A noção de que as quotas permitiram à mulher uma posição mais “*confortável*” na disputa intra-partidária não corresponde, no entanto, à sua elegibilidade. O fato de os partidos procurarem as mulheres para se candidatarem não significa apoio efetivo às candidaturas femininas. Significa, como já sublinhou Araújo (2005), o cumprimento de um protocolo eleitoral, que não empresta credibilidade ao convite e não se traduz em compromisso com a eleição das candidatas. Na verdade, entendemos que o conforto é do partido, que faz o convite para que a mulher se candidate, mas não se responsabiliza pelos resultados, nem se preocupa em incrementar a acessibilidade feminina aos processos eleitorais. Nesse caso, se ela não se elege, sua candidatura serve apenas para reforçar o estereótipo de que política não é lugar para mulher e que, por isso mesmo, as quotas seriam desnecessárias.

Para finalizar as análises desta entrevista, queremos acentuar a importância de compreender a trama das relações que constituem a subjetividade dessa mulher, já que as marcas presentes no processo de desenvolvimento psicológico e identitário da entrevistada (não só desta, mas de todas elas) manifestam-se não só no modo de pensar a atuação política feminina de maneira geral, mas na sua própria prática. Daí a razão pela qual a proposta desse trabalho foi voltar o olhar para os aspectos psicológicos presentes na construção desse sujeito, entendendo que tais aspectos marcam também sua maneira de conduzir o fazer político.

4.2.2. Análise da Entrevista 2

A segunda mulher entrevistada tinha 52 anos, foi candidata à reeleição para vereadora em Uberlândia e reconduzida para o segundo mandato.

Sua fala, desde o início, assumiu um tom panfletário e em muitos momentos, a entrevistada dirigia-se à câmera como se estivesse falando com o telespectador, num discurso pouco espontâneo. Esse comportamento ficou ainda mais marcado ao final da entrevista, quando se pronunciou sobre a legislação que regulamenta o horário de atendimento das creches. Nesse momento, agiu como se estivesse no palanque, adotando um discurso clichê e dirigindo-se diretamente à câmera para dizer que gostaria de “*levar essa palavra (de indignação) pro Brasil todo*”.

Com relação ao contexto familiar que lhe serve de referência, percebeu-se que na narrativa dessa entrevistada há pontos comuns com a de E1, como, por exemplo, a inspiração política vinda do avô e do pai. Informou que na sua família sempre “*tinha fala política*”, até porque, segundo ela, o avô foi um dos fundadores de Uberlândia e tanto ele quanto seu pai sempre estiveram envolvidos com a política. Embora tenha dito que na infância manteve-se alheia às questões políticas, assinalou sua participação em movimentos estudantis quando jovem, movimentos estes voltados “*realmente para reivindicações, sem aquela anarquia*”. Nessa fala, nota-se o posicionamento ideológico conservador da entrevistada, que permeará toda sua narrativa.

Além do avô e do pai, destacou outras importantes fontes de inspiração para sua atuação política: o irmão, que segundo ela “*é um cérebro fantástico*”; um ex-prefeito da cidade, eleito por vários mandatos; e o ex-presidente do período de regime militar, Garrastazu Médici.

Quando perguntei se as mulheres também participavam da política, ela respondeu da seguinte forma:

E2: Meu pai era muito aberto, né? E lá em casa ele sempre nos deu liberdade de conversa aberta, assim, muito franca. Politicamente ele tratava tanto meu irmão, como nós, meninas, tudo igual. O homem e a mulher. Ele sempre colocou pra nós as diferenças mesmo (...).

Talvez seja possível pensar que um dos efeitos desse modo paterno de tratar os filhos - que atravessou todo o contexto familiar que a entrevistada tem como referente - tenha sido a constituição da “*positividade*” como marca da atuação de E2, pelo menos no âmbito da política, como ela assinala. Vejamos sua fala

Entrevistadora: (...) Você reconhece alguma marca que seja essencialmente feminina no seu jeito de fazer política?

E2: Sim, meu jeito firme, eu sou muito franca, positiva, né, e às vezes eu falo coisas que as pessoas não querem ouvir, né? Porque geralmente eles esperam ouvir aquilo que gostariam de ouvir, né? Isso ficou minha marca registrada. Isso pra mim é muito importante. Porque eles sabem o meu posicionamento, da minha força nas questões do sim ou não, né, então pra mim isso é a minha marca. Minha positividade.

Essa positividade de que falou E2, não é usualmente arrolada como característica tipicamente feminina, tanto que, como sublinhado acima, essa pode ter se tornado sua “*marca registrada*” talvez exatamente pelo incomum de se ter uma mulher ostentando atributos mais marcadamente masculinos. Como ela mesma pontuou, “*eles esperam ouvir aquilo que gostariam de ouvir*”, sugerindo ser mais usual nas mulheres a conduta menos direta, que como já apontamos antes, é geralmente utilizada como estratégia de comunicação feminina (Rocha-Coutinho, 1994), conforme assinalado anteriormente na fala de E1.

A positividade também é apontada por E2 como uma exigência do trabalho e entende que boa parte dos colegas de assembléia aprendeu a respeitar seu “*jeito de ser*”. Para isso, foi preciso que ela driblasse as tentativas de exclusão de alguns processos de discussão na câmara, adotando uma postura de igualdade para com os colegas. Ela disse

E2: (...) Eu sou a única mulher da câmara. Eu acredito que às vezes eles querem te tirar, às vezes, de algum um assunto que estão discutindo, né? E te jogam às vezes, sempre, por último. Eu passo por isso, mas eu não tiro de coitada, certo? Ali na câmara mesmo, tem os homens que respeitam, tem outros que não. Mas o que não respeita também leva, da mesma forma, do jeito que vem, ele leva, certo? (...) Eu me faço respeitar, né. Porque aquela que não se faz respeitar, ela é, vai ser massacrada, pisoteada, não é verdade?!

Tomando os significados subjacentes na fala da entrevistada, pode-se inferir que a atuação feminina no que tange à prática política institucional é respeitada quando a mulher adota comportamentos mais firmes e assertivos, tradicionalmente associados com as condutas masculinas. Aquela que “*tira uma de coitada*”, na visão de E2, é “*pisoteada*”, “*massacrada*”. Esta pode ser entendida como uma estratégia do poder masculino para padronizar modelos de conduta parlamentar e assim condicionar a sobrevivência da mulher no meio político à sua necessidade de adequação aos padrões estabelecidos.

Em outras palavras, num nível não explícito, que nos remete à metanarrativa, a entrevistada dá indícios de que parece haver uma norma subliminar informando à mulher que para se sustentar na política ela deve se parecer com o homem, pelo menos nos comportamentos institucionais. De certo modo, essa fala de E2 foi corroborada em alguns grupos focais, que entendem a necessidade de adequação e de alianças da mulher com aqueles que já detêm o poder.

Mesmo adotando comportamentos identificados com a postura masculina de convívio institucional, no seu contexto intersubjetivo de trabalho direto com a população, E2 ainda se associa aos territórios de ação costumeiramente marcados como femininos, tais como o atendimento a “*mulheres subjugadas pelos homens*” e o trabalho de “*reestruturação familiar*”. Ao que parece, do mesmo modo que E1, essa entrevistada, mesmo em sua atuação política fora do âmbito partidário, sempre esteve voltada para a “*comunidade*” e para o trabalho com “*famílias carentes*”, numa extensão da prática do cuidado com o outro, vivenciada enquanto trabalhava como assistente social da rede

pública, profissão em que se formou. Percebe-se, de forma tão manifesta como em E1, a mesma preocupação com o cuidado e com a ajuda ao outro, e a mesma percepção da política como atividade eminentemente afetiva.

Talvez por isso, assim como E1, essa entrevistada também entenda a possibilidade de superação das diferenças entre homens e mulheres por meio do afeto, ou da “*política do amor*”, por ela praticada. Ela entende que homens e mulheres possam andar lado-a-lado, embora não negue a existência de diferenças de gênero, como se pode ver no trecho abaixo:

E2: (...) A minha política é de tête-a-tête, é de amor, né, é de muitas mulheres que me ajudam, sabe, por isso que eu falo que eu acredito nos homens, nós andamos lado a lado. Eu sei que nós temos as diferenças, mas têm homens que acreditam demais em mulheres. (...) Estou preparada sim, pra rua, o tempo todo, pra estar com a comunidade.

Sobre as diferenças entre homens e mulheres, ela disse que estas últimas são mais competitivas, enquanto os homens são mais companheiros. Isso faz com que uma candidatura feminina à presidência do país tenha que ser muito trabalhada, “*desde já*”, segundo E2, porque “*uma mulher não pode ver o crescimento da outra*” e para uma eleição feminina a um cargo como esse, seria necessário trabalhar as mulheres “*entre si, entre a classe*”. Quando aventado o nome de Dilma Rousseff à sucessão, a entrevistada disse que se identifica muito com ela, pois é “*íntegra*” e “*positiva*”, uma pessoa que não “*cai fácil*” e que “*enfrenta barreiras*”. Ela completou dizendo que é “*assim que nós (mulheres) temos que ser*”. No entanto, reafirmou sua opinião sobre a desunião da classe feminina ao dizer que a mulher sabe do que precisa, “*mas não ajuda*”.

Essa fala parece bastante inserida no pensamento clichê que vê a mulher como alguém pronto a competir com seus pares e que toma por base algumas características historicamente atribuídas à mulher, como a instabilidade emocional, a infantilidade afetiva e o ciúme. Na fala de E2, agregada a estes atributos aparece a maternidade como

possibilidade de redenção feminina, como forma de resgatá-la da imaturidade para a responsabilidade com o bem-estar comum. Seria esta então uma forma de lutar pela dignidade e igualdade de condições para as mulheres: mostrar a elas que o fato de serem “geradoras” lhes confere “força” e “capacidade” para fazer o país mudar.

Aliás, para essa entrevistada, ter a mulher no poder representaria realmente uma forte possibilidade de mudança no país. A mudança que ela enxerga a partir da atuação política da mulher, vincula-se à sua atuação doméstica. Em outras palavras, E2 entende que a batalha da mulher deveria voltar-se para a reestruturação familiar, para o investimento na formação de crianças e jovens e para o combate à marginalidade, mais ou menos como uma mãe cuidando da casa. Ou seja, a mulher deve atuar no território público do mesmo modo que atua no seu lar, desempenhando o papel que lhe cabe e que foi designado por “Deus”. Isso é notável no momento em que E2 exorta as mulheres que ocupam a política a cumprirem sua natural responsabilidade de cuidado com a infância e juventude:

E2: (...) Porque as crianças saem com cinco anos pra rua, com seis anos pra rua. A mulher sabe disso, como conduzir isso. Então a responsabilidade é nossa.

Entrevistadora: Porque que você acha que a mulher sabe melhor?

E2: Eu acredito que está, é dela mesmo. Isso veio de Deus, sabe, isso vem, né, porque parte de nós o ser, né? Um pedacinho de nós. Então, nós temos isso, não tem como explicar. Isso é coisa abençoada nossa, pra poder passar isso pro sujeito, né? Então é muito difícil eu te explicar o porquê. Isso tá... as diferenças homem, mulher, né?

De modo geral, é interessante perceber como as entrelinhas da narrativa de E2 revelam um discurso pleno de contradições. O que nos pareceu, ao longo da entrevista, é que se trata de uma mulher oriunda de uma formação profissional que tem como alvo, via de regra, a “comunidade” e as populações “carentes” e nessa área do conhecimento científico, ainda é possível deparar-se com o discurso de defesa da afetividade como salvação para a carência e desigualdade. Por outro lado, quando E2 julga a política de quotas como desnecessária, considerando que não chega a haver o preenchimento das vagas mínimas pelas mulheres, ela adota um discurso institucionalizado, impessoal e

distante da reflexão sobre a condição feminina de exclusão dos processos de compartilhamento efetivo do poder. Também no equívoco de sua interpretação sobre o movimento feminista parecem resistir preconceitos arcaicos e institucionalizados quanto à função deste movimento.

Na nossa interpretação, E2 já desfruta da possibilidade de compartilhar o poder, mas não transgredir as normas estabelecidas, que impõem a estigmatização da atuação feminina. Embora perceba-se como uma mulher assertiva, ou “*positiva*”, como ela diz, E2 não faz nenhum movimento de rompimento com os estereótipos de gênero presentes no seu entorno político. Ao contrário, caminha na direção do conservadorismo, pois entende que o papel político da mulher é estender para o setor público a afetividade maternal que representa a marca da atuação feminina.

Apesar da referência à figura do pai como alguém que ensinava a igualdade entre os gêneros, a atuação política de E2 revela como estão presentes os significados de gênero que mantêm a divisão não igualitária de papéis masculinos e femininos. Nas relações intersubjetivas que estabelece no campo da política, a entrevistada acaba por disseminar as velhas diferenças entre homens e mulheres, sustentadas por princípios patriarcais que se prestam à manutenção das hierarquias de gênero. Essa mulher, assim constituída e assim traduzida em sua narrativa biográfica, engrossa o cordão de uma infinidade de outras, que tendo a possibilidade de transformar, acabam por repetir práticas sociais que asseguram a iniquidade entre os papéis de gênero.

4.2.3. Análise da Entrevista 3

A terceira mulher entrevistada tinha 56 anos e ocupava cargo do alto escalão ministerial à época da entrevista. Além de pertencer à esfera do poder executivo, sua trajetória política incluiu a eleição para a reitoria de uma universidade pública.

Sua fala destoa bastante das mulheres entrevistadas até aqui, e como poderemos ver mais adiante, destoará também das demais. Em sua narrativa, a participação acadêmica e política são bem marcadas, bem como sua origem em classe privilegiada. Das entrevistadas todas, é a única nascida fora do Estado, no Rio de Janeiro, talvez a metrópole mais importante do país na época.

Segundo ela, havia um ambiente de discussão política em sua casa, tendo no pai e no avô os pivôs dos debates, assim como manifestaram E1 e E2 a respeito de seus contextos sociais e familiares. A política era tratada como “*parte da vida*” e não como “*uma coisa marginal, acessória*”. No entanto, ressaltou, a discussão era restrita ao universo masculino, como ela disse: “*os homens discutiam e eu me metia, pequena*”.

Assim como as outras entrevistadas, narrou o convívio com o ambiente político, mas diferentemente de E1 e E2, esta entrevistada mencionou claramente que parte do seu interesse pelo assunto se deve ao tipo de socialização vivenciada em casa. Na sua fala, em mais de um momento defendeu a importância dos processos de socialização na construção da subjetividade e na orientação dos interesses e do potencial dos sujeitos, coadunando-se com a perspectiva tomada nesse estudo.

A socialização é, para E3, responsável também pela diferenciação das qualidades de homens e mulheres, incluindo-se aquelas manifestas no campo de atuação política. Para essa entrevistada o desenvolvimento de atributos masculinos e femininos está relacionado à aprendizagem e ao tipo de exigências interpostas nas relações sociais. Ela disse:

E3: (...) Eu acredito, sim, que exista uma forma de socialização das mulheres que faz com que elas tenham, né, determinados atributos do ponto de vista de preparo. É inegável a capacidade das mulheres de lidarem com muitos problemas ao mesmo tempo e isto é aprendizagem! E é aprendizagem decorrente da necessidade, não tem jeito. Quantas vezes vocês já vão ter presenciado, ahn, examinar um trabalho, tá no telefone falando com a babá do filho...

Ao contrário dos sujeitos anteriores, essa entrevistada desnaturalizou as características tidas como masculinas e femininas e destacou o papel das instâncias

socializadoras, entre elas a família, no desenvolvimento de habilidades e conseqüentemente na inserção no mercado e na escolha pela carreira política. Portanto, segundo ela, as mulheres que optam por esse caminho já passaram por um grande “filtro” que impõe muitas barreiras às mulheres. Vejamos:

E3: E isso é desde pequenininha porque, dentro das casas, né, são as meninas que têm que ir pra cozinha, são as meninas que têm que ajudar a mãe nas tarefas. (...) Do ponto de vista da política, a questão é a seguinte, nós somos muito poucas, portanto nós somos as melhores, certo? O filtro é tão grande, né, que as mulheres que chegam lá são aquelas que, realmente, entendeu, precisaram superar muitas barreiras.

Nesse sentido, a afetividade feminina, vista até aqui por E1 e E2 como diferencial de atuação da mulher, não foi apontada por E3 como suficiente para mudar a distribuição do poder na política. Segundo ela, é preciso que as mulheres formem “*uma massa crítica*” capaz de alterar a situação atualmente estabelecida. A visão de E3 segue na mesma direção do que já dizia Avelar (2001), a respeito da necessidade de que as mulheres estejam no poder em quantidade e qualidade suficiente para poder criticar sua estrutura.

Um ponto de similaridade entre as três entrevistadas analisadas até agora é que todas elas iniciaram sua trajetória política pelo movimento estudantil e em todas reverberava a percepção de estarem diante de situações de desigualdade ou de injustiça. No entanto, a única a falar claramente em injustiça imposta pela ditadura foi E3, que atribuiu o desenvolvimento dessa visão às discussões políticas tidas em sua casa. Talvez por isso esta também seja a única dos três sujeitos analisados a enveredar-se assumidamente pelos caminhos da esquerda, tendo, inicialmente, se filiado ao PCB.

Segundo a entrevistada, para sua geração, “*entrar na universidade era a abertura efetiva de novos horizontes*”. Nesse momento, cabe uma comparação entre o contexto acadêmico metropolitano, onde se situava E3 e o contexto acadêmico do interior, onde E1 e E2 fizeram sua formação. Obviamente que o movimento estudantil teve representatividade em todo o país, mas também é evidente que assim como todo

movimento que se difunde, ele não deve ser encarado como homogêneo e monolítico. Por isso, é possível supor que na região do triângulo mineiro e do interior paulista, onde E1 e E2 se formaram, a força do movimento tenha sido bastante diminuída, bem como sua vinculação às reivindicações propostas pelos partidos de esquerda.

Portanto, também é possível supor que os efeitos do pertencimento aos movimentos estudantis da capital e do interior guardem uma distância significativa. No caso do movimento desenvolvido dentro das universidades da capital, o caminho mais comum seria a filiação a um partido de esquerda, enquanto no interior esse itinerário não era tão prontamente estabelecido.

Sob essa ótica, pode-se pensar, então, que a adesão ao comunismo, no caso de E3, foi influenciada pelo compartilhamento de ideais difundidos dentro de seu contexto universitário, reforçando o argumento que temos defendido desde o início do texto, de que as instâncias socializadoras acabam orientando as subjetividades, desenhadas nas trajetórias, perspectivas e comportamentos que o sujeito desenvolve.

Tanto que a própria entrevistada reconheceu a influência do contexto universitário para a escolha do partido de filiação e ela mesma admitiu que sua realidade como membro do “*partidão*” era “*totalmente diferente do povo que veio do movimento operário*”. No entanto, também sofreu as perseguições impostas pela ditadura até o ponto de ter que exilar-se em outro país, juntamente com seu então marido.

Sobre essa passagem de sua vida, E3 fez uma interessante reflexão a respeito do que significou a experiência do exílio e do casamento nessas condições. Segundo ela, na construção de sua história de vida até ali havia muito fortemente a marca da luta por uma causa, a luta pela revolução. Uma vez exilada, casada e distante da revolução, E3 admite ter tido dificuldade em cuidar das coisas prosaicas do cotidiano, pois fora preparada para outras batalhas. Ela conta que o marido prosseguiu nos estudos, mas ela não, por

problemas de visto. Ficava, em muitos momentos, sozinha, com o esvaziamento de não ter uma causa em nome da qual lutar e sem se sentir preparada para gerenciar o universo doméstico, pois essas funções, na casa de seus pais no Brasil, eram desempenhadas por empregadas. Nas palavras dela:

E3: É, e eu sozinha, e aí a primeira coisa que eu me dei conta, e que eu acho muito interessante é que eu tava... eu me sentia muito preparada pra fazer a revolução, só não tava preparada pra vida. (...) Isso não foi só uma experiência minha, eu falo isso porque convivi com outras pessoas, (...) filhos de classe média (...) com empregada em casa, então... A vida me sorriu, diria assim, né, até aquela data.

Na seqüência, a entrevistada prossegue em sua reflexão, admitindo ter sido criada dentro de uma realidade privilegiada, que preparava para o engajamento político e profissional, mas não para o cuidado com o lar.

No entanto, o relato de E3 demonstra que embora houvesse uma ideologia partidária que exortasse à participação na luta pela igualdade de classes, o partido comunista não discutia as questões de gênero, pois as preocupações com a exploração da classe proletária pelo capitalismo pareciam maiores, conforme o que foi pontuado pela entrevistada:

E3: Mas esse negócio de mulher... Porque isso não estava na agenda do nosso partido, porque a exploração do homem pelo homem, marxismo, não admitia outro tipo de causa para os males do mundo, digamos assim, né?

No seu entendimento, o comunismo não conseguiu “*quebrar a fronteira do lar*” do mesmo modo que fez no alargamento dos espaços públicos. Ao que parece, de fato, as questões de gênero não figuravam na pauta de lutas do movimento comunista e por essa razão os papéis no terreno doméstico restaram intactos, mesmo após as batalhas travadas no campo da equidade social.

Na sua fala, ela assinalou a permanência do conservadorismo e dos princípios patriarcais no âmbito doméstico, a despeito da aparente postura de defesa da igualdade entre os gêneros ostentada no terreno das relações profissionais, por exemplo. Ela disse:

E3: Então, eu costumo dizer que a grande fronteira que não foi quebrada pelo comunismo, foi a fronteira do lar, né? A gente avançou mais no espaço público que no espaço privado, porque hoje eu vejo que todas nós teremos uma dezena de exemplos pra citar de homens que convivem muito bem no local de trabalho com seus colegas....

Entrevistadora 2: Um amorzinho....

E3: É, um amorzinho, acham muito bonito inclusive a autonomia das suas colegas, a ideologia (...) Agora, quando chega em casa, quer o jantar quentinho, na hora que chega, posto na mesa, não levanta um dedo pra cuidar da criança.

A mesma resistência patriarcal foi percebida pela entrevistada quando se elegeu reitora de uma universidade pública. Por ser a primeira mulher eleita pelo voto direto a esse cargo, E3 experimentou os impactos de inaugurar a presença feminina num território até então dominado pelos homens.

Na sua narrativa, fica clara a consciência que essa mulher tem dos motivos que a levaram a ser eleita. Segundo ela disse a respeito de sua eleição, “*eles iam votar em mim porque eu era confiável, eu era quase um homem, entendeu?*”. Essa fala também remete à necessidade de ter se apropriado de características masculinas para conseguir disputar o cargo, assim como percebemos em E2, ao falar de sua “*positividade*” e de sua disposição para a briga como necessárias para conseguir respeito entre os colegas homens.

Ao ingressar no cargo, todavia, E3 percebeu a dificuldade de ser recebida naquele espaço, uma vez que sua presença ali era quase alienígena. Os colegas, segundo seu relato, não sabiam como lidar com ela, ou, melhor dizendo, não sabiam como lidar com o fato de que ela era uma mulher, ainda que ela representasse para eles uma figura tão “*forte*” e confiável “*quanto um homem*”. Vejamos sua fala:

E3: Isso, e aí, quando fui eleita, eles se deram conta de que na verdade eu era mulher mesmo, eles iam ter que lidar comigo como mulher. E era muito interessante, eu digo que se eu pudesse ter filmado, ter gravado.....

Entrevistadora 1: Você percebia essa dificuldade?

E3: Ô! Eles abriam a minha porta, da minha sala, e eles não sabiam nem sequer como me tratavam, eles não sabiam se me chamavam de magnífica reitora, de reitora, de professora E3, de E3, porque, enfim, eu era uma colega de universidade. Se eles me cumprimentavam fazendo elogios, que a minha roupa tava bonita, que meu cabelo...

Além disso, ela notou a permanência de mitos naturalizadores a respeito do comportamento feminino, pois percebia que o fato de ser mulher gerava nos “*subordinados*” uma insegurança devido às expectativas deles de que ela fosse emocionalmente instável, como as mulheres são.

Prosseguindo no que tange à participação da mulher na política, e agora falando não mais da sua experiência, a entrevistada trouxe uma reflexão sobre o modo como os significados de gênero funcionam de base para a permanência de códigos de conduta que estabelecem papéis masculinos e femininos dentro das estruturas de poder, sejam elas partidárias ou não. Ela comentou, por exemplo, sobre as ferramentas utilizadas pelos homens nas esferas do poder legislativo para manter o alijamento da mulher das instâncias decisórias.

De acordo com seu relato, é flagrante a exclusão da mulher dos “*acordos*” e “*rateios que eles fazem pras comissões*”, graças às negociações firmadas pelos homens em outros ambientes que não o parlamento. Ela conta que

E3: (...) Na hora do ‘vamos ver’, os homens se juntam e dividem entre eles, mas eles fazem isso não ali na discussão aberta da comissão. É na hora que saem pro boteco, vão tomar cachaça, vão beber um chope ou numa festinha particular e nós não estamos junto. E aí é nessa hora.

Também quando se trata das quotas, E3 entende que a exclusão da mulher permanece. Corroborando análise de Araújo (2005), a entrevistada defendeu a opinião de que a desigualdade entre homens e mulheres já começa na disputa intra-partidária e por isso a política de quotas, por si só, não produz impacto eficiente para o incremento das candidaturas femininas. Segundo ela, os partidos deixam de utilizar outros dispositivos

para efetivar a participação da mulher e depois alegam inelegibilidade feminina ou indisponibilidade para a militância dentro do partido, pois elas “*têm que cuidar do filho, têm que cuidar da casa*”.

Quanto às possibilidades de eleição de uma mulher na sucessão presidencial, ela entende que parece haver uma mobilização social para “*experimental*” uma mulher num cargo como o de presidente, mas acredita que as cobranças quanto à demonstração de competência seriam bem mais duras do que no caso de um homem na presidência.

Analisando mais detidamente o aspecto dos significados presentes em sua narrativa, chamou-nos a atenção, nessa entrevistada, sua consciência quanto ao modo como a hierarquização de gênero se mantém em nossa sócio-cultura.

Por outro lado, o excesso de elaboração das suas falas nos leva a supor uma certa “institucionalização” de seu discurso, notadamente marcado por essa consciência tão claramente manifesta quanto ao impacto dos processos socializadores e da hierarquização entre homens e mulheres. Pensando inclusive em sua posição política numa secretaria ministerial voltada para as questões femininas, não é de se estranhar a prontidão com que foram levantados argumentos a favor da maior instrumentalização crítica da mulher. Para tanto, ela retomou o papel da educação nesse processo, como fundamental instância de socialização e de aprendizado de habilidades.

A despeito disso, a narrativa dessa entrevistada ainda nos convida a conjecturar que talvez a possibilidade de se apropriar criticamente do conhecimento e de entender como se engendram as relações de poder subjacentes nas práticas e interações sociais tenha permitido a essa mulher compreender os processos de constituição de si e entender também quais os impactos de sua ação como sujeito social.

Pode ser que esteja aí, na consciência quanto ao modelo de distribuição de poder que organiza nossas interações, a possibilidade de transformação na estrutura patriarcal que sustenta as relações entre homens e mulheres.

4.2.4. Análise da Entrevista 4

A quarta mulher entrevistada tinha trinta e dois anos e foi candidata à vereadora em Ituiutaba pela segunda vez e eleita para o primeiro mandato.

Assim como E2, a narrativa dessa entrevistada tomou um tom de pouca espontaneidade, como se E4 estivesse também sobre um palanque. Em vários momentos, dirigiu-se a um telespectador imaginário, dizendo frases do tipo “*eu não preciso esconder nada de quem tá vendo o vídeo*”, ou “*desculpa, gente, tem hora que eu vou falando...*”

A diferença entre E2 e E4 nesse aspecto foi a característica de docilidade e deslumbramento da narrativa desta última. Enquanto E2 defendia a “*positividade*” como sua marca registrada, E4 reiterava sua vinculação com os ideais católicos da caridade e da prontidão em ajudar o próximo.

De fato, sua atuação política guarda estreitas conexões com o contexto religioso da igreja católica, o que se reflete em sua narrativa sobre como busca ser grata e ajudar as pessoas que a ajudaram, como “*sempre foi apaixonada por idosos e pessoas humildes*” e como sempre gostou “*das pessoas pobres*” e sempre visitou “*os doentes*”. Todas essas ações, pelo que se sabe, são recorrentemente estimuladas no exercício do catolicismo, o que nos leva a notar a clara influência do modelo católico com que E4 entende as relações políticas.

Até sua eleição parece ter sido uma providência divina, pelo menos parcialmente. Quando narrou sobre as contingências de sua primeira candidatura ressaltou que não

conseguiu ser eleita porque faltaram aproximadamente quarenta votos. Reiteradamente falou da falta de recursos para a campanha e de como obteve manifestações voluntárias de apoio à sua candidatura. No segundo pleito, manteve o mesmo *modus operandi* de conduzir a campanha e ainda vivenciou a mesma falta de recursos. Segundo ela, fazia sua campanha “à pé e de ônibus”, sem “cabo eleitoral”, contando apenas com “as pessoas que se prontificavam em ajudar”. No desenvolvimento de sua narrativa sobre as candidaturas e a eleição ficou evidente a compreensão de que a resposta nas urnas veio em virtude de sua atuação religiosa, antes mesmo de se lançar à política. Ela disse:

E4: (...) Eu sempre gostei muito de conhecer gente, antes de política, independentemente de política. Sempre gostei das igrejas nas vilas, nos bairros, eu sempre gostei das pessoas pobres, (...) sempre fui apaixonada pelas pessoas humildes, porque são pessoas que têm muito a oferecer, e eu, na igreja, ficava o dia todo na, nas igrejas e tal, na comunidade, participando, ajudando, em encontros. Quando tinha encontros da igreja eu sempre auxiliei, né? Visitar as pessoas doentes nos hospitais. Eu sempre amei fazer isso. Antes de pensar em política. O pessoal, muita gente, quando eu fui pedir voto: “eu lembro de você, um dia eu tava doente no hospital, você foi me visitar”. Aquilo era estimulante, aquilo era gratificante, sabe? As pessoas me abraçavam: “nossa, eu lembro de você, um dia você foi na minha casa, me visitar”. Eu não me lembrava daquela pessoa, né? Mas é algo assim...

Ao que parece, assim como se percebe em E1 e E2, a atuação política na concepção dessa entrevistada é uma extensão de sua atuação em outros territórios, nesse caso, o religioso. Nas narrativas de E1 e E2, a atuação política é vista como a continuidade do que elas já praticavam em suas profissões ligadas ao serviço público, antes das candidaturas. No caso de E4, sua origem não está no serviço público, mas é quase isso. A atuação religiosa também mantém o princípio da ajuda ao próximo, que para E1 e E2 representa a essência do serviço público e a síntese de suas atuações nessa esfera. Ou seja, E1, E2 e E4 entendem a política como o exercício da ajuda ao outro, numa extensão do que já faziam antes de se proporem a atuar politicamente. Por isso, na narrativa de E4 são recorrentes as falas em que ela proclama seu desejo de “*servir à comunidade*” e “*dar o melhor de si*”.

Sem diferir de todas as outras entrevistadas, E4 também teve sua inspiração política na figura do pai, ex-vereador da cidade por dois mandatos. Segundo ela, o pai é seu conselheiro, seu exemplo, seu guardião. Seu “*anjo*”, enfim, como ela mesma disse. Pelas mãos do pai ela aprendeu muita coisa sobre política, a ponto de defender a idéia de que tem “*a política no sangue, nas veias*”, assim como foi dito no relato de E2. Diferentemente de E3 que avalia o modo como as engrenagens da socialização se estruturam para direcionar essa ou aquela escolha, E2 e E4 acreditam que as vocações familiares para a política são transmitidas, ou herdadas dos pais e se cumprem como um vaticínio.

Desde pequena, de acordo com seu relato, E4 já se interessava por política e acompanhava o pai, radialista, nos programas de entrevista com políticos locais que ele conduzia. Na opinião dela, o pai percebeu logo cedo que ela se interessava por política, mas só veio a incentivá-la, de fato, quando houve o convite para sua candidatura.

Ela disse que, de início, relutou em adentrar no campo da política, pois achava que essa carreira era incompatível com o exercício religioso. Essa fala demonstra como é presente o estereótipo da política como atividade imoral, a ponto de confrontar-se com a prática da religiosidade. Apesar de acreditarmos que é do conhecimento da entrevistada a história das estreitas relações entre igreja católica e política no ocidente, ainda assim, a concepção estereotipada da política sobrepôs-se ao saber acadêmico sobre o assunto.

Contudo, a entrevistada venceu o “*receio*” de “*misturar política com religião*” e conforme pudemos perceber, a mistura foi feita e está presente no seu modelo de atuar.

Nas suas palavras:

E4: (...) Agora que sou uma vereadora, muito mais estou dando a Deus, porque estou podendo oferecer aos meus irmãos, aos meus amigos, aos eleitores, que são meus irmãos, o que de melhor eu posso dar pra, pra eles... Então, tô vendo, eu estou conseguindo ver Deus na pessoa de cada pessoa que me procura. É maravilhoso.

Pode-se notar, pelo trecho acima, a vinculação entre sua estória pessoal e religiosa e os fins políticos. Ajudar o próximo parece ser uma missão cristã que encontra possibilidades de realização através da política.

Não é de se estranhar que a trajetória política de E4 tenha começado na religião, já que este terreno se configura como um *locus* de ação eminentemente feminino, que se volta para a ajuda caritativa e representa um expressivo caminho de constituição identitária da mulher (Tarducci, 2004). Como diz esta autora, nas sociedades modernas as religiões tradicionais cumprem o papel de reforçar os valores domésticos, oferecendo às mulheres outro espaço social de pertencimento que não seja a família

Outro aspecto notável na narrativa de E4 diz respeito à visão romanceada que tem da política e da mulher dentro desse campo. Em suas falas, ela usa constantemente o adjetivo “maravilhoso” ou “maravilhosa” para designar uma série de situações, como se vê abaixo:

(..) Você vai dormir, põe a cabeça no travesseiro, você vai dormir com aquela sensação maravilhosa, que você deu o seu melhor naquele dia,

(...) Tive professores excelentes, maravilhosos na faculdade

(...) Eu acredito muito na força da mulher. É uma maravilha

(...) Acabou esse negócio de mulher ser deixada de lado, acabou. Isso é fantástico, eu acho maravilhoso,

(...) Eu amo ser mulher, é maravilhoso

(..) Eu acho isso (*as quotas*) maravilhoso, porque incentiva a mulher a entrar na política.

(..) Uma mulher governadora, por que não uma mulher presidente do Brasil, seria maravilhoso.

O uso do referido adjetivo, por si só, não significa muito, mas ele foi citado aqui para ilustrar o tom festivo e embevecido com que o contexto político aparece na narrativa dessa entrevistada. Ao que nos parece, há um certo deslumbramento com sua participação na vereança da cidade, que transforma até os percalços e entraves do jogo político em

motivo para aprendizado e em desafios gratificantes. Como a própria entrevistada disse, ela age para fazer com que as pedras em seu caminho se transformem em degraus para a superação.

Até mesmo em seu julgamento sobre a condição feminina na esfera política, E4 mostra-se “maravilhada” com as conquistas da mulher, defendendo o fim das diferenças hierárquicas entre os gêneros. Segundo ela, já “*acabou esse negócio de mulher lavar louça, hoje não existe isso mais não*”. Na seqüência dessa fala, ela disse:

E4: (...) A mulher tá mostrando seu papel, a mulher tá mostrando a sua força. Hoje, antigamente, a mulher não era considerada inteligente, não, a mulher ficava jogada de lado, como se diz, segundo escalão. Acabou. Hoje se você pegar um concurso público... Antigamente você via os homens lá na frente, no vestibular. Hoje as mulheres estão mandando. (...) Hoje não, hoje as mulheres estão desejosas de mostrar. Não é só de cuidar de filho em casa, não, de ter que fazer comida, lavar louça, acabou essa vida.

É interessante perceber como as diferenças na distribuição de poder entre homens e mulheres são suprimidas na fala de E4 e tomadas como condição hoje universal para a mulher de qualquer classe. É mais interessante ainda pensar em como sua área de formação, qual seja, o Direito, parece não ter contribuído para um aprimoramento no modo como ela deveria enxergar não só os critérios de gênero implicados na hierarquização do poder, mas também os critérios econômicos ligados ao sobrepujamento de uma classe pela outra.

Ao contrário, ela insistiu em dizer que a era das diferenças chegou ao fim e que a política de quotas funciona para incentivar o ingresso da mulher na política. A esse respeito, disse: “*é um impulso pra pessoa que tá: ‘ah, eu não sei se vou mexer’ (com política). Aí ela recebe um convite, como eu recebi, se interessa*”. No entanto, o que ela pareceu ignorar, nesse argumento, foi a ausência de outros dispositivos importantes para mobilizar as mulheres a desejarem participar da política sem que seja necessário o convite. A inexistência de interesse na mobilização feminina por parte dos partidos é uma

ferramenta de manutenção da situação como está, que por sinal, não é lá muito maravilhosa.

Ainda sobre o fim das diferenças no compartilhamento do poder, E4 se manifestou dizendo que seria fantástico ver uma mulher à frente da presidência do país. Nesse ponto, todavia, ela fez uma ressalva: não basta ser mulher, tem que estar preparada. Aqui, ela compõe o coro dos que entendem que a competência feminina deve ser comprovada, especialmente em se tratando da ocupação de cargos de maior envergadura política.

E4: Não adianta qualquer uma falar: “Eu quero ser candidata”, não. Pra que ela seja eleita ela tem que ir de encontro ao, aos interesses daquilo que o povo necessita, não é? (...) Atualmente não vejo nenhuma mulher, assim, que poderia falar pra você: “Essa poderá ser uma ótima...” talvez governadora, assim, mas presidente do Brasil é uma responsabilidade enorme. (...) Porque uma pessoa foi uma ótima prefeita, de uma cidadezinha pequena, às vezes, ela vai ser presidente do Brasil? Não. É necessário que ela esteja realmente preparada pra estar onde ela sonha estar.

Ela acredita que as mulheres têm maior sensibilidade e cautela e que algumas profissões, como a psicologia, são tipicamente femininas em função disso. No entanto, ressaltou que “*existem mulheres que não votam em mulheres*”, porque se “*acostumaram a votar em homens*” e porque ainda acreditam que são eles que dominam o assunto. Na sua opinião, mais uma vez pronunciada na direção da supressão das diferenças, homens e mulheres devem se ajudar, pois cada um tem o seu jeito e coisas boas a oferecer, restando então “*uma união, um entrelaçamento entre os dois modos de viver a política*”. Essa opinião foi corroborada em alguns grupos focais e também esteve presente na fala de outras entrevistadas, como E1 e E2.

Em nosso entendimento, como já ressaltamos, a narrativa de E4 parece um tanto simplista, e, em alguns pontos, marcada pelo tom do maravilhamento com as possibilidades de sua atuação política.

No que tange ao gênero, a entrevistada entende que a condição desigual que a mulher atravessa quanto ao compartilhamento do poder não é mais problema e as

diferenças que existem entre os gêneros são de ordem natural e podem ser superadas pelas regras da boa convivência e da ajuda mútua entre homens e mulheres.

O modo como esta entrevistada se dispõe a pensar as relações políticas e a atuar politicamente demonstra a clara influência religiosa em sua formação subjetiva e dá a sensação de que a atividade política pode ser feita apenas com boa-vontade e disponibilidade para ajudar o próximo. Para esse sujeito, ao que parece, o exercício político numa função pública e eletiva não exige capacidade reflexiva e isenta o mandatário bem intencionado e disposto a prestar ajuda aos carentes de pensar em questões subjacentes ao jogo político, tais como a reorganização das estruturas de poder, por exemplo. Essa é uma tarefa dispensável, até porque, segundo E4 essas estruturas não existem.

4.2.5. Análise da Entrevista 5

A última das entrevistadas tinha 98 anos e foi vereadora na região de Campo Florido, Minas Gerais. Não se candidatou no pleito de 2008, mas informou, no seu relato, ter sido a primeira mulher eleita como vereadora na região.

Sem fugir à regra das demais entrevistadas, E5 também teve no pai sua grande fonte de inspiração política. Com ele, ela disse, pôde aprender sobre Marx e o comunismo, tornando-se, então, a primeira vereadora comunista de sua região. Esse aprendizado comunista parece ter sido, e talvez ainda seja, uma importante referência no seu modo de encarar as relações e os conflitos de classe. Diferentemente de E3, que também iniciou sua trajetória política num partido comunista, E5 não teve origem em classe privilegiada. Ao contrário, o pai era alfaiate e ela assinalou que quase chegou a “*passar fome*”, o que não aconteceu porque “*tinha um quintal que tinha mandioca, a gente comia mandioca com água e sal, ou com água, só*”.

Além disso, também distintamente de E3, essa entrevistada vincula os ideais comunistas à prática da caridade e disse que o comunismo a ensinou a ter “*solidariedade*” e a “*compartilhar o pão*”. Diante dessas falas, é possível pensar que as diferenças de classe entre E3 e E5 tenham resultado também em diferentes interpretações e aplicações da ideologia comunista. Talvez no contexto de E5, em que a fome parecia ser uma ameaça constante, o comunismo tenha perdido um pouco da “pureza” teórica para se ajustar a uma realidade menos intelectualizada, porém mais necessitada de esperanças de melhora das condições sócio-econômicas. O que estamos dizendo é que talvez num contexto mais pobre, a militância comunista fosse menos acadêmica e mais voltada para as práticas solidárias, que pudessem produzir efeitos mais imediatos no abrandamento da miséria

A entrevistada contou que o pai era ateu e ela foi “*ficando atéia, também, porque ele era*”. Entretanto, apesar de ateu, a formação intelectual do pai aconteceu no seminário e por volta de seus doze ou quatorze anos, segundo E5, ele foi conhecendo sobre o comunismo, foi aprendendo sobre História, até passar a defender o ateísmo.

Ela foi costureira, bordadeira e, ao que parece, trabalhou também como empregada doméstica. Hoje já acredita em Deus, porque segundo disse, Ele serve para dar consolo.

Nas palavras dela:

E5: Hoje eu não sou atéia mais, acredito em Deus, porque... Pelo amor de Deus (*emociona-se*), não tem jeito de pensar que Ele não existe (*lacrimeja*)... Mas eu dou razão pro ateu, porque se você quiser saber onde está Deus, onde está o Diabo, cadê? Você pega? Não pega. Isso é pensamento (*exalta-se*)! Então, pensamento bom é um Deus, né?

Em sua fala, são constantes as referências aos ensinamentos de Marx e à sua militância política como vereadora comunista. Entende que a política é fundamental, porque “*o mundo vai viver sempre baseado na política, de acordo com as condições de capacidade intelectual e financeira*”.

Por vários momentos, a entrevistada foi bastante enfática para falar sobre as injustiças do mundo e para lembrar a importância de se “*acreditar na luta*” e a necessidade de que o povo seja organizado para reivindicar seus direitos. Vejamos a seguinte fala:

E5: Eu falava pro povo cobrar atitudes igual (*referindo-se a um médico que não cobrava consulta de pessoas carentes*), porque Karl Marx ensinou sobre a luta do povo. Se não tem dinheiro, reúne, briga, porque o governo sustenta faculdade, cursos, remédios e instrumentais e Karl Marx ensinou esse caminho de luta do povo, mas não é um só ir lá falar com prefeito, é organizar, fazer grandes movimentos, protestos de fechar rua, sabe? (...) É muita sujeira, mas precisa acreditar na luta.

A mesma exortação para acreditar na luta não aconteceu quando a entrevistada mencionou o amor. Na seqüência da fala acima, ela finalizou dizendo: “*só não pode acreditar em amor. (...) Amor não presta!*”. Segundo ela, teve que “*desmanchar casamento*” por causa de ciúmes do noivo e porque tinha “*idéias muito avançadas*”. Em outras ocasiões da narrativa também mostrou ter uma concepção bastante positiva de si mesma.

No seu entendimento, suas idéias avançadas funcionaram para elegê-la e para que ela começasse a pensar ainda mais em política, “*porque o que vale é o cérebro*”, ela diz. Assim como E3, essa entrevistada não acredita na afetividade como diferencial preponderante de elegibilidade feminina, nem como estratégia de comunicação intra-partidária. Vejamos esse excerto da entrevista:

Entrevistadora: A senhora foi eleita nas urnas?

E5: Foi!

Entrevistadora: E o partido, aceitou a sua candidatura?

E5: Aceitou, porque eu falei que ia e pronto! Bati a mão na mesa! Eles tiveram que aceitar, ué, fazer o quê?

Entrevistadora: E como é que a senhora acha que naquela época as pessoas resolveram votar numa mulher? Por quê?

E5: Por quê? Porque essa mulher é mulher! Tem crânio! Tem crânio!

Contrariando as opiniões de E1, E2 e E4, essa entrevistada não acredita que o afeto seja necessário para o exercício da boa política. Na sua narrativa, a prática da política está

relacionada a critérios mais objetivos, como por exemplo, a necessidade de que o povo, de sua parte, acompanhe os feitos do candidato e este, por seu turno, cumpra com a palavra dada ao povo. Esse pensamento de E5 nos leva a retomar a referência que ela tem no modelo comunista ensinado por seu pai. Ela pontuou:

Entrevistadora: Quem ensinou isso pra senhora? Alguém ensinou?

E5: Ah, o papai! E o papai pegou o modelo com o Alexandre Barbosa, da chácara das mangueiras. Eu passei a achar o mundo horrível pra mim, mas eu sei que é isso, porque o mundo não vive sem política. E agora, por causa do capitalismo, o sistema econômico, tanto que você vê, na televisão, eu acredito que você acompanha, que continua assim horrível. Precisa acompanhar pra ver o que que vai dando, o que que não vai dando, acompanhar candidato, é o tal negócio, correto! Ele não tem que ter amor, nada disso, ele cumprindo palavra para com o povo, é um bom candidato.

Embora tenha dito que “*o comunismo faz a gente ser mais amoroso*”, ela falava do amor como prática necessária para “*compartilhar o pão*”, diferente do significado dado ao amor nas narrativas de E1, E2 e E4, que foi traduzido como afeto maternal, ou cuidado tipicamente feminino. O amor na fala de E5 não tem sexo, não é uma característica materna e sim um aprendizado ideológico. Nesse sentido, e pensando nos ideais comunistas como organizadores da prática e do pensamento de E5, é possível resgatar também a fala de E3 ao dizer que as questões do comunismo eram voltadas para a luta de classes e não para os conflitos entre homens e mulheres.

Quando perguntada sobre as diferenças de atuação política entre homens e mulher, ao contrário de E1, E2 e E4, não apontou a presença de características consideradas tipicamente femininas como a sensibilidade, o idealismo e o cuidado. Ao invés disso, ela manteve-se coerente com a valorização da capacidade feminina de pensar, mencionando inclusive sua própria atuação como vereadora, assinalando que deu “*muito exemplo bom*”. Entretanto, fez uma ressalva quanto aos desmandos da natureza no que tange à vivência da sexualidade. Ela disse: “*é a cabeça que pensa! O resto, a natureza que manda*”.

Esse “*resto*” de que ela fala diz respeito aos desejos sexuais, como se percebe nesse trecho de sua narrativa:

E5: Porque quando vem as fases, da menstruação, o homem também tem as fases dos desejos. E aí se ele te encontrar, você pode ter duas carreiras de dente ou nenhuma, mas cê tem o aparelho, ele não é bobo, ele apaixonou por você. Mas depois que ele, hum, usou... “ai, tá bão demais, mas...” É que a natureza... Eu acredito que é preciso cê ter muita coragem de pensar coisas feias, é, coragem mesmo, porque eu já passei por isso, posso falar.

Embora em alguns aspectos E5 não seja tão conservadora quanto as outras entrevistadas para apresentar distinções políticas entre homens e mulheres, em seu olhar sobre algumas das diferenças de gênero resiste ainda a idéia do usufruto sexual da mulher pelo homem, como parte de um ordenamento natural.

É interessante perceber, no entanto, que apesar de considerar o peso da natureza em algumas definições, boa parte de sua própria história fugiu do roteiro “naturalmente” programado para as mulheres de sua geração, talvez por conta de ter, como ela mesma disse, “*o capeta dentro do corpo*”. A começar de sua candidatura, dentro de um partido comunista, em pleno interior mineiro. Como ela mesma assinala, “*a mulherada era preocupada com outras coisas, mas eu fiquei ligada naquelas coisas que meu pai em ensinava*”. Percebe-se aí, claramente, a identificação da entrevistada com a figura paterna, seu grande inspirador e modelo, e a conseqüente escolha de uma trajetória política que busca repetir e ampliar os passos do pai, reverberando seus ensinamentos.

Mais uma vez, tomando essa fala como resumo da importância dada ao pai em todas as outras entrevistas, vamos insistir na idéia de que a figura paterna e o culto à sua existência, representa, de certo modo, a permanência dos princípios patriarcais sintetizados na figura masculina.

Para alinhar esta questão com outras percebidas nas narrativas aqui analisadas, passaremos ao tópico seguinte.

4.3. Discussão Geral das Entrevistas

Após analisar as narrativas de cada uma das entrevistadas, foi possível perceber pontos de similaridade e afastamento em suas falas, que nos permitem uma análise global dos conteúdos trazidos por estes sujeitos.

O aspecto que, de pronto, chamou a atenção nas narrativas foi a constante referência à presença do pai - e do avô, em algumas variações - como fonte de inspiração para o ingresso das entrevistadas na política. Esse fato, em suas estórias, está associado à também constante ausência feminina nas discussões políticas desenvolvidas no âmbito doméstico. Significa que somente os pais das entrevistadas poderiam, efetivamente, ser os inspiradores político dessas mulheres, já que suas mães freqüentavam outros territórios.

É nesse sentido que registramos a disseminação do modelo patriarcal de estruturar as famílias (ainda que este modelo venha se reconfigurando graças às subversões à norma, como pontuam Navaz e Koller, 2006): os homens na política e as mulheres cuidando do lar.

Estamos considerando que essa disseminação de princípios estruturantes patriarcais fez parte do passado, como ainda faz parte do presente, visto que em nossa amostra contamos com entrevistadas de 32 a 98 anos.

Apesar de um universo pequeno de participantes, tomamos suas experiências como representativas de um segmento¹⁸ e entendemos que para efeito do desenvolvimento de uma investigação dentro da perspectiva que adotamos, as vivências individuais devem ser questionadas a partir de sua ligação com as práticas sociais e materiais, e a partir das relações de poder que experimentam nas suas interações (Sánchez e Martín-Sevillano, 2006).

¹⁸ À exceção de E5, que só mais recentemente pôde ser considerada como representante da classe média, todas as demais situavam-se em classes economicamente favorecidas.

Por isso, nossa proposta de análise psicológica não pode separar o sujeito de seu contexto. Pelo contrário, é exatamente a partir da interação dialética que esse sujeito estabelece com seu entorno que se dá a constituição de sua subjetividade (Fávero, 2007a, 2009a). Portanto, analisar psicologicamente as mulheres aqui entrevistadas significa escrutinar suas interações com os valores a elas disponibilizados nos contextos em que se inserem, contextos estes que entendemos como difusores dos princípios patriarcais de organização das relações.

Contudo, no que tange ao contexto político, poderíamos pensar que há agora, com o ingresso de uma boa leva feminina na política, grandes possibilidades de transformação no cenário de distribuição do poder político-institucional, ou, como denomina Avelar (2001), no panorama dos canais corporativos do poder. Afinal, inspiradas ou não pelos pais, são mulheres ocupando funções públicas e constituindo seu próprio modelo de atuação nesse campo.

Mas não é exatamente o que ocorre. Embora estejamos falando da conquista de mais um território antes exclusivamente masculino, as mulheres ainda são alienígenas nesse espaço e não raro se comportam conforme as normas já estabelecidas, como se percebe nas falas de E2 e E4. Em suas narrativas, nenhuma inovação do ponto de vista da proposição de projetos políticos é notada. Ainda parece haver, no nosso entendimento, a perpetuação da divisão de territórios masculinos e femininos dentro do funcionamento das engrenagens políticas.

Os próprios partidos, como ressalta Avelar (2001), promovem o discurso da diferença qualitativa na atuação política das mulheres, valorizando seu papel “comunitário” ou “social” e incitando sua vinculação com as ações calcadas naquilo que as caracteriza. No entanto, não discutem a hierarquia presente na divisão desses papéis entre homens e mulheres.

Nas narrativas de E1, E2 e E4, mais especificamente, é notória sua opção pela atuação ligada ao desenvolvimento de ações de cunho social. Em suas estórias dentro da política corporativa, é clara a vinculação (ou o projeto de vinculação, no caso de E1) entre prática política e ajuda ao próximo. Nas narrativas de E1, E2 e E4, particularmente, percebe-se a conexão entre os valores presentes no contexto profissional (E1 e E2) e no contexto de ação religiosa (E4) e os valores assumidos como fundamentais para diferenciar a atuação política feminina. A ajuda ao próximo e a sensibilidade para o cuidado com o outro são tidos por essas entrevistadas como o principal centro de sua proposta política, corroborando a trajetória de participação política feminina em áreas mais ligadas às questões sociais, quase que num prolongamento da maternidade (Biglia, 2006).

Diferentemente disso, E3 e E5 trazem em suas estórias a filiação a ideologias comunistas, em que a necessidade de ajudar o próximo não é percebida como marca de atuação feminina e, sim como função partidária, como se nota especialmente na fala de E5.

Isso nos leva a pensar novamente em como esses sujeitos vão se constituindo e em como suas trajetórias de ação política vão se erigindo a partir de suas interações com instâncias socializadoras que difundem não só as hierarquias de gênero, mas também as hierarquias de classe. Tomando essa perspectiva, é possível entender que nas narrativas de E1, E2 e E4 o discurso da ajuda também pode se prestar à reafirmação da ideologia de dominação por parte das classes privilegiadas. Só pode ajudar o próximo aquele que não precisa de ajuda para si. Nesse sentido, nas narrativas das referidas entrevistadas parece estar presente um modelo de socialização que impõe a obrigação da ajuda caritativa, quase como se fosse uma missão feminina, considerando a associação que as entrevistadas fizeram entre o cuidado com o outro e a maternidade como benção concedida à mulher.

Nessa ótica, a hierarquia entre as condições de quem dá e de quem recebe a ajuda, interpõe a reflexão sobre o ato de ajudar como forma disfarçada de manutenção do *status*.

Vejam os que em sua atuação política, ao invés da promoção da autonomia das comunidades desfavorecidas, as entrevistadas repetem o modelo de ajuda ao próximo, que reforça a dependência e não provoca transformações efetivas em seu estado de carência.

Outro ponto de convergência das narrativas diz respeito à percepção das entrevistadas sobre a dificuldade que a mulher enfrenta de firmar-se como alguém politicamente competente. Nas falas dos sujeitos foi possível perceber que a competência feminina é redobradamente avaliada, tendo em vista que ao conseguir sua inserção na seara da política, as mulheres adentram num espaço historicamente sacralizado e destinado ao domínio masculino, do qual “as mulheres são indignas por sua própria feminilidade” (Perrot, 1998, p.132).

A resistência em crer na competência feminina aumenta na medida em que cresce a envergadura do cargo a ser ocupado. Entre as próprias entrevistadas, mais particularmente na narrativa de E4, foi possível perceber essa resistência quando ela faz distinção entre a responsabilidade de ocupar a presidência do país e a responsabilidade de ser prefeita, por exemplo, sugerindo a inexistência de uma mulher apta a ocupar o cargo de presidência do Brasil hoje.

Ao que parece, a aptidão política da mulher só é suficiente para que ela ocupe cargos em que se utilizem suas habilidades naturais, como aquelas relacionadas à maternidade. Ou seja, como acabamos de ressaltar, a função política da mulher só é credibilizada quando corresponde à extensão de suas características típicas, ou então quando a mulher adota comportamentos considerados masculinos e passa a ser tratada “*quase como um homem*” (E3). Podemos pensar, mais uma vez, que essa estratégia pode representar uma forma de manter a exclusão feminina: ou a mulher ocupa a periferia da ação política, preocupando-se com assuntos de ordem social, para os quais ela é naturalmente talhada; ou passa a fazer parte do “Clube do Bolinha” à medida em que se

conforma aos jogos do poder e segue ostentado comportamentos similares aos masculinos. Sob qualquer ângulo, trata-se de uma participação ainda secundária.

A descrédibilização da participação feminina é tão bem engendrada nas práticas políticas que as próprias mulheres têm dificuldade em entender a função das ações afirmativas adotadas nessa esfera, como o sistema de quotas partidárias para candidaturas femininas. Com relação a esse sistema, encontramos três categorias diferentes de opiniões entre as entrevistadas.

Para E1 e E2, a política de quotas é ação desnecessária, mas há algumas diferenças em suas opiniões a respeito. Segundo E1, que não enxerga diferenças de gênero e alega que as dificuldades são do “*ser humano*” e não de homens ou mulheres, as quotas são discriminatórias, pois servem para oferecer à mulher uma condição “*mais confortável*”, pois ela não tem que “*brigar*” para ser candidata. De fato, como ponderou Araújo (2005), quando da implantação dessa medida os partidos nem chegaram a se opor à adoção das quotas, pois sabiam que a “*briga*” feminina não ocorreria pela candidatura, mas pelas condições efetivas e igualitárias de eleição e pelo compartilhamento do poder, uma vez que a mulher estivesse dentro da estrutura política.

Ao que parece, a reflexão feita por E1 sobre as quotas não alcançou esse nível, nem permitiu a ela entender que essa reflexão superficial é resultado da ausência de discussões sobre o assunto, o que também é uma forma de desequilibrar as condições de “*briga*” entre homens e mulheres no campo político.

Já para E2, as quotas representam direitos iguais, mas são desnecessárias porque as mulheres não chegam a preencher o percentual a elas destinado. Nesse sentido, E2 entende que a responsabilidade pela existência de vagas ociosas é da própria mulher e não das estratégias de negligência das discussões adotadas pelos partidos e pelo Estado. Ela chega

a dizer que “*elas lutam pela igualdade, por estar na política, mas, no entanto, não preenche vaga*”.

Diante disso, é possível dizer que a fala de E2 repete as concepções disseminadas no senso comum, e até dentro do meio político, sobre a pouca participação feminina em função do perfil da mulher voltado para outras questões. Sua fala reproduz o mito de que as mulheres são naturalmente desinteressadas pelo assunto, o que, em última instância, também colabora para a inelegibilidade feminina. Assim como E1, essa entrevistada faz uma análise enviesada da questão, já que desloca a responsabilidade do Estado e dos partidos para a própria mulher, interpretada por E2 como alguém que não quer estar na política, pois para esse sujeito, a igualdade existe, sim, “*depende delas*”.

Por seu turno, E4 não compartilha da concepção das demais sobre o assunto, mas opinou apenas superficialmente, adotando o mesmo discurso do “tudo é maravilhoso”, que compôs a tônica de sua narrativa. Para ela, as quotas funcionam como uma demonstração da igualdade de direitos, mas apesar de acreditar que essa ação afirmativa serve de estímulo à candidatura feminina, ficou claro na sua fala que a procura da mulher pela participação política não costuma ser espontânea, o que desmente a função estimuladora do sistema de quotas.

O interessante sobre a discussão que se desenvolve a partir da questão das quotas é que esse assunto parece ser bastante representativo do modo como as mulheres são posicionadas na estrutura política. A não ser E3 - que talvez por sua função numa esfera do poder executivo que lida diretamente com ações voltadas para mulheres, tenha sido voz dissonante - as demais entrevistadas¹⁹ reproduziram o discurso partidário e coletivo de que as quotas não funcionam por causa da mulher e não por causa da falta de conscientização dela sobre o assunto.

¹⁹ Na entrevista com E5, o assunto não chegou a ser abordado

Com isso também deixam de enxergar o que poderia ser feito, até por elas mesmas, em prol da conscientização das mulheres sobre as possibilidades de sua inserção na política. Responsabilizar a falta de vontade feminina pela ausência de participação significa, para o Estado e para os representantes políticos dentro dos partidos, poder cruzar os braços diante de qualquer iniciativa de promover outras ações que tragam a mulher para o cenário, já que o problema é delas.

Apesar de o país ter adotado uma medida que poderia significar um avanço na partilha da esfera política com a população feminina, seus efeitos são inócuos, pois a ação não vem acompanhada de nenhum outro dispositivo que insira a mulher num território do qual ela foi historicamente alijada por tanto tempo.

As opiniões das entrevistadas, compartilhadas conosco, são, do mesmo modo, resultado da ignorância institucional quanto à questão da participação feminina. Não seria assim se nossas subjetividades não fossem, como já reiteramos, fruto de nossas relações sociais.

4.4. “Juntando as pontas”: discussão geral dos aspectos importantes notados nas interlocuções em grupo e nas entrevistas

Em linhas gerais, a discussão agora proposta pretende alinhar algumas questões que apareceram ao longo do estudo e que nos instigaram nessa análise.

O primeiro aspecto a ser destacado refere-se à quase unanimidade no apontamento de diferenças na atuação política de homens e mulheres. Com raras exceções, os participantes, tanto nos grupos quanto nas entrevistas, assinalaram a existência de distinções entre o modo feminino e modo masculino de fazer política, sublinhando o caráter “natural” destas distinções. Via de regra, a mulher foi apontada como mais “sensível”, mais “íntegra”, mais “zelosa” e mais disposta à “ajuda” e ao “cuidado” com o

outro. Essas características foram quase sempre associadas à maternidade, como se essa dádiva da natureza propiciasse à mulher o desenvolvimento desses atributos.

Em se tratando de sua atuação política, tais atributos se refletiriam num modelo mais afetivo de exercício político feminino e conseqüentemente numa crença sustentada pela própria mulher de que ela deve imprimir essa marca em sua atuação. Talvez daí as considerações feitas por Avelar (2001) sobre a permanência de um discurso partidário e social que defende a presença da mulher na política como alguém capaz de inserir diferenças qualitativas de atuação.

Como pontuamos antes, o grande problema dessa qualidade, salientada como tipicamente feminina, é a depreciação que ela sofre no meio político. Conforme já ressaltamos, as diferenças entre características masculinas e femininas também são hierarquizadas, e, por isso, a introdução da afetividade como diferencial feminino não significa exatamente que ela desfrutará do mesmo *status* que os homens nas estruturas do poder, tendo em vista que as capacidades tidas como tipicamente masculinas são mais valorizadas.

Aliás, a afetividade feminina não chega a significar nem mesmo maior capacidade eletiva, pois também apareceu na fala da maioria dos participantes a dúvida quanto à competência feminina para ocupar cargos públicos de envergadura, como a presidência da república.

Ou seja, aquelas qualidades identificadas com a mulher são importantes, mas em funções de menos vulto que não requeiram grande capacidade administrativa. As narrativas que analisamos e que mencionam como principal atributo feminino seu potencial cuidador advindo da maternidade, nos remetem às ponderações feitas por Biglia (2006 citando Auckland, 1997) a respeito dos nichos de ocupação política da mulher. Ela diz que “women are significantly more active in the ‘informal’ arena of politics, communitarian

activism and social movement²⁰” (Biglia, 2006, p. 18), estendendo para esse cenário as qualidades que lhe foram naturalmente conferidas por sua capacidade geradora.

Ao que nos pareceu, os sujeitos distinguem a atuação política da mulher usando adjetivos que a diferenciam do homem por ser “*menos corruptível*” e mais “*amorosa*” que ele no trato com as comunidades. Os sujeitos comungam, portanto, da opinião apresentada nos estudos de Miguel (2001) que denomina o modelo masculino de atuação como “política de interesses”, enquanto o modelo feminino é intitulado de “política maternal”.

Entendemos que essa distinção, embora pareça um elogio, acaba por estabelecer padrões de atuação feminina e por recrudescer a impermeabilidade dos territórios generizados dentro das organizações políticas. Até mesmo a recorrência no uso dos termos que classificam a mulher e que pudemos notar nas falas da maioria dos sujeitos, tais como “*mãe*”, “*sensibilidade*”, “*cuidado*”, “*idealismo*” funciona para constituir modos de ação, no mesmo sentido do que discute Kitzinger (2009) em seu trabalho.

Para esta autora, as categorias terminológicas utilizadas nas conversações refletem e ao mesmo tempo produzem lugares sociais na hierarquia do poder; ou seja, a linguagem, como instituição socializadora, não é neutra (Kitzinger, 2009). Ao contrário, é carregada de terminologias que marcam a distribuição de poder, não só entre os universos de gênero, mas entre as classes, etnias e orientações sexuais. Por isso, os termos acima mencionados e associados à mulher são representativos do lugar que elas ocupam tanto no imaginário social quanto nas estruturas de poder.

Essa análise nos leva a um outro aspecto a ser considerado, que é a opinião dos sujeitos sobre o acesso da mulher à política por meio das quotas. Essa questão, entre os sujeitos, também convergiu significativamente. A maioria dos participantes não aprovou o sistema de quotas, seja por entender que se trata de ação discriminatória, seja por entender

²⁰ Mulheres são mais significativamente ativas na arena informal da política, do ativismo comunitário e dos movimentos sociais

que a ação é desnecessária. Embora já tenhamos discutido esse aspecto antes, ainda julgamos importante frisar que houve diferença nas considerações dos sujeitos sobre o acesso da mulher às estruturas do poder e sobre sua manutenção nesse lugar.

Tanto nas interlocuções grupais quanto nas entrevistas, ao comentar sobre o acesso feminino ao meio político institucional, a discussão era encaminhada para a questão das quotas e os sujeitos se pronunciavam no intuito de avaliar a eficácia dessa ação afirmativa. A esse respeito, o entendimento dos sujeitos mostrou que, para eles, ingressar na política é uma questão de esforço pessoal, ou seja, o acesso da mulher a esse meio depende de sua vontade e, nesse sentido, é uma decisão de ordem individual.

Entretanto, ao julgar a permanência da mulher no poder, os sujeitos entenderam que nessa situação ela está à mercê de um sistema, não pessoal e incorpóreo, de poderio masculino. Portanto, diante dessa “entidade” difusa resta a ela submeter-se ou ajustar-se, sob pena de ser excluída.

Em outras palavras, a avaliação da condição feminina na política teve duas apreciações diferentes: quanto às possibilidades de acesso, os sujeitos entenderam que se trata de uma questão de foro íntimo, individual, portanto; já a sustentação da mulher nessas engrenagens é, para eles, uma questão de necessidade de ajustamento. Nos dois casos, a trajetória da mulher deve se direcionar para a conformidade aos padrões estabelecidos. Para acessar a política, ela se contenta à concessão compulsória de espaço que o partido lhe oferece em função das quotas e se conforma à falta de compromisso partidário com a sua eleição. Para permanecer na política, ela se conforma à ocupação periférica do poder ou se conforma aos mecanismos de sustentação da hierarquia.

Isso nos leva a ponderar que essa mulher que ocupa espaços políticos é traduzida no imaginário social como alguém sujeitada, conformada. Mas o mais preocupante é que ela mesma, essa mulher que ocupa espaços políticos, também acaba se traduzindo assim.

Desse modo, mesmo contando com a participação feminina no campo político, mantêm-se os princípios patriarcais que regulam as relações de poder dentro dessa esfera.

Da mesma maneira que o sufrágio universal foi importante, mas não “subverteu a construção patriarcal dos conceitos sobre política (Biglia, 2006, p. 18), o sistema de quotas, da forma como vem sendo socialmente interpretado e trabalhado, também não subverte o *status quo* das estruturas de poder. Como Saffioti (2008) sublinha, a máquina do patriarcado é tão bem azeitada que “funciona até mesmo acionada por mulheres” (p.153).

Sendo assim, e como vimos nas narrativas dos sujeitos de nosso estudo, se as próprias mulheres constituem-se em cúmplices de um sistema ao qual se submetem, poderíamos concluir que a alteração no quadro é impensável. No entanto, entendemos que os caminhos para a transgressão à norma são possíveis. Comungamos da idéia defendida por Biglia (2006) de que para promover a subversão seria necessário instituir permanentemente trabalhos de conscientização quanto à construção dos nossos modelos de relação, a começar dos próprios ativistas, em especial as mulheres.

Nessa mesma direção, também é importante retomar o que diz Castro (2001) a partir dos resultados de pesquisa com mulheres ativistas, líderes de organizações de base comunitária. Para as ativistas entrevistadas em seu estudo, seria preciso que as mulheres se organizassem para definir que tipo de poder desejam. Essa organização feminina, no nosso entendimento, além de incrementar a qualidade da conscientização a que nos referimos acima, também poderia representar um caminho para romper o padrão da conformidade e encontrar estratégias não só de compartilhar os fóruns de decisão, mas também de forjar mecanismos para a promoção de mudanças culturais (Castro, 2001), tão fundamentais para a ressignificação das subjetividades femininas e indispensáveis para a reconfiguração do acesso ao poder.

Como dissemos no início do trabalho, nossa intenção é considerar o caráter ativo e transformador do sujeito, sem, no entanto, fechar os olhos para o modo como sua subjetividade é engendrada a partir das relações sociais que estabelece e dos significados culturais, entre eles a hierarquia de gênero, mediados nessas relações. Insistimos que a principal via para que os sujeitos desenvolvam suas possibilidades de transformar sua realidade é a tomada de consciência sobre os valores veiculados nas estruturas e práticas culturais, sociais e discursivas que organizam essa realidade (Fávero, 2009a). É esse o caminho que, entendemos, levaria a uma subjetividade mais ciente de si e, por consequência, mais instrumentalizada para promover as transformações desejadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois da longa caminhada de escrutínio de narrativas e interlocuções chega o momento de arrematar a trama. O que se pôde discutir até aqui nos leva a uma série de reflexões e a outra de novas indagações.

Ao propor uma análise do ponto de vista psicológico e ao assumir, desde o início, a perspectiva teórico-conceitual tomada por Fávero em seus trabalhos anteriores (2005, 2007a, 2009a) tínhamos em mente investigar o sujeito narrador/interlocutor considerando a construção de sua subjetividade a partir de sua interação dialética com o meio. Nossa intenção, em última instância, foi conhecer quais os significados de gênero presentes nos discursos e entender como o compartilhamento social desses significados se manifestou nas falas dos participantes.

Nesse sentido, acreditamos que a missão foi cumprida. Porém, ao percorrer o trajeto que esta pesquisa foi tomando, acabamos por descobrir outras missões possíveis. Quando mencionamos logo acima as novas indagações com que nos deparamos, falávamos das questões que este estudo não alcançou. Entre elas, o atravessamento da variável “*classe*” no discurso e na postura dos sujeitos. Tendo contado com uma amostra quase homogênea quanto à segmentação sócio-econômica, os impactos das diferenças de classe nos discursos não puderam ser ouvidos. Ainda que esse ponto tenha sido brevemente discutido, acreditamos que ele mereça novos estudos, que possam, talvez, comparar militantes políticos de classes diferentes e aprofundar a análise sobre o assunto.

Uma outra indagação que nasceu diz respeito às possibilidades de análise das diferenças de escolha partidária entre os sujeitos, dado esse que também pode sofrer, futuramente, uma verticalização. Entendemos que a ideologia político-partidária para aqueles que se inserem no meio, é um dos importantes construtos que refletem e produzem

interações sociais e, portanto, são indicadores de caminhos tomados na construção dos sujeitos políticos. Por essa razão, também se configura como um aspecto a ser ainda perscrutado.

Contudo, o aspecto que talvez mereça uma atenção ainda mais especial seja o paradoxo com o qual nos defrontamos ao trazer à tona as questões de gênero com que nos deparamos aqui. Trata-se do paradoxo do modelo de participação feminina na política, pois perguntamo-nos, afinal, como as mulheres devem participar da construção de um fazer político? Se são assertivas e agressivas, são encaradas como homens. Se são dóceis e afetivas, são consideradas maternais. A indagação que permanece, diante disso, e que suscita interessantes mergulhos investigativos, é se se conhece algum caminho para uma atuação política (e não só aí!) que não seja polarizada.

Além das possibilidades de outras perquirições apontadas nesse trabalho, algumas reflexões também merecem lugar. A partir dos resultados que aqui se apresentaram fomos instigadas a pensar, juntamente com as considerações de Fávero (2009c), que, de fato, é hora da psicologia assumir mais frontalmente seu posicionamento como ciência que é também política, dispendo-se a entender que a constituição da subjetividade e os processos desenvolvimentais são perpassados pelas relações de poder, incluindo-se aí as questões que envolvem gênero, classe e etnia.

A esse respeito, podemos perceber a gradual movimentação de áreas tradicionais da psicologia buscando diálogo com as propostas trazias pela psicologia feminista e pela psicologia política, no intuito de contribuir multiplamente para o avanço teórico e empírico das perspectivas psicológicas (Capdevila and Unger, 2006). Isso é possível na medida em que os valores e significados presentes numa dada cultura, tais como o gênero, vão sendo compreendidos como constituintes do desenvolvimento humano. Nesse diálogo entre as

múltiplas áreas da psicologia, as metodologias feministas merecem destaque, pois têm colaborado no entrelaçamento entre as concepções de sujeito, poder e sociedade.

Mencionamos aqui a necessidade das articulações teóricas dentro da psicologia porque entendemos que a ignorância quanto à complexidade de aspectos envolvidos na compreensão psicológica do sujeito têm efeitos científicos, e efeitos sociais, conseqüentemente, graves. Como argumenta Fávero (2009c), as pesquisas desenvolvimentais que ignoram os aspectos complexos das relações de gênero resultam em pesquisas incompletas ou enviesadas que, por sua vez fundamentarão políticas e programas igualmente enviesados e incompletos, dentre eles, por exemplo, as políticas educacionais.

No nosso trabalho, uma das características comuns a todos os participantes foi sua passagem pelo processo de educação formal. E o que se pôde constatar, por meio das análises aqui apresentadas, é que a inserção escolar desses sujeitos não privilegiou a reflexão sobre as questões de gênero, tendo em vista a direção tomada pelos participantes em suas interlocuções e narrativas a respeito desta temática. Pelo contrário, é possível que as instituições escolares freqüentadas pelos sujeitos tenham colaborado - e venham ainda colaborando no caso dos universitários que participaram do estudo - para estabelecer territórios generizados e difundir os princípios patriarcais que ainda estruturam nossas relações.

Como diz Louro (2008, p.22), “continuamente, as marcas da diferença são inscritas e reinscritas pelas políticas e saberes legitimados, reiteradas por variadas práticas sociais e pedagogias culturais”. O conservadorismo notado nas falas dos sujeitos atesta o argumento de Louro e demonstra como é disseminada, nas interações sociais e discursivas, a insígnia das diferenças e da hierarquização entre os gêneros. A escola, como instância socializadora de importância capital em nossa estrutura social, acentua esse conservadorismo e mantém

em suas fileiras e em seus currículos a arcaica dicotomização entre os universos femininos e masculinos, potencializando os efeitos daí advindos.

Por esse motivo, nossa principal reflexão – talvez fosse até melhor dizer, preocupação – dirige-se exatamente às instituições de ensino. Instigou-nos bastante o fato de que em praticamente todos os sujeitos manteve-se o discurso secular da naturalização das características masculinas e femininas, assim como preponderaram as falas que associavam a mulher à maternidade, mesmo no âmbito de atuação política. Considerando que nosso estudo se desenvolveu numa faixa etária de bastante amplitude, foi inevitável pensar no motivo pelo qual as concepções sobre o gênero entre estes sujeitos, em muitos aspectos, parecem ter avançado tão pouco desde a Idade Média até aqui.

Uma das razões que levantamos para o arcaísmo das opiniões manifestadas pelos participantes está na configuração curricular das instituições de ensino. Pode-se notar que as questões de sexo (e não de gênero) são usualmente tratadas em aulas de ciências, ou em disciplinas como orientação sexual, que atravessam os currículos e via de regra são biologizadas. Para que o gênero seja seriamente tratado pela escola, numa proposta reflexiva que possibilite ressignificações e transformações nas práticas sociais, seria necessário que sua inserção curricular fosse rearticulada. Estamos defendendo aquilo que propõe Fávero (2009a) como caminho para uma efetiva “educação de gênero”. Em sua proposta, a autora argumenta que

Não se trata de pleitear uma disciplina adicional ao currículo; trata-se de pleitear que as disciplinas curriculares considerem a questão do gênero nos seus programas de tal sorte que os estudantes desenvolvam um conhecimento sociocultural que os capacite a analisar a exclusão de uma massa de pessoas do mesmo sistema educacional que lhes inclui; que os capacitem também à análise da noção de papéis de gênero que delimita as pessoas em duas categorias e que permeiam ideologicamente as estruturas sociais, lingüísticas e discursivas; que os capacite a uma reflexão capaz de avaliar os produtos

da mídia e os valores veiculados pela cultura de massa. Em suma, que os preparem, de fato para tomar parte nas decisões sociais e portanto, para o exercício da cidadania (no prelo).

O que queremos apontar, como cômputo final do trabalho, é a necessidade de que a escola se repense e que nessa esteira, outras instâncias fundantes das subjetividades humanas também se reavaliem. Dentre elas, é óbvio, incluímos o Estado e suas políticas públicas e também as instâncias da política partidária.

Como se viu na discussão sobre as quotas, ainda há uma longa caminhada até que a mulher se insira de fato nos processos políticos. E essa caminhada será certamente muito mais lenta e pedregosa sem o envolvimento e o compromisso da escola, dos partidos e do Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abrão, L.G.M.; Fávero, M.H. (2006) A virtualidade e as representações sociais de gênero: “bem-dotados” e “safadas” na salas de bate-papo. *Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro*. 10, 2. Jul/Dez, 137-144

Amâncio, L. (1996) Representations of gender and representation of the person. In: *The European Legacy: toward new paradigms* 1(3), 999-1003

Amâncio, L.; Oliveira, J.M. (2006) Men as individuals, women as a sexed category: implications of symbolic asymmetry for feminist practice and feminist psychology. In: *Feminism Psychology*, 16, 35-43

Anadón, M.; Machado, P.B. (2003) *Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais*. Salvador: Editora UNEB.

Araújo, C. (2005) Partidos políticos e gênero: mediações nas rotas de ingresso das mulheres na representação política. In: *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba, jun, 24.

Araújo, C; Scalon, C. (2006) Gênero e a distância ente a intenção e o gesto. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, n.62: 45-68

Ariès, P. (1981) *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC.

Avelar, L. (2001) *Mulheres na elite política brasileira*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer: Editora da UNESP

Badinter, E. (1991) *O que é uma mulher?* Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Badinter, E.(2005) *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Beauvoir, S. (2000) *O Segundo sexo: fatos e mitos*. 10.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Beauvoir, S. (2001) *O Segundo sexo: a experiência vivida*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Beauvoir, S. (2008) *A Mulher independente*. Rio de Janeiro: PocketOuro.

Barthes, R (1977) *Image, music, text* (S.Health, Trans.) New York: Hill &Wang.

Biglia, B. (2006) Some “latin” women activists’ accounts: reflections on political research. In: *Feminism & Psychology*, 16, 18-25

Blay, E. A. (1999) Gênero e políticas públicas ou sociedade civil, gênero e relações de poder. In: Silva, A.L.; Lago, M.C.S.; Ramos, T.R.O. (orgs.) *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Ed. Mulheres

- Brito, M.N.C. (2001) Gênero e cidadania: referenciais analíticos. *Estudos Feministas* Ano 9, 2º semestre. Florianópolis: UFSC.
- Bruner, J. (1991) The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, Chicago, vol. 18, no. 1 (Autumn 1991), pp. 1-21.
- Camargo, A. (1984) Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas. *Revista de Ciências Sociais*, v. 27, n. 1, p. 5-28.
- Capdevila, R.; Unger, R. (2006) Feminisms without borders: exploring the relationships between Feminist and Political Psychology. *Feminism & Psychology*. 16 (1), 5-11
- Carvalho, M. (2001) Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. *Estudos Feministas*, v.9, n.2. Florianópolis: UFSC.
- Carey, M. A. (1994). The group effect in focus group: planning, implementing, and interpreting focus group research. Em M. Morse (Org.), *Critical issues in qualitative research methods*. Thousand Oaks: Sage, 224-241
- Carlini-Cotrim, B. (1996) Potencialidades da técnica qualitativa *grupo focal* em investigações sobre abuso de substâncias. *Revista de Saúde Pública*, 30 (3): 285-93
- Castro, M.G. (2001) Gênero e poder. Leituras transculturais: quando o sertão é mar, mas o olhar estranha, encalha em recifes. In: *Cadernos Pagu*, 16, 49-77
- Cecconello, A.M. (2003). *Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco*. Tese de Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS
- Chabrol, C.; Bromberg, M. (1999) Préalables à une classification des acts de parole. *Psychologie Française* (44) 4, pp. 291-306.
- Charlesworth, L. W. & Rodwell, M. K. (1997). Focus group with children: a resource for sexual abuse prevention program evaluation. *Child Abuse & Neglect*, 21, 1205-1216.
- Chodorow, N. (1974) Family structure and feminine personality. In: Rosaldo, M.Z. and Lamphere, L. (eds.). *Woman, culture and society*. Stanford: Stanford University Press.
- Costa, C de L. (2003) Paradoxos do gênero. In: *Gênero-Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero*. Niterói, v.4, n.1, 169-177.
- Costa, S.G. (2004) Movimentos feministas, feminismos. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 12: 23-36
- De Antoni, C., Martins, C., Ferronato, M. A. , Simões, A., Maurense, V., Costa, F. & Koller, S. H. (2001). Grupo focal: método qualitativo de pesquisa com adolescentes em situação de risco. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 53(2), 38-53.
- De Lauretis, T. (1994) A Tecnologia do Gênero. In: Hollanda, H. B. de (orgs.) *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco

Del Priore, M. (2005) (org.) *História das mulheres no Brasil* (6.ed.) São Paulo: Contexto.

Del Priore, M. (2005) *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.

D’Incao. Mulher e Família Burguesa. (2002) In: Del Priore, M. (org.) *História das mulheres no Brasil* (6.ed.) São Paulo: Contexto.

Elshtain, J. B. (1981) *Public man, private woman*. Princeton: Princeton University Press

Elson, D. (1998) The economic, the political and the domestic: business, states and households in the organization of production. *New Political Economy*, 3:2, 189-208

Fávero, M.H. (1997) Menina, moça e mulher: o ser feminino na psicologia. In: Gimenes, M.G.G. (org.) *A Mulher e o Câncer*. Campinas, SP: Editoria Psy.

Fávero, MH (1998) Saúde, auto-cuidado e procura de serviços médicos na vida adulta e na velhice: uma questão das representações sociais do gênero masculino e feminino. Em: RESUMOS, *Jornada Internacional sobre Representações Sociais: Teoria e Campos de Aplicação*, Natal, RN, p. 189.

Fávero, M.H. (2000a) Regulações cognitivas e metacognitivas do Professor de Primeiro Grau: uma questão para a articulação entre a psicologia do desenvolvimento e a psicologia da educação matemática. Em *XXX Reunião da Sociedade Brasileira de Psicologia, Resumos de Comunicações Científicas*. Brasília/DF: Prática Gráfica e Editora.

Fávero, M.H.(2000b) L’identité féminine et masculine: un étude sur le feuilleton brésilien. In: François Y. Doré (Edit) *Abstracts of the XXVII International Congress of Psychology, International Journal of Psychology*, vol. 35, issue 3, 4, Stockholm, Sweden, p.73.

Fávero, MH (2001) "E se fosse comigo?": os adolescentes frente a uma situação hipotética de gravidez. *Universitas Psicologia*. Brasília, Vol. 2, n. 2, pp. 62-81

Fávero, M.H. (2004) Paradigme personnel et champ conceptuel: implications por lês situationn didatiques. In: ARDECO (Org.) *Les processus de conceptualization en debat: Homorage à Gerard Vergnaud*. Colloque, 28-31, Paris, France.

Fávero, M.H. (2005) Desenvolvimento psicológico, mediação semiótica e representações sociais: por uma articulação teórica e metodológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21, 17-5.

Fávero, M.H. (2007a). Semiotic mediation, psychological development process and social representations: towards a theoretical and methodological integration. *Europe's Journal of Psychology*, 9. February 15, Retrieved March 4, 2007, from http://www.ejop.org/archives/2007/02/semiotic_mediat.html

Fávero, M.H. (2007 b) Paradigme personnel et champ conceptuel: implications pour les situations didactiques. Dans: Maryvonne Merri (Org.) *Activité Humaine et Conceptualisation*. Toulouse, France: Presses Universitaires du Mirail, pp. 625-634 (ISBN :978-2-85816-895-8)

Fávero, MH (2009a) *Psicologia do gênero. Um texto introdutório*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná (no prelo).

Fávero, M.H. (2009b) Os fundamentos teóricos e metodológicos da Psicologia do Conhecimento. Em: M.H. Fávero & C. Cunha (Coord.) *Psicologia do Conhecimento. O diálogo entre as ciências e a cidadania*. Brasília: UNESCO (no prelo).

Fávero, M.H. (2009 c) A psicologia do conhecimento e a construção de competências conceituais na escola. *Revista Internacional Magistério*. Bogotá (Colômbia), 7 (39), 18-22.

Fávero, M.H.; Tunes, E.; Marchi, A. (1991) representação social da matemática e desempenho na solução de problemas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, vol. 7, n.3 pp.255-262

Fávero, MH; Mello, RM (1997) Adolescência, maternidade e vida escolar: a difícil conciliação de papéis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 13, n. 1, pp. 131-136.

Fávero, M. H.; Trajano. A.A.A. (1998) A leitura do adolescente: mediação semiótica e compreensão textual. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14(3), 229-240, 1998

Fávero, M.H.; Costa, F.G.C. (2005) O Grupo focal e a tomada de consciência na transformação das representações sociais do envelhecimento: uma proposta de intervenção. *IV Jornada Internacional e II Conferência Brasileira sobre Representações Sociais*. João Pessoa, 2005 CD-ROM Textos Completos ISBN: 85-9913550-3

Fávero, M.H.; Abrão, L.G. (2006) "Malhando o gênero": o grupo focal e os atos da fala no estudo da interação de adolescentes com a telenovela. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v.22,n.2, 175-182

Fávero, MH; Salgado, JS. (2006) Professores e professoras da minha vida: as representações sociais de gênero do magistério. Em Wolf, Faveri & Ramos (Orgs.) *Anais do VII Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. Gênero e preconceitos*. Florianópolis: Editora Mulheres.

Fávero, M.H.; Salgado, J.S. (2007) "Voz de homem": os professores e suas representações sociais do magistério e de gênero. Em: *V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais*, Anais Online, Trabalhos completos: www.gosites.com.br/vjirs.

Fischer, R.M.B. (2001) Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre os modos de enunciar o feminino na TV. *Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC.

Fischer, R.M.B. (2005) Mídia e educação da mulher: modos de enunciar o feminino na TV. Em: Funck, S.B. e Widholzer, N. (orgs.) *Gênero em Discursos da Mídia*, Florianópolis:Ed.Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Fouque, A. *Il y a deux sexes*, 1995

- Freyre, G. (1963) *Casa Grande e senzala* (12.ed.) Brasília: Ed. UnB.
- Funck, S.B. (2004) Anjos e feras no espaço doméstico: decoração para meninas e meninos 157-163 In: Costa, C.L.; Schmidt, S.P. (orgs) *Poéticas e políticas Feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 157-163
- Gilligan, Carol (1982) *In a different voice : psychological theory and women's development* . Harvard University Press : Cambridge, Massachusetts and London, England.
- Góes, J.R; Florentino, M. (2006) Crianças escravas, crianças dos escravos. In: Del Priore, M. (org.) *História das Crianças no Brasil*. 5.ed. São Paulo: Contexto.
- Gondra, J.; Garcia,I. (2004) A Arte de endurecer “miolos moles e cérebros brandos”: a racionalidade médico-higienista e a construção social da infância. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: Maio/Jun/Jul/Ago, n. 26, 69-84b
- Kitzinger, C. (2000) Doing feminist conversation analysis. *Feminism & Psychology*. SAGE: London, Thousand Oaks and New Delhi, Vol. 10(2): 163–193.
- Kitzinger, C. (2009) Doing gender: a conversation analytic perspective. In: *Gender & Society*, 23;94-98
- Lawrence, J.A.; Valsiner, J. (1993) Conceptual roots of internalization: from transmission to transformation. *Human Development*, 36 (3), PP.150-167.
- Lopes, F.H. (2007) Medicina, educação e gênero: as diferenciações sexuais do suicídio nos discursos médicos do século XIX. In: *Educação em Revista*, Curitiba: n. 29.
- Louro, G.L. (2008) Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. In: *Pró-posições*, v.19, n.2 (56), 17-23
- Machado, L.Z.(2000) Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo? In: Sociedade Brasileira de Sociologia (Ed.) *52ª Reunião Brasileira para o Progresso da Ciência*. Brasília: SBP.
- Matland, R. (2002) Estrategias para ampliar la participación femenina en el parlamento. El proceso de selección de candidatos legislativos y los sistemas electorales. In: Mendezmontalvo, M. & Ballington, J. (orgs). *Mujeres en el Parlamento: más allá de los números*. Stockholm: Institute for Democracy and Electoral Assistance.
- Mauad, A. M. (2006) A Vida das crianças de elite durante o Império. In: Del Priore, M. (org.) *História das Crianças no Brasil* (5.ed.) São Paulo: Contexto.
- Melo, E. (2008) Feminismo: velhos e novos dilemas - uma contribuição de Joan Scott. In: *Cadernos Pagu*, 31, julho-dezembro, 553-564
- Miguel, L.F. (2001) Política de interesses, política do desvelo: representação e singularidade feminina. *Estudos Feministas* Ano 9, 2º semestre. Florianópolis: UFSC.

- Morgan, D.L. (1997) *Focus groups as qualitative Research* . (2nd. ed.) Beverly Hills: SAGE Publications.
- Moscovici, S. On social representations. (1981) In: Forgas J. P (Org.), *Social cognitions perspectives on everyday understanding* (pp. 181-209). New York: Academic Press.
- Moura, E.B.B. (2006) Crianças operárias na recém-industrializada São Paulo. In: Del Priore, M. (org.) *História das Crianças no Brasil*. 5.ed. São Paulo: Contexto
- Narvaz, M.G.; Koller, S.H.(2006) Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*; 18 (1): 49-55; jan/abr.
- Nentwich, J. (2006) Changing gender: the discursive construction of equal opportunities. In: *Gender, Work & Organization*. v.13, Issue 6, November, Page 499-521
- Pateman, C. (1993). *O contrato sexual*. Rio: Paz e Terra.
- Perrot, M. (1998) *Mulheres públicas*. São Paulo: Ed. da UNESP
- Perrot, M. (2007) *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto.
- Pinto, C. R.J.(2003) *Uma história do feminismo no Brasil*.São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo
- Ricoeur, P. (1991) “Life in quest of narrative”, in Wood, D. (Edt.) *On Paul Ricoeur: Narrative and Interpretation*. Routledge: London.
- Rizzini, I. (2006) Pequenos trabalhadores do Brasil. In: Del Priore, M. (org.) *História das Crianças no Brasil*. 5.ed. São Paulo: Contexto.
- Rocha-Coutinho (1994) *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro, Rocco
- Rosemberg, F. (2001) Políticas educacionais e gênero: um balanço dos anos 1990. In: *Cadernos Pagu*, 16, 151-197
- Rosemberg, F. (2001) Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. *Estudos Feministas* . Florianópolis: UFSC.
- Roudinesco, E. (2003) *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Ruddick, S. (1989) *Maternal thinking: towards a politics of peace*. Boston: Beacon Press
- Saffioti, H. (2008) A Ontogênese do gênero. In: Swain, T.N.; Stevens, C.M.T. (orgs) *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres
- Sánchez, L.G.;Martín-Sevillano, A.B. (2006) Feminism and identity in political psychology. In: *Feminism Psychology*, 16;65-71

Scavone, L. (2001) A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. In: *Cadernos Pagu*, 16, 137-150

Scott, J. (1986) Gender: a useful category of historical analysis. *The American Historical Review*, 91 (5):1053-1101

Scott, J. (1988) *Gender and the politics of history*. New York: Columbi University Press

Scott, J. (2002) *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Ed. Mulheres

Soihet, R. História das Mulheres e relações de Gênero: algumas reflexões. *Núcleo de Estudos Contemporâneos*, s/d (página on-line do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, www.uff.br)

Tarducci, M. (2004) Reflexiones de una feminista estudiando mujeres pentecostales. In: Lago, M.S.; Grossi, M.P.; Rocha, C.T.C. Garcia, O.R.Z.; Sena, T. (orgs) *Interdisciplinaridade em estudos de gênero*. Florianópolis: Ed. Mulheres

Von Glasserfeld, E. (1996) A construção do conhecimento. Em: *Novos Paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Wertsch, J.V. (1985) The mediation of mental life. L.S. Vygotsky and M.M. Bakhtihn In: E.Mertz & R.J. Parmentier (orgs.) *Semiotic mediation. sociocultural and psychological perspectives*. Orlando, Florida: Academic Press, pp. 49-71.

Wertsch, J.V. (1995) Social research in the copyright age. *Culture & Psychology*, vol.1, pp.81-102.

West, C; Zimmerman, D. Doing gender. (1987) *Gender and Society*. v.1, n.2, Jan-Jun: 125-151

Zilber, T.B.; Mashiach-Tuval, R.; Lieblich, A. (2008) The embedded narrative. Navigating through multiple contexts. *Qualitative Inquiry*, vol. 14, n. 6, September 2008.

ANEXO 1

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO/DOCTORADO
PESQUISADORA: LARISSA GUIMARÃES MARTINS ABRÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “A Participação Política da Mulher : uma análise do ponto de vista psicológico”. A pesquisa encontra-se sob responsabilidade da Pesquisadora Larissa Guimarães Martins Abrão, do Departamento de Psicologia Escolar da Universidade de Brasília – UNB, com a finalidade de coleta de dados para Tese de Doutorado e tem como objetivo investigar algumas questões desenvolvimentais ligadas à atuação política da mulher.

O estudo tem sua metodologia apoiada na pesquisa de caráter descritivo, através da análise de conteúdo. Os dados serão obtidos por meio de entrevistas ou interlocuções em grupos focais. Os benefícios da pesquisa estão relacionados às possibilidades de identificação das implicações desenvolvimentais na definição dos interesses femininos pela atuação política e, por conseguinte, às possibilidades de ressignificação de práticas sociais ligadas à diferenciação dos papéis de gênero.

Você terá como direito receber todas as informações sobre a pesquisa; participar voluntariamente podendo desistir a qualquer momento ou se recusar a responder quaisquer questões que lhe tragam constrangimentos, sem prejuízo ou penalidade à sua pessoa; não terá nenhum tipo de despesa, nem receberá pagamento ou qualquer gratificação por sua participação, e terá a garantia de receber esclarecimentos sobre quaisquer dúvidas acerca do procedimento da pesquisa, inclusive sobre o seu andamento e os seus resultados, sendo assegurado absoluto sigilo quanto à sua identificação. Todos os dados obtidos ficarão sob a guarda do Departamento de Psicologia Escolar da Universidade de Brasília-UNB.

Este Termo de consentimento foi emitido em duas vias, sendo uma para o entrevistado e outra para o Pesquisador.

Tenho ciência do exposto e aceito participar voluntariamente da pesquisa.

Nome _____

Assinatura _____

_____, de _____ de 2009.

Assinatura da Pesquisadora _____

Maiores esclarecimentos poderão ser obtidos no telefone (34) 3268.8909, com a Pesquisadora Larissa Guimarães Martins Abrão ou no Comitê de Ética em Pesquisa da UnB (61)3307.3799

ANEXO 2: TRANSCRIÇÕES DAS INTERLOCUÇÕES NOS GRUPOS FOCAIS

GRUPO FOCAL 1

Entrevistadora: Vamos começar pensando sobre o sistema de cotas. O que vocês acham desse sistema de cotas? Existe uma legislação que fala sobre uma reserva para a candidatura feminina. O que vocês pensam disso, do sistema de cotas? Funciona?

SF1: Ah...

SF2: Eu acho que devia ser igual, né, pra começar.

SM1: Eu acho...

SM2: É, devia ser....

SM3: Nós estamos num país democrático, né? Devia ser igual.

SF2: *(Sem ouvir o que SM3 disse)* Por quê existe um sistema, uma quota menor para mulher do que pro homem? Começa por aí, né?

SM3: Mas aí, como SM1 fala, tem três vagas no partido dele, só uma candidatou, tá sobrando.

SF2: Mas é uma questão de cultura, isso tem que ser incentivado.

SM3: Isso!

SF3: Mas tem lugares em que é bem brigado, né?

SM3: É, tem um lugares em que as pessoas brigam para poder entrar e não podem entrar por causa da quota *(SF2 concorda, meneando a cabeça)*.

SF2: Porque é cheio, né? *(SM3 concorda, meneando a cabeça)* A quota é pequena.

SF3: Mas se a gente for pensar nisso tem a questão do homem estar à frente do profissionalismo no nosso país. A gente sabe que por mais que a mulher lute, ela ainda tem muito campo a abrir.

SF1: É a questão popular, né? O homem tem preferência popular.

SF3: *(meneando a cabeça em direção a SF1. SF2 também sinaliza com a cabeça, aprovando a fala de SF2 e diz em tom baixo "Isso")* Fica perpetuado aquela coisa do homem estar à frente.

SF2: É. Isso no Brasil, acho que agora é que está emergindo. Você vê aí, no poder, né, agora que as mulheres estão tomando os cargos assim

Entrevistadora: Então, mas vocês acham que o sistema de quotas foi criado por quê? Qual foi a função desse sistema de eleger, então, uma reserva pra mulher?

SF2: De início, acho que pra reparar injustiça. Tanto quanto aquele negócio do sistema de quotas para o negro na universidade. Mas eu sou totalmente contra. Eu acho que isso aí, é, tira a vaga de muita gente. E outra, o sistema que eles usam pra selecionar o negro.

SM2: É uma característica já de domínio, mesmo. Se colocar igualdade, o grupo de mulheres vão crescer muito.

Entrevistadora: Se aumentar a quota?

SM2: Se aumentar a quota. Se equiparar, eu acho que vai aumentar muito, então eles não têm esse interesse. Acho que é mais ou menos por aí.

SM3: Mas eu acho que de acordo com o que for abrindo espaço pra mulher eles aumentam as quotas.

SF1: Ou pelo menos não ter quota, né?

SM3: Conforme elas vão se interessando mais, eles vão ser obrigados..

SF3: A abrir mais espaço.

SM2: O negócio é esse.

Entrevistadora: E como é que a gente estimula o interesse? O SM1, que tem uma experiência como presidente de partido, como é que vocês captam mulheres para participar?

SM1: É, eu acho que na maioria das vezes é um pouco desestimulante pelo seguinte: vai estimular mais o dia que a mulher entender que os movimentos feministas vão ganhar mais força a partir da política. Porque a mulher, muitas vezes, as pessoas não entendem isso, igual essas leis, algumas conquistas da mulher foram através da política e ela ainda não entendeu isso. A mulher ainda não entendeu isso dessa forma. O dia que ela entender isso dessa forma, tem vários movimentos que são abortados na Câmara até por ela não ocupar esse espaço também. Isso vem já de um preconceito, mas agora, por exemplo, já tá abrindo essa vaga, mas ela tem que entender que ela vai ganhar o espaço com a participação na política. Acho que não seria só a abertura, a igualdade, muitas vezes ela se omite também.

SF2: E como é que ela vai chegar a entender isso aí? É esse trabalho...

SM1: Esse trabalho é de conscientização. Por exemplo, veja bem: PDT Mulher, PSDB Mulher, tal, tantos partidos, Contagem tem, Betim tem, Belo Horizonte tem. Belo Horizonte tem uma pessoa extraordinária que dá palestra, o Brasil todo tem. Aqui em Ituiutaba não tem um partido feminista. Fala PDT Mulher, não acha mulher pra fundar o PDT Mulher. Você entendeu? Existe o PDT Jovem, o PDT Mulher e não tem. Os partidos têm essa abertura, dentro da estrutura partidária existe essa abertura, o PDT Jovem e o PDT Mulher. Aqui em Ituiutaba não tem. Mas nos grandes centros têm, eu acho que essa questão

SF1 (Interrompendo): Deixa eu te perguntar um negócio: o partido mesmo ele procura uma mulher, por exemplo, pra se interessar, pra ver se ela se interessa em candidatar...

SM1: Procura! Procura!

SF1: Mas, ou seja, pra mostrar pra ela o que que...

SM1: Procura!

SM2 (Interrompendo): E o que que é as respostas?

SM1: Geralmente, há um desestímulo...

SF3: Eu acho que é muita falta de consciência, né?

SF1: Eu acho também. Falta de consciência e falta de informação.

SF2: Então, é como eu tava dizendo, o que é que tá sendo feito pra isso?

SM1: É um desestímulo que nós vemos, entendeu? Tá na internet, tá ligado nos meios de comunicação do partido, tudo, mas não existe. O PDT Mulher, aqui, nós tentamos fundar e não conseguiu. E o jovem, também, não tá participando da política. Tanto a mulher como o jovem estão desinteressados.

SF2: Eu acho que quanto ao jovem, ele já tá tendo mais consciência do que a mulher. Porque eles, a cultura deles de votar, isso aí já tá sendo trabalhado. E a pessoa que já tá numa certa idade, que vem de uma cultura mais antiga, que tá sendo mais resistente. Porque eu acho que esse lado é que não tá sendo trabalhado.

SM1: E outra coisa também, veja agora, nós podemos citar um exemplo do que você tava dizendo. Às vezes sai um pouco, distorce um pouco o assunto, mas ex-ministra Marina Silva, ministra do Meio Ambiente, ela é respeitada internacionalmente. Ela é respeitada internacionalmente, o que que acontece, simplesmente ela foi bombardeada, massacrada e foi praticamente obrigada a pedir demissão do cargo dela de ministra. Por quê? Porque ela era mulher. Se ela fosse homem e tivesse mais resistência, o amparo do partido...

SM2: É aquilo que eu falei antes

SM1: ... Ela não tinha pedido demissão. Sabe por quê que ela pediu demissão?

SF1: Ela foi obrigada.

SM1: Não. Porque falou-se o seguinte, o ministro da Agricultura, os produtores rurais do Nordeste, na área da Amazônia, falou o seguinte: nós vamos apoiar o projeto do governo

Lula, mas nós vamos liberar os financiamentos para a produção se a Marina retirar as propostas dela...

SF2 (*Interrompendo*): Falta de apoio, né?

SM1: Cê entendeu? De proteção ao meio ambiente. E aí a classe dos produtores rurais teve mais força e ela não teve força. E aí, em detrimento a ela, o Lula estava no exterior, eles fizeram a medida. Quando chegou, ela já tinha pedido demissão.

SF1: Aí o Lula chega, e “não sei de nada”. (*Todos riem*)

SM1: Aí, por exemplo, o que que acontece? Não teve uma mulher que manifestou ao lado dela. Eu assisti...

SF2 (*Interrompendo*) A própria mulher não apoiou.

SM1: Eu assisti, acompanhei a matéria na Folha de São Paulo, na TV Senado em tudo que cê possa pensar. Eu não vi **uma** (*enfático*) mulher manifestar. Eu vi algum jornalista na Folha manifestar favorável dela. E o mundo reconhece ela, e reconheceu e foi manchete em todos os jornais do mundo. Então, eu acho que se fosse, às vezes, um homem, tinha suportado mais. Às vezes falta das mulheres darem apoio para ela.

Entrevistadora: Vocês acham que as mulheres representam uma demanda de um segmento, por exemplo, quando a mulher chega a se eleger, ou na própria candidatura, ela tá ali, levantando uma bandeira...

SF2: Feminina.

Entrevistadora: Feminina, ou não?

SM2: Tá, mas ela encontra barreira: Porque o número ser menor, ninguém vai apoiar a atitude dela. E outra coisa, eu acho o seguinte, a classe feminina ainda tem muita preocupação com o negócio de corrupção. Pelo que a gente conversa com as pessoas, né? Já o homem, não. O homem não esquenta, não. Então devido a isso, acho que elas se afastam.

Entrevistadora: Essa é uma boa questão que SM2 está levantando, quer dizer, tem diferença de atuação política entre homens e mulheres?

Todos (*com exceção de SM1, que fica calado, respondem enfaticamente*): Tem!

Entrevistadora: Onde? Onde é que...

SF1: O homem é mais, como é que a gente vai falar...

SM3: Influenciável...

SF1: Influenciado, como se diz, depois que você tá lá, ou você faz aquilo, ou você sai. E a mulher, ela se deixa menos influenciar, não é?

SM3: É por aí.

SF1: Então, a gente acaba saindo, ou não tem o apoio das outras pessoas (*dirigindo-se a SM1*)

SM2: E outra coisa, o homem chegou no poder, ele quer continuar a qualquer custo, ele faz qualquer negócio. E a mulher não, trabalha já por ideal.

Entrevistadora: Tem uma diferença, então? A gente poderia dizer, vocês acham assim? Que tipo de diferença, ideológica, ética...

SM2: Ética! Ética!

SF2: Eu acho, sim. Ela é mais idealista.

SM2: Mais idealista.

SF1: Às vezes até é cultural, né?

SM2: Ela se preocupa muito com a personalidade, pra não misturar, porque aonde tá os políticos de hoje, a fama?

SF3: Mas eu acho também que até ela despertar isso, deve ficar latente, entendeu, nas mulheres, não sei.

SM2: Eu acho que devia dar igualdade, pra elas...

SF3 (*dirigindo-se à Entrevistadora*): ... Quando ela toma consciência, percebe e se identifica com aquilo que quer, ela vai à luta.

SF2: Eu acho que mais pra frente, essa igualdade vai chegar, porque como já tá sendo trabalhado nas escolas, eu vejo, e agora mesmo foi implantado pelo Mec, obrigatório essas matérias como Filosofia, que fazem a pessoa refletir melhor, aprofunda mais os conhecimentos..

SM2 (*Interrompendo*): Mais pra frente, cê acha qual tempo que é?

SF1: Uns dez anos

SF2: É...

SM2: Não.

SM3: Não dá, não.

SM2: *Balança a cabeça negativamente e faz som onomatopéico de não*

Entrevistadora: Dez anos, você acha que é pouco, SM2?

SM2: Iiiih...

SF2: Eu acho que não chega a tudo isso, não?

SF1: Não, eu também acho que não.

SM2: Eu ouço isso, já tem, ó (*faz gesto de passagem de tempo, com o estalo dos dedos*). E olha que eu tenho 57 anos.

SF2: Ah, não, mas mudou muita coisa, antigamente a mulher não saía de casa.

SM2: Mas ficou pior.

SF2: Era totalmente submissa.

SM2: Quando era liberado tinha mais candidatas a mulher, foi só colocar 37, você tem que pegar a laço. Você é presidente de partido você sabe que é? (*referindo-se e dirigindo-se a SM1*) É ou não é? (*SM1 concorda com a cabeça*).

Entrevistadora: Você acha que...

SF1: Eu acho também que tinha que ser liberado.

Entrevistadora: Sem quotas?

SF1: É, sem quotas.

SF2: Não, no princípio, a princípio tem que ser 50%, a princípio.

SM2: Isso já é liberado.

SF2: Quando for se adaptar, pra poder impor, não pode por homem na vaga que é da mulher, entendeu?

SM3: Você tá dizendo assim no sentido de direitos iguais?

SF2: Exato.

SM2: Aí você tá admitindo que o homem sabe mais de política do que a mulher, tem que ser liberado, não interessa de que elas vão passar por cima ou não.

Entrevistadora: Deixa eu entender: você acha que não deve ter quotas, ou que deve ter uma quantidade maior?

SF2: Uma quantidade maior, tipo metade.

SM3: Eu acho que tinha que ser liberado, se candidatar mais mulher não tem problema não.

SF2: Eu acho que existe um preconceito, entendeu?

SM2 (*Interrompendo*): E isso é baseado na cultura, na história, por isso que vai voltar a existir cédula, por isso que 10 anos é muito pouco, pode botar uns 50.

(*Risos gerais*)

SF1: Aí você foi longe demais.

SM2: Ó, tô falando, vai sair o Lula e vai entrar um outro presidente, o que você acha que vai acontecer?

Entrevistadora: E a Dilma, a Dilma Rouseff não é uma opção? Ela está sendo preparada para ser a sucessora, o que vocês acham dela?

SM2: Ela vai ter uns contra e não vai conseguir.

Entrevistadora: Mas por ser mulher ou independente disso?

SM2: Por ser mulher.

SF2: Eu acho que ainda existe um preconceito muito grande da própria mulher, um medo, sabe?

Entrevistadora: Medo de que?

SF1: Medo de colocar uma própria mulher.

SF3: Medo de colocar a própria mulher, dela não ter preparação.

SF2: É o preconceito da própria mulher porque a cultura, como ele falou (*se referindo a SM2*), não vai mais 50 anos, eu não acredito nisso, mas a cultura de gente da nossa a idade ainda tá nessa etapa. Entendeu? Daqui a mais um tempo talvez ela conseguisse. Tipo o Lula, não? Tentou, tentou, tentou até conseguir, foi chegando e foi fazendo a cabeça das pessoas, foi mudando, foram muitos anos.

SM2: Precisou...

SF2 (Interrompendo): A mudança do povo, agora no caso dela, agora não, talvez ela não consiga, mas mais para frente ela consegue, sim.

SM2: Precisou na Polônia de um operário ganhar para depois dar sustentação para o Lula crescer. Se não acontece aquilo lá o Lula não tinha sido presidente.

SM1: Agora eu to lembrando duma coisa que ele falou, que partes eu concordo, eu concordo em partes. Ele falou que a mulher é mais sensível e tal, mas não sei se ela é tão sensível em relação à não corrupção. Veja bem, por exemplo, existe uma frase muito interessante “Para se conhecer uma pessoa, dê poder a ela”. É, ou não é? A Roseana Sarney começou como candidata disparada para a presidência, inúmeras corrupções mostradas e ela retirou da candidatura. A Yeda Crucius, lá do PSDB no Rio Grande do Sul, era um dos governos mais corruptos. Então eu não sei bem se a atuação que a mulher tem, se ela não vai ser corrupta. Tem casos de corrupção feminina, que é uma porcentagem pequena, mas ela pode ser suscetível à corrupção também com prova concreta disso.

SM2: Mas é as pessoas que é corrupta ou é o partido? O Lula é corrupto ou é o PT que é corrupto?

SM1: Eu tô citando a mulher, tô citando a mulher.

SM2: Mas é a influência do partido!

SM1: Não, não, não!

SF1: Do partido e de quem tá ao redor dela.

SM2: É claro, mas ela se torna corrupta porque...

SF1: Pois é (*dirigindo-se a SM1*), mas você falou do contato dela, de quem tá em volta.

SM1: Por exemplo, a Roseana Sarney, a corrupção foi dela que pegou o dinheiro, junto com o marido dela. A Yeda Crucius, a corrupção também foi dela. Eu não tô falando da questão partidária, eu não sei se essa questão de corrupção, se assim que a mulher dominar, se essa corrupção vai ser diminuída, eu não posso arriscar a falar isso para você. E tem caso de corrupção sim, e são poucas que participam do poder, da mulher é pouca a representação, então a corrupção eu acho que não é só da mulher, é generalizada de uma cultura nossa, que o Brasil é um dos países em 14º lugar de corrupção (*foi interrompido por SF1*).

SF1: Às vezes é tão cultural, por isso que certas mulheres vão e depois desistem, como é o caso da Roseana.

SM2: É isso aí que tô falando, ela entrou num meio...

SF1: Ela tem que participar ou vazar.

SM2: Aí quem é integro não serve.

SM1: Mas, por exemplo, temos casos de vereadoras aqui de Ituiutaba, que existia, por exemplo, uma distribuição de cargos, em muitos mandatos anteriores. Não tô citando o

nome do prefeito, mas existia uma coisa do tipo: eu te dou tantos reais e você se manda para lá, vai ocupar o cargo e me repassa um tanto de dinheiro. Essas participaram até hoje. Elas pegam os cargos assim, no fim do mês falam pro funcionário: eu te devo tantos reais e você deixa eu pegar o resto. A maneira indireta do prefeito comprar voto e apoio e aqui sempre as que tiveram, as que eu conheço, continuou desse jeito.

Entrevistadora: Elas colaboram com essa prática?

SM1: Do mesmo jeito

SM2: O poder vem de cima para baixo.

SM1: O que eu quero focar é que pela minha experiência...

SF2 (Interrompendo): Eu acho que o Brasil de uma maneira toda, a nível de corrupção tem mudado muito, mas ainda falta muito, e como ele falou (*referindo-se a SM2*), a pessoa que tem integridade, ela chega e ela desiste no meio do caminho, e fala: isso não serve. Vai levar um tempo, vai levar um tempo, mas isso aí não vai levar 50 anos não.

Entrevistadora: Então você tá voltando na questão do idealismo, você acha que a mulher desiste no meio do caminho porque ela tem um ideal para a política e quando ela entra no sistema ela percebe que...

SF2: Que não é aquilo que ela pensa.

SM2: Deixa eu te perguntar (*dirigindo-se a ninguém, especificamente*), o número de eleitores feminino é maior que o masculino?

SF2: O feminino é maior.

SF1: Ah, eu acho que é.

SM2: É, não é?

Entrevistadora: A gente tem uma diferença pequena de população, acho que 1% a mais de mulheres e isso reflete no contingente eleitoral.

SM2: Vem cá, reflete, não reflete? O que que é, então que era para ter?

SF1: A mulher ter maior quantidade de candidatura.

SF2: Se a mulher se conscientizasse.

(*Aqui, alguns sujeitos entram em conversas paralelas ininteligíveis*)

SM2: É o sistema, gente!

SF3: Eu acho que é uma coisa e outra também.

SM2 (Apontando para SF2, diz): Você é uma estudante, tem cultura, se você tem interesse pela coisa, ou você não tem interesse de candidatar, por quê? A maneira deles agir, você sabe que você vai entrar no esquema e você não consegue.

SF3: Eu acho que o homem ele tem medo de liberar e aí ter mais espaço para a mulher, entendeu?

Entrevistadora: Liberar sem quotas, você diz?

SF3: É, e acho que de contrapartida também a mulher não sabe avaliar o poder que se altera perante uma situação dessa.

SF1: De bater de frente, né?

SF3: A partir do momento que ela tiver essa consciência aí vai, aí tem razão do homem ter medo.

SF2: É verdade, por isso que eu digo que ela não tem consciência.

SM2: Deixa eu só fazer uma pergunta: eleição para vereador, vamos tirar por base aqui em Ituiutaba, você acha que uma candidata mulher, mesmo que tenha, vamos supor que tenha 200.000 reais para gastar na política, você acha que ela vai sair falando, vou te dar 50 para você votar em mim, vou te dar 50, você acha que a mulher tem condições, tem coragem de fazer isso?

Entrevistadora: Você acha que não?

SM2: Não, mulher não tem não! Agora, o homem...

SF1: Candidata faz benfeitoria para a pessoa, vamos supor...

SM2 (*Interrompendo*): Agora o homem não, qualquer pé-rapado vai lá, candidata e aí sai comprando os votos e ganha eleição.

SF2: Então. A cultura masculina é corrupta.

Entrevistadora: É?

SF2: Totalmente, né?

SM2: É isso que eu coloquei.

Entrevistadora: Mas vamos pegar

(*SM3 começa a falar, percebe que falou simultaneamente à Entrevistadora e se cala*)

Entrevistadora: Pode falar.

SM3: Não, queria dizer o seguinte: a mulher sai porque ela não consegue entrar naquilo lá, ela não tá levando vantagem nenhuma com isso, se ela levar vantagem ela vai ficar.

SF3: Eu acho que não. Tanto o homem quanto a mulher, se der brecha.

SM2: Não querendo generalizar, mas o sistema existe e derrubar esse sistema é difícil.

(*Todos concordam*)

Entrevistadora: Vamos voltar na questão da Dilma, que a gente tinha falado agora a pouco, se ela fosse homem, a gente estaria perguntando... Por exemplo, uma das questões vocês falaram, que as próprias mulheres não votam na Dilma, porque acham que ela não é tão preparada. Essa dúvida existiria se a Dilma fosse homem?

SF2: Não

SF1: Não

SM2: Ela ganharia a eleição.

SF1: Eu acho que o problema não é votar em outra mulher, é se ela vai conseguir se manter lá depois, se ela vai conseguir enfrentar todos os problemas.

SF2: A situação né?

Entrevistadora: Então, o que que falta à mulher para ela conseguir isso? A gente tem essa dúvida: “será que ela consegue?”

SF2: É uma conscientização, conscientizar as próprias mulheres, as próprias pessoas que ela é capaz, não só por ela ser mulher, entendeu?

Entrevistadora: Mas o que estaria faltando, por exemplo, para a candidata Dilma, para a gente pensar: “não sei se ela vai dar conta de enfrentar tudo isso”. O que que falta nessa candidata mulher para nos fazer ter essa dúvida?

SF1: Primeiro, o apoio.

SM3: Falta ela se aliar ao grupo que tá lá.

SM2: Se ela chegar lá ela dá conta. Com o apoio da população entendeu? Ela dá conta.

SM3: E se ela se aliar também aos outros lá.

SF1: Acho que primeiro apoio e depois pulso para conseguir ficar lá, porque se ela tiver o apoio certamente ela vai conseguir passar por isso.

SM3: E como ela vai conseguir esse apoio? Se aliando.

SF3: Mas eu acho que quem não quer vê-la lá dentro é um número muito grande, muitos poderosos, né? Então tem essa dificuldade.

SM2: O capitalismo acha mais fácil beneficiar um homem do que uma mulher.

SM1: Mas eu acho que essa própria dificuldade não vai ser tão enfrentada, porque a própria Argentina já tá retratando para nós que depois de muitos anos eles elegeram uma mulher.

SF1: O EUA mesmo. Uma assessora do Bill Clinton.

SM1: Então, essa questão aí eu acho que já tá evoluindo, tá cessando. Vamos citar, por exemplo, a Marta Suplicy, já foi várias vezes e pode ganhar novamente em São Paulo. Mas ela é diferente das outras? Eu acho que não, é uma busca interior dela mesma, ela acredita nela, falta a mulher acreditar nela. A Dilma se ela acreditar nela, ela tem tudo para sair lá dentro, porque o PT tá fabricando ela, ela já tá sendo colocada para isso, e ela tem mostrado competência, porque esse PAC, que é a estrutura, que precisa para um país se

desenvolver, é da cabeça dela. E no Rio Grande do Sul ela tem um trabalho dela lá também. Apesar de ter uma dívida de muitos e muitos anos, acredito que ela vai ser uma candidata, assim como a Marta Suplicy, hoje o PT tem duas mulheres, tem a Marta e tem a Dilma e uma das duas vai ser candidata, porque na Argentina teve candidata. Eu acho que isso ainda vai crescer, esse preconceito já era. Nos EUA um negro agora que é filho do Quênia, um negro que o pai é filho do Quênia pode se tornar um presidente, então isso vai avançando, vai mudando.

SF3: Com certeza, e vai abrindo chances e possibilidades pra ela.

SM2: A gente tava falando do local e já passamos para o exterior e você vê que a cultura é a mesma coisa, entendeu? Então, a mulher, se tiver apoio, vai. Agora, não adianta, gente, política é isso aí.

Entrevistadora: Bom, bom, quando vocês foram entrando para a escola, etc, vocês se lembram em algum momento de ter alguma discussão sobre política, ou na casa de vocês, isso existia? Como é que era a questão do despertar do interesse da política na vida de vocês, teve isso?

SF1: Não, não.

SF2: Quando eu era criança meu pai conhecia os políticos e falava assim, quando eu cheguei na fase de votar: votem em fulano, votem em tal autoridade, porque é nosso amigo, era essa, era uma ordem.

Entrevistadora: Mas só para você ou pra todo mundo?

SF2: Para todos eles.

SM2: Sabe o que mudou a cultura? Dinheiro. O pai chega e fala: você não vai votar no fulano não, porque ele não vai me dar dinheiro, vou pegar do outro, eu vou votar nesse.

SF2: Se eu falar em dinheiro minha filha devasta comigo, ela tirou título, ela fez 18 agora, mas ela tirou antes de completar os 18 anos e ela queria votar.

Entrevistadora: E vocês promovem algum tipo de discussão sobre política em casa, esse assunto vem à pauta em algum momento ou não?

SF2: Vem, quando a gente tá sentado assim, vendo Jornal Nacional.

SM2: Assistindo televisão

SF2: É, acontece alguma coisa, algum episódio, aí a gente discute.

SM2: É, mas a maioria das conversas que sai, fica só eu falando

SF2: E a minha filha ela defende o feminismo mesmo, por isso que eu digo, a classe de adolescentes na base dos 16, 18 anos de idade, essa classe que eu tô falando que tá emergindo, não vai demorar mais que 10,15 anos para isso não, não vai, não. Eu vejo a gurizada da idade dela, dessa faixa, 16,18 anos, eles já debatem piamente e defendem mesmo.

SM1: Agora ... (*É interrompido por SF2*)

SF2: Você não lembra quando era pequeno (*dirigindo-se a SM1*)?

SM2: Isso é porque você tá num nível, mas vai na periferia e olha, para você ver como é que é.

SF2: Mesmo na periferia já existe uma consciência maior.

SF1: Por isso que o Lula tá lá.

SF2: Por isso que ele tá dando aí, Bolsa-alimentação, Bolsa-escola.

SM2: Mas é o caso, ele chegou no poder e quer permanecer. Então, ele entrou, conseguiu, então ele tem que agradar para continuar, fazer um sucessor, isso tá lá em Maquiavel.

SF2: É, isso tá lá em Maquiavel. (*Risos*). Fazendo um sucessor, dando comida com o Bolsa-família.

SM2: É a vida dele, do político.

SF1: Pois é, mas o governo do Lula é corrupto ou ele é corrupto?

SM2: A culpa é da população.

SF1: O governo dele é corrupto ou ele é corrupto? Porque se ele não sai de corrupto, ele só tá viajando, e chega aqui e ele não sabe de nada, ele vai se eleger de novo, porque ele nunca assume a culpa, quem assume é quem tá lá.

SF2: Mas você acha que isso aí não é proposital?

SF1: É, mas quem vai falar que é?

SF2: É.

SF1: Ele não tava aqui, ele não sabe de nada.

Entrevistadora: Vocês se lembram de ouvir os pais de vocês ou alguém da família dizendo alguma coisa negativa das candidatas, porque elas eram mulheres, porque não dão conta? Lembram?

SF1: Não

SF2: Não

(*Silêncio*)

Entrevistadora: E vocês se lembram de candidatas de outra época, não de agora, mas de dez, vinte anos atrás, vocês se lembram?

F2: Nenhuma. Não lembro, não.

SM3: Ah, Luiza Erundina, em São Paulo.

SF2: A gente não tinha a menor orientação, qualquer interesse, eu sou Nordestina, a cultura Nordestina na minha época não se falava em nada, hoje em dia o que eu sei foi por conta disso, a gente vai buscando.

SF3: A mulher realmente ficava totalmente fora desse meio.

SF2: Totalmente fora. Nem existia.

SM1: Dentro da própria casa, há 10 anos atrás se falasse assim: eu sou seu marido e vou ser candidato. Às vezes você, homem, não encontrava resistência. Agora, se falasse: eu sou sua mulher e vou candidatar. Você tá doida?

SF2: É, existia isso.

SF1: Mas isso ainda existe.

Entrevistadora: Existe o que?

SF1: Existe, esse preconceito, essa resistência ainda existe sim, dentro de casa ainda existe hoje.

SF2: (*Dirige-se pra SM1*) Você tem mais facilidade de saber do que nós, né?

(*Risos*)

SM1: É, porque eu pego o telefone para ligar para determinada candidata, o marido dela (*Ele faz sinal com os dedos, indicando a ação de uma tesoura. Risos*). Então, existe isso sim. (*Risos*)

SF2: Ele deve saber.

SM3: É, o marido deve falar: você não vai mexer com isso não!

Entrevistadora: Tem esse discurso mesmo? “Não, você não vai mexer com isso”. Tem?

(*Todos balançam a cabeça, concordando que sim*)

SM1 (*Dirigindo-se à entrevistadora*): Agora deixa eu te fazer uma pergunta para eu entender bem: você tá pesquisando em relação à participação da mulher na política ou a conquista do poder?

Entrevistadora: As duas coisas.

SM1: Eu acho que são coisas diferenciadas, uma coisa é o resultado eleitoral, que ela não consegue, mas o resultado político no poder tá conseguindo. O resultado político ela tá conseguindo.

SF1: A influência

Entrevistadora: Você fala do aumento na participação do processo?

SM1: Do processo e algumas conquistas da mulher. Tem a ver também com política, de muitos anos, tem a ver com política, isso é resultado da política também, porque esse

movimento se dá através da política, não é isso? Os movimentos comunistas, por exemplo, vêm através da política porque na verdade todo mundo vive pela política. Você vai fazer uma parada gay, as lésbicas, não sei o que, você chega na câmara de São Paulo, você vai no poder imediato. A parada gay aqui é apoiada pela prefeitura, então se dá através da política, então o resultado da política da acontecendo. Ainda não dá o resultado eleitoral, mas eu vejo dessa forma, ela tem conseguido o resultado político.

Entrevistadora: Deixa eu perguntar outra coisa: qual foi a última candidata em quem vocês votaram, vocês se lembram? Alguém já votou numa candidata? Por exemplo, nós tivemos na presidência a candidata Heloísa Helena.

SM2: Eu vou ser sincero: eu não votei, não.

SF2: Também não

SF1: Também não

Entrevistadora: E por que não?

SM2: Porque no momento que aconteceu, eu acho que não era a melhor opção.

Entrevistadora: E vocês acham que tem gente que vota simplesmente porque a pessoa é mulher, e daí não avalia a plataforma política, o programa, vota só por mulher, porque pode significar que ela tá representando outras Tem gente que vota assim?

(SF1 não fala, mas balança a cabeça dizendo que não)

SF2: No Brasil acho que não tem esse feminismo todo, não.

SF1: Tem não. A pessoa avalia mais a pessoa, assim o todo, o que ela já fez, o que ela pode fazer, do que por ser mulher.

SF2: E eu ainda acho que brasileiro tem a memória muito curta.

SM2: Mas vocês estão falando em termos gerais?

SF1: É, em termos gerais.

SM2: Porque no nível local, o governo e a política são diferentes

Entrevistadora: Aqui? Aqui na nossa região, por que SM2?

SM2: Porque eu acho que é, se não tiver valor não ganha a eleição. Igual qualquer nível, qualquer nível. Agora o que elas tão falando aí, deve ser outra política que elas tão vendo, porque a minha que eu vejo local é assim.

SF1: Mas aí vamos pegar o presidente.

SM1: Mas o presidente é uma coisa mais universal maior, não é uma coisa local.

Entrevistadora: Espera aí, o que você tá dizendo é que aqui que tem pouca avaliação da plataforma política e mais preocupação com o favorecimento?

SM2: É!

Entrevistadora: E aí não depende de ser uma mulher?

SM2: É, porque aí eles não tão interessados com quem vai entrar.

SF1: É a mesma coisa que os vereadores que tem aqui e ficam arrumando aposentadoria para os aposentados. Tipo a... *(cita o nome de uma então vereadora da cidade)*, não é?

SM1: Isso.

SF1: Então. É uma troca de favores, ela tá lá, candidata, ela é vereadora, mas..*(Foi interrompida por SM2)*.

SM2: Só que ela falou, mas tem que ter o dinheiro para comprar os votos. Ela pode não fazer diretamente, mas alguém faz por ela. Não sei quem faz. Aí circulou a Maria da Penha, não sei se vocês viram, foi um caso que circulou por aí, que aconteceu e que tá crescendo pro interesse da mulher, mas eu vi aí numa edição a entrevista dela, essa semana agora, recebendo uma indenização de 60.000 reais e ela não ficou satisfeita, pela entrevista dela, porque ela perdeu muita coisa. Aquele 60.000 reais não serve. Eu via, eu sentia a maneira que ela pegou o cheque lá, sorriu, mas no pronunciamento dela você vê que ela não tá satisfeita ainda.

Entrevistadora: O que ela queria, na sua opinião?

SM2: Eu acho que foi muito pouco pelo que aconteceu, entendeu? O sofrimento dela, o que ela deixou de, sei lá, de conseguir, não vai conseguir, entendeu? Valeu a pena mas...

SF2: Só ta sendo reconhecida agora, ela tá ali sendo exposta na mídia, então...

SM2: Foi um fato isolado, vamos pegar, que tá melhorando, é um fato isolado, mas deu oportunidade das pessoas ficarem mais esclarecidas, correr atrás

Entrevistadora: O que vocês pensam dessa lei “Maria da Penha”. Muita gente diz que ela tem uma coisa meio pejorativa. O que que vocês acham?

SM2: É, para o convívio das pessoas eu acho que melhorou bastante, eu acho que a pessoa hoje não faz as coisas por impulso, já pensa antes nas conseqüências, existe a lei.

SF2: Eu acho que é no fato positivo e não no negativo, até eu, às vezes, até eu brinco: “olha, eu te ponho na Maria da Penha” (*risos*), e meu marido não tem nada a ver, mas a gente brinca.

SM1: Eu acho que ela tinha que ter menos sentido de força e mais caráter educativo, e não no sentido de força discriminatória.

Entrevistadora: É, vocês percebem isso ou não? É uma lei, de fato, com efeitos preventivos?

SF2: Não, preventivos não.

SM2: Eu acho. Em casa a pessoa já pensa, se eu fizer isso eu vou ser punido.

SM3: A pessoa fica menos ofensiva.

SF1: A pessoa pensa duas vezes antes de fazer

SM2: Eu acho muito interessante, porque parece que tá mudando a cultura, eu não posso fazer com a mulher então eu vou fazer com o homem ou com o filho.

SF1: Nem com o homem nem com o filho, não pode!

SM2: Então, mas peraí, não pode, mas eles tão partindo para esse lado aí, vocês tão prestando atenção, morrendo muita criança. Eles não tão nem aí com o que vai acontecer.

SF1: Ah, tá. Entendi.

SF2 (Referindo-se à fala de SM2): Ele tá falando da violência, da violência entendeu?

SM2: Só influenciando na vida do casal, essas coisas.

SF2: São muitos assassinatos que tão ocorrendo com as crianças.

SM2: Uai, depois daquela já apareceu um punhado.

SF1: Nossa, teve uma mulher aqui que jogou o bebê.

SM2: Aí, tô falando. Por isso aí, ó.

Entrevistadora: Um bebê de meses, né?.

SF2: Tá acontecendo alguma coisa na sociedade, que ela tá se afogando, a gente percebe.

SM2: Pois é, não é culpa dessa criança, eu não tinha pensado por esse lado, mas veio o assunto, o cara pensa, se eu fizer com ela (*a mulher*) vai acontecer isso, então faz com outro.

SF2: Tem que ter uma intervenção social!

Entrevistadora: Você tá dizendo que a violência, ela continua existindo, se tem muito holofote sobre a mulher, eu faço com o filho. É isso que cê quer dizer?

SM2: É, só apareceu, só clareou isso aqui porque eu comecei a focalizar isso aí.

Entrevistadora: Então, no seu raciocínio, a lei acaba não atingindo o efeito social, por exemplo, da reeducação?

SM2: Eu acho que não.

Entrevistadora: O que vocês acham?

SF1: Eu concordo!

(*Os outros apenas balançam a cabeça, em sinal também de concordância*)

Entrevistadora: Mais alguma coisa que vocês queiram dizer?

(*Ninguém se manifesta*)

Entrevistadora: Ok gente. Então, muito obrigada pela participação de vocês. Foi ótimo!

GRUPO FOCAL 2

Entrevistadora: Bom, gente, obrigada por terem aceito o convite. Como eu já expliquei, a gente vai conversar um pouco sobre a participação da mulher no cenário político e eu queria começar perguntando, por exemplo, o que que vocês pensam do sistema de quotas, que garante uma porcentagem, né, cada partido deve reservar uma porcentagem dos seus...do total dos seus candidatos, para ser preenchido por mulheres. O que que vocês pensam disso? É eficaz do ponto de vista da, da compensação, do equilíbrio...

SM1: Olha, eu acho que ainda...

SM2 (Interrompendo): Preconceito, preconceito.

SF1: Ah, não sei...

SF2 (Interrompendo): Eu acho que não teria que ser necessário isso, mas se não tivesse quotas, né, se não tivesse quotas, eu acho também que eles não colocam mulheres, muitas vezes, não sei de todos. Mas assim, às vezes a quota faz entrar pessoas despreparadas na política, mulheres despreparadas. Mas sem a quota... fica mais difícil.

SM2: Mas eu acredito que é preconceito, do mesmo jeito que existe a quota pra negros na universidade, por quê? Não deveria ser isso, deveria ser por competência. Você tem competência pra entrar, você está lá, não existe se é 10%, 1%, não existe. Por que pra negros? Eles são diferentes? Né? Então, quer dizer, nesse momento eles já estão restringindo uma quota...então quer dizer, “você pode entrar, mas ó, o seu espaço tá até limitado...”

SM1: Indiretamente tá fortalecendo essa cultura aí, esse...

SM2: Reforçando.

SM1: Reforçando.

SM2: Como se fosse um reforço pra questão do machismo, do preconceito, então eu acho que acaba se resumindo nisso. Porque, independente se tivesse... se existisse um partido, independente se tem 10 mulheres, 11 homens, ou meio a meio, ou 10 mulheres e 1 homem, independente. Aí sim, aí a coisa estaria liberada, não existia diferença. Acho que deveria ter o direito de falar sobre essa questão da moral, preconceito, mas como existe a quota...

Entrevistadora: Quando a gente observa as campanhas, das mulheres, vocês acham que tem uma, tem alguma qualidade que a mulher usa como chamariz político, alguma qualidade que ela diz: “Ah, votem em mim porque eu sou assim ou assado”. Tem alguma especificidade na proposta política da mulher, no jeito de atuar, vocês acham que tem?

SM1: Que difere ela do masculino?

Entrevistadora: Isso.

SM1: Não, eu não...percebi isso ainda... Então eu acredito que não há essa.. .

SF2 (Interrompendo): Eu acho que pode ter uma coisa meio relacionada mais à questão de colocar o lado mãe, aquele lado protetor, coisa que a mulher pode levar isso em frente... É claro que eu não conheço todas que participam da política, mas eu acho que muitas vão usando termos que é bem pra esse lado protetor da mulher, esse lado também que é muito valorizado.

SF3: Eu já acho que na campanha elas usam mais, tipo assim, votem na força da mulher, na força da mulher, acho que eles usam mais o lado tipo, batalhador da mulher, que consegue administrar três papéis...Eu acho que elas usam mais a força da mulher.

SM2: Eu acho que...

SM1 (Interrompendo): Eu recebi na campanha uma mala direta, de uma candidata feminina, inclusive. E eu percebi que uma palavra que ela tá falando lá, tem a ver com essa força. Eu percebi isso. Parece, mas não sei se poderia estar fortalecendo, aí, assim, essa imagem.

SF1: Eu acho que é algo bem assim mesmo.

SM1: Essa entrada aí da mulher na política, a palavra “educadora”, por exemplo. Elas falam bastante.

SF2: É, professora, educadora

SM1: Lembra bastante esse papel que...

SF1 (Interrompendo): Eu acho que talvez seria até de forma bem indireta isso.

SF2: Isso.

SF1: Né? Eu acho que é até, às vezes, é usado sem perceber, porque já é a tradição a mulher professora, educadora.

SM2: Mas eu acho que não, não é só a mulher porque hoje basicamente os candidatos voltam pro lado social. A fala deles é única, você pode prestar atenção que é única. É educação e saúde.

SF3: E esporte (*risos*).

SM2: E esporte... É essa fala que então você não vê nada diferente. Então assim, pode ser a forma dela se expressar, mas o conteúdo mesmo, eu acho que acaba sendo comum.

Entrevistadora: Você acha que elas propõem as mesmas coisas que todos?

SM2: As mesmas coisas.

Entrevistadora: E indiretamente? Será que tem a valorização de algumas coisas ou qualidades que são historicamente ligadas à mulher.

SM2: Isso é, isso é.

Entrevistadora: Por exemplo, a mulher trabalhadora, a mulher mãe, a mulher batalhadora. Vocês acham que isso funciona? Isso elege?

(*Silêncio. Eles baixam a cabeça, pensando*)

SF2: Não sei. (*diz baixo e rindo*)

SF1: Bom...

SM1: Eu acho que...

SM2 (Interrompendo): Olha, todas poderiam fortalecer essa questão também, como já foi falado, acaba sendo, digamos assim, eu vou pegar essa parte aqui do preconceito, pra poder buscar o restante da mulherada que tá batalhando com a questão, né? Porque do mesmo jeito que existem muitas mulheres que estão como juízas, estão despontando na igualdade com o homem, mas a maioria ainda não. A massa ainda é aquela mulher que trabalha, e quer ter filho, aquela coisa toda, né? Então, assim, eu acho que acaba sendo uma fala pra poder buscar essas que estão despontando aí pra conquistar o espaço.

SF3: Só que talvez não tenha tanto efeito, né? Porque se a gente for pensar, na câmara municipal hoje só tem o quê? Uma mulher, né?

SM2: É, é.

SF3: Uma mulher em quantos?

Entrevistadora: Dez.

SF3: Dez...muito pouco. Então esse apelo não tem tanto efeito.

Entrevistadora: Vocês acham que o fato de ter poucas mulheres eleitas mostra que não tem efeito a apelação a essa questão da mulher batalhadora?

SM1: Ah, não tem, não. Eu não acho, não.

SF2: Eu acho que seria mais interessante mostrar um trabalho já feito do que apelar. Assim como eu creio que pros homens também seria melhor mostrar o trabalho, é isso que elas têm que fazer. São poucas e nem todas estão preparadas.

SM1: Hoje tá de uma forma geral, tá elegendo aquele candidato que tá justamente mostrando coisas feitas, coisas que o povo tá esperando, que o povo tá aguardando. Se você entrar ali no currículo lá e tiver vazio, você não vai conseguir pessoas aí pra te eleger, não. Então não adianta, eu acho, você ficar falando, tentar fortalecer a cultura feminina: “ah, educadora, não sei mais o quê”. Se o povo tá esperando algo pra ser feito, para realmente mexer, apesar que política tem a questão das promessas aí, que as pessoas, todo

mundo promete e depois aquilo ali fica “a Deus dará”. Mas eu percebo que esses candidatos eleitos, que foram eleitos na última eleição, a maioria dos que ganharam, eles mostraram projetos que já realizaram em campanhas passadas, que participaram ativamente com outros candidatos vereadores, que já não são mais. Entendeu? Assumiram então aquele cargo que era de outro e assim eles vão entrando, de uma forma ou de outra vão entrando na carreira política até se candidatar. Uns entram direto a prefeito, outros já vão entrando indiretamente.

Entrevistadora: E se a gente tivesse uma candidata à presidência do país? Igual a Dilma, no caso, parece que ela está sendo cogitada para a sucessão...

SM2: Então, eu já acho que é mais questão de cultura. É, no caso, igual aqui que é um cidade interiorana, é, se for comparar aqui com a questão de São Paulo. Lá é uma cidade maior, então assim, a mentalidade das pessoas parece que estão mais desenvolvidas, estão mais abertas. A Marta, a Marta mesmo, ela vai muito pra questão do sexo, ela vai... digamos assim, ela apóia a parada gay, ela...Sabe? Então ela tem maior abertura pra esse tipo de coisa. Então quer dizer que ela vai de acordo com a cultura da cidade, do espaço lá. Aqui, sei lá, sei lá, às vezes Gurinhatã, Capinópolis, essas cidades um pouco mais interioranas eu acho que ainda mais ainda existe essa questão do machismo e do preconceito, entendeu? Então, é digamos, lá pra ela de lá de São Paulo ou pra Dilma que já tá mais na frente, pra ela conseguir uma candidatura, ou talvez até conseguir se eleger, talvez seja muito mais fácil do que aqui talvez aparecer uma candidata pra assumir uma prefeitura.

SF2: Eu acho que é mais difícil pra mulher conquistar esse eleitorado nosso, quer dizer, assim...

Entrevistadora: Interiorano, como vocês disseram?

SF2: ...Interiorano, não que seja mais preconceituoso, mas que está, às vezes, com uma cultura ainda mais...

SM2: É, arraigada ainda, a questão do machismo ainda é forte. Porque é um absurdo, você tem isso o tempo todo, né? A questão do preconceito, você tá indo pra uma universidade, você pensa que as pessoas têm a mente aberta, tão preparadas, você chega aqui...eu choquei com isso, entendeu? (*Risos*). Só porque você mora aqui você é obrigado a fazer agronomia, você tem que beber, você tem... uai, peraí (*risos*). Então eu acho que existe muito isso, né? Quanto mais interiorano é, mais ainda tá arraigada ainda nas pessoas, ainda.

SF3: Mas eu vejo, por exemplo, a candidatura do McCain lá nos Estados Unidos. Ele usou a vice dele pra conseguir o voto feminino Ele.literalmente verbalizou isso. Ele falou que é pra conseguir maior, pra atingir o maior...

SM1: Número de pessoas.

SF3: Número de pessoas, das mais variadas faixas etárias.

SM2: Pois é, mas o que você vê lá no país de primeiro mundo, o que que eles usaram também? A questão do preconceito. O primeiro candidato negro do país. Então, né? Então quer dizer, que não tá muito diferente a questão do país de primeiro mundo pra nós aqui, né? Então, assim, acaba usando isso também. Que lá também o negro não tem vez lá, não. Ou tem dinheiro, ou...

Entrevistadora: Então, parece que aí na eleição americana a gente teve uma briga, né? Uma batalha de dois grandes estereótipos: um, eu acho que o de gênero, que era a Hillary, e o outro, o estereótipo étnico, que é o Barack. Vocês acham que teve algum medo do partido indicar a Hillary e ela perder por ser mulher, o que é que vocês acham? Ou não teve isso?

(*Silêncio. Ficam pensativos*)

SM2: Ah, eu acho que é a classe, questão de classe mesmo, ver se pode mudar alguma coisa. No caso lá tem muito negro lá. Então eu acredito que a classe, de repente, tá fazendo força e empenhando pra ver se vai acontecer alguma mudança, pra ver se vai mudar a questão do comportamento. Eu não sei como que funciona essa questão de cotas, eu não sei. Mas eu acho que no deles é na força, né? Do mesmo jeito que a parada gay começou em São Paulo. Hoje já tem em Uberlândia, parece que já teve, ou ia ter, eu não sei, né? Então assim, eu acho que a questão, a questão é de massa, da massa empurrando isso pra frente pra ver se realmente vai chegar ao ponto de não ter diferença, se você é gay, se você é negro, se você é mulher candidata, né? Então assim, acho que a questão é as pessoas terem uma aceitação com tudo isso. Que seja com o gênero feminino, com o “gênero étnico”. Entendeu, a cabeça das pessoas...Vão abrindo a cabeça pra esse tipo de coisa.

SM1: Eu também acho que não houve medo nessa questão, não. Agora, eu acho que uma coisa que eles deveriam deixar de dar ênfase, porque acaba reforçando indiretamente, é essa questão étnica aí, racial: “primeiro candidato negro”. Pra quê? Não cita. Não precisa ficar citando isso. É o negro, primeiro isso, primeiro aquilo, uai.

SM2 (*Interrompendo*): Na fórmula ...

SM1: Vai fortalecendo de uma forma ou de outra porque...

SM2 (*Interrompendo*): Na fórmula 1, aquele cara lá não parece nem, você olha, ele nem parece ser negro, mas eles acabam colocando: o negro, o negro lá na fórmula 1.

SM1: Não, vai fortalecendo. Isso aí, quanto mais fica falando, mais vai fortalecer, porque vai aparecer uma hora, uma pessoa. Que nem o Martin Luther King, lá, né?

Entrevistadora: E por que vocês acham que ninguém fala, por exemplo, “é o quinquagésimo candidato branco”? Por quê?

(*Todos riem*)

SM1: Ué, é claro. Vai aparecer, né? É uma pessoa também, como as outras, é só olhar e já sabe que é negro.

SM2: A não ser os que são deficientes visuais, mas fora eles, todo mundo tá vendo, né? Então não precisa de estar reforçando...É como se fosse um reforço mesmo..

SM1: Reforça, sim.

SM2: Aquele cara da F1, se você talvez não prestar atenção, você nem vê, nem percebe isso. Passa batido. Mas não, eles acabam querendo frisar bem isso. Então, no caso eu acho que seria a mesma coisa na política, né? Igual, aqui, como a gente tem uma vereadora, talvez pra entrar mais, aí pode querer começar a usar isso também como argumento pras próximas eleições. Então eu acho que acaba reforçando.

Entrevistadora: Vocês se lembram de ter votado em uma mulher nas últimas eleições? Alguém já votou, já deu algum voto em candidata?

SM1: Não.

SM2: Não.

SM1: Mas se eu não tivesse já um candidato nas últimas eleições, assim da família, eu teria uma candidata feminina.

Entrevistadora: Pra vereadora?

SM1: Vereadora.

SF3: Eu também.

Entrevistadora: E vocês acham que a mulher imprime alguma marca dela, feminina, no jeito de atuar na política?

SM2: Ah, eu acho que volta nessa coisa da educadora, da mulher preocupada com o próximo, uma coisa meio mãe, meio professora.

SF1: É, porque essa também é uma imagem que a mulher vende na hora de candidatar, né?

SF3: Mas eu não sei se a mulher age assim, não...

SM1: Eu acho que mulher tem uma coisa maior de sensibilidade, sim, mas não são todas. Algumas...

SM2 (*Interrompendo*): Algumas são bem sacaninhas, também passam a mão!

SM1: É, mas eu acho ainda que a maioria é mais diferente do homem, mais correta, talvez. Parece que fica assim, acho que querendo dar o exemplo, assim, igual mãe mesmo, conservar essa imagem.

SM2: Só que a política é corrupta, né? A gente não pode esquecer isso. É corrupta pra todo mundo, tem hora. Tem hora que eu acho que não salva ninguém.

SF1: É, acaba que a mulher às vezes tem que, tipo assim, tem entrar no esquema, senão...

Entrevistadora: E vocês acham que a mulher faz isso a contragosto?

SM1: Ah...

SM2: É... Bom, não dá pra generalizar, né? Mas o homem parece que já tá mais acostumado a meter a mão, porque usa o poder tem muito mais tempo, já tá lá, já sabe como é que funciona, já tem aliança, já tem canais, já tem tudo, esquema completo. E não quer mudar, ninguém cobra, ninguém faz nada, todo mundo pensa que roubar é normal, político é ladrão mesmo, todo mundo aceita.

Entrevistadora: Muito bom, gente. Mais alguma coisa que vocês queiram falar? Então, agradeço muito a participação de vocês, viu? Valeu mesmo.

GRUPO FOCAL 3

Entrevistadora: Bom, gente, então vamos começar? Primeiro, obrigada por vocês terem vindo, né? Pela disponibilidade de vocês estarem aqui. A idéia é a gente fazer um bate-papo sobre a questão feminina na política. E aí eu queria começar perguntando pra vocês, o que que vocês acham da participação da mulher na política?

(Silêncio. Os sujeitos ficam pensativos)

SF1: Olha...

SM1: Muito importante. É, eu acho que marca uma certa...igualdade, né. Pra mim, tá, as mulheres vão votar, vão exercer a sua função, né, eu acho que representa...

SF2 (*Interrompendo*): Cidadania.

SM1: É, a sua cidadania de uma maneira mais completa, assim..... Porque hoje em dia não, a gente vê essa atuação mais nítida, né. Eu acho que é interessantíssimo.

SM2: É

(Silêncio novamente)

SM3: Sem dúvida, a mulher já vem ganhando o seu prestígio no mercado em todos os setores e a mulher na política já ganhou o seu espaço.

Entrevistadora: Vocês acham, vocês concordam?

SF2: *Balança a cabeça discordando, mas não fala.*

SM3: Eu acho.

(Silêncio novamente)

Entrevistadora: E as mulheres presentes, o que é que acham? Uma de vocês balançou a cabeça...

SF2: Eu não acho, não. Eu acho que...

SF3: Eu acho que...

SF2: A mulher continua sendo discriminada.

SF3: É, tem muito preconceito ainda com relação à mulher na política. Tá indo, mas tá devagarinho.

Entrevistadora: Que tipo de preconceito?

SF3: Ah, eu acho que é, como se fosse da força mesmo, da mulher. Preconceito de que a mulher não tem a capacidade, que ela tem de batalhar pra conseguir estar ingressando aí na política.

SM2: Geralmente quando você vê o político, ele sempre soa: “oh, aquele homem”. Você nunca teve mulher participando daquela rotina, então já fica mais difícil, sabe? Ela simplesmente entrar e participar. Ah, o que vai ser falado, tem sempre uma conversa assim, que a mulher não sabe mexer com negócio de política, que a mulher isso, que política é pra homem...

Entrevistadora: E vocês acham que o assunto “política” ainda é considerado um assunto pouco feminino?

SM2: Geralmente quando se trata da política em si, quem tá conversando sobre política, geralmente eles não querem saber a opinião da mulher. O que eles acham é que: “Bom, o que os homens resolvem tá bom”. Não é sempre assim que funciona, mas a mente dos políticos que a gente vê aí, é sempre assim.

Entrevistadora: E o sistema de quotas, o que que vocês pensam? O sistema que garante um mínimo de participação feminina nas candidaturas. Vocês acham que é interessante?

SF3: Pouquíssimo ainda, né! Eu acho justamente por causa desse nível aí que ela tá, a mulher....Devagarzinho aí, leva muito tempo pra uma mulher que consegue estar ali na política, então pra ela conseguir subir, né aqueles degrauzinhos lá, então....ela tem que estar ali no meio há muito tempo né? Pra ela conseguir estar chegando. Então eu acho que a quota é bem....importante.

SF4: E nem sempre, nem sempre, não é, nem sempre é o que tá ali no meio. Eu conheço muita gente que tá no meio há muito tempo e simplesmente porque apareceu um candidato homem, né, ela foi simplesmente deixada de lado. Daí então quer dizer: eles não valorizaram o trabalho que ela veio fazendo durante esse tempo todo, conquistando o espaço dela e aparece alguém, um homem, né e ocupa o espaço que era dela, que foi conquistado pra que a pessoa pudesse desenvolver um trabalho, pudesse entrar mesmo de cara limpa junto com os homens, batalhar lado a lado. E não acontece. Na hora que que a mulher acha assim: “agora é o meu momento, agora é a hora de eu entrar de cabeça e seguir em frente”, eles acham um homem e colocam na posição que seria dela. E isso é justo?

SM2: Porque agora os partidos, eles já fazem isso. Tem aquela quota, então quer dizer: “se a gente não colocar, a verba não vem total, então se a gente colocar a mulher ali, ela não vai ganhar voto mesmo, então põe porque é lei”

SF4: É, elas tão ali mesmo só pra ocupar o espaço.

SM1: Pois é, mas eu acho esse plano de quotas, sei lá meio discriminativo, assim. Né? Tipo o PROUNI, que é um lance dos crioulos, do negão ganhar aquela fatia ali. Eu acho que a coisa tinha que ser meio que normal pra todo mundo: “ó, tá ali, quem conseguir...” Sabe, quem tiver qualidade pra ir lá e fazer, vai ganhar, vai ter a possibilidade, eu acho que tinha que ser mais ou menos assim.

SM3: Agora, essa quota mínima, eu acho que ela é importante por questão mesmo, pra mulher se lançar sempre ali, eu acho interessante.

Entrevistadora: Sim, você diz que é interessante como estímulo, é isso?

SM3: É, pra ter um estímulo, mas mesmo com essa quota eu acho que a mulher hoje já ganhou um espaço muito grande em cima da política, né? E em cima de outras coisas também. Tá indo bem, vai dela mesmo querer fazer e correr atrás. Ela consegue, com mais dificuldade, mas ela consegue.

Entrevistadora: Isso, você tocou numa coisa interessante, quando você diz: “vai dela querer”. Vocês acham que é comum a mulher querer uma participação política, sabendo da

existência das quotas, dessa quantidade reservada pras mulheres, é comum a gente ver isso entre...

SM2 (*Interrompendo*): Às vezes, se não for uma pessoa que tem instrução, ela nem sabe que existe esse tanto de vagas que tem que ser usadas pra mulher, ela não sabe disso. No geral ela tá preocupada com outras coisas e também ninguém tá preocupado em passar pra ela, não, pra ela já não ir mesmo. Agora, é ignorância pensar em deixar a mulher de fora da política, sem candidatar, mas tem mulher que sente que não é bem-vinda no meio político e aí já não vai mais. E aquelas que estiverem interessadas acabam desestimuladas, ou achando que não levam jeito pra isso.

SM1: É, eu acho que isso não foi colocado ainda dessa maneira, né? A mulher é a mãe da família, é aquela mulher que vai tá procriando e tal, ela não vai ter o estilo de política, ela não vai deixar a casa dela pra, pra de repente mexer com, com política. Porque isso não é habitual, mas a coisa tá mudando. Eu acho que o perfil da mulher hoje em dia tem mudado, não só na política. Ele tem mudado. É, eu acho que vai ocorrer algumas pessoas que, que são a favor, né, e pessoas que são contra também a isso: “Ah, essa mudança vai acarretar isso”. Mas eu acho que ninguém sabe até mudar. E a mudança vem pra, eu acredito que pra melhor, assim. A gente vai ter que se adaptar. Eu acredito que os homens daqui pra frente, com as mudanças que vêm acontecendo, esse lance da mulher ser dona de casa, ficar cuidando do marido, da casa, esse lance não vai ser o mesmo, não.

Entrevistadora: Ah, não?

SM1: Nós vamos ter que encarar a louça também, sabe, eu acho que vai ser bem assim.

SF1: Não, e como você fala, né, que as mulheres, né, estão deixando as casas, os maridos e os filhos e elas vão pra lá e vão lutar por coisas que são coisas de mulheres como a gravidez, a... a, como é que fala, a licença-maternidade, era quatro meses e agora aumentou pra seis meses, né? O direito à amamentação, né, da criança. Então elas saem de casa, elas lutam pra estar lá junto com os homens pra também lutar por coisas pras próprias mulheres, por coisas que elas façam, por coisas que elas vivem, né, no seu dia-a-dia.

SM2: Essa facilidade, entre aspas, que a mulher parece que tem com a maternidade, que todo mundo idolatra a mãe, a mulher podendo ser mãe, a mulher pode com isso até chegar lá “nas cabeças”, mas é cobrado dela o dobro do que se cobra do homem.

SM1: Com certeza.

SM2: Porque se ela abrir a boca e disser alguma coisa que não tá certo, ih... Mas se o homem disser, tá beleza, ninguém cobra dele do mesmo jeito, ele fica de boa e ela leva a pior, porque vai ser chamada de burra, de incompetente.

Entrevistadora: Seria assim no caso, por exemplo, de mulheres com profissões que têm mais homens, como a arbitragem esportiva, é isso?

SM2: Exato, uma mulher erra: “mas não deveria ter posto uma mulher pra apitar”. Se for o mesmo erro vindo do homem, não tem problema...

SM1: Uma coisa que acontece em casa que é interessante. Eu trabalho dois períodos, minha mãe trabalha dois, eu faço faculdade no terceiro, ela trabalha dois e trabalha no Conservatório à noite também, e ainda canta no final de semana. Então na verdade são quatro (*turnos de trabalho*) e a casa ainda fica meio pra ela, sabe?

Entrevistadora: É assim?

SM1: É ela é muito assim. Além de fazer tudo, a casa ainda é dela. Então, é assim... A vida de vocês é mais dura. Eu agradeço a Deus de ter nascido homem.

Todos: Risos.

SM1: Agradeço mesmo! Demais da conta, Nossa Senhora.

Entrevistadora: O que que vocês acharam dessa última campanha pras eleições municipais? A gente viu muito panfleto de mulher, né? Qual foi a percepção geral de vocês com relação a como as mulheres se apresentaram?

(*Silêncio. Os sujeitos ficam pensativos durante um curto tempo*)

SF3: Deu um aumento, né, em relação à política passada. Realmente o número de mulheres aumentou nesse, nessa campanha agora...

Entrevistadora: Tem alguma característica comum que vocês perceberam na campanha das mulheres em geral? Algum tipo de apelo feminino...

SM1: Eu acho que tinha a ver com mulher, né, ela tá na política, ela tá defendendo a classe.

Entrevistadora: Você diz que ela se dirige às outras mulheres?

SM1: Eu acredito que sim. Quando você tá falando isso, eu tô lembrando, tentando puxar pela memória e eu lembro disso assim. A mulher faz campanha pra mulher.

SF3: É, pra outra mulher.

SM1: Eu acredito muito nisso.

SM2: Tem uma coisa assim, que aconteceu com o prefeito que saiu, só que algumas das mulheres ainda pegam muita coisa assim, na hora de votar, olham pras obras, né? O prefeito fez muita coisa debaixo da terra, ninguém vê. Então você olha por cima, não tem muita coisa visível. Eu sei o que foi feito. Mas pra muita gente, se não vê o que foi feito, não serve. E na campanha da candidata daqui (*refere-se à candidata à prefeita pelo Partido Verde*), ela tava falando de coisas do ambiente, de propostas ecológicas, muita coisa também que as pessoas não vão ver e aí, ninguém pôs fé. Na campanha dela aparece algumas coisas que a gente não tá acostumado a ver e aí fala que isso não serve pra minha cidade...

Entrevistadora: Você acha que a campanha dela, ou outras campanhas femininas causaram alguma estranheza pelo tipo de proposta?

SM2: É, é diferente, fica diferente, assim... é um impacto diferente das brigas que você costuma ver, então aquele tá falando mal do outro, tá falando mal do outro, mas ela não entrou no fala mal direto. Mas também não fez o que eles fizeram, ela não fez um programa de governo. Ficou naquela: “eu não tenho um prédio construído, não tenho isso, mas assim eu vou proteger as árvores, vou proteger aquele jardim ali”. No contexto, o pessoal não assimilou ainda que a gente tem que proteger as “arvrinha” não. Todo mundo só pensa: “eu quero ver o que a cidade vai render pra mim, no que eu vou trabalhar, então.”

SF4: É, os projetos, assim, da mulher, ainda é bem humildezinho, né, em vista do que os homens ostentam, na maioria das vezes. Mas o que a gente percebe é que a sociedade tá trabalhando mais o lado político da mulher. Porque muitas mulheres que a gente vê, que se lançam candidatas vêm de famílias de candidatos, né, ou trabalham com candidatos. Então o acesso à política pra mulher tá ficando mais fácil., né? E então a mentalidade vai mudando, vai melhorando porque já apresenta coisas novas, já tem uma postura diferente, não é mais aquela coisa assim de chegar lá, assim na frete da câmara, pegar um rabiscozinho que um homem passou pra ela e falar. Não, ela questiona, fala: “olha, isso aqui pra mim não serve”, né? “Eu quero que você coloque assim e assim e aí eu vou pra lá, pra frente da câmara e eu vou pôr, vou expor o que eu quero”, né? Então ela já tem, parece que ela já tá mostrando uma força de vontade, não é nem liberdade, é uma força de vontade de expressar realmente o que interessa a ela.

SM2: O assunto “política” deixou de ser um mistério pra mulher. Agora já não é mais aquele mistério que era antes.

SF1: E ela já discute de igual pra igual com o homem.

SF4: De igual pra igual.

SM1: Ela, pô, ela consegue discutir, né? Ela tem argumentos, sim, ela já é conhecedora do assunto.

SF3: Mas ainda não é muito aceita.

SF4: E ela tá, ela já tá tendo, mesmo com todas as tarefas, as dificuldades que ela tem, ela ta tirando aquele tempo pra ler um jornal, pra ler um livro, pra assistir uma pesquisa, pra questionar mesmo, né, as coisas. Então, já abriu várias portas, né? Muitas vezes ela tem um caminho, acha um senhor ou um rapaz mesmo que se disponha a ajudar ela naquilo ali. Igual a gente vê muito aí, vê muito cabo eleitoral que aconselha, chega e diz: “ó, tá acontecendo assim, assim, você foca mais nesse lado”. Que busca pra ela, pra ela poder ter mais assunto, mais argumento pra questionar com qualquer um de igual pra igual.

Entrevistadora: Vocês acham que essa questão da mulher hoje estar mais informada tem a ver com a formação acadêmica, escolar, ou não?

SM1: Não. Eu acho que tem a ver com o meio. Se o meio não tiver nada a ver com política vai ser difícil ela mexer com política, a não ser que ela tenha, sei lá, na faculdade ou na escola alguém que possa...

SF2 (Interrompendo): Direcionar.

SM2: Direcioná-la, porque senão eu acredito que não.

SM1: Os horários dela mudaram, o horário dela fazer janta agora é o horário da novela das sete

Todos: Risos.

SM1: É, porque quando é o jornal ela já tá pronta ou ela tá na televisão, então já mudou as informações que ela tinha antes. Antes era: “minha novela primeiro, depois eu faço minha janta”. Não, agora eu vou fazer minha janta mais cedo porque eu não quero perder meu jornal.

Entrevistadora: E outra coisa: vocês acham que tem diferença no estilo político entre homens e mulheres? O jeito de fazer política de homens e mulheres é diferente?

SF3: Mais ou menos.

SM1: Eu acho.

SF2: Completamente diferente.

SF1: Também acho.

SM2: *Não fala. Apenas balança a cabeça concordando.*

SM1: Os homens são mais agressivos, as mulheres, eu acho que elas, por exemplo, igual, você falando, eu lembro da Heloísa Helena, a Heloísa Helena. Pô, cara, ela tem muito conhecimento, ela é uma pessoa que eu votaria, ela é uma pessoa que eu votaria se ela tivesse chagado no segundo turno eu teria voltado nela tranquilo. Pô, ela tem muita coisa pra falar e muito conhecimento, sabe? Sabe se expressar e aí, só que, né? Acho que até mesmo pelo preconceito não conseguiu chegar, né, então não tive outra oportunidade de dar o voto pra ela, mas... Em momento algum eu vi ela, sei lá, entrando num bate-boca que não tivesse algo importante, que não tivesse fundamento, que não fosse algo importante pro Brasil. E acho que o homem acaba, sei lá, partindo já pra baixaria...

SF4 (Interrompendo): Eles acabam baixando o nível já, né? Tem hora que eles entram mesmo na vida pessoal da pessoa!

SM1: Pessoal, é.

SF4: E expõe a pessoa, né? Ao invés dele mostrar o que que ele tá pretendendo fazer, os projetos que ele tem na cabeça, ele quer ficar “escarafunchando” os outros, né?

SM3: Mas, mas hoje em dia também igual a R. (*a mencionada candidata*), né, do Partido Verde, falou também, mostrou muita coisa dos homens. Ela, quer dizer, as mulheres devagarzinho tão se igualando. Então elas estão entrando devagar, devagar, mas se você der a corrente elas vão lá e ganham, e ganham do homem. Então, o homem tem medo da mulher. Então, ele cerca muito a mulher também. Igual hoje, hoje não, no Brasil tem governadora né? Eu acho que no Brasil todas as áreas têm mulher.

Entrevistadora: Sim.

SM3: Só falta ser presidenta, pro Brasil só ta faltando isso...

SM2: Só que a diferença...

SM3 (*Interrompendo*): Vários países têm mulher presidenta, né? A mulher já chegou no topo em outros lugares.

SM2: A diferença toda é que elas ainda tão cercadas pelos homens que têm que dar aquele toque final. Nada vai passar sem chegar no homem pra ele dar o toque final. Então ela vai perder um pouquinho daquilo ali.

SF3: Sempre tem um homem por trás também...

SM2: Se a gente conseguir mudar isso, tá mudando. Tem mais mulheres, então vai aumentando o prestígio delas.

Entrevistadora: Você está falando sobre formar uma rede de apoio, é isso?

SM2: Isso. Sempre... de toda maneira. Ela é candidata a prefeita, mas geralmente o vice é um homem, aí tem mais dois ou três assessores que são homens também e ela não conseguiu aquele encaixe, por exemplo, de uma amiga que nem com conhecimento pode fazer uma assessoria legal, bem feitinha, sem um homem por perto querendo dar o toque final, entende? Tem que contar com aquele homem. Nem sempre o que ele pensa vai bater com o grupo. Então eles já vão começar – *bate com a mão no papel querendo dizer que vão se chocar*.

Entrevistadora: Vocês falaram da questão da presidência, né, que nesse cargo falta ainda uma mulher. Vocês acham que o Brasil elegeria uma mulher presidente?

SF4: No momento, ah...

SM2: Hoje, hoje....

SF3: Não.

SM2: Ah, com a eleição do Barack Obama, a mulher, ela entra tranqüilo. O povo tá preparado pra mudança já.

SF2: E eu acho que a mulher também tá preparada pra isso.

Entrevistadora: Existe uma preparação de terreno aí, pra Dilma, né, o nome da Dilma tá sendo cogitado. Vocês acham que ela se elegeria?

SM1: Olha que dependendo dos candidatos, com facilidade.

SM2: É isso que eu tô falando.....

SF4: Eu acho que sim.

SM1: Quem tá por trás dela vai ajudar muito, mas eu ainda acho que existe um certo preconceito, apesar de o Brasil ter elegido o Lula, um analfabeto.....

SF1: Mas ela não passa carisma igual ele

SM1: É, eu acho que teve uma certa preparação, né, uma coisa pra ele estar vindo junto com ela, pra ela ser conhecida como a sucessora do Lula

SM2: É o que acontece.

SM1: Mas eu acho que ainda isso é meio novo, independente do Lula, também.

SM2: A gente vê o T. (*ex-candidato local, candidatou-se a prefeito e a deputado estadual*) brigando aí a vida inteira, vai continuar brigando sempre porque quando ele vem, ele vai bater sempre de frente com um grandão. E quem vai votar nele? Se você deixar ele e a do Partido Verde, ela dá um banho nele, porque ninguém vai acreditar nele agora, então todo mundo vai votar nela, mas como as vagas estavam diferentes, era mais pesado pro lado dos homens.

SM3: Não, e outra, né, a prefeita de São Paulo, é a Marta, né, Suplicy. Ganhou, eu acho que ela foi reeleita, tem aquela outra, a Erundina, do PT, que na época o PT ainda nem pensava em ganhar

Entrevistadora: A Erundina foi uma surpresa, inclusive, lembra?

SM3: Então, as mulheres já tão batendo forte em grandes setores do Brasil, né. Em Alagoas tem lá, aquela Roseana, né? Também ela ganha sempre. Então, então eu acho que a mulher em alguns setores, elas estão bem estruturadas, já.

SF4: Então, também tem a M. C., prefeita de Gurinhatã, ali, ó, da primeira vez concorreu com um candidato e ganhou, fez um bom trabalho, tanto é que agora na última eleição ela não teve concorrente

Entrevistadora: Não teve, né?

SF4: Não teve. E ela continua fazendo o que? Ela continua fazendo o mesmo trabalho que ela tava fazendo. Então quer dizer, quando realmente a pessoa quer, ela consegue. Ela já passou por muita coisa, já criticaram ela, já malharam em muita coisa, né, mas mesmo assim ela vai indo. Quem sabe chega mais longe?

Entrevistadora: Hum, hum. É isso aí. Então, gente, mais alguma coisa que vocês queiram falar? Bom, então muito obrigada pela participação, pela disponibilidade em terem saído da aula.

SM1: Ah, que isso. Foi tão ruim matar aula!

Todos: Risos

Entrevistadora: Sei! Obrigada, então, gente.

GRUPO FOCAL 4

Entrevistadora: Boa noite, gente. Bom, então nós vamos bater um papo aqui sobre a questão da mulher na política. E eu queria saber de vocês, primeiramente, o que vocês acham da participação feminina, no geral e em cargos eletivos?

SF3: Na política mesmo, lá?

Entrevistadora: Na política mesmo.

SF2: Partidária, né?

Entrevistadora: É.

SF1: Eu acho que a mulher, ela tem mais, assim, bom senso, pra começar, partindo de que ela é um ser que tem filhos, pode ter, gerar vidas. Então eu acho que ela tem mais sensibilidade ao tratar da comunidade, das pessoas no geral, ela tem um sentimento maior do que o próprio homem. Pensando dessa forma, né, desse princípio. Mas nem sempre, tudo é relativo, né? Tem mulheres que são calhordas, que a gente já viu por aí.

SF2: Tanto quanto ou mais que os homens.

SF1: É, ou mais que os homens, que elas têm uma maneira mais fácil de enganar, e ela engana muito melhor do que o homem, né?

Entrevistadora: Você acha, por que?

SF1: Eu acho, porque ela tem o poder de persuasão, ela sabe conquistar, ela sabe....

SF3: Ela tem....sedução, é uma coisa, assim, sedução mesmo.

SF1: É, a coisa de ludibriar, ela sabe, ela sabe seduzir, então eu acho que a mulher, ela tem esse poder além dos homens.

Entrevistadora: O que os homens acham?

SM1: Assim, eu acho que a mulher tem armas mesmo pra conseguir carisma, tem muito poder de persuasão. Igual lá na nossa cidade, Capinópolis, foi eleita a primeira prefeita mulher, né? Eu acho assim que foi até, trouxe essa vitória pra ela foi o quê? Carisma. Então assim, mulher, eu acho que no meio social, ela tem como persuadir mais que os homens.

SF1: *(Interrompendo e falando ao mesmo tempo)* É que nem a C. lá de Ipiaçú, né? Ipiaçú, a C. *(referindo-se à atual prefeita de Gurinhatã)*?

SF3: Gurinhatã.

SF1: Gurinhatã. Assim, é lógico que ela não teve concorrência, ela foi....é uma ótima prefeita, ela põe a mão na massa, ela ajuda a construir os canteiros, ela enfia a mão na

terra, ajuda a plantar....Então, ela tem carisma, ela trouxe um bem-estar pra população. Então, é impossível, assim, não tem concorrência na cidade.

SF3: É igual você falou, depende do jeito da mulher também, porque tem mulher que não ta nem aí, né? Igual essa aí já é diferente, ela liga pro povão.

SF1 (Interrompendo): É, quer saber o que tá precisando...

SF3: Vai lá, põe a mão na massa, quer saber. Agora tem umas também, né?

SF1 (Interrompendo): Aí só quer o dinheiro.

SF3: Mas a mulher aquela mulher que se candidata pra política, ela tem que ser assim, né? Tem que agarrar!

Entrevistadora: Vocês acham que a mulher tem uma tendência a pôr a mão na massa, a ser mais participativa?

SF3: Eu acho.

SF2: No caso da M.C. (*ainda sobre a prefeita de Gurinhata*) é, isso....

SF1 (Interrompendo): Nem todas.

SF2: Quem conhece a M.C., sabe que é o perfil dela, mas assim, uma coisa que eu vejo muito em política, infelizmente, as mulheres ainda não tão usando a facilidade de conviver em ambiente. Ela se adapta bem aos ambientes, então tipo assim, ela usa isso.

SF3: Ela tem mais organização.

SF2: É, por exemplo, a mulher organiza uma casa, ela organiza as despesas de casa. Quantas mulheres não trabalham fora, né? Vamos falar no dia-a-dia, quantas mulheres não trabalham fora e conseguem manter o padrão do marido, financeiramente, economizando, sabe assim, buscando soluções, muito melhores do que as que trabalham fora. Então se elas levassem esse conhecimento pra área da política..

SF1 (Interrompendo e falando ao mesmo tempo): Se usassem esse tipo de administração...

SF2: Pra isso, né?

Entrevistadora: Pra função política?

SF2: Pra função política, teríamos ótimas, maravilhosas, né? Infelizmente, essas pessoas ainda não têm, não tomaram esse conhecimento, ou simplesmente quando entram lá

SF1 (Interrompendo): São gananciosas, né?

SF2: São. Ficam tapadas.

SF1: São.

SF3: Ou então vai seguindo à risca a atitude dos homens, acho. Pensa: “ah, fulano faz isso, eu vou fazer isso também...”

SF1: É o poder, ele cega as pessoas, né? Acho que deturpa a mente do ser humano, o poder, o dinheiro. Às vezes você vem de um lugar, assim, humilde, você vai conquistando coisas e de repente quando você se pega, você tá sendo arrogante com o outro. Porque você ta com salto, você ta aí com um carro pra andar, um celular bacana, e você passa por colegas que já foram de infância, de escolas, assim. E você se sente assim, sei lá.

SM2: Superior a eles.

SF1: Então, o poder às vezes cega as pessoas. Se você não tiver um foco de vida, lembrar das raízes, do bem-estar comum mesmo, que hoje é muito esquecido, você vai ser como um deles, lá.

SF2: Eu acredito assim.

SF1: Vai ser omissos com as pessoas, pensando só em si próprio.

SF2: Comigo já aconteceu duas vezes, eu sou filiada a um partido, eu amo política, né? Ontem eu já estava... Depois até eu quero até comentar com os colegas todos, é coisa sobre política dentro da faculdade, que eu tô vendo umas coisas que tão acontecendo, tem uma semana que eu cheguei, eu já vi que tá tudo errado, bagunçado. Não tá do jeito que a gente deixou, já acho tudo errado. Já entrei com meus colegas que eram da minha época do diretório, empresa júnior, falei: “ei, cadê vocês, me ajuda, a coisa aqui tá assim”. Então

assim, duas vezes já era pra eu candidatar. Uma vez eu ia sair candidata a vice-prefeita do T.

SF1: *Risos.*

SF2 (*Também rindo*): É verdade. E não sai por quê? Porque eu via muito. Eu não aceito aquele negócio de falar assim: “não, você tem que sair e é assim que tem que fazer”. Uma coisa que eu acho difícil na política, no geral, você conviver com os homens na política. Por você ser mulher, eles querem mulheres na política, mas eles querem mulheres pra eles manipularem.

SF1: Dominarem, né?

SF2: Porque eu tenho comércio, porque eu tenho convivência, porque eu conheço as pessoas, aí fala assim: “então a SF2 vai.” “Por quê?” “Não, porque a SF2 tem comércio, consegue levar tantas pessoas”. Então tá. Quando eu vi o jeito que ele usava pra política, o que que ele fazia: “Ah, o fulano é isso, o fulano é aquilo”. O negócio dele era dar... (*Bate as mãos*)

Entrevistadora: Porrada?

SF2: Pancada, é, sem ter conceito, ele não tinha um ponto de apoio, porque que ele tava fazendo aquilo de qualquer jeito, sem moral. Simplesmente larguei, fui chamada de traidora, de traía, de abandonando o barco. Mas foi minha consciência. Fui, trabalhei com outro, fiquei super feliz, sabe? Consegui ser ouvida.

Entrevistadora: Você achou que conseguiu defender o seu ponto de vista?

SF2: Consegui. Conseguir mais um ponto com que eu busco... eu busco ser o que eu sou do meu jeito e ponto. Goste quem goste. Não gostou, o problema é de quem não gostou, entendeu? Até meu marido brinca assim, ele fala assim: “SF2, eu acho bom que as pessoas gostam de você do jeito que você é, boca dura”.

Entrevistadora: (*Risos*). Boca dura?

SF2: É, faladeira, sincera... E chorona, pego briga dos outros. Se eu vejo que ela tá sentindo alguma coisa, eu largo as minhas coisas, vou lá acudir ela, sabe, assim? Sou desse jeito, a E. já me conhece há um bocado de tempo. É, e na a última eleição, eu ia sair candidata a vereadora.

Entrevistadora: Isso que eu ia te perguntar, você não quis tentar?

SF2: Então, eu ia sair candidata a vereadora, uma pessoa da minha família deu a maior força. Eu tava num partido, “não, vamos pra tal partido, vamos fazer isso, tal, lá tem a proposta que é assim, assim e assim”. Quando chegou a hora, o momento de ir, todos que estavam aqui nas minhas costas, me empurrando, abriram. “Olha, a situação é essa: ou a gente faz assim e assim e assim, ou não vira. Você vai entrar, mas você vai entrar da seguinte forma: você não vai entrar pra ganhar a eleição, você vai ganhar votos pra eleger o fulano”. Simplesmente...

SF1 (*Interrompendo*): Te usando como laranja, né?

SF2: Simplesmente catei o meu, documentozinho (*faz sinal de rasgar*), peguei minha bolsinha, pus debaixo do braço e acabou a palhaçada.

SF3: Humm, mas é... Mas é, aí tá o tal negócio...O medo, né? A mulher é medrosa.

SF2 (*Interrompendo*): Mas eu não. No meu caso não foi medo.

SF1 (*Dirigindo-se à entrevistadora*): O cara tava usando ela.

SF2: Eles tavam me usando, não foi essa a minha conversa com eles.

SF1: Só pra chamar votos.

SF3: Mas você não podia arriscar?

SF2: Eu poderia sim, só que no momento eu tava num partido que eu tinha condição, eu tinha observado, já, que independente do que eu fizesse, iria me estrear. Eu consegui graças a Deus, eu consegui descobrir qual era a intenção do depois. E eu não ia fazer parte

desse depois, porque eu não concordo com eles. E eu sou assim, SF3, se eu não concordo eu não vou.

Entrevistadora: Cê acha que essa tentativa de manipulação teve a ver com o fato de você ser mulher?

SF2 (*Fica em silêncio um tempo*): Também, também, porque eles acham...

SF1 (**Interrompendo**): O homem subestima, ele subestima a mulher, né? Nem todos, tem homens que acreditam.

SF2: Eles são.....

SM3 (*Interrompendo*): Infelizmente, acontece ainda, né, direta ou indiretamente. Usam muito a mulher pra imagem própria deles, pra melhorar a imagem, pra dar credibilidade.

SF3: É.

SM3: Em qualquer parte, política ou mídia em geral. Quando falaram pra SF2 candidatar porque ela é comunicativa, ela é carismática, vamos dar o apoio pra ela, o objetivo não era ela eleger, era ela ajudar na imagem do partido.

SF2: Você coloca da seguinte forma, por exemplo, eu vou lá, assisto tudo que é horário político, acho bom ver lá. Aí você vê uma senhora que não sabe falar. Quando eu digo “não sabe falar”, todo mundo sabe falar, mas não sabe falar ali.

SM1: É aquela forma, de expressar, né, o jeito de se expressar.

SF2: Você vê que o texto dela foi criado por um marketeiro que tá atrás dela.

SF1: Coitada, você fica com dó, tão usando a pessoa, personagem crítica.

SF2: Você entendeu. Aí, quem tem o convívio ali dentro, quem não conhece como funciona, muita das vezes cai nessa quando eles falam: “vamos colocar tantos vereadores”. Mas daí o candidato pequeno não atinge pontuação necessária pra entrar e parte pra cima do que foi eleito, por quê? Porque os votos deles só serviu para somar lá, com os que subiram.

Entrevistadora: Você tá falando do nosso sistema eleitoral.

SF2: É. Aqui em Ituiutaba tem um partido que tá precisando, tá assim, pedindo socorro pra que uma mulher vá lá e tome frente. Aí esses dias o meu pai, que ama política também, chegou assim: “Filha, eu vou pra um lado, cê vai pro outro, vambora”. Falei: “não vou. Eu tenho dois anos de faculdade pela frente, eu vou terminar minha faculdade, não vou”. Mas por quê? Por que duas vezes já eu vi como, como funciona lá dentro. Eu tenho vontade de entrar? Muita, muita, muita, eu sou doente por causa de política. Duas vezes já, desde que eu tô assim. Porque eu tô na faculdade, eu acho que tem... Entrei em 2004, entendeu? Então, assim, eu já tinha um certo conhecimento, daí então eu não quero mais agora. Já apareceram funções lá dentro, eu não aceitei. “Ah, porque você é orgulhosa”. Não, não é. São coisas que não me interessavam naquela hora. Eu tenho minhas coisas, eu tô trabalhando pra mim, pra mim, pro meu crescimento pessoal. Então lá dentro eu vou estagnar, onde eles queriam me colocar.

Entrevistadora: Quem te inspirou a participar de política, a gostar de política?

SF2 (*Silêncio*): Meu Deus, boa pergunta. É, eu acho que é o meu pai, mas o meu pai não luta por... Você não vê assim, uma luta dele. Eu acho que a minha vontade de entrar na política - e ele já falava pra mim que se entrar na política por conta disso eu vou sofrer muito - é a injustiça.

SF3: Mas é igual a gente tá falando, aí você entra lá, você vê os outros fazendo, aí você acaba subindo a cabeça, tá no poder, você vai fazendo coisas que sem perceber.....

SM1: Eu acho que...

SF1 (*Interrompendo*): Teve um cara que foi presidente da câmara aqui de Ituiutaba, que ele é vizinho da minha avó fazia mais de trinta anos. Ele foi presidente da câmara, ele foi assim, ele teve que sair porque ele foi jurado de morte, porque ele via coisas erradas.

SF3: E ele contava.

SF1: É ele tava bloqueando, interferindo, como que fala, nos projetos, ele via que era tudo pra pegar dinheiro, e ele não aceitava aquilo.

SF2: Pois é, então a primeira coisa que a gente faz...

SM1(*Interrompendo e dirigindo-se a SF2*): Pra mim, no meu ponto de vista, eu acho que você tá fazendo a coisa certa. Igual você conhece um pouco do que é lá dentro, você conhece o bastante. Então é melhor sair mesmo.

SF2: E eu não tenho preparação aí pra suportar a pressão deles.

SM1: Pelo jeito que você tava vendo, essas pessoas estão querendo te usar pra poder te manipular, assim sabendo que a mulher tem esse poder de...

SF1: Seduzir, de conquistar, de.....

SM1: Seduzir, mesmo, de conquistar. Eles tão te querendo pra poder ganhar mais território, no caso. Utilizar ela pra poder ter um poder a mais. Se ela, tá fazendo a coisa certa, esperar um pouco mais, conhecer realmente. Dizer não a essas pessoas. Aí ela vai ter uma oportunidade na política.

SM2: Eu vejo mulher na política, assim, é uma tendência, não só na, na política, em qualquer área. A participação é menor, mas é uma tendência, somos iguais. A inteligência da mulher é igual à do homem. Eu não vou dizer nem que é superior, nem inferior. Olhando pro lado maternal, como a SF1. falou, a gente vê uma força e uma fraqueza ao mesmo tempo. A gente vê uma força ali, uma tendência de olhar por todo mundo, mas vem uma fraqueza também, porque aquelas pessoas de má fé podem usar daquilo ali pra fazer maldade: “ah, ela é muito boazinha”. Aí já começa a agir com traiagem nas costas pra fazer outras coisas, entendeu? E uma coisa que foi dito aqui, igual a SF2 falou, às vezes chega lá, né, igual a SF1. mesmo disse, chega lá, sobe no poder e não faz nada. Às vezes colocam a mulher lá dentro ó pra ela ganhar a política, mas na realidade quem vai fazer alguma coisa não é ela. Na verdade ela tá por trás de um partido, então qualquer função, qualquer ação que ela for fazer, é o partido que definiu aquilo, né? Então eu acho que com o tempo isso tem que parar, a pessoa tem que agir pela própria cabeça, não por partido, tem que deixar dessa pressão boba, tem que ter projetos, entendeu. Aqui, entrando já na política recente, eu acho que o F. (*referido-se a um dos candidatos a prefeito nas últimas eleições*) perdeu pra ele mesmo, entendeu? Ele perdeu pra ele mesmo. Aquela campanha dele, dele começar a entrar e falar mal do P (*um dos outros candidatos*), aquilo foi um tiro na cabeça, entendeu? Hora nenhuma a gente viu o P...

SF3 (*Interrompendo*): Ele devia ter preocupado com ele, não preocupado com os outros.

SM2: É, ele na realidade, ela tava só incentivando, colocando o P. cada vez maior. Toda vez que ele falava “P.”, ele perdia um voto e o P. ganhava um, entendeu? Então...

SF2 (*Interrompendo*): Sempre lembrava o outro.

SM2: Ele perdeu pra ele mesmo. Ainda mais depois que a gente vê lá os resultados que a diferença foi pouca, aí sim, que ele perdeu pra ele mesmo. Se ele tivesse deixado aquela política, se o marketing dele tivesse trabalhado direito, se não tivesse feito aquilo, às vezes ele seria eleito, né?

SF2: SM2, mas uma coisa que aconteceu muito ali, nós já fizemos uma reunião depois que passou, teve posse, nós fizemos a reunião, porque não aceitamos a “perca”, de início. Nós vimos o que tava acontecendo, quando eu digo nós, assim, o próprio pessoal do marketing, os próprios candidatos a vereadores do mesmo lado, viram o que tava acontecendo, hoje mesmo eles reconhecem isso, mas foram omissos. Nenhum deles teve coragem de chegar lá no F. e falar: “perai, o senhor tá trabalhando errado, não é assim”.

SF3: E aí continuou acontecendo, né?

SF2: Prova disso, só concluindo, prova disso é que o vice dele é um colega nosso, uma pessoa que tem um futuro pela frente brilhante, não sei se você tem conhecimento com ele, mas ele é uma pessoa assim, se você falar com ele, assim, você fica assim boba, sabe?

SM2: É, não, o que eu to defendendo aqui, entendeu, então se ele viu que tava fazendo errado, que não era assim, então tinha que ter agido com a própria cabeça, falar: “ta errado”. Não é deixar o marketing tomar conta e fazer perder a eleição, foi isso o que aconteceu. Então no caso da mulher também tem que ser assim. Ela não tem que deixar lá o partido mandar nela, dominar, porque depois quem vai queimar o filme é o dela. Se ela fizer isso, vai ser mal vista, depois nunca mais ganha eleição. Tudo que ela tinha projeto pra fazer, às vezes ela entra lá, fala assim: “Ah, eu vou ganhar, depois eu faço alguma coisa”, ela vai perder tudo. Então eu acho que é uma tendência, mulher tem capacidade, muita capacidade, entendeu. Mulher, ela é, eu acredito assim que ela é mais centrada, ela não dispersa tão fácil quanto o homem.

Entrevistadora: Então, vocês acham que tem estilos diferentes de fazer política? O estilo da mulher é diferente do estilo do homem?

SF1: Eu acho que sim.

SF3: Com certeza.

SM2: É, eu acho que já vem do ser. O ser mulher é diferente do ser homem. Igual eu falei assim, a mulher é mais difícil de dispersar. É simples. Vamos supor: tá ali três mulheres conversando...

SF1 (Interrompendo): Porque ela consegue fazer coisas que são tudo ao mesmo tempo, né. Ajuda o filho, está no telefone, assiste televisão.

SM2 (Falando junto com SF1): E três homens conversando aqui. Aí passa uma gostosona aqui, os três pára e olha. Às vezes a mulher tá conversando lá, passa um cara aqui todo-tudo, passa, elas continua conversando. Então, é isso aí, o homem tem mais facilidade de dispersar.

SM1: Mas, agora, se as mulheres começarem a se impor na política, vai ter uma facilidade maior delas conseguirem entrar. Por quê? A população ta acostumada sempre homens, homens, e sempre, às vezes, os mesmos. Eles têm um passado, digamos, já, que compromete eles, um pouco. A mulher não, igual aconteceu lá em Capinópolis. Ela era vereadora, mas só que a forma, né? O ano inteiro ela sempre tem aquela simpatia, aquela forma de falar com as pessoas. Eu acho que isso ajudou a ganhar, um pouco. Aí tem certa diferença dos homens. No caso, a mulher, se ela se expor mais a entrar, igual ela, tendo conhecimento, mas só que tem que ter esse conhecimento, igual a que ganhou.

SF1: E ter inteligência política, né? A mulher não pode “Ah, eu vou me candidatar porque eu sou assim...”.

SM1: Ela teve que ganhar experiência política primeiro. Ela passou quantos anos de vereadora?

SM3: Foram cinco anos.

SM1: Cinco anos de vereadora, então ela conhecia bem os problemas do povo, teve experiência no poder.

SF2: Ela teve um mandato?

SM3: Isso. Um mandato. É quatro anos, né? Quatro anos. Então, o homem, assim, é da cultura já, né, o jeito de fazer política, de tratar as pessoas, de usar o poder. A mulher já está sendo uma cultura nova.

SM1: Exatamente.

SM3: Tá sendo uma. inovação à própria política, política mesmo. Eu acho assim, que ta mudando as coisas, agindo diferente

SF1: Com certeza, sem dúvida nenhuma é uma nova tendência, mas que ainda tem um preconceito muito grande com o que a mulher faz, principalmente nesse setor de política.

SF3: É.

SF1: Muita gente ainda acha que mulher não sabe fazer política.

SM2: Eu concordo muito com isso que o SM3 falou de ser uma coisa nova, de sempre é homem, homem, homem. A gente tem ma prova disso, às vezes a gente não liga muito, mas a gente tem uma prova disso. Quanto tempo o PMDB, o PSDB ficaram no poder, né? E aí não virava nada. Então quando o Lula elegeu naquela eleição que ele ganhou. Eu, sinceramente, tem muito tempo que eu não voto, porque eu sou de Uberlândia, eu tô aqui desde 2001, eu não vou lá votar. Eu ainda penso, às vezes de uma forma errada, que eu tô tendo uma perda de tempo votando, que eu não vou ganhar nada com isso. Infelizmente, né?

SF1: E aí nem transfere o voto, né?

SM2: Também não, então eu deixo lá, fico aqui e pronto, né?

SF1: Tá errado!

SM2: Então, quando o Lula ganhou, eu mesmo pensei, falei: “nossa, o povo tá doido, vai pôr o Lula lá, esse trem vai ficar...vai acabar com o resto”. Eu queimei a língua, entendeu. Por que que colocaram o Lula lá onde ele está hoje? Porque queriam algo diferente.

SF3: É isso mesmo.

SM2: É, ele não queria o Brasil da mesma forma, então hoje tá num contexto assim, mais fácil ainda da mulher tomar seu espaço. Porque o povo, no geral, quer algo diferente. Quer ver coisa nova.

Entrevistadora: Nós estamos vendo...

SF3 (Interrompendo): Só que falta na mulher a coragem.

SM2: Tá faltando atitude.

SF1: Atitude.

SF2: Mas assim, nós tivemos...

SF3: Atitude, a mulher não tem. Já vem aquela cultura, do homem, né.? A mulher não busca...

SF1: (Falando junto) É medrosa, é medrosa, é mais cautelosa...

SF2: (Interrompendo) Uma mulher que foi vereadora na cidade aqui, eu acho que dois mandatos. Eu brincava assim que ela herdou o mandato do pai, porque o pai dela foi vereador e tinha uma máquina política na mão. O pai dela faleceu, ela herdou a parte da política e em seguida ela ganhou pra vereadora. Eu não conheço, me perdoe, mas eu não conheço um ato que ela tenha feito pra mostrar: “eu sou mulher, eu fiz a diferença aqui dentro”.

SF3: Não faz a diferença.

SM1: Só que tem uma questão também, essas mulheres...

SF2 (Interrompendo): Não, só um minutinho. Aí o que aconteceu agora? Foi dois mandatos, né? Foi dois, né?

SF1: Han, han (*expressando concordância*), dois.

SF2: Foram dois mandatos. Ela tinha a máquina na mão, mas aí mudaram a máquina...

SF1: Dessa vez não passou.

SF2: Cê entendeu? Aí o que que acontece agora? Ela se esqueceu que ela precisava trabalhar.

SF1: Folgou.

SF2: Ela perdeu a eleição. Agora ta magoada, que o povo é ingrato. Mas ela não fez nada, entendeu?

Entrevistadora: Você acha que ela poderia fazer algo mais voltado pras próprias mulheres?

SF2: Também, entendeu?

Entrevistadora: Você acha que as mulheres esperam isso?

SF2: Também, porque o que nós precisamos aqui...

SF1 (Interrompendo): As comunidades, né?

SF2: Esses dias, numa reunião, eu comentei assim: “o que que me preocupa muito?” A SF1 tem um buraco na porta da casa dela, ela olha pra cara do moço da prefeitura lá e fala assim: “eu não vou votar nesse cara não, tem um buraco na porta da minha casa e ninguém quer tampar. Eu vou votar no outro, porque o outro prometeu que vai tampar o buraco”. Gente, eleição não é só isso, são quatro ângulos.

SF1: Eleição é uma vida.

SF2: Aquele vereador, todo ano ele ganha a eleição. Quatro anos na vida ele passa por você e nem te olha, no carrão dele. Tá. O dia que chega a véspera da eleição, ele chega na porta da sua casa. “SF1, vim te trazer uma cestinha básica, meu bem, cê tá precisando de uma de uma viagenzinha pra algum lugar com uma receita médica?” Até quando?

Entrevistadora: Deixa eu fazer uma pergunta com relação a uma possibilidade que a gente tá vendo, que é da Dilma Roussef, que tem sido cogitada pra sucessão. O Brasil elegeria uma presidente?

SM2: Não.

Entrevistadora: Por que?

SM2: Hoje não, no caso da Dilma Roussef, não, pelo seguinte: não pela Dilma. Se o Lula pudesse candidatar, ele ganharia. Por que? Pelo Lula, pelo que ele fez, pelo que ele saiu e levou no Brasil.

SF1: Concordo também.

SM2: Agora, a Dilma, ela vai ser o que, uma representante do PT. Pelo monte de cagada que o PT fez...

SF2 (Interrompendo): É, o partido tá dividido.

SM2: Do início até agora, acabou. O Lula não deu conta, entendeu, de colocar ninguém lá pra suceder ele.

SF1: Queimou um pouco o partido.

SM2: Quem que poderia fazer isso? Como que chama aquele de Ribeirão Preto?

Entrevistadora: Palocci.

SM2: O Palocci. Se ele não tivesse queimado o nome dele, ele teria, ele seria o próximo presidente, do PT, entendeu? Mas aí saiu aquele tanto de coisa lá, foi onde ele queimou...

SF1 (Interrompendo): Foi um escândalo!

SM2: E, entendeu? Então vê Palocci, vê Zé Dirceu, vê um monte de gente do PT no escândalo. Isso não arreventou com a imagem do Lula porque ele soube se manter. Ele não foi defender ninguém, ele não entrou no meio da briga. Ele firmou ali e quietou. Então o Lula tem uma boa imagem, agora o PT não tem. Então não é porque é a Dilma é mulher que ela vai perder e sim pelo partido que ela é filiada. Eu vejo dessa forma.

SF1: (Falando junto) Pelo partido que ela representa.

Entrevistadora: Só pra encerrar: o que que vocês pensam do sistema de quotas, que garante uma participação mínima da mulher.....

SF1 (Interrompendo): Ah, eu acho uma bobagem isso. Principalmente em relação a negros, só porque é negro, pensam que é incapaz. Eu conheço várias pessoas negras aí que são...

SF2 (Interrompendo): Dez a zero.

SF1: Dão de mil na inteligência de muitos branquinhos, bem.

Entrevistadora: E a questão da quota pra política? Tem que ter... cada partido tem que sair com um número mínimo de mulheres candidatas. O que que vocês pensam disso?

SM2: Tudo que falam que é quota eu sou contra. Falou assim: “ah, é quota pra pobre entrar na faculdade, é quota pra negro na faculdade, é quota pra mulher na política”, tudo eu sou contra quota.

SF2: É a mesma coisa de você pegar uma placa e colocar assim, ó: “eu tenho preconceito”. É a visão que eu tenho.

SF1: É.

SM2: Na verdade...

SF2 (*Interrompendo*): Quando eu vejo na televisão, no jornal, alguma coisa tipo assim...

SF3: Propaganda.....

SF2: Não, como é que é: “está em votação quotas pra facilitar não sei o quê”. Facilitar por quê? É prova que não tem capacidade?

SF1: É incapacidade? Mental, moral?

SF2: Né, porque que tem que limitar? Uai, por quê? É medo da concorrência ou não? “A gente precisa pôr uma mulher aqui, com uma quota mínima, porque senão vai ficar feio pra gente”.

SF3: Não, mas no caso assim, da mulher na política. Às vezes, às vezes simplesmente por causa da diferença.

SF2: Mas por quê? Mas por que tem que estabelecer?

SM2: Mas é preconceito.

SF3: Porque o povo é acostumado com isso.

SF2: Mas não, você não tá entendendo. A história da quota mínima ali, é o quê? O partido tem que ter aquela quantidade de candidata? Não facilita.

SF1: É. É obrigado a ter, porque se fosse pela vontade própria do partido, eles nem queriam, eu acho, que tivesse mulher.

SM2: Se a gente for pensar, SF3, dessa forma, igual tá sendo pensado aqui, às vezes essa quota, não deixa a mulher dentro da política. Por quê?

SF3: Às vezes deixa.

SM2: Não, sabe por que que eu digo que às vezes ela não deixa dentro da política? Pelo seguinte: tem quota lá. Vamos supor, tem que ter dez por cento. Quem que são os cabeças? São homens. Eles vão atrás das mulheres. Às vezes vai uma pessoa lá, uma mulher lá, que tem capacidade e eles não...

SF3 (*Interrompendo*): Não deixa, né?

SM2: Isso, não deixa.

SF3: É, tem isso. É isso...

SM2: (*Interrompendo*) Por que? Porque ela vai tomar o espaço de muitos homens, entendeu! Aí, hora que coloca quota, dez por cento. Eles vai lá e cata dez por cento lá que não vai fazer nada, só pra tomar voto dos outros, só pra ganhar votos pro partido.

SF1: É os laranjas.

SM2: É, então na adianta. Não é, não é assim, com quotas. Tem que ter interesse, tem que gostar de política e entrar em política porque quer fazer alguma coisa. No caso da SF2, pelo que ela falou aqui agora, eu acho que ela tem um futuro na política, ela tem que correr atrás disso.

SF3: Mas SM2, faz o que? Vamos supor que...

Entrevistadora: Tá eleita já, hein?

SF3:.....que não tem que escolher, não tem que escolher, aí chega lá uma poderosa, uma SF2, fala assim: “Eu vou candidatar e pronto”. Aí é porque tem quota. Aí a SF2 vai lá e faz a diferença, ganha. E aí, desfaz?

SM2: Pois é, não. Eu não sou contra a mulher! Eu quero deixar bem claro o seguinte: aí é a quota que atrapalha.

SF3: Mas aí não atrapalha, às vezes ajuda.

SF2: Mas aí na hora, tá. Mas se você for ver tamanho do documento que você tem que arrumar pra ir lá e candidatar. Não é simplesmente você chegar lá e falar “eu vou candidatar”, não. Cê entendeu?

SF3: Eu sei, mas é uma questão da burocracia...

SF2: (*Falando junto*) Aí eles fala assim.....não, mas a SF2,eu não quero que a SF2 entre nessa parte da quota. Um documentozinho meu que eles falam que tá faltando, eu não entro.

SM2: (*Falando junto*) E aí eles arrumam mais mil documentos impossíveis de você conseguir, acabou.

SM1: Tem uma questão também, igual a das mulheres que estão agora nos partidos e que estão conseguindo cargos mais altos. Igual as duas prefeitas. Essas mulheres, elas têm que fazer a diferença. Tanto elas quanto as outras que já têm em outros partidos.

Entrevistadora: Por que?

SM1: Por que? Se elas fizerem bobagem, vai ter uma imagem negativa da mulher. Se elas fizerem a diferença, se outra mulher candidatar, logicamente o público vai se espelhar nessas outras que fizeram bem, né?

Entrevistadora: Sim, então vocês acham que tem mais cobrança para a mulher lá dentro, na política? Ela é mais cobrada?

SF1: Como é que é?

Entrevistadora: Tem mais cobrança quando a mulher entra pra política, uma cobrança mais...

SF1: (*Interrompendo*) Ah, eu acho que sim.

SF2: Com certeza.

SF1: Eles jogam muito peso pra ver se realmente a mulher agüenta, tipo assim: “vamos ver se ela vaza, se ela pede as contas, aqui” Eu acredito que eles impõem muita coisa pra mulher.

SM2 (*Falando junto*): Eu acho que tem mais cobrança pela expectativa criada, porque na hora que pensa assim: “não, vai ser diferente” a cobrança já dobra.

SM1: É.

SM2: Então, ela pode fazer o mesmo tanto que o homem fez, mas ela ainda fez pouco, porque a expectativa era maior.

SF2: A Marta Suplicy deu aquela frase lá, né?

Entrevistadora: Sim, você fala aquela aquela do “relaxa e goza”, né?

SF2: Então, aí o que que acontece? Cadê os homens? Eles falam um monte de asneiras, eles vão pra orgias, amanhecem na putaria, lá, não sei o que, não sei o que. Cadê cobrança pra cima deles? Cadê cobrança de postura deles nos cargos, nas assembléias?

SM2: Eles agarram nos tapa lá dentro, né! (*Risos*)

SF2: É aí sai que a Dilma fez plástica. Em pleno Jornal Nacional...

SF1: (*Interrompendo*) Na capa da *Veja*.

SF2: Não, em pleno Jornal Nacional, é demais! “Vocês viram como está a nossa ministra? Toda esticadinha”? Cê entendeu? Tipo assim, vão lá e dão uma taxada. Por que, pra que? Tem necessidade?

SM1: Como se fosse pra queimar a imagem da pessoa.

SF2: Eu acho que as mulheres hoje... Eu acho, não. Eu tinha um patrão que ele falava assim pra mim, que a gente não tinha que achar nada, ou a gente sabe, o a gente não, não acredita. Acredito que o que acontece é o seguinte: mulher hoje em dia, graças a Deus ela tá passando daquela fase: “eu tenho que concorrer com ele, eu tenho que mostrar que eu sou melhor”. Não, não. Por que que eu não posso trabalhar junto com ele? Peraí, a minha idéia com a dele vai fazer isso aqui, tá, eu vou lá com ele. Por que que eu tenho que bater de frente. Chega pro SM2 e fala assim: “não, SM2, eu sou melhor que você, eu vou participar, eu vou te mostrar”. Não, não tem que ser assim, sabe?

SF1: Eu acho que a mulher só tem a acrescentar.

SF2: É, no sentido do “me ajuda aqui, vamos lá”. Aí, no final das contas, vamos entrar num consenso. É só dizer: “peráí, SM2, eu me destaquei mais” ou então “você se destacou

mais”. Por que que não pode existir isso? Por que que não pode existir essa concordância? É, igual meu marido, eu falo muito isso pra ele, porque ele é muito capitalista, individualista, só visa o dinheiro. Ele é daqueles: “eu sou o cara”. Aí eu brinco com ele assim: “quando tudo tá certo, lindo, maravilhoso, perfeito e não sei o quê, foi ele que fez”.

Entrevistadora: E quando dá errado...

SF2: Quando dá errado “por que que **você** (*ênfatiza*) não olhou, SF2, como é que **você** deixou passar SF2”? Então eu vejo por isso. Aí eu chego nele e falo assim pra ele, assim: “(faz sinal negativo) é meio a meio, responsabilidade, responsabilidade. Quando você chama pra você as coisas boas, eu nunca cheguei e falei pra você assim: não, não foi você que fez, fui eu”. Então, eu vejo por aí. Se as pessoas começarem a andar lado a lado, as coisas vão melhorar. Na política, no dia-a-dia, na convivência. Na realidade tem que usar política. O que que é política? Não é pro bem comum? Então tem que visar o bem comum. Não é o “eu sozinho”. Não. Distorceram muito o significado de política. Então, política, às vezes a pessoa entra na política e pensa: “ah, eu vou ser prefeita”. Mas não tá visando o bem comum da, da sociedade, da comunidade. Ela tá visando que ela vai ter um bom salário, vai comprar umas terrinhas...

SM2: É isso mesmo. E aí é onde que tá perdendo, ninguém mais quer saber de política, fala de política, torce a cara, por quê? O significado distorceu.

SF1: É que nem futebol, antigamente se jogava pelo amor à camisa, ao clube, ao time. Hoje em dia joga pelo salário.

Entrevistadora: Quem paga mais, né?

SF1: E não jogam nada mais. É isso.

Entrevistadora: Muito bom. Tem mais alguma coisa que vocês querem acrescentar aqui? Não? Então, ok, gente, muito obrigada. Valeu demais pela participação.

SF1: Obrigada a você.

ANEXO 3 - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Entrevistadora: Eu quero que você fale pra mim, por favor, E1., sua idade.

E1: Eu tenho 44 anos

Entrevistadora: Então, eu queria saber de você, assim: como é que começou essa história da sua participação na política?

E1: É... Desde criança, eu lembro meu primeiro pensamento a ver com política: eu tava brincando, com cinco anos de idade, brincando com crianças de uma classe social... é... uma classe social... filha, filha da empregada, né? E aí eu comecei a pensar por que é que existiam as diferenças das classes sociais. Que não precisava, mais ou menos nessa idade, que não precisava existir essa diferença. Eu dividindo meus brinquedos, brincando com ela, eu não entendia, nunca entendi por que é que tinha que ser assim, né? E a partir desse momento, eu acho que nunca mais eu deixei de lutar pra que existisse igualdade de oportunidades pras pessoas, né? Por quê que eu, que nasci numa classe social privilegiada, teria direitos a algumas coisas e outras pessoas não? Por quê que tinha que ser essa diferença? E aí eu fui, né, através da religião, através dos movimentos religiosos da igreja católica, fiz toda minha participação aí, enquanto adolescente, né? E também tinha uma história do meu avô, que era, que foi prefeito vinte anos da cidade. Então eu cresci meio nessa história, vendo os discursos, né, a movimentação da casa, como é que era, né? E cresci nisso, e a vida inteira lutando por essas coisas. E aí no movimento estudantil também tive uma participação efetiva desde o primeiro período de faculdade. Já entrei no DCE (Diretório Colegiado Estudantil, n.e.), já participei, né, das coisas.

Entrevistadora: Você se formou aqui, em Uberlândia?

E1: Foi.

Entrevistadora: Mas você não é daqui?

E1: Não, sou de São Paulo. Faz vinte e quatro anos que eu tô aqui. E sempre com essas causas todas, mas aí... Posso ir falando?

Entrevistadora: Pode.

E1: Mas aí eu sempre envolvida com essas coisas, participando muito, me constituindo enquanto liderança, mesmo. Mas nunca quis, a não ser na época do movimento estudantil, que eu me aproximei por questões afetivas de algum partido político, tal, mas nunca me engajei, nada e fui pra saúde pública. Fui pra periferia, onde eu tô há dezoito anos e aí eu fui construindo toda uma história lá, com aquele povo, com aquelas pessoas, né? Um relações afetivas fortes, consistentes e toda minha prática – fui chefe mais de dez anos na Prefeitura, quatro administrações, né? – toda minha história sempre teve uma participação popular, sabe? Não sabia, assim, governar se não tivesse essa participação, porque o serviço público ele presta serviço pra população. Com as pessoas eu tinha uma facilidade pra aglutinar diversos partidos, diversas religiões, diversas coisas, né, acabava assim, eu sendo elo de ligação dessas pessoas, dessas lideranças na comunidade. E dentro do centro de saúde que eu fiquei quase dez anos, eu fazia o serviço, mas com a participação, com o apoio da comunidade, com o envolvimento. Porque era onde também eu podia estar medindo se o serviço tava bom ou não tava, né? Qual que era... É assim que a gente pode corrigir os erros, tudo.

Entrevistadora: E quando você fala de trazer essa participação, é ouvir as pessoas, você tinha...

E1: Participar das decisões mesmo, né? Ouvia, ouvia, mas, por exemplo, a gente tinha um trabalho com a pastoral da criança, né, pesagem, então a participação do pediatra com essa pastoral. Porque eles têm o dia de pesagem deles, uma vez por mês, então a gente envolveu o pediatra. E nas creches, por exemplo, da periferia. Então o pediatra ia. Em vez das crianças adoecerem, a dificuldade das mães trazerem, então ele ia uma vez por semana nessa creche, por exemplo. O que quê aconteceu? As crianças pararam de adoecer, não iam mais no serviço público, quer dizer, tudo isso melhora, né? E no início as crianças muito doentes, né, com a questão da higiene, tudo, a partir de um tempo ele ia lá já quase nem atendia mais as crianças, porque já tava tudo controlado (*ela sorri, parece satisfeita*). Então essa parceria com a comunidade, com o que eles já têm, junto com o que a gente pode oferecer, tudo, é uma coisa que... Eu saí de lá há quatro anos, por exemplo, desse lugar, até hoje eu tenho... as minhas relações com essas pessoas continuam as mesmas. Foi um elo de ligação, assim, que... jamais terminou (*sorri*).

Entrevistadora: E você acha que você imprimiu alguma característica que é essencialmente feminina no seu jeito de gerir, vamos dizer assim?

E1: Talvez o cuidar. O cuidar, a questão do cuidar, a questão maternal, talvez. O cuidar, vamos pegar o cuidar, né, a função de cuidar e que não precisa ser praticamente materna. Mas se gente for pensar, por exemplo, eu sou psicodramatista, né, tem as funções, tal. O cuidar das pessoas, assim. Do povo...

Entrevistadora: E você acha que isso faz diferença? Por exemplo, o estilo de fazer política da mulher tem diferença do estilo masculino?

E1: Eu tenho achado, eu tenho achado um pouco, assim.

Entrevistadora: Onde tá essa diferença?

E1: Nunca pensei sobre isso, porque eu não sou muito corporativista, né? Tudo bem, exclusão da mulher na sociedade, concordo, eu acho que temos, acho tem outros lugares, tal, mas eu não sou corporativista de ficar defendendo as mulheres, de ficar defendendo os psi... sou representante dos psicólogos no Conselho Municipal de Saúde, mas não consigo ter essa visão só do psicólogo, só da mulher, não consigo ver isso, né? De defender, nós, mulheres... Agora, que mulher é discriminada, é, né? Eu sinto na pele. Que temos mais dificuldades? Temos. Que a valorização é menor? É. Tudo isso eu consigo enxergar, né? Mas acho que o homem tem um monte de dificuldade também, o ser humano, em si, tanto faz a questão de gênero aí. Mas talvez tenha sim, tenho pensado. Tenho gostado das mulheres, assim, que eu tenho conhecido na política, a questão... Não sei se porque a quantidade é menor, também, né? A questão da não corrupção, a questão... não sei, tem me passado que... e as pessoas têm visto isso com bons olhos, querem mulheres, tá um movimento, assim, vamos colocar mulher lá, tal. Não é esse o meu discurso, mas... acho que é interessante...

Entrevistadora: Sei, sei, mas as pessoas chegam a te falar...

E1: Chegam, chegam: “nós temos que colocar mulher lá”, isso é grande (*sorri*).

Entrevistadora: E isso vem da boca de homens, ou de mulheres, ou ...

E1: Mais de mulher. Os homens falam: “ah, acho que as mulheres são honestas”, né, não sei o que, tal, mas é mais de mulheres. Eu sinto que tem vindo muito, assim. O eleitorado maior é mulher, né, mas por que será que tem mais homens? Isso reflete, isso reflete. Por quê? Porque tem uma dificuldade de votar em mulher. Não sei se as mulheres votam em mulher.

Entrevistadora: Hum. E onde você acha que ta essa dificuldade de votar na mulher, já que tem...

E1: Não sei se passa uma fragilidade... Quiseram passar culturalmente uma fragilidade, porque não existe, mas quiseram passar essa fragilidade, a mulher, mãe, dona-de-casa, né?

Quiseram passar isso, mas gente sabe que não é assim, né, que os lares aí, muito pelo contrário, a mulher tem jornada dupla, tripla (*ri*).

Entrevistadora (*Rindo também*): Nós estamos aí vendo, por exemplo, estamos na iminência de ter uma mulher candidata a presidente, é o que se cogita sobre a Dilma (*Roussef*). O que você acha dela?

E1 (*Pausa*): Da Dilma? ... Eu conheço pouco dela. Tenho até uma amiga, que tem uma amiga que trabalha com ela, tal, é uma pessoa próxima a mim, aqui, psicóloga, que tem uma amiga que trabalha com ela, tal. Não tenho críticas, assim a, a, a... Eu acredito, vamos pegar um partido, então, eu acho todos têm lados positivos e negativos. Todos os políticos, todas as pessoas, têm coisas positivas e negativas, né? Não gosto muito da postura de ser colocado de vítima, às vezes ela colocou: eu fui torturada, você não foi. Até pra uma pessoa do meu partido ela apontou isso, então, às vezes a gente fica da, da, da... coitadinha. Mas eu acho que poder não se transfere. O Lula criou uma imagem e eu acredito que não vai transferir pra ela, não vão conseguir (*o telefone toca*)

Entrevistadora: Pode atender, fica à vontade.

Pausa na filmagem para que ela atenda ao telefone

Entrevistadora: Você tava falando da questão...

E1: Da Dilma, né?

Entrevistadora: Isso, do discurso da Dilma...

E1: Não, eu acho que nós temos tantas coisas pra fazer, tantos problemas, que eu, eu penso que todos poderemos trabalhar juntos, com as diferenças, os partidos, religião, porque é muita coisa pra se fazer...e aí fica muita vaidade, muita briga, muita questão do poder, muito forte, né. E aí dificulta tudo, então eu não tenho crítica se for falar, assim, tal, mas, né? Isso, eu não vou ficar falando mal dessas pessoas não, a não ser que mexam com a gente.

Entrevistadora: Você acha que a questão do gênero interfere, por exemplo, especificamente no caso da Dilma, nas chances dela se eleger, por ser mulher?

E1: Eu acho que tem um preconceito forte contra a mulher...

Entrevistadora: Por quê? Por causa dessa questão que você falou, dessa pseudofragilidade, dessa idéia cultural...

E1: É, cultural, eu acho que desde os primórdios, da época de Cristo, toda a história que...desde a costela, né? (*Risos*)

Entrevistadora (*Rindo também*): Ah, é. O lance da costela...

E1: Costela do Adão e Eva, então...

Entrevistadora: É, a mulher nasceu da costela dele, não é isso?

E1: É, então, quer dizer, culturalmente, é meio complicado, complicado de se fazer, pra, pra mudar esses paradigmas, só através da ação, do bem, que então vai mudar, mas leva tempo pra estar mostrando que não é isso, né? Mas eu acho que melhorou muito. Eu tenho visto os homens elogiarem, sabe, assim, a participação da mulher na política. Isso é muito bom.

Entrevistadora: Você pensa o que do sistema de quotas que reserva aí uma porcentagem pra candidatura feminina? Você acha que é justo, que esse é um jeito de aumentar mesmo a participação? O que que você pensa disso?

E1 (*Pausa*): Eu acho que...justifica, né, mesmo a quota pra negros na universidade, justifica, né, porque tá querendo igualar os desiguais, alguma coisa assim, né? Então justifica, sim, a idéia, mas discrimina também, né? Discrimina o homem, discrimina que a mulher pode e o homem... Eu quando estou usando isso, eu me sinto confortável, né? Se for pensar em mim, que, bom, na convenção, meu nome, eu não precisei brigar por isso, estavam precisando de mim. Então a gente fica, nós somos cinco mulheres só, no partido, que estamos nos candidatando. Então ficou confortável, já tinha certeza. Então eu já

comecei a pensar no trabalho, como tem pessoas que já estavam com as coisas prontas e não foi aprovada a convenção. Então, se eu for pensar pessoalmente ficou confortável pra mim, né?

Entrevistadora: Você chegou a ser procurada por alguém do partido, ou foi espontânea a sua participação, como é que foi? Você submeteu o seu nome espontaneamente ou você foi convidada?

E1: Oito partidos me chamaram. Só dois grandes partidos que não me chamaram, os extremos, assim, o resto, oito partidos me chamaram, mas eu sou muito de palavra. Então eu tinha dado a minha palavra pro PSDB, assim, foi o primeiro que me chamou, eu tinha uma relação afetiva com as pessoas também. Eu me senti confortável nesse lugar, né, eu achei que era muito extrema esquerda e um extrema direita, não tem a ver com esse pensamento meu que, né, de não ser tão radical, de aceitar as diferenças, respeitar as diferenças... E fiquei nesse. Mas fui procurada não só pela questão de ser mulher, mas pela possibilidade de se elege. Aí um vai falando com outro: “ah ela tem chance, ela tem chance, ela tem chance”, né? Meu nome apareceu numa pesquisa também

Entrevistadora: É? Como?

E1: Uma pesquisa interna.

Entrevistadora: Que bom.

E1: É, ninguém nunca divulgou isso, jamais.

Entrevistadora: *Risos.*

E1: Então aí já começa, né, ouvir falar, um fala pro outro: “tem chance”. Mas não uma chance, assim... Alguns, tudo bem, acreditam que eu me eleja, tudo. Mas muitos é pra poder estar aproveitando os votos.

Entrevistadora: E você falou uma coisa, né, você começou a pensar nessa questão política quando você era criança, mas como é que foi pra você pensar na sua participação numa função pública, como vereadora...

E1: Foi muito difícil, eu tive que fazer uma preparação interna muito grande, eu não tinha, eu tinha um preconceito também, não tinha uma aceitação minha, entendeu. Eu não pensei que fosse uma coisa tão mal resolvida. Há um ano atrás eu não queria. Tá, o que me mobilizou foi que eu saí desse povo, fui retirada desse lugar que eu estava. Senão eu não teria pensado, eu tava satisfeita lá. Eu fui retirada, teve uma mobilização popular. E tem tudo registrado. E isso fez com que, opa, qual é, pode ser outra possibilidade de estar com esse povo de novo, sem ter que....

Entrevistadora: Dependem

E1: É de cargo, né? De estar no lugar, num cargo de prefeitura por exemplo, né, que eu sempre tinha estado. Mas tava satisfeitinha lá, e humildemente. Aí teve uma rebelião, assim, duas mil assinaturas em dois dias. E aí eu, nós começamos a pensar nisso. Já tinham me convidado, mas eu achava... Tô com quarenta e quatro anos e, muito pelo contrário, agora que você tá amadurecida, minha história toda foi pra que acontecesse isso, tô super realizada, não pensei que era uma coisa mal resolvida na minha vida. Porque é muito difícil se assumir. Eu assumindo eu to, assim, me afastando de algumas pessoas preconceituosas... Dependendo do partido que eu escolho, né? Isso é muito difícil, né. Até o próprio, a própria profissão, né? Agora você vai desenvolver um outro papel, então tudo isso... Tive que estar muito bem resolvida dentro de mim, né? Porque, assim, o meu eleitorado é de todas as tendências. É de esquerda, direita, centro, pai de santo, congregação, católico, tudo.

Entrevistadora (*Risos*): É uma salada.

E1: É, não tem maioria alguma coisa. É homens, mulheres, senhores. Então não tem, né? Tem pessoas mais velhas, eu acho que há um eleitorado de pessoas mais velhas, mas é muito diversificado. Então pra você agradar isso tudo, mas eu não pensei que eu fosse. Aí

eu sentia que: “ah, mexeram com meu povo”, me tiraram de lá é mexer com meu povo, mexeu com o povo, então vamos. E eu sinto assim que é uma coisa, que eu sou instrumento, mesmo. Não tenho a vaidade de estar no poder, nos lugares, Já estive em muitos lugares altos, não tenho. É uma coisa, eu tô indo no fluxo, é uma coisa que tá acontecendo um movimento, eu tô indo, sabe. É uma responsabilidade muito grande, que as pessoas depositam muito....a falta de esperança em você, mas vou fazer jus assim, né?

Entrevistadora: E como é que foi tomar essa decisão dentro da sua casa. Você conversou com seu marido, foi uma decisão conjunta, você chegou pra ele e disse que tava decidida, como é que foi?

E1: Não, eu sempre tive assim, que você primeiro tem que decidir dentro de casa, não eu, mas as pessoas sempre falavam: “primeiro você tem que decidir”. Hoje eu vejo que é importante, porque se as pessoas não estiverem do seu lado é complicado, né? Se as pessoas acham que é importante pra mim e me amam, não teria, objeção, né? E foi isso que aconteceu, assim, às vezes um acha que não seja tão bom, que é complicado, mas pensa: “se é importante pra ela, estamos todos juntos”. Do meu pai ao meu filho, né? E, muito, em todos os sentidos...financeiros, apoio moral, tudo, sabe..... porque eles também se realizam um pouco. Meu pai já se candidatou também a família dele também mexia com política. Então um pouquinho, todo mundo eu acho que se envolve.

Entrevistadora: Então você sempre viveu isso então, também? Essa vivência política... Você acha que seu pai, por exemplo, as pessoas que te cercam na sua família, ficaram espantadas, ficaram surpresas de ver essa decisão ou não, ou era quase um caminho esperado?

E1: Nunca! Estão satisfeitos, a não ser, por exemplo, assim, minha mãe, que o pai dela foi prefeito 20 anos, não gostou muito da história, porque sofreram muito, né? Sempre, e antigamente era muito sofrido. Então, assim, um ou outro que sofreu com política não quer, não...não queria não, não deu um apoio na hora, mas vai, tá aqui no dia-a-dia, vai ajudando, se envolvendo.

Entrevistadora: Alguém chegou a te desaconselhar, alguém da sua família?

E1: Não, não. Amigos. Falou que vota, tá junto, mas vai torcer pra eu não ganhar porque eu vou sofrer muito.

Entrevistadora: É mesmo? E você acha que você vai?

E1: Por que eu sou muito, eu sou muito, eu acredito muito nas pessoas, né? Confio muito, mas to eu mudando, eu to aprendendo. Eu entrei no jogo.

Entrevistadora: (Risos)

E1: Pelo meu povo eu aprendo tudo. Fiz curso de oratória, fiz tudo, pra tentar melhorar o visual, tudo em nome da política, tudo, toda uma estratégia eu tenho. As pessoas acham que eu tô sendo orientada, eu não to, é tudo coisa da minha cabeça. O folheto é da minha cabeça, lógico que a minha história, as pessoas, lógico, vou conversando.

Entrevistadora: Sim.

E1: Mas a partir do momento, há um ano atrás, quando nós decidimos, todas as minhas ações, assim, foram caminhando pra isso. Fiz um book de política, com tudo isso que eu te falei, 18 anos, eu tinha. Tinha tudo registrado. Então inconscientemente eu acho que eu sabia ou queria, mas nunca assumi, nunca nada, nem passava pela cabeça, entendeu, mas inconscientemente eu tenho tudo pronto. Eu fiz bairro por bairro, quantas casas, quantos homens, quantas mulheres, quanta população, tudo, tudo, tudo eu fiz. Faixa etária...

Entrevistadora: Um mapeamento...

E1: Tudo, tudo. Porque quando nós decidimos, eu fui pegar todas as minhas coisas que eu sempre guardei a vida inteira, a vida toda, né. Eu sempre participei de reuniões de participação de conselhos, mas ser vereadora, não tinha pensado. Porque eu falava: “vou ter que entrar num partido, vou ter”. Mas eu fui fazer ação mesmo, eu fui fazer a prática,

porque eu acho que a maioria tem dificuldade, né? Às vezes tem muito discurso, mas não tem a prática, né?

Entrevistadora: Sim.

E1: Prática na periferia, viver com o povo, eu não vejo praticamente ninguém. Eu vivo muito lá vejo poucas pessoas. Estar lá mesmo, sabe, o aniversário do meu filho eu faço lá pra pastoral, velório eu vou lá, terço, batizado, tudo, são meus amigos, são meus amigos. Meus cabos eleitorais são meus amigos, são voluntários...

Entrevistadora: Muita gente?

E1: É. Tem gente de 70 anos. Tem no folheto, voluntário. Porque já são pessoas que também participam, ajudam os outros, a sociedade, tal. Mas eu tô, né, caçando...

Entrevistadora: Você não tinha filiação partidária antes de pensar na candidatura.

E1: Não. Eu fui ligada ao PPS, que é o antigo PCB, da época do movimento estudantil, porque eu namorei uma pessoa que era do partido na época, tinha uma ligação, mas nem filiação. Porque tinha os conflitos também: “ser comunista, mas eu sô católica, como é que é isso?”. Então eu sempre tive esse conflito.

Entrevistadora: Hum, hum...

E1: Então hoje tá bem resolvido isso pra mim, o que que é tudo isso, de eu poder estar na política. Já tá tranqüilo, tá tranqüilo, assim...

Entrevistadora: Você tem irmãos?

E1: Eu tenho dois irmãos.

Entrevistadora: Nenhum enveredou pra política?

E1: O mais velho gosta muito, tá me ajudando muito, tá fazendo maior política, mas nunca candidato. O outro tem um trabalho social muito grande, espiritual, social muito grande também, mas tão dando o maior apoio, inclusive pedir.

Entrevistadora: (*Risos*). Ótimo, essa parte, né?

E1: O que eu tô achando muito interessante, sabe, porque assim, multiplicou, são pessoas em potencial, cada um em um lugar... Impressionante, liderando, ajudando...

Entrevistadora: Que bom, né?

E1: Assim, pessoas, multiplicando, que eu falo é no sentido assim: “vai, fica respondendo aí porque eu não posso estar aí, então fala por mim”. Então eu tô sentindo o movimento mesmo. Porque apesar de eu acreditar muito e falar: “nossa, tem que tirar 30% só que é verdade”, né, pra virar voto. Mas é uma coisa que tá mexendo com as pessoas.

Entrevistadora: E você não esperava?

E1: Não, não. Tô olhando, minha percepção tava meio... Esperava porque o afeto por esse bairro que eu fiquei dez anos, o afeto é muito grande onde eu encontro essas pessoas, as pessoas falam de mim e eu também delas, onde eu encontro, tem uma coisa muito forte. Eu esperava delas. Eu falei: “esse povo não vai me trair”, como todo mundo diz que acontece. Eu esperava, mas não tanto, além do que eu tô imaginando, o lugar que eu to há dois anos só, e não tem porque as pessoas mentir, são pessoas de idade. Pra que que vai falar pra mim, às vezes eu nem sô chefe mais, não tem mais compromisso, entendeu? Mas é com a causa, com a idéia, né, com a ideologia, com a coisa.

Entrevistadora: E qual que é a grande contribuição que você acha que você pode dar, a sua visão... Além da sua atuação já, em funções públicas, o que que a sua atuação política na vereança pode trazer pro povo?

E1: Não, o que eu gostaria assim, bem lá no fundo, eu acho que tem uma mudança social, uma melhoria da qualidade de vida, o bem comum da população, eu luto por tudo isso, mas eu gostaria mesmo, assim, de mudar o paradigma, a maneira de as pessoas pensarem, de se relacionar com os outros. Eu acho que esse que é o grande objetivo. Porque, assim, dependendo do que eu falar, do jeito que eu agir, vão dizer. “nossa, ela tem o poder e tá tratando o empregado dela assim, o funcionário dela assim”, entendeu? Através da sua

ação, da sua postura, que as pessoas também mudam: “nossa, ela não tem preconceito contra nada, então peraí, eu posso rever também”. Quando você tem poder econômico, poder político, as pessoas vão te escutar mais.

Entrevistadora: Você acha que tem mais visibilidade.

E1: Ah, é, né? Ali você tem o poder. Então, isso eu gostaria muito, sabe. Que as pessoas começassem a mudar a maneira delas, de se relacionar, né? Tem que começar dentro de casa, do jeito que eu trato minhas empregadas, do jeito que eu trato meus cabos eleitorais, é diferente. Então, eu gostaria muito. E vou usar a tribuna para mudar essas coisas, porque eu acho que as pessoas são muito preconceituosas, né? Em todos os sentidos, religiosos, de gênero, social, sócio-econômico, em todos os sentidos, é muito grande. Só que eu tenho, eu não vou bater de frente, eu vou falar com muito cuidado, com muito jeito, com muito, né, com muito carinho, que aí eu acho que entra a questão maternal, com muito cuidado, né, pra estar transformando essa realidade mesmo.

Entrevistadora: Você acha que, no, no seu caminho, por exemplo, você em algum momento, dentro da sua casa, por ter um avô político e tal... Você foi estimulada diretamente a tomar esse caminho? Ou você, você sozinha é que foi percebendo que você gostava. Como é que foi esse processo?

E1: Não, não teve estímulo não. Porque assim, com meu avô a gente não tinha, meu avô político, mas a gente não tinha liberdade de expressão.

Entrevistadora: É mesmo? E as mulheres, falavam disso, de política?

E1: Ah, não, não falavam não. Naquela época, né? A mulher não se envolvia nisso, até porque tinha a figura do meu avô que era central, ele era, assim, o homem forte da casa, sabe? Então, né, não sobrava esse assunto pras mulheres, não. E era muito tempode política, né? Por isso que eu falo que foi sofrido, assim, pra minha mãe, né? Porque ela viveu isso muito com ele.

Entrevistadora: E ele não ouvia a família nisso?

E1: Não, ele era muito auto... (*não completa a palavra*) Uma pessoa maravilhosa, um político maravilhoso, mas tinha é, um jeito muito autoritário, né? Mas a gente tinha uma relação afetiva muito boa com ele. Mas em contrapartida, meu pai já estimulou muito a liberdade de expressão, a intelectualidade, você se desenvolver em termos de trabalho. Então isso me fez... Acho que teve estímulo nesse sentido, assim, de eu ter autonomia, de eu poder sair de casa e tudo, mas não pra ir pra política. Por que pra política diretamente, em nenhum momento, assim, foi estimulado.

Entrevistadora: Nem você nem os seus irmãos.

E1: Não. De ter que ir, de ter que ir não, mas tivemos algumas coisas, tivemos um primo que foi vereador há pouco tempo, mais novo que eu, em São Paulo. Tem alguma coisa na história, né? Alguma... Mas eu acho que meu avô, esteja onde ele estiver ele está muito feliz.

Entrevistadora: você acha que ele ficaria orgulhoso se ele estivesse vivo?

E1: Ficaria, meu pai ficou, sabe? Porque eu acho que eles também não esperavam a repercussão. Mas eu não sei se ele estaria com as minhas idéias, né? Porque eu era muito pequena, quando ele morreu eu tinha 15 anos, eu acho que eu tenho umas idéias muito revolucionárias, assim. Então eu não sei pela postura dele se ele também tinha, não deu tempo de a gente discutir isso. Conversava muito com ele, mas não deu tempo de discutir. Mas pela postura dele eu não sei se teria muita mudança, mesmo. Porque eu acho, Larissa, assim, uma coisa é você dizer: “ah, eu sou de uma classe social, de determinada classe social e aí eu luto por essa classe social, pápápápá”, né? Eu não sei, eu tenho a impressão que deve ser mais fácil, eu tô lutando no meio que eu tô. Agora, eu vim de uma classe social e eu luto pra ter uma transformação nisso. Eu acho que é mais difícil. Mesma coisa, eu não sou deste lugar. Fui lá trabalhar, me afeiçoei e fiquei sentindo que é o meu povo de

lá. E tem vereadores lá do bairro, né? Então, eu não sei, eu acho que as pessoas sentem isso, que é diferente. Hoje em dia eu não tenho confronto com a minha classe social, muito pelo contrário, é ela que está me ajudando, o dinheiro ta vindo daí, ela que tá me ajudando, o dinheiro é meu, mas ta me ajudando, que eu possa ... Eu falava, eu sempre falei assim: “eu nasci no lugar errado, me sinto um peixe fora d’água”.

Entrevistadora: *Risos.*

E1: Esses dias uma amiga falou assim: “você, você nasceu no lugar certo...”

Entrevistadora: Por quê?

E1: Porque eu não ia poder ter essa oportunidade que eu tenho hoje de tá podendo, né, fazer essa campanha.

Entrevistadora: E o que você acha que tem de diferente, né, entre você e os outros candidatos do bairro? Porque pelo que você está falando, tem uma adesão espontânea ao seu nome. O que você acha que as pessoas vêem de diferente em você?

E1 (Pausa): A questão da ajuda. “Ela me ajudou demais”, tem essa fala (*a respeito da atuação dela*). E eu acho que a questão afetiva mesmo, afetividade, né? Uma pessoa sempre falava que eu sou uma liderança afetiva, que tem uma questão da afetividade com as pessoas. Isso aí ninguém quebra, né? É uma coisa construída há anos. Mas eu acho que é a questão da ajuda, isso me assusta um pouco, porque me ajudou demais então ela vai continuar, é uma responsabilidade. E a ajuda também é perigoso, porque você ajuda... Eu sempre tive a questão da ajuda, mas ajuda às vezes é confundido com assistencialismo, isso. Sou sim, mas por trás, tô te ajudando hoje, mas olha o trabalho aqui, olha o seu potencial, olha a sua auto-estima, olha o poder que você tem de gerir a sua própria vida, de não ficar dependendo de mim, né? Mas no primeiro momento, muitas vezes foi ajuda sim.

Entrevistadora: Você acha que falta afetividade na política, você acha que essa é uma área que cabe afetividade?

E1: Falta honestidade, afetividade, sinceridade... O mundo é outro, a lógica é outra totalmente diferente, não tem isso, né? As regras são outras, e eu tô entrando sem mudar a minha essência, de maneira nenhuma, nada meu, mas vou fazer o jogo que precisar sem me corromper, sem me sujar, sem nada. Pra conseguir ajudar a população, pro povo, sabe. E tô aprendendo, tô aprendendo a desenvolver esse papel, que não é fácil, mas ser falsa jamais. Mas, se precisar desenvolver o papel de política, estarei desenvolvendo.

Entrevistadora: E como é que você imagina que seja esse jogo, assim, que tipo de papel você espera ter que desempenhar pra poder fazer o jogo?

E1: Às vezes não gostar de alguma coisa que a pessoa me fez, né, tentou passar a perna. Aconteceu agora comigo, de tentar puxar meu tapete e cumprimentar normalmente, sentar do meu lado, como se nada tivesse acontecido. Eu não consigo ser assim com as pessoas, né, e aí você fingia que tá tudo bem, a pessoa ali, tá, tipo, tentando te derrubar, mas tá tudo bem, né? Eu acho esquisito isso, complicado.

Entrevistadora: *Risos.*

E1: Não é? Então eu também não vou confiar mais, não vou acreditar, mas também eu posso cumprimentar, tudo, né? Há um tempo atrás, eu nem cumprimentar eu cumprimentava. Eu não posso ser assim, senão eu vou virar a cara pra muita gente.

Entrevistadora (Rindo): Vai. Bom, então..

E1 (Interrompendo): Eu sou muito partidista. Assim, meu partido, que eu defendo muito, eu acho que as brigas têm que ser internas, as discussões. Eu acho que saiu dali, não pode ficar falando por trás, sabe, eu sou muito assim no grupo, eu acho que essa questão da fidelidade, né? O que decidir, tá decidido ali, eu tive oportunidade de discordar antes, né?

Entrevistadora: Você tem filhos?

E1: Eu tenho dois filhos. Um de 15 e um de 7.

Entrevistadora: Dois meninos?

E1: É, dois meninos. E estão empolgadíssimos.

Entrevistadora: Então, eu queria te perguntar...

E1 (Interrompendo): Como é que é, né, como é que vai ser uma mãe vereadora, né?

Entrevistadora: É, eles tão curiosos? Tem a coisa de te apoiar, de querer ir com você?

E1: Tem, tem, de apoiar, né, tudo. Mas sempre teve isso: “minha mãe só ajuda os outros, minha mãe ajuda os outros”. Sempre teve essa mentalidade em casa, também, sabe. Só pensa no povo, só!

Entrevistadora: E tem por causa disso, tem algum conflito assim, do tipo: “ah, a mãe não fica em casa, a mãe ta sempre pensando no de fora”? Você é requisitada pra isso na sua casa? Tem esse conflito com o papel de mãe?

E1: Não, eles requisitam muito, muito, quando eu tô em casa, muito. Tem que ser eu, assim, eles requisitam muito. É complicado você administrar os papéis todos.

Entrevistadora: O de esposa também?

E1: Pra mulher, de esposa, de mãe, de patroa também, é complicado, porque a minha tendência é pro povo.

Entrevistadora: (Risos). Interessante isso, você não acha?

E1: Muito, muito, muito.

Entrevistadora: E você se lembra de ter se dado conta dessa coisa, pequena ainda?

E1: É, o meu primeiro questionamento: “por quê isso”, né? Então eu não acho que é certo isso, então eu lembro me desse pensamento, assim, de estar pensando isso, na brincadeira com aquela menina que não tinha brinquedos e eu dividia meus brinquedos com ela. E de entender o porquê disso, né? E não entendo até hoje!

Entrevistadora (Risos): Ah...

E1 (Risos): Então, eu acho que isso é uma vaidade, eu acho que o ser humano é muito vadosos. Mas eu não fiquei só no questionamento, tô na ação mesmo, né? Também não acho que tem que tirar dinheiro dos outros, que tem que invadir, não é por aí.

Entrevistadora: Hum?

E1: Nós pagamos muito caro de impostos, né? Podemos unir forças pra estar pensando em soluções. O poder público quando tem vontade política faz, né? Particpei muito tempo e sei que que é isso. Se quiser a gente faz e acontece e com o dinheiro público dá pra reverter isso pra população. A iniciativa privada também, né, com a ajuda de toda mundo.

Entrevistadora: Você acha que...

E1 (Interrompendo): Mas por essa minha mentalidade assim, de sempre tratar as pessoas bem, independente de quem quer que elas sejam, os movimentos todos aí devem achar que eu sou super a favor de qualquer tipo de movimento assim. Porque eu já montei a saúde lá, né, tinha um acampamento de sem-terra, porque eu respeito as pessoas. Não é porque eu trato bem, nunca me perguntaram o que eu pensava, você entendeu? Eu acho complicado invadir, eu acho complicado, porque dá brecha pra invadir qualquer coisa, qualquer lugar, eu tenho verdadeiros amigos lá.

Entrevistadora: Sim.

E1: Estão ajudando inclusive na campanha, né? A mesma coisa, quando fui na rádio outro dia e me perguntaram, um amigo meu repórter, o que que eu achava de dois homens adotarem uma criança. Eu coloquei que psicologicamente não teria problema, pelas funções, então me ligaram evangélicos, ligaram lá e confrontaram comigo, né? Eu tenho muitos amigos evangélicos e freqüento a igreja. Então é o jeito de colocar as coisas, sabe. Eu pensei assim que eu tenho que saber mais a Bíblia, pra ter mais argumento. Porque eu falei: “meu Deus não discrimina, meu Deus não”. Eu tô falando de amor, não tô falando de preconceito. Então é só você ter mais argumentos, saber colocar..

Entrevistadora: Você acha que a sua formação religiosa pode te ajudar, aí a elaborar argumentos, ter um fair play, ter esse jeito pra colocar as coisas, você acha que sim?

E1: Eu acho que sim, não só a católica, mas por eu ter frequentado outras.

Entrevistadora: Sei.

E1: Frequentei muitas religiões, pra conhecer...

Entrevistadora: Sim.

E1: Pra espalhar amigos, eu acho muito interessante, e aí você tem mais argumentos pra falar também, né? Não pensando nisso, assim, mas por conhecimento mesmo.

Entrevistadora: Ahã. Você acha que se você não fosse mulher você teria começado mais cedo na, na candidatura, teria pensado mais cedo nisso?

E1 (Paua): Não sei se isso é um impedimento. Eu acho que não. Se eu for pensar, porque teve filho, e tal, não sei não Eu acho que isso é uma dificuldade pessoal minha, porque são dificuldades pessoais, de não achar que já não era mais época, por começar a vida agora, política, 44 anos. As pessoas falam “agora que você ta madura, amadureceu bem”. Mas achava que já tinha, porque os vereadores atuais hoje começaram o movimento estudantil comigo.

Entrevistadora: Humm, gente que já...

E1: E eu fui pra periferia mexer com saúde pública, e eles fizeram o movimento estudantil comigo. Vereadores atuais, têm quatro, cinco gestões, tudo da minha época, entendeu? **Só** que eu, agora que eu tô indo pra esse lado.

Entrevistadora: Você quer dizer que não deixou de ter uma atuação política, é isso?

E1: É, só que não era partidária, né?

Entrevistadora: Hum, hum. Muito bom. Muito bacana, E1. Tem mais alguma coisa que você queira falar, que eu não perguntei?

E1: Não. Não sei se foi...É tão simples, né? Mas não sei se era isso...

Entrevistadora: Sim, foi jóia. É isso aí mesmo. Te agradeço muito pela entrevista, viu?

E1: É tão simples, né, Larissa, é tão...

Entrevistadora: Não, foi ótimo, sim. Obrigada.

ENTREVISTA 2

Entrevistadora: E2, eu queria que você falasse pra mim sobre você, a sua formação, e começasse contando um pouquinho da sua história, como é que você entrou na política...

E2: Eu sou de cinco de maio de cinquenta e seis. Bom, isso no registro, né, porque eu era da roça. Nasci na zona rural, mas têm umas datas erradas. Eu não posso falar porque senão parece que a gente está justificando a idade, né, mas é um pouco menos. Mas no meu registro é cinco de maio de cinquenta e seis. Eu nasci em Lagoa Dourada, perto de Ituiutaba, entre Capinópolis e Ituiutaba e depois nós viemos para Uberlândia, cresci na fazenda também, em Sobradinho, mas sempre na minha casa tinha fala política.

Entrevistadora: É?

E2: Isso na parte da manhã, no café, né, no almoço, tudo. Porque minha família é política. Meu avô é um dos fundadores daqui de Uberlândia. Ele veio pra cá há muitos anos, então ele radicou aqui e trouxe muita gente, porque minha família é Fernandes Morais também. É Pereira, Carrijo, Peixoto, né?

Entrevistadora: Sei, sei.

E2: Então ele foi trazendo novos vizinhos, né, pra fazenda, aqui na terra branca. Então eu sempre convivi com a minha família, com pai, com mãe, aí meu pai também sempre envolvia com a política, ajudando. Mas eu não, eu ficava alheia à política, mas nunca apolítica. Porque eu tinha, por exemplo, as instituições, quando eu já me dei por gente eu já

estava em instituições, eu já estava, assim, em grupos de jovens, né, em movimentos estudantis, mas um movimento assim, um movimento que sabia o que queria.

Entrevistadora: Sei.

E2: Um movimento realmente para reivindicações, sem aquela anarquia, sem, sabe? Então, eu digo assim, era com responsabilidade, né? Isso dentro das escolas, dentro das instituições, aí nós fomos buscando alternativas. E, meu processo, depois eu fui para o PSF do Estado, me formei em assistente social, né? Sou assistente social, me especializei na área médica, né, com várias especializações, tanto na saúde mental, como problemas de tetraplegia, paraplegia, hanseníase, tuberculoso, gestantes e... infinidades. Mas voltando um pouquinho à infância, eu convivi muito com o meu pai, estando com a comunidade, sentindo o problema de cada um, porque meu pai era muito assim de dar, a doação mesmo, porque o ato de doar é diferente de dar, né? Então, isso eu convivi, isso tá no sangue, você está sempre ouvindo a comunidade, participando dos problemas, das diferenças, porque nós temos muitas diferenças, né? E eu convivi nisso. Depois eu fui trabalhar nas UAIs (*Unidades de Atendimento Integral em Saúde, de Uberlândia*), eu fui professora também, por oito anos, de português e inglês, porque eu me formei também em português e inglês, né? E depois eu atuei na área da saúde nas UAIS, porque eu tive o privilégio enorme de trabalhar lá, onde eu pude conhecer todo o sistema, né? Encaminhamentos, outros tipos de anomalias, e isso foi crescendo e me dando mais confiança de estar junto da comunidade, podendo ajudar mais. E meu irmão, depois eu fui assessora, né? É, fui assessora, saí por decepção, né? Essa decepção, as pessoas começaram a me envolver, assim, a me induzir: “você tem que sair” (*como candidata à vereadora*), porque desde antes era pra mim, com 21 anos eles já queriam que eu saísse, né?

Entrevistadora: Quem? O seu círculo de amigos, as pessoas da sua casa, ou gente da comunidade?

E2: Não, gente de fora, é totalmente de fora porque via sempre eu na rua, eu fazia um trabalho voluntário já em instituição de deficiente físico e mental, né, como a CAPED, que nós temos no Jardim Brasília, no CERTU que tem na Márcio Ribeiro, nas chácaras Tubalina, na APARU, que nós tínhamos também que é só de deficiente físico, né...e foi assim o meu envolvimento. E, com a minha saída (*do serviço público*), que eu fiquei, eu fiz a campanha de político, depois eu fiquei um ano no gabinete. Eu saí. E eles começaram a me induzir, né, as pessoas me falavam: “E2 você tem que voltar pra política”, né, e eu voltei. Eu não queria, mas, sabe, mas acho que no íntimo queria sim, porque era tudo que eu queria na vida. Estar atuando, com mais, assim, digo assim, com mais recurso. Porque quando você monta um projeto de lei, quando você tem isso, porque isso é a voz do povo, é a lei, né? Então não adianta às vezes você atuar, atuar, atuar, mas você às vezes, você não tem como, né, executar o projeto. Então isso foi, foi indução da comunidade, que eu cheguei onde eu estou hoje.

Entrevistadora: E qual é o seu partido?

E2: Eu estou hoje no PP, partido progressista.

Entrevistadora: E como é que você justifica essa escolha? Pelo PP?

E2: Olha, eu sou, eu estava no PSDB, né? E também com briga política, né, (*risos*), vocês vão até me achar meio brigona, mas não é não. É questões políticas, tem sempre alguma coisa, né?

Entrevistadora: Sim.

E2: E eu tive um grande prefeito, que é o nosso hoje, que comprou a minha briga. Então ele me chamou, me convidou, né? E eu estou feliz por ter assim, por ele ter a confiança em mim, de estar no PP. Eu não escolhi o PP, o PP realmente me escolheu, então isso foi assim...eu acredito que é uma dádiva de Deus, porque hoje os outros partidos, nós temos vários em Uberlândia, têm um problema muito sério, não com o nome (fala seu nome),

com a pessoa E2, mas com a política E2, porque achavam que eu poderia tirar a vaga de alguém. E como caminha mulheres e mulheres, você sabe que fica um problema de saber que dentro ali, você já pode, dentro daquele partido como mulher, você poderia derrubar alguém. Então eu tive um certo problema nisso. Tive outros convites, depois que eu fui convidada para o PP. Mas até então não tinha sido, não.

Entrevistadora: Sim, e me fala uma coisa... já que você tocou no assunto, aí, dessa briga interna. O que você pensa do sistema de quotas para mulheres?

E2: Olha, eu vejo, isso aí, eu não vejo diferença não, porque nós temos o seguinte: 10% de mulheres, né? Só que tem um detalhe: se não preenchidas as mulheres, os homens não preenchem, mas se as mulheres preencherem, 30, 40 mulheres no partido eles não... não executam. Então eu acho que são direitos iguais, né, porque eles falam sempre dessa quota para mulher, mas nós não atingimos a quota. Elas brigam, brigam, brigam, mas não atinge. Por exemplo, Uberlândia, eu acredito que deve ter tido umas sessenta e poucas mulheres (*candidatas*), não sei, eu não vi os números oficiais. Eu vi, mas até... eu larguei pra lá, porque elas lutam pela igualdade, por estar na política, mas no entanto, não preenche vaga. Eu acredito que não tem nenhum partido que preencheu as vagas. Inclusive tem que ir atrás, tem que reivindicar, tem que pedir, tem que suplicar, tem que implorar, pra mulher entrar. Então eu vejo assim, que tem igualdade sim, depende delas.

Entrevistadora: Por que você acha que tem essa dificuldade feminina na participação?

E2: Eu vejo que a mulher é geradora, né, ela é que organiza todo o lar. Eu vejo que quando ela enfrenta algum obstáculo, ela volta pra casa. Porque lá fora é muito complicado. Porque se você ficar subjugada, você não consegue. E às vezes existe um massacre mesmo. Mas é você lutar de igual pra igual. Eu não faço movimento feminista não, em nenhum momento. Eu sou mulher, né, e luto de igual pra igual na questão política, no campo das idéias, na política. Agora, eu digo que nós temos diferenças sim. E eu não quero ser igual ao homem, não. Sabe, eu quero que eu tenha o meu direito, o meu espaço, porque se...se caso houver alguma desavença eu peito de igual pra igual. Sem medo. Né, então eu luto. É igual é a minha política. Eu não sei quem que é candidata, né. Eu faço a minha política, não tenho preocupação com o que elas estão fazendo, em momento nenhum. Eu sei que eu tenho minha missão, eu tenho meu trabalho, digno. Então eu vou à luta, e não tem barreiras. Eu enfrento qualquer um. Eu acredito que... No ser, isso tá no ser. Tem os homens pancada também, como tem as mulheres também que não enfrentam, não é verdade!? Então, é dessa forma aí que eu ajo.

Entrevistadora: E na forma de atuação política, você acha que tem diferenças entre homens e mulheres?

E2: Tem um tratamento diferente, sim. Eu sou a única mulher da câmara. Eu acredito que às vezes eles querem te tirar, às vezes, de algum um assunto que estão discutindo, né? E te jogam às vezes, sempre, por último. Eu passo por isso, mas eu não tiro de coitada, certo? Ali na câmara mesmo, tem os homens que respeitam, tem outros que não. Mas o que não respeita também leva, da mesma forma, do jeito que vem, ele leva, certo? Eu tenho que tratar todo mundo com igualdade, com responsabilidade, com...principalmente com dignidade, digo. E principalmente eu digo que nós temos que fazer o respeito. Eu me faço respeitar, né. Porque aquela que não se faz respeitar, ela é, vai ser massacrada, pisoteada, não é verdade?! Eu não. Eu sei que ali tem as diferenças, isso eu sinto. Eu sinto, mas não me incomoda. Não me incomoda porque eu sei trabalhar, eu tenho garra e eles não me atingem em nenhum minuto.

Entrevistadora: Sim, e na forma de conduzir, você conduzir seu trabalho. Você acha que você imprime uma marca feminina? Você reconhece alguma marca que seja essencialmente feminina no seu jeito de fazer política?

E2: Sim, meu jeito firme, eu sou muito franca, positiva, né, e às vezes eu falo coisas que as pessoas não querem ouvir, né? Porque geralmente eles esperam ouvir aquilo que gostariam de ouvir, né? Isso ficou minha marca registrada. Isso pra mim é muito importante. Porque eles sabem o meu posicionamento, da minha força nas questões do sim ou não, né, então pra mim isso é a minha marca. Minha positividade.

Entrevistadora: E aí às vezes você acha que... por causa dessa franqueza, você tem mais embate, você... tem mais gente que se posiciona às vezes agressivamente, de forma hostil contra você, ou não tem nada a ver?

E2: Não, isso não. Isso não porque eles sabem respeitar essa minha personalidade, meu jeito de ser, né? E o meu trabalho também exige que você seja assim, certo? Uma que eu não gosto do político falso, do político mentiroso. Eu não aceito aquele que tá hoje de um jeito, amanhã tá com tapinha nas costas. Não, não, eu não aceito. Então, assim, o meu jeito de ser é... eles me conheceram desde o primeiro dia e até hoje eu continuo.

Entrevistadora: Deixa eu te perguntar outra coisa. É... na sua casa, do que que você se lembra...você já contou um pouquinho dessa coisa, do seu avô, do seu pai... O que que você se lembra das mulheres? As mulheres, como é que elas participavam da questão política, na sua família?

E2: O meu pai era muito aberto, né? E lá em casa ele sempre nos deu liberdade de conversa aberta, assim, muito franca. Politicamente ele tratava tanto meu irmão, como nós, meninas, tudo igual. O homem e a mulher. Ele sempre colocou pra nós as diferenças mesmo. Do respeito, como se portar, como conduzir, né, porque você tem que saber portar, né, conduzir uma situação. Então isso eu convivi muito tranquilamente, né. Eu não tive nenhum, assim, problema lá em casa de não participar da política, tanto na minha casa como dos meus tios, então eu não tive problema nenhum.

Entrevistadora: E quem que foi a sua grande inspiração?

E2 (Pausa): Olha... eu vou, eu sei que eu vou falar uma coisa assim para você até complicada. Eu tive aqui com o prefeito, né, Virgílio Galassi, e ele também, um homem, que, semi-analfabeto, que cresceu e fez uma política maravilhosa em Uberlândia, então eu acompanhava muito, né? Isso é... ele foi um grande inspirador. E também meu tio, que foi vereador, né? Há muitos anos atrás, eu era muito pequena, mas ele era um grande homem, inclusive ele foi assassinado. Isso foi também assim, o que me alavancou de saber da fortaleza, da integridade, de pessoas, de homens de verdade, porque são homens de verdade. E no regime militar. Garrastazu Médici. É incrível que eu sempre, eu tive foto dele no meu quarto, eu uma criança muito pequena, mas eu tinha foto dele espalhada no meu quarto. Pela fortaleza dele, pela sinceridade, pela, sabe, hombridade dele. Então isso, me incentivou muito também.

Entrevistadora: Essas são características que você admira?

E2: Admiro a responsabilidade, principalmente a personalidade, que não são duplas, porque você pode ser tudo na vida, menos mentiroso, cafajeste, né? A política tem isso. A política às vezes me enoja. Eu vou falar assim, porque eu sou muito franca, a política às vezes me enoja. Porque às vezes têm problemas políticos, mas que levam pro campo pessoal, né? E quando você discute no campo das idéias, beleza, mas quando já afeta o lado pessoal e depois passa um pouquinho tá amigo... isso me enoja. E me enoja também as trocas. Isso política sempre tem. Eu não consigo vê eu fazer um projeto por trocas, sabe? Eu faço em benefício à comunidade. Então isso, às vezes, eu tenho que mudar um pouco pra mim estar mais interada da situação. Às vezes eu sou até um pouco fora da situação, porque eu não compactuo com essa situação, né? Entendeu? Então às vezes eu posso até ser jogada um pouquinho pra lá, mas eu não acho ruim não. A minha política é de tête-à-tête, é de amor, né, é de muitas mulheres que me ajudam, sabe, por isso que eu falo que eu acredito nos homens, nós andamos lado a lado. Eu sei que nós temos as diferenças, mas

têm homens que acreditam demais em mulheres. Como eu tenho vários homens que me ajudam na política, né, no corpo a corpo, e as mulheres também. Então eu sou uma pessoa muito feliz. Estou preparada sim, pra rua, o tempo todo, pra estar com a comunidade.

Entrevistadora: Na sua casa, você acha que alguém, alguma mulher especificamente, te influenciou diretamente nessa sua escolha, nesse seu desejo político?

E2: Não.

Entrevistadora: Não?

E2: Não, eu tenho tias que são, assim, muito fortes na política, e tudo assim, mas o jeito de tratar, de conduzir uma política e tudo. Mas eu não tive inspiração, nenhuma me envolveu não. Nenhuma.

Entrevistadora: E você acha que sendo a única mulher...

E2 (Interrompendo): Pelo contrário, eu tive meu irmão.

Entrevistadora: É?

E2: É, meu irmão que é meu espelho, sabe, eu digo assim, eu confio nele, ele é um cérebro, sabe, fantástico, os neurônios dele eu acho que tem muito mais do que teria que ter.

Entrevistadora: É? (Risos)

E2: Sabe, então ele é tudo pra mim, na política. Meu irmão G., ele foi secretário, sabe, então isso assim, ele também é político, então ele sim...

Entrevistadora: Aqui em Uberlândia.

E2: É, ele é minha inspiração, meu irmão.

Entrevistadora: E você acha assim que sendo a única mulher lá na câmara, você tem um compromisso com as causas femininas, as mulheres te procuram como porta-voz delas, como é que é sua relação com a comunidade feminina?

E2: Muito, muito. As mulheres me procuram, principalmente as mulheres que são massacradas, são, né, são subjugadas pelos homens. Inclusive com essa lei Maria da Penha foi fantástica, né? Mas ao mesmo tempo também ela é falha. Eu estou sempre em contato com as mulheres porque eu trabalho a família, né? Eu estou na reestruturação familiar. Então eu tive um papel, eu tenho um papel muito importante de estar na sua casa, trabalhando com você. Não só agora, como vereadora, mas muito antes.

Entrevistadora: Sim.

E2: Porque a gente trabalha com famílias carentes. Então, nós trabalhamos na instituição, então eu vi, papéis e papéis. Então eu, nós tentamos entrar ali pra modificar, pra tentar minimizar situações. Nós somos como um antropólogo, né? Nós entramos tentando mudar, mas têm coisas que já vem, né, de raiz, então é muito complicado. Mas nós tentamos adentrar o lar e modificar, pelo menos minimizar situações. E graças a Deus, ‘tanto as mulheres de 3º grau, de 2º grau, pessoas analfabetas, mulheres rurais. Eu tenho um envolvimento muito grande com as mulheres rurais. As mulheres que... Hoje nós temos grupos de mães, nós temos as bordadeiras, as “cerzideiras”, nós temos as mulheres que fazem doce. Então isso são grupos que nós fomos montando, nos distritos, na zona rural, então é muito gostoso. Ontem, por exemplo, eu estive no KM 52, onde tem um movimento de mulheres muito bonito, que elas têm um trabalho que ajuda na renda familiar. Então eu tenho um envolvimento direto, tanto, assim, na vida pessoal delas, na vida profissional delas, como também no seu lar.

Entrevistadora: Muito bem, nós estamos aí na iminência, de ver uma mulher na presidência. A Dilma parece que tá sendo preparada, tem se cogitado o nome dela. O que que você pensa, ela seria eleita? O que que você pensa dela?

E2: Olha, ela é “meia” o meu estilo, né. Isso eu posso até falar pra você que eu até falei de identificação. Eu me identifico muito com a Dilma. Eu acredito, sim, na mulher, eu acredito na força dela e principalmente nela, que é uma mulher íntegra, uma mulher

positiva, né. Ela também não é uma pessoa que cai fácil, não. Ela enfrenta barreiras, e é assim que nós temos que ser. Então é uma pessoa que eu torço.

Entrevistadora: Você acha que ela teria mais dificuldade, por ser mulher, pra se eleger para um cargo como o de presidente do país?

E2: Sim, sim. Tem que trabalhar muito, nós temos que trabalhar, vamos supor que ela saia, que cogite essa idéia pra ela, nós temos que trabalhar desde já. Nós temos que trabalhar a mulher. Eu não posso reclamar das mulheres, mas nós temos que trabalhar a mulher. Porque a mulher, ela compete muito. A mulher ela tem esse lado, ela não pode ver o crescimento de outra. Me desculpe, mas é assim, né? O homem não, o homem, eles já são mais companheiros, né? A mulher é competitiva.

Entrevistadora: Entre si, entre elas mesmas?

E2: Entre si, entre a classe. Então tem que trabalhar muito a mulher, porque as mulheres lutam por vagas em creches, ela luta por uma maternidade decente, ela luta por tudo que precisa mesmo no país, e ela sabe que precisa, porque a mulher tem a noção disso, né? Mas no entanto ela não ajuda. Então é responsabilidade de cada uma. Eu digo que elas merecem aquilo que tem. Porque elas, nós temos que dar as mãos agora e lutar por uma pessoa que vai representar nós e principalmente trazendo dignidade pra nós mulheres. Nós precisamos de mais dignidade, isso nós precisamos.

Entrevistadora: A própria classe feminina?

E2: A própria classe feminina.

Entrevistadora: E como é que se luta por isso. Como é que você...

E2 (Interrompendo): Eu acredito muito na conversa, de orientar as mulheres, de falar o que elas precisam, das necessidades, pra começar a falar que nós somos geradoras e nós colocamos os homens no mundo. Nós carregamos os homens nove meses no nosso ventre e no entanto nós temos a responsabilidade também com a comunidade. Então nós somos capazes. Mostrar pra elas que, o que elas precisam nós também sabemos. Então, que acredite na mulher, dê mais força porque assim o país vai mudar. Eu tenho certeza que com a mulher no poder, o país muda.

Entrevistadora: Você acha que muda?

E2: Acho.

Entrevistadora: O que que muda? O que que você entende que muda?

E2: Principalmente as necessidades que nós temos, o que que é, vamos colocar, a desestrutura familiar. Vamos colocar... marginalidade. Porque quando você trabalha, a mulher sabe disso, quando você trabalha a criança, o jovem, aplicando projetos em bairros. E isso é uma coisa muito importante. Eu digo que se uma cidade é pequena, ela saberá fazer. Divide a cidade em quatro, faz campos onde os jovens podem, poderão passar o dia todo, reestruturando aquela criança, trazendo curso profissionalizante, todo tipo de modalidade esportiva, né.? Mas não só trazendo esses jovens, essas crianças pra essa instituição, né, um campo de formação, mas trazendo os jovens... E os pais, também, no mesmo dia, na mesma hora. Porque os pais vão estar trabalhando, nosso país é rico. Esse desemprego, essa fome, essa desigualdade social, tem como combater sim, porque ali trazendo os pais para que eles possam trabalhar, é tipo uma cooperativa, rendendo o dinheiro para sua própria casa, sabendo que os filhos estão ali, fazendo um esporte, fazendo uma aula. Eles têm mais capacidade de trabalho. Porque o pobre vai pra rua, vai trabalhar com um salário que não é digno, com um emprego que também, não é, não condiz com a pessoa. Ele está deixando os filhos em casa, à mercê da marginalidade. Porque as crianças saem com cinco anos pra rua, com seis anos pra rua. A mulher sabe disso, como conduzir isso. Então a responsabilidade é nossa.

Entrevistadora: Porque que você acha que a mulher sabe melhor?

E2: Eu acredito que está, é dela mesmo. Isso veio de Deus, sabe, isso vem, né, porque parte de nós o ser, né. Um pedacinho de nós. Então, nós temos isso, não tem como explicar. Isso é coisa abençoada nossa, pra poder passar isso pro sujeito, né. Então é muito difícil eu te explicar o porquê. Isso tá... as diferenças homem, mulher, né.

Entrevistadora: Ok, acho que é isso E2. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa? Sei que o seu tempo é precioso, então não vou mais tomar seu tempo.

E2: Não, pode tomar, pode tomar (*risos*)

Entrevistadora: Mas foi ótimo, te agradeço muito.

Com a câmera já desligada, ela disse que se esqueceu de comentar sobre legislação a respeito do horário de funcionamento das creches. Ela disse: “ah, eu esqueci de comentar... Você tá indo lá pra Brasília, seria tão importante mostrar, falar desse absurdo aí, das creches que só vão poder funcionar seis horas... Eu esqueci de falar, mas você já desligou...” Eu respondi: “Não, tudo bem. Não tem problema, não, a gente liga de novo e você complementa. Pode ser?”. A partir daí, a conversa tomou um tom panfletário, como se ela estivesse falando com um telespectador, apesar de eu ter explicado antes sobre os objetivos da pesquisa e ela já ter assinado o Termo de Consentimento, onde a finalidade do estudo está impressa.

Entrevistadora: Você gostaria de colocar uma coisa sobre a legislação, você tem uma opinião sobre ...

E2: É, eu falo do absurdo, que existe uma lei nossa, no Brasil das creches, né, que a criança de zero a três anos, três anos e meio, ela consegue ficar na creche. E depois dessa idade ela só fica meio período. Aí começa uma desestrutura, porque a mãe não pode mais trabalhar. A criança vai ficar com quem? Se falta o dinheiro, falta o amor também porque tudo faltando, tem já o problema da desestrutura. Como que essa mãe trabalha deixando uma criança sozinha em casa? Depois a mãe, é, às vezes sai, deixa a criança lá, vem o Conselho Tutelar, fala que tá sendo mal cuidada. Então, isso nós temos que transformar, nós não podemos deixar, porque isso tá aqui em Uberlândia, tá na nossa região, tá no nosso Estado todo. Então isso é complicado, isso tem que mexer. A criança tem que ficar até seis anos em período integral, e depois tem a escola básica mesmo, e assim ela poderá ter condição de vida melhor, mas não dessa forma. Do jardim ao pré; o ensino fundamental é depois, mas o fundamental a criança vai por si só. Mas eu acredito que assim nós poderemos transformar. Eu gostaria até de levar essa palavra pro Brasil todo, porque eu vejo aqui dentro de Uberlândia o conflito que existe das mães, trazendo esse problema na escola, pedindo pelo amor de Deus, socorro. Então elas têm que parar e ficar em casa. Então eu vejo que nós temos que mudar, e tendo mulher como mãe, mulher pra atuar na política, ela saberá como conduzir essa situação. Então isso eu quero deixar até o meu repúdio sobre essa questão.

Entrevistadora: Você acha que isso aí é um dos motivos pra falta de estrutura, essa questão da criança...

E2: É, porque a criança quando fica em casa tão novinha assim, ela é aliciada, ela é jogada na rua, ela é abusada, ela... A mãe não sabe com quem deixa à tarde, deixa com qualquer um, né? Aí começa todo um problema, problema psicológico, problema de saúde mental, porque a mãe que trabalha com insegurança leva ao problema mental. Então isso aí é um caso muito sério. Então é muito pior você cuidar de uma saúde mental, trabalhar com a pessoa com depressiva, pessoa ansiosa, do que você ter mesmo qualidade de vida à nossa família, não é verdade?

Entrevistadora: Hum, hum. Ok. Mais alguma coisa?

E2: Não. Meu recado é esse!

Entrevistadora: Obrigada, então, mais uma vez, pela sua entrevista, pela sua disponibilidade.

ENTREVISTA 3

Entrevistadora 1: Podemos começar? Até pra não te atrasar muito. Bom, primeiro deixa eu te agradecer e dizer o quanto eu tô me sentindo honrada de estar aqui, de você ter concedido esse espaço pra gente. É raro alguém ter essa sensibilidade de... ouvir a essa demanda acadêmica, né? E olha que eu tenho tentado (risos).

N: É que a minha vida é lá

Risos gerais

Entrevistadora 1: Então, eu queria que você falasse um pouquinho sobre a sua entrada na política, sobre o seu ingresso. Como é que se deu?

E3: Dá quase pra fazer : “era uma vez...” É que ta há muito tempo atrás (*risos*). Eu comecei a me interessar pela política, pequena. Por isso que eu digo que tem uma, uma coisa muito importante que é a questão da socialização que você tem no ambiente, então a minha família, meu avô, meu pai, a gente discutia muita política em casa. É, e eu sempre gostei de ouvir, de participar da discussão, discussões muito acaloradas, cada um era simpático a um partido, PTB, UDN. Imagina briga de PTB e UDN na mesa de almoço de domingo, né? Então, é...então isso era uma motivação pelo interesse, né?.E pela política dentro do ambiente. Ela não como uma coisa marginal, não como uma coisa acessória à sua vida, mas como uma coisa que faz parte da vida. Isso pra mim sempre foi uma coisa muito natural, desde pequena a política faz parte da vida das pessoas, da vida das famílias.

Entrevistadora 2 As mulheres da sua família também discutiam ou eram só os homens?

E3: Não, os homens discutiam, e eu me metia, pequena, e era vista como uma pessoa, como uma criança muito interessante...

Entrevistadora 1: Risos.

E3: É, porque gostava de ficar ali, me chamava a atenção, mas assim, o ambiente de discussão era masculino, certo? E eu acabei entrando na política mesmo na Universidade, pouco antes da Universidade. Eu entrei pra Universidade em 1972, num momento duro de repressão. Eu tinha tido alguma participação no movimento secundarista, né, antes da Universidade, e a minha motivação, eu sempre digo que a motivação, a motivação, ela sempre foi muito na base do que eu achava que era justo ou injusto, né? Então, o sentido de justiça para mim, ele era a coisa que eu via primeiro, né? Então é, todo processo que foi acontecendo de recrudescimento da ditadura militar, a partir de 64, eu era criança, até 72, né, foi me despertando esse sentimento que tinha uma parte da população brasileira que estava sendo injustiçada.

Entrevistadora 1: Você tinha noção disso?

E3: É, eu tinha noção direta disso...

Entrevistadora 1: E você acha que essa noção vinha das discussões que eram feitas na sua casa?

E3: Hummm, das discussões inicialmente, depois elas se calaram, como em todas as famílias brasileiras, pararam de discutir política porque a repressão né, ficou muito forte. Meu avô morreu e ele era um pólo importante dessa discussão, mas a minha atenção estava colocada nesse campo, né?

Entrevistadora 1: Sim, sim.

E3: Então, eu tentei buscar logo que eu entrei pra universidade, porque eu acho que hoje talvez menos pros jovens de hoje, né, que têm a internet, o mundo é muito interessante do lado de fora, sabe?

Entrevistadora 1: Sem dúvida.

E3: E pra minha geração, entrar na universidade era a abertura efetiva de novos horizontes, novas possibilidades.

Entrevistadora 2: Com certeza.

E3: Descortinar... Então pra mim, entrar na universidade também significou onde é que eu me situo politicamente pra intervir nessa situação, porque eu tava de olho no movimento estudantil, então logo que eu entrei pra universidade eu comecei a participar do centro de, do conselho de representante porque os diretórios acadêmicos, né, os centros acadêmicos estavam fechados. É, no Rio de Janeiro só se manteve na PUC, eu era da Universidade Estadual, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e rapidamente me localizei politicamente no Rio, no movimento estudantil. A disputa de hegemonia era entre o partido comunista brasileiro, o PCB, o partidão e o partido comunista do Brasil, PC do B, e eu fiz a minha escolha pelo PCB, né? Então, eu já no primeiro ano da faculdade eu ingressei pro PCB, eu fui recrutada e comecei a militar no PCB e a viver uma vida muito intensa do ponto de vista de participação política.

Entrevistadora 2: A sua família sabia disso?

E3: Olha, a família, ela, desconfiava... Ela sabia da minha participação no movimento estudantil, não cerceava, mas também....

Entrevistadora 1: Não apoiava.

E3: Não, não não incentivava, porque tinha uma coisa que eu digo que foi a coisa mais perversa que a ditadura fez, foi introjetar o medo nas famílias. A partir da década de 70 não precisava ter um policial em cada casa, controlando a vida das pessoas, porque as pessoas se auto controlavam. Os pais morriam de medo que seus filhos fossem presos, fossem torturados, então a minha mãe, particularmente, tinha muito medo. Então...

Entrevistadora 1: Mas então você poupava a sua família de saber disso, ou simplesmente...

E3: É, por exemplo, da minha vida no movimento estudantil, impossível poupar porque eu era uma liderança muito ativa, mas da minha militância clandestina no partido comunista, eu não falei nunca pra eles, porque isso eles não suportariam. O medo de me ver presa, por exemplo.

Entrevistadora 1: Seria assustador, né?

E3: Seria assustador... Meu pai desconfiava, eu achava que ele desconfiava e ele tinha, portanto, um comportamento, é...condescendente. Não revelava que sabia pra mim, porque também não interessava, porque a medida que isso se tornasse, né, uma questão explícita, me daria mais liberdade de ação, né, eu tinha 18 anos, 19 anos, então...

Entrevistadora 2: Tinha mais gente da família envolvida nisso?

E3: Não, não, não.

Entrevistadora 2: Primos, irmãos...

E3: Não, meus irmãos... Meu irmão mais velho, os dois são mais velhos do que eu, é, meu irmão e minha irmã nunca se envolveram com política. E meu irmão, pelo contrário, ele tem um perfil bastante conservador. A minha irmã, não, não tem perfil conservador, mas ela nunca, nunca privilegiou isso na vida dela. Então foi um... a minha entrada na política foi aí. Eu militei no partido, no partidão, nessa primeira etapa, né, nos quatro primeiros anos da faculdade. Isso significou praticamente sair de casa, né, ficava muito pouco na casa, ainda morava na casa dos meus pais, ficava muito pouco em casa. Tinha aí uma vida um pouco confusa né? Quando foi? Eu tava no quarto ano da faculdade, que coincidiu, foi

em 1976, e nesse período houve uma investida muito grande em cima do partido comunista, em termos de prisões. E eu era do comitê universitário, né, da estrutura do partido. Comitê central, eu era do comitê universitário, então era dirigente, e as prisões , começaram em São Paulo, com pessoas que nos conheciam. Eu e o meu companheiro na época - depois me casei, virou pai dos meus filhos - também era do partido, também era dirigente, como sói acontecer porque as pessoas se relacionavam dentro dos seus grupos, né?

Entrevistadora 1: Afinidades, né?

E3: É, então nós ficamos numa situação que o partido nos aconselhou - aconselhando e ao mesmo tempo não deixando a gente com muita alternativa - quando a situação piorou, nós tínhamos duas alternativas: era passar um tempo na clandestinidade mesmo, né, no Brasil, ou sair do Brasil e garantir, assim, a continuidade dos estudos. E então, a gente já estava pensando em se casar, então nós nos casamos, nossas famílias não sabiam de nada nesse momento, então a gente se casou em setembro, para a surpresa de todos resolvemos casar no papel, tudo bonito.

Entrevistadora 1: *Risos.*

E3: O que não tava no script, antes. Mas nos casamos e em dezembro a gente saiu do Brasil. A gente acabou optando por passar um tempo fora do Brasil, né, e ter a possibilidade de continuar os estudos.

Entrevistadora 2: Vocês foram pra onde?

E3: Nós fomos morar no México. Primeiro fomos à Costa Rica, porque a gente tinha uma oferta de transferência pra uma universidade de lá a partir de umas pessoas que a gente tinha conhecido, no Brasil, mas não nos adaptamos e fomos pro México, onde havia, a gente tava com um professor nosso que conhecia muita gente na organização pan-americana de saúde, nos recomendou pra algumas pessoas de universidades lá e nós fomos então pro México.

Entrevistadora 1: E terminaram lá, os estudos?

E3: Eu não, o meu ex-marido sim. Eu não, porque ele já tava adiantado, então ele pôde fazer o internato lá e se formar.

Entrevistadora 1: Sei.

E3: Eu teria que fazer uma parte da graduação, eu tinha que retroceder, e enfim, acabei ficando como visitante, voltei, concluí meu curso no Brasil. E depois da volta, depois do retorno, é, passei um tempo estudando, né? Tinha que me formar, mas retornei pro movimento de médicos residentes, porque também não fazia mais sentido eu fazer movimento estudantil, eu já estava em outra. Em outra fase da minha vida, casada, enfim...

Entrevistadora 2: Tá vendo, isso que é interessante...

E3: É, casada eu não me sentia ali mais dentro do movimento estudantil, minha perspectiva já era uma perspectiva profissional...

Entrevistadora 2: Mais adulta.

E3: Mais adulta, do mundo adulto, e também porque eu tinha feito uma reflexão muito profunda sobre a minha vida no período em que eu fiquei fora, assim, do ponto de vista subjetivo, eu acho que é uma questão importante, porque quando eu viajei, eu tinha 22 anos, mas eu não me achava uma menina, né? Eu me achava...

Entrevistadora 1: Uma adulta...

E3: Uma adulta prestes à revolução no país, né? Então, né, como? Qual o problema? Nenhum problema. E quando nós nos vimos é, sozinhos efetivamente, no México, né, eu não consegui de imediato me encaixar na faculdade, então eu tive que ficar meses tentando acertar meu visto, que eu tinha um visto de turista, então era a história da "Tostines": eu não podia entrar na universidade porque eu não tinha visto permanente, mas eu não podia

ter visto permanente porque eu não era matriculada na Universidade. E eu passei meses indo todo dia ao escritório da La Gobernación, que lá era serviço de estrangeiros...

Entrevistadoras: *Risos.*

Entrevistadora 2 : Aí virou um dia-a-dia maçante.

E3: Maçante, e o meu companheiro...

Entrevistadora 2: Tava ocupado.

E3: Ocupadíssimo!

Entrevistadoras: *Risos.*

E3: Porque o sistema de internato lá é o internato americano, é 36 por 12, é 36 horas dentro do hospital e 12 horas em casa dormindo.

Entrevistadora 1: É, e dá não dá pra fazer mais nada

Entrevistadora 2: E aí ficava sozinha...

E3: É, e eu sozinha, e aí a primeira coisa que eu me dei conta, e que eu acho muito interessante é que eu tava... eu me sentia muito preparada pra fazer a revolução, só não tava preparada pra vida.

Entrevistadoras: *Risos.*

E3: É, sabe aquelas coisas bastante prosaicas, tipo como se alimentar, prover sua própria alimentação....

Entrevistadora1: Limpar cozinha, cozinhar, lavar roupa...

Entrevistadora 2: *Risos.*

E3: Isso, lavar suas roupinhas, né?

Entrevistadora 2: Interessante

E3: É, e isso não foi só uma experiência minha, eu falo isso porque eu convivi com outras pessoas

Entrevistadora1: E todas passaram por isso.

E3: É, das pessoas que saíram do Brasil muito jovens, né, filhos de classe média, porque éramos uma realidade totalmente diferente do povo que veio do movimento operário.

Entrevistadora 1: É, é.

E3: Filhos de classe média...

Entrevistadora 1: É, você disse, no Brasil morava com a sua mãe ainda...

E3: É. Estudantes de medicina, né, classe média, do Rio de Janeiro, né?

Entrevistadora 2: Com empregada em casa...

E3: Com empregada em casa, então... A vida me sorriu, diria assim, né, até aquela data.

Entrevistadora 2: Andou saindo nos Cadernos Pagu, acho que foi, pessoas dessa época, entrevistadas sobre a relação entre os gêneros, né, sobre a relação entre homem e mulher, e elas mostrando que na verdade os homens que participavam, eles eram muito conservadores.

E3: Ah, muito. Não passava a questão de gênero, do feminismo, não passava, né? Eu, eu sempre brinco porque em 1975 aconteceu a primeira Conferência Internacional da Mulher no México, eu estava lá e não vi....

Entrevistadoras: *Risos.*

E3: Eu fui a todos os meetings dos exilados nicaragüenses, chilenos, papappapappaa,

Entrevistadora 2: Menos das mulheres...

E3: Mas esse negócio de mulher... Porque isso não estava na agenda do nosso partido, porque a exploração do homem pelo homem, marxismo, não admitia outro tipo de causa para os males do mundo, digamos assim, né? Enfim, havia algumas marxistas, né, como Alexandra Colontai, que ensaiaram em alguns campos, mas não era o privilégio. Então foi muito importante para as mulheres que saíram à época, né, do Brasil e que pertenciam aos partidos marxistas, serem defrontadas com algumas realidades e com as relações de gênero, nas suas próprias relações.

Entrevistadora 2: Claro.

E3: Tanto que poucos casamentos sobreviveram ao exílio, ou durante, ou logo depois. Primeiro porque eu acho que quando se vive uma situação muito extrema, os vínculos, eles se estabelecem por um lado, vínculos fortes, do ponto de vista da solidariedade, mas por outro lado eles acabam predominando com relação a outros vínculos, né? Isso é que muito particularmente foi o que aconteceu com o meu casamento. Quando tudo acalmou, quando nós estávamos no Brasil, formados, empregados...

Entrevistadora 1: Sem a causa, né?

E3: Sem a causa, nós descobrimos, sem a causa a nos unir, nós descobrimos que nós éramos grandes companheiros, grandes amigos, as melhores pessoas que nós escolheríamos para conviver dentro de casa, talvez nunca mais a gente encontrasse ninguém...

Entrevistadora 1: Tão bom.

E3: Tão bom, tão igual, com tanta identidade... Mas a gente queria outra coisa, quando diz de parceria amorosa, a gente queria experimentar outra coisa. Porque a gente se conhecia, começou a namorar, no primeiro ano da faculdade, né, foi a primeira relação...

Entrevistadora 1: Muitas causas defendidas juntas, né?

E3: Muitas, os amigos eram iguais, os mesmos livros, os mesmos discos, os mesmos gostos...

Entrevistadora 1: *Risos.*

E3: Né, e isso é um padrão um pouco da minha geração que fez esse tipo de militância. Enfim, então voltei pro Brasil, militei no movimento de médicos residentes, aí já num movimento, né, mais profissional. E saí do partidão posteriormente, quando houve um, um movimento, né, interno, a diáspora, no partido, que o partidão explodiu e fomos pra diferentes partidos políticos, né? O próprio retorno de muitos companheiros provocou uma discussão interna no partido, que tinha ficado muito grande, né? Então, eu, particularmente, não podia mais concordar com o centralismo democrático. E com uma série de condutas muito fechadas do partido, eu queria uma relação mais democrática, internamente no partido. Eu e outros companheiros nos filiamos mais ao Eurocomunismo e foi um momento de ruptura, né? Então continuei atuando politicamente, mas aí de maneira independente, até 89...89, 90, quando eu entrei pro PT.

Entrevistadora 1: Você chegou a ter alguma candidatura pra cargo do tipo, vereança, deputada?

E3: Não, não. Candidatura, em processo eletivo, foi dentro da universidade, pra posições de representação, e depois para vice-reitoria e pra reitoria da UERJ, né? E quando eu fui eleita, fui eleita vice-reitora em oitenta e... Não, em 96, e depois pra reitora em 2000.

Entrevistadora 1: E o que você queria pra universidade, quando você se candidatou?

E3: Ah, era um conjunto, quer dizer, aí era uma pauta muito, né, acadêmica pra universidade...

Entrevistadora 2: Mas já entrava alguma coisa sobre gênero?

E3: Tinha uma coisa importante da consciência, né, de gênero, de ser, e isso julgo como um papel importante da minha candidatura, inclusive, de ser a primeira vez que uma mulher concorria, quer dizer, se elegia...

Entrevistadora 2: É, me lembro que foi muito comentado na época.

E3: É, e a possibilidade, talvez mais consciente depois da minha eleição do que antes, né, de fazer diferente, de ver se era diferente, né? Eu digo que a universidade me elegeu, homens e mulheres, mas logo depois da eleição - eu fui eleita com 63% dos votos, na média, mas voto docente eu fiz quase 80%, então, né, homens e mulheres votaram - mas só que os homens depois disso não sabiam como se comportar comigo.

Entrevistadora 1: *Risos.*

Entrevistadora 2: Interessante..

E3: É muito interessante, porque eles votaram em mim, pelos meus atributos que não tem nada a ver com atributos, “naturais” (*fazendo o gesto de colocar entre aspas*).

Entrevistadora 2: Em princípio não tem.

E3: Em princípio não tem, mas havia um estereótipo meu, de que, tipo, eles iam votar em mim, assim porque eu era confiável, eu era quase um homem, entendeu?

Entrevistadora 1: *Risos*.

E3: Eu sabia bater na mesa na hora que fosse necessário, entendeu? Como eu estudei lá, eu tive militância, uma carreira toda dentro da universidade.

Entrevistadora 2: Tinha uma história.

E3: Tinha uma história, e de uma pessoa forte, então acabou-se criando um mito que a mulher forte é quase... é quase tão confiável quanto um homem, né?

Entrevistadora 2: É igual ao preto que é quase branco, é a mesma metáfora.

E3: Isso, e aí, quando fui eleita, eles se deram conta de que na verdade eu era mulher mesmo, eles iam ter que lidar comigo como mulher. E era muito interessante, eu digo que se eu pudesse ter filmado, ter gravado.....

Entrevistadora 1: Você percebia essa dificuldade?

E3: Ô! Eles abriam a minha porta, da minha sala, e eles não sabiam nem sequer como me tratavam, eles não sabiam se me chamavam de magnífica reitora, de reitora, de professora N., de N., porque, enfim, eu era uma colega de universidade. Se eles me cumprimentavam fazendo elogios, que a minha roupa tava bonita, que meu cabelo...

Entrevistadora 1: *Risos*.

Entrevistadora 2: Acontecia isso?

E3: Acontecia, obviamente que acontecia, e o que eu mais percebia, que era muito interessante é que o fato de eu ser mulher gerava uma insegurança pra eles.

Entrevistadora 2: Insegurança de que jeito?

E3: É, primeiro pela condição de subordinados, né, que...

Entrevistadora 1: Será que ela vai dar conta, é isso?

Entrevistadora 2: É, insegurança na relação de poder, né?

E3: Na relação de poder, sim. Agora, também uma insegurança do ponto de vista comportamental, que era o seguinte: o que esperar desta pessoa? Porque as mulheres, né, são dadas a rompantes, a qualquer ataque...

Entrevistadora 2: Ao mesmo tempo são boazinhas...

Entrevistadora 1: São instáveis, então, né?

E3: Isso, é, instável, né? “Será que se eu aborrecer ela, ela vai chorar, será que ela vai ficar zangada comigo, será que ela vai se ofender?” E depois que eles relaxaram, alguns que são mais próximos a mim, conseguiram conversar sobre isso e falaram que era esse mesmo o sentimento que tinham, né?

Entrevistadora 2: Pisar em ovos, não é verdade?

E3: Pisar em ovos, pisar em ovos. A primeira sessão do conselho universitário que eu presidi...

Entrevistadora 1: Deve ter tido um estranhamento geral, assim.

E3: Ficaram todos assim... (*faz cara de perplexidade*). Porque houve um... era uma ambiente muito tenso politicamente, porque eu tinha um movimento estudantil hegemônico pelo PSTU, muito violento, né? E todo mundo assim, esperando: “o que que ela vai fazer?”, né? E aí depois foram se acostumando, foi uma coisa que, né? A primeira vez que eu me emocionei, chorei em público... “Como é que faz agora com uma reitora que chora?”, entendeu? Que fala no conselho universitário e que começa a chorar, mas assim mesmo conduz a sessão até o final e consegue votar todas as matérias. Então, havia um

estranhamento, que depois acabou, né? Aos pouquinhos as pessoas foram, os homens, né, se acostumando.

Entrevistadora 2: E nas reuniões dos conselhos de reitores, por exemplo, onde a maioria é homem?

E3 (Pausa): Muito difícil. E aí é o que eu digo, que tem muita semelhança, inclusive, com a situação das mulheres no parlamento, porque são relações de poder muito estabelecidas, né? O poder foi pensado pelos homens, para os homens, não é esperado que...

Entrevistadora 1: Que a mulher entre.

E3: Que a mulher entre ali, naquele clube do Bolinha, né? E eles estão acostumados a conviver entre eles, a fazer as piadinhas machistas entre eles, né? E aí, quando você entra... Nós éramos, na época, nós éramos seis reitoras. Já no final do meu mandato, e a gente tinha acabado de se juntar pra se fortalecer - evidentemente, né? - e se você não fala grosso, digamos assim, ninguém te ouve. Uma vez a deputada Laura Carneiro, ex-deputada Laura Carneiro, ela mencionou uma situação muito interessante que eu vejo muita semelhança à que eu vivenciei. Olha só: na câmara, o que que acontece, a gente, as mulheres estão excluídas de todos os acordos, de todos rateios que eles fazem pras comissões. Por quê? Porque na hora do “vamos ver”, os homens se juntam e dividem entre eles, mas eles fazem isso não ali na discussão aberta da comissão. É na hora que eles saem pro boteco, vão tomar cachaça, vão beber um chope ou numa festinha particular, e nós não estamos juntos. E aí é nessa hora.

Entrevistadora 2: E aí não tem como participar, não é verdade?

E3: E aí é nessa hora que tudo é combinado, porque há um código de conduta que é no meu entendimento, ele é anterior ao partido político, ele é....

Entrevistadora 2: Ele é patriarcal.

E3: É, é. Esse código de conduta, ele é patriarcal, sim.

Entrevistadora 2: Ele é patriarcal, por isso que ele é anterior a isso tudo.

E3: Ele é anterior a isso tudo, então em cima desse código de condutas é possível fazer acordos mais facilmente, do que quando esse código de conduta, ele é de certa maneira profanado pela presença de mulheres. Então, eu digo que a presença das mulheres no poder, ela tem uma questão a ser ultrapassada, que ao mesmo tempo, se você não apreende, não se apropria deste código, você sequer é admitida como integrante daquela comunidade. Ao mesmo tempo, repetir ou mimetizar esse código também não te leva a lugar nenhum, porque você não se diferencia, porque você jamais será um deles.

Entrevistadora 1: Exatamente.

Entrevistadora 2: O que você tá falando então é: em primeiro lugar, ela tem que tomar consciência de que esse código existe...

E3: Existe, e ele tem regras.

Entrevistadora 2: Ele existe, e tem que começar a pensar em como proceder diante dele.

E3: Diante dele, ou seja, se apropriar para transformar. Porque também eu não vejo que fazem, que tem sucesso, ou que se impõem as mulheres que simplesmente mimetizam o comportamento masculino. Porque elas nunca serão um deles. E elas acabam virando uma caricatura.

Entrevistadora 1: É.

E3: Então, é estabelecer o seu, a sua forma própria de atuação, mas sabendo como intervir, porque se você não souber como intervir você está absolutamente fora, né, fora. E é por isso que as mulheres se exigem tanto.

Entrevistadora 1: É o que eu ia te perguntar agora.....

E3 (Interrompendo): Porque aí não tem jeito, você não compete em igualdade de condições, não tem saída. Se eu como reitora, eu não tivesse o que dizer, e, modéstia à

parte, melhor do que a maioria dos homens que estavam lá, eu simplesmente seria desconhecida, ignorada. Então, e isso é uma marca de todas as reitoras.

Entrevistadora 2: É um preconceito como um outro qualquer, né, se você pegar um negro seria a mesma coisa.

E3: É a mesma coisa. É, é, todas nós íamos preparadíssimas pras reuniões, né? Então.

Entrevistadora 1: E no fim eles conseguiam reconhecer....

E3 (Interrompendo): Ah, não, com certeza.

Entrevistadora 1: Mas a questão da diferença, você acha que tinha uma diferença no seu jeito de conduzir por causa de todas essas questões que você tá falando?

E3: Eu acho que, é, é a convivência, ela vai mostrando, Isso não significa, veja bem, perceber não significa mudar comportamento.

Entrevistadora 1: Certo.

E3: Então, eu costumo dizer que a grande fronteira que não foi quebrada pelo comunismo, foi a fronteira do lar, né? A gente avançou mais no espaço público que no espaço privado, porque hoje eu vejo que todas nós teremos uma dezena de exemplos pra citar de homens que convivem muito bem no local de trabalho com seus colegas....

Entrevistadora 2: Um amorzinho....

E3: É, é um amorzinho, acham muito bonito inclusive a autonomia das suas colegas, a ideologia...

Entrevistadora 2: Mas não da mulher dele....

E3: Agora, quando chega em casa, quer o jantar quentinho, na hora que chega, posto na mesa, não levanta um dedo pra cuidar da criança.

Entrevistadora 2: A despeito do que ela faça.

E3: A despeito do que ela faça, não tem nada a ver, ela propriamente é observada e elogiada por outro homem que reproduz esse comportamento dentro de casa do mesmo jeito.

Entrevistadora 2: Isso é o que eu chamo de educação, eu acho que aí que a educação formal, tantos anos que se faz de escola, falha.

E3: E falha, barbaramente.

Entrevistadora 2: Não tá na história, não tá na literatura, então...

E3: Eu vi um relato, ontem a propósito disso, estarrecedor pra ter acontecido em 2008: numa determinada escola infantil, de educação básica, se apresentou um exercício a um menino, é aquele exercício que você tem que ligar a palavra ao objeto, à figura...

Entrevistadora 2: Aquela bobagem...

E3: Fazer traços, é. Aí, escuta o que aconteceu: aí tinha menino, cachorro fortão. E aí, meninos gostam de? Cachorro fortão, cachorro gordão, bravo. Meninas gostam de? Cachorro fofinho... E por aí vai

Entrevistadora 2: É, não, a gente pode dar mil exemplos.

E3: E aí o menino, ele ligou tudo com tudo...

Entrevistadora 1: E a professora?

E3: Porque saudavelmente a família dele, né, lhe permite... Ele tem um ambiente familiar que não é assim. E aí a professora canetou tudo errado. E ele chegou em casa inconformado: “eu gosto de cachorro fortão, mas eu também gosto muito de cachorro fofinho, não são só as meninas que gostam”. Ele já tinha passado por uma situação chata, porque ele gosta de assistir às meninas super poderosas...

Entrevistadora 2: Claro.

E3: E aí ele chegou na escola com o caderno das meninas super poderosas, os colegas caíram em cima e a professora não fez nada...

Entrevistadora 2: É, é o comum.

E3: E é estarrecedor, né?.

Entrevistadora 2: É.

E3: Porque você, além de reproduzir na educação toda essa cultura, você tá produzindo, né, à medida que a sociedade avança, cada vez mais que você permite esse tipo de comportamento, você tá produzindo frustração, você tá produzindo violência, é uma violência...

Entrevistadora 2: Exatamente.

E3: É uma violência o que estava se fazendo com esse menino, né? Então a gente, por exemplo, está muito preocupado com isso aqui na secretaria, né? Como incidir na educação formal. Nós temos um programa que é o “Gênero e diversidade na escola”, e tá sendo oferecido pela Universidade Aberta do Brasil. Então as universidades se inscrevem e elas são o nó (*no sentido de ligação*) no município, né, no estado, pra repassar para as redes municipais. Nós estamos trabalhando com professores de quinta a oitava, que a gente acha que, quer dizer, a gente está começando com esse trabalho, o professor de quinta a oitava, ele é um bom alvo, né, porque é um momento muito importante ali...

Entrevistadora 1: É e tem muitas curiosidades, né, nessa idade.

E3: Muita curiosidade nessa idade. A gente fez um piloto com 1.200 professores, com esse programa pra testar conteúdo e pra testar metodologia, né, porque a gente tá trabalhando com tecnologia de educação à distância. Nós tivemos uma evasão baixíssima.

Entrevistadora 1: É mesmo?

E3: É, baixíssima. Trabalhamos em cinco municípios.

Entrevistadora 1: E o programa, é o que ele é, o que ele pretende?

E3: Ele trabalha com os professores e professoras, né, conceitos de gênero, raça, etnia....

Entrevistadora 2: Como área de conhecimento?

E3: É, e orientação sexual. De maneira que eles possam trabalhar esses temas na sala de aula com seus alunos e enfrentar problemas decorrentes da discriminação de gênero, raça e orientação sexual em de sala de aula.

Entrevistadora 1: E aí, como problemas decorrentes você tá considerando inclusive a violência com que as famílias vêm em cima dessas pessoas?

E3: Exatamente, exatamente. Então eles é... E foi emocionante pra nós a oficina de avaliação. Foi selecionada aleatoriamente, né, uma amostra desses 1000 pra uma oficina de avaliação sobre o programa, o conteúdo. E foi lindo porque os relatos vieram assim: “eu não percebia o que era que eu estava fazendo, eu não me dava conta”.

Entrevistadora 2: É, na universidade a gente escuta muito assim “ professora, eu nunca tinha pensado nisso”, “pô eu nunca tinha pensado nisso!”.

E3: E aí a gente, quer dizer, a gente vê, né, são iniciativas que a gente precisa tomar que não custam uma fortuna, são políticas públicas que podem perfeitamente ser implementadas. A gente tem que vencer barreiras nos municípios, mas esse semestre, por exemplo, nós estamos trabalhando já com 15.000 professores de quinta a oitava. A idéia é que a gente possa fazer a cada semestre pelo menos 30.000 professores de quinta a oitava, primeiramente da rede pública, depois abrir pra rede privada, porque também tem problemas...

Entrevistadora 1: Sim.

Entrevistadora 2: Uma das coisas que a gente tem observado, né, nos primeiros, nos primeiros, é, nos primeiros estudos que a gente andou fazendo, é que independente da idade e independente do sexo, quando perguntados sobre a questão da atuação da mulher e do homem na política, existe uma associação freqüente entre a mulher ser melhor, de melhor caráter.

Entrevistadora 1: Mais idealista.

Entrevistadora 2: Porque é mulher, porque ela é idealista, ela não vai se corromper, ela precisa ter mais atuação por causa disso. Porque de fato é como se ela fosse de natureza melhor do que o homem...

E3: Eu não acredito nisso, né? Eu acredito, sim, que exista uma forma de socialização das mulheres que, faz com que elas tenham, né, determinados atributos do ponto de vista de preparo. É inegável a capacidade das mulheres de lidarem com muitos problemas ao mesmo tempo e isto é aprendizagem! E é aprendizagem decorrente da necessidade, não tem jeito. Quantas vezes vocês já vão ter presenciado, ahn, examinar um trabalho, tá no telefone falando com a babá do filho...

Entrevistadora2: É claro.

Entrevistadora 1: Ouvindo o problema da amiga.

E3: Você não vê homem fazendo isso!

Entrevistadora 2: Nem levando criança pro trabalho.

E3: Nem levando criança pro trabalho e conseguindo trabalhar, né? Enfim, e administrar várias coisas mesmo, quer dizer, isso, isso é aprendizagem, isso é aprendido, né? Isso não é inato.

Entrevistadora 2: É, porque tem alguém que não tá fazendo.

E3: Exatamente.

Entrevistadora 2: Então, na verdade é um paradoxo. Você aprende porque alguém não tá fazendo.

E3: E isso é desde pequenininha porque, dentro das casas, né, são as meninas que têm que ir pra cozinha, são as meninas que têm que ajudar a mãe nas tarefas. E fazer exatamente igual aos seus irmãos o dever de casa, né? Então são habilidades, eu diria, que são desenvolvidas, e isso confere às mulheres algumas, vantagens, inclusive do ponto de vista do mercado de trabalho. Um mercado de trabalho que cada vez mais requer habilidades e competências para lidar com situações novas e lidar com muitas situações, tá? Por outro lado, do ponto de vista da política, a questão é a seguinte, nós somos muito poucas, portanto nós somos as melhores, certo? O filtro é tão grande, né, que as mulheres que chegam lá são aquelas que, realmente, entendeu, precisaram superar muitas barreiras.

Entrevistadora 2: E aquelas que vieram via família? Porque também tem isso.

E3: Tem, mas elas aprendem viu? Por isso que hoje eu digo cada vez mais que eu quero pra mim... Tem que massificar a presença das mulheres, venham elas da família, né, venham elas por sua vontade, sejam elas feministas, sejam elas não feministas, por quê? Porque só se formando uma massa crítica de mulheres, você vai alterar esta situação. É, porque ninguém quer saber se o homem que é eleito, se ele é o melhor de todos, ou se ele é medíocre, né? Agora, eles conseguiram fazer o mundo dos homens.

Entrevistadora 1: Você acha que o sistema de quotas seria eficiente nesse sentido aí?

E3: Veja bem, o sistema de quotas que nós temos no Brasil, ele teve algum impacto no início, hoje ele não tem impacto por duas razões: primeiro, a votação uninominal, ela dificulta muito a adoção de um sistema de quotas, né? E por outro lado, não haver sanção. Então o partido que preenche ou não preenche na nominata os 30%, ele é igualmente inscrito pro pleito.

Entrevistadora 2: É, e parece que pela análise da Clara Araújo é a segregação dentro do partido que acontece

E3: É, então a disputa partidária não é uma disputa em igualdade de condições...

Entrevistadora 2: Não é, de jeito nenhum, a não ser quando, entra a questão da família, aí a coisa...

E3: É, mas aí é um interesse do partido, porque aí, duas situações diferentes...

Entrevistadora 2: Porque é o nome.

E3: Às vezes é o interesse do partido de colocar aquele nome ali na frente, entendeu, ou então são as mulheres, porque elas vêm para preencher a nominata e muitas vezes como boas carreadoras de votos, cada uma na sua área, mas não para serem eleitas. Então elas não são as prioridades, não são puxadoras de legenda.

Entrevistadora 2: É escada.

E3: É escada. Então, isso acontece em todos os partidos, nós temos, a gente criou um fórum das instâncias de mulheres dos partidos políticos, é um fórum suprapartidário. A primeira reunião, gente... A nossa idéia era apoiar, convocar, apoiar e elas (*faz sinal querendo dizer que a intenção era que deslanchassem*). Mas como um partido não quer ser convocado pelo outro, eles acharam que era melhor a secretaria continuar fazendo a convocação, e coisa e tal. E o relato de todas, porque nós temos, por felicidade, representação do DEM ao PSOL. E é todo mundo mais ou menos, as mulheres todas se queixam mais ou menos do mesmo nível de disputa e discriminação dentro dos partidos. Então, também tem aí uma outra questão que a gente precisa entender, eu acho, né? A companheira nossa, professora da UFRG, a Marlise Matos., elas fizeram um seminário “A política na ausência de mulheres”, no ano passado ou retrasado, eu já não me lembro mais, minha cabeça, já, pra datas tá começando a ficar ruim, tanta coisa, né. Que é o seguinte, eu, eu, costume dizer que o movimento de mulheres, o movimento feminista, né, em particular, ele teve uma relação muito delicada com a política, formal, política partidária. Então, houve uma rejeição inicial do movimento feminista à política partidária. Havia quase que uma incompatibilidade, porque o partido, ele pressupõe um enquadramento. E o movimento feminista, ele é de natureza libertária, né? E combinar um enquadramento com natureza libertária, ficou complicado. É, aos poucos foi havendo uma interpenetração, então, dentro dos partidos políticos quadros feministas ingressaram dentro de alguns partidos, dentro do PT, do próprio PSDB. Por histórico de atuação partidária, feministas estavam também dentro dos partidos. Então você tem movimento feminista autonomista e o movimento feminista partidário. É, isso fez com que a presença e a luta das mulheres dentro dos partidos fosse enfraquecida, evidentemente. Eu não vou ter massa crítica para disputar dentro do partido, se não tiver muita mulher dentro do partido. Eu, por exemplo, dentro do meu partido, que é o partido dos trabalhadores, eu tô propondo que a gente saia agora desse pleito pra uma grande campanha de filiação de mulheres. Pra fazer a disputa interna dentro do partido, porque senão a gente não ganha a disputa interna. E não ganha nas teses que possam nos permitir galgar o poder.

Entrevistadora 1: Exato.

E3: Então, por exemplo, agora no processo de reforma política, aquele que foi abortado e no novo, nós, por exemplo, apoiamos - e o Conselho Nacional de Direitos da Mulher apóia - a lista pré-ordenada. Por quê? Porque na lista pré-ordenada fica mais fácil você colocar as candidaturas feministas, desde que haja alternância de sexo na lista pré-ordenada, na lista fechada. Porque os partidos querem lista pré-ordenada, mas sem alternância de sexo, quem concorda com a lista pré-ordenada. E aí não vale, porque vão botar as mulheres no rabo da lista.

Entrevistadora 1: E vai ficar tudo do mesmo jeito.

E3: E vai ficar tudo do mesmo jeito, pior talvez. Então, é lista pré-ordenada, mas com alternância de sexo. Percentual dos recursos partidários para a formação política das mulheres. E quota pra tempo de TV, e proporcionalidade de tempo da TV pras candidaturas femininas. Porque senão não tem jeito, né?

Entrevistadora 2: Não, porque fica um círculo vicioso.

E3: Claro, aí se reforça a idéia de que as mulheres não votam: “ah, as mulheres não se elegem...” Não se elegem porque não têm dinheiro pra campanha, não aparece na televisão...

Entrevistadora 2: Agora, é interessante...

E3: Não tem oportunidade de formação.

Entrevistadora 2: ... nas entrevistas que meus alunos fizeram com pessoas mais velhas, tem as duas coisas: eles dizem que as mulheres são melhores, de melhor caráter e tal, mas que elas precisavam ser preparadas pra atuar politicamente, entendeu? Então, tem as duas coisas: por ser mulher é como se você tivesse uma incapacidade inata pra atuar politicamente.

E3: É, e o que decorre desses estereótipos, né? Decorre do estereótipo da instabilidade emocional...

Entrevistadora 1: E da falta de competência.

E3: É, não, e da realidade da não disponibilidade, quer dizer, que acaba virando, na cabeça dos homens, uma desculpa, um empecilho. Então: “ah, as mulheres não tem disponibilidade pra estar dentro do partido, pra fazer a militância, porque tem que cuidar de filho, tem que cuidar da casa...”. Então, vai se juntando num todo. Meninas, eu tenho que encerrar.

Entrevistadora 1: Só, só posso fazer uma última pergunta? Com relação a... a gente tá vendo aí, né, as especulações a respeito da possibilidade da sucessão do presidente Lula pela Dilma. Como é que você acha, se isso acontecesse, como é que você acha que seria pra ela a eleição? Seria mais difícil por ser mulher, você percebe que haveria uma questão de gênero aí, ou não?

E3: Olha só, tem uma questão muito interessante. Na eleição passada foi feita uma pesquisa, é, pelo instituto que eu já não me lembro o nome, fez uma pesquisa muito ampla no Brasil, do ponto de vista de como a cidadania vê a eleição de uma mulher pros diferentes níveis. É, mudou pra melhor, né, há uma aceitação muito maior. Há na pesquisa claramente essa coisa de que as mulheres, a presença de mulheres faz bem à política, porque elas são menos corruptas, não sei o que, paraparaparapara. Evidente que vai em ordem decrescente de vereadora a presidenta da república, mas o índice daqueles que votariam numa mulher, sem piscar, pra presidência da república era em torno de 68 a 70 %. O que foi muito interessante, é muito alto. Foi uma pesquisa feita, quem inclusive fez as análises foi a Fátima Jordão. É e foi feita uma matéria que eu fui entrevistada. É bem interessante.

Entrevistadora 2: O que já tá saindo é aquilo que ela tinha dito antes de que ela é quase um homem.

E3: É, agora...é muito interessante... É, eu acho que há no imaginário social, uma coisa de que tá na hora de a gente experimentar uma mulher. A performance da Heloísa Helena foi em parte devido ao fato de ela ser mulher.

Entrevistadora 1: Sim, sim.

Entrevistadora 2: Sim, com certeza.

E3: Então, eu acho que uma mulher para a presidência, como candidatura, ou mulheres como candidatas à presidência da república em 2010, eu vejo como uma coisa muito possível. Porque é tão interessante, né? Nem sempre as coisas são, o tempo das coisas acontecerem nem sempre é sincrônico. A gente vê no Chile, o Chile ainda é um país bastante machista e conservador e elegeu a Michele Bachelet, que ela é... Era tudo pra não ser eleita em função desse perfil conservador: uma mulher divorciada, três filhos, um de cada marido, não é uma católica, é militante, de esquerda. Mas ela tinha atributos muito mais importantes pra população chilena que foram mais fortes do que isso...

Entrevistadora 2: É isso que é interessante, são atributos pessoais dela, não é uma questão mais de...

E3: E aí, conseguiu superar. Agora, depois de eleita, ela tá tendo muitas dificuldades por ser mulher. Isso não a autoriza, por exemplo, a colocar determinados projetos mais

progressistas na mesa e eles serem imediatamente aceitos. É, por exemplo, quando ela coloca na lista de medicamentos a serem fornecidos, né, e colocadas as condições da população, a contracepção de emergência, nossa, aí dá movimento na rua. E o Congresso tenta vetar.

Entrevistadora 2: É, a situação dela é completamente diferente da outra da Argentina, né?

E3: É, completamente diferente. E eu acho que no Brasil, eu acho que a gente tá melhor do que o Chile do ponto de vista do conservadorismo na população, as classes médias e as elites brasileiras elas são mais envergonhadas do pensamento conservador. Enfim, eu torço para que gente tenha uma candidata mulher, deve ser muito interessante.

Entrevistadora 2: Nós também! Eu acho que nós temos esse direito...

E3: Eu também acho!

Entrevistadora 1: E3, muito obrigada! Foi um grande prazer, agradecemos muitíssimo sua disponibilidade em nos receber.

ENTREVISTA 4

Entrevistadora: Tudo bem, E3.?

E4: Tudo bem, Larissa?

Entrevistadora: Tudo. Eu queria que você falasse pra mim, se identificasse, falasse qual o seu partido político, e depois a gente vai conversar, bater um papo, sobre a questão da sua história política, sua trajetória... Pode ser?

E4: Correto. Meu nome é ...*(fala o nome completo)*, tenho trinta e dois anos, nascida aos quatro de outubro de mil novecentos e setenta e seis. Sou do PP, partido progressista.

Entrevistadora: Então, eu queria que você falasse um pouquinho dos seus objetivos, né, o que que você queria, o que que você ainda quer ao entrar na carreira política.

E4 : Meu objetivo, ao entrar na política, sempre foi servir à comunidade, servir à população, atender às necessidades das pessoas, né? Poder ajudar no desenvolvimento da cidade, não só na área social, mas ajudar realmente no desenvolvimento da cidade. Criação de empregos, para que não haja desemprego, pra que as pessoas possam ser atendidas realmente, que as pessoas possam ter um...o direito a um ensino, possam ser atendidas suas necessidades, das pessoas...lazer, educação. E também ajudar muito no que se refere ao portador de deficiência física e ao direito das mulheres. Minha...quando eu entrei na política, minha meta principal...era trabalhar pelo idoso, pelo direito do idoso, sou apaixonada pelas pessoas idosas, pelas pessoas carentes, que muitas vezes são esquecidas lá nos bairros, sem ter ninguém por elas. E também pelo portador de deficiência, posso dizer a vocês, sou portadora de deficiência física, ando de muletas, graças a Deus essas muletas nunca me impediram de fazer nada, sou uma pessoa de boa, otimista, perseverante, vou até onde eu quero ir, até onde, até onde...eu consigo ir, vou até o fim, não desisto das coisas fácil. Então a política sempre teve um...um papel importante na minha vida, assim de...de querer mesmo ter esse desejo de dar o melhor de mim, sabe? Com sinceridade... com sinceridade, com vontade de ajudar essas pessoas que precisam. É isso.

(Pausa. Ela fica em silêncio)

Entrevistadora: Você se lembra da primeira vez que você pensou em entrar na política? Assim, quando é que te ocorreu começar uma carreira, começar a atuar politicamente...

E4 : Eu, eu acho que eu sempre fui ligada à política, né? O papai, o meu pai, foi vereador, em Ituiutaba, por dois mandatos, por oito anos, e sempre cresci respirando política, não é? E o papai sempre gostava de ver o noticiário, programas ligados à política, e sempre gostei, também. Na escola, posso dizer a você, que sempre amei a matéria OSPB, Organização Social e Política do Brasil. Infelizmente essa matéria...não existe mais nas escolas, mas uma matéria interessantíssima. E a política sempre...foi...foi parte da minha vida. E eu sempre fui uma pessoa muito comunicativa, sou uma pessoa muito fácil de fazer amizades, e muitos me diziam: “E4, por que você não se candidata a vereadora”? E eu tive uma experiência forte com Jesus com Deus, né, na, na, na religião católica mesmo e sou, sempre fui, muito participante da igreja. Então às vezes eu pensava: “gente, mas como que eu vou misturar política com religião”? Tinha esse medo. Entre aspas, “medo”. Esse receio, esse pensamento que talvez entrando na política, eu poderia deixar a desejar um pouco na religião. Muito pelo contrário. Agora que sou uma vereadora, muito mais estou dando a Deus, porque estou podendo oferecer aos meus irmãos, aos meus amigos, aos eleitores, que são meus irmãos, o que de melhor eu posso dar pra, pra eles... Então, tô vendo, eu estou conseguindo ver Deus na pessoa de cada pessoa que me procura. É maravilhoso.

Entrevistadora: E você acha que a sua entrada na política teve a ver com a sua criação, então?

E4: Com certeza, com certeza. Uma das pessoas que mais me incentivou nesse trabalho, na, na área da política, foi meu pai. Meu pai, minha mãe, meus familiares, avô, avós, primos, tios. Todos me ajudaram muito, me incentivaram. Vizinhos, inclusive vizinhos. Amigos, tenho muitos amigos e todos me deram um apoio muito grande. Mas a família com certeza teve um papel fundamental na minha decisão de seguir com a política.

Entrevistadora: Quando você anunciou que ia ser candidata, né, pela primeira vez, como é que foi a recepção a essa notícia?

E4: Eu já pensava em ser candidata, e recebi o convite pra me candidatar, já era filiada a um partido político, inclusive não era o PP. Era PL, Partido Liberal, hoje não existe mais, hoje é o PR, Partido Republicano. Depois me desfiliei do PR, passei para o PP. Tô muuuuito feliz nesse partido, encontrei verdadeiros companheiros lá, pessoas que gosto muito.

Entrevistadora: Foi bem recebida então, a sua... o anúncio da sua candidatura?

E4: Demais. Muito, as pessoas me cumprimentavam: “oh, E4, eu tô com você, eu vou te ajudar”. Até posso falar pra você, fui candidata por duas vezes, não tive cabo eleitoral, mas as pessoas se prontificavam a me ajudar. “E4., me dá”, me paravam na rua: “E4., me dá panfletinho, que eu quero te ajudar nos bairros”. Entendeu, então aquilo era gratificante, era estimulante, o carinho, o apoio das pessoas. Isso é, é algo que não dá nem pra explicar.

Entrevistadora: É. E na sua família, a recepção também foi boa?

E4: A recepção foi ótima. Eles me ajudaram, me incentivaram, né, papai me levava pra todos os lados, e tudo, e feliz por eu estar escolhendo esse caminho, através do qual eu poderia vir a ajudar não só muitas pessoas, mas também, principalmente, ajudar no desenvolvimento da nossa cidade.

Entrevistadora: Bom, o seu pai foi político, né, você mencionou. Na sua família, como é que é a relação das mulheres com a política?

E4: O meu pai foi político, foi vereador por oito anos, o meu tio, em Tupaciguara, foi vereador da cidade também, por duas vezes. Então a minha família sempre foi muito ligada à política. Inclusive tem o meu padrinho de batismo, é um político que eu admiro muito, porque faz discursos brilhantíssimos. É uma pessoa, uma pessoa excelente, uma pessoa realmente que eu posso dizer pra você, uma pessoa idônea. Então é um exemplo pra mim, sabe?. Então essas pessoas muito me incentivaram nesse caminho da política, e hoje eu

posso dizer pra você, quando eu encontro uma pessoa na rua, hoje, eu olho pra ela, falo: “nossa, eu tô tão feliz com esse trabalho”, entendeu? É muito gratificante, Larissa, você poder... Você vai dormir, põe a cabeça no travesseiro, isso parece uma frase copiada, mas não é, eu tô vivendo essa realidade. Você vai dormir, põe a cabeça no travesseiro, você vai dormir com aquela sensação maravilhosa, que você deu o seu melhor naquele dia, que você foi até o fim pra ajudar aquela pessoa, sabe? Você não deixa ninguém sair, vou dizer pra você que eu procuro atender as pessoas de tal maneira que todos que aqui entram possam sair bem melhores de que quando chegaram.

Entrevistadora: Você se lembra de ter na sua casa, por exemplo, a sua mãe discutia política com você também, ela participava, como é que era a participação dela nisso?

E4: A mamãe, o papai sempre participou mais, desde a rádio (*o pai foi radialista na cidade, possuía concessão de rádio AM*), eu agarrava nele e queria ir, queria participar dos programas, com entrevistas de políticos, essas coisas. Mas a mamãe sempre me incentivou muito também, sempre gostou muito de política. E assim, antes de eu me candidatar, de eu querer me envolver com a política, a mamãe não se interessava tanto assim, mas sempre ajudava o papai, conversava com o papai, e depois que entrei pra política a mamãe tem sido, assim, importantíssima, assim, a participação dela, sabe? Tem se interessado, tem procurado ler, conhecer, tem ido às reuniões, o que eu acho maravilhoso.

Entrevistadora: Ahã (*expressando concordância*). E a, quem é que na sua família, de mulher assim, você pode identificar que tenha te servido como referência, tem alguma?

E4: Eu...de mulher, eu... De homem tem muitos tios... mulheres, eu posso dizer pra você, minha mãe foi um verdadeiro referencial pra mim. Minha mãe, e posso dizer pra você, algumas primas que tenho, sabe? A Roberta, outras primas também foram...

Entrevistadora: Importantes.

E4: Importantes, na minha caminhada política.

Entrevistadora: Quem mais conversava sobre política na sua casa?

E4: Com certeza não tenho dúvida em te dizer,, a pessoa que mais conversa, até hoje, sempre conversou e conversa é o papai. Então...

Entrevistadora: E como é que ele se sentia de estar conversando isso com você? Ele gostava de comparti...

E4 (*Interrompendo*): O papai é meu, eu vou falar pra você, ele é meu anjo. Como eu tô me abrindo com você, como eu, o papai também tem um temperamento um pouco forte, mas justamente por isso nós nos damos tão bem. Então, o papai, a gente passa o dia inteiro junto. Hoje, por exemplo, ele não está na cidade, porque ele teve que ir a uma cidade próxima, mas nós passamos o dia inteiro juntos. Aonde vou, o papai vai comigo. Na campanha política foi assim. Estávamos sempre juntos, caminhando, andando, e no final do dia nós sempre conversamos. Ontem mesmo cheguei em casa, saí de casa sete horas da manhã, voltei, você acredita que era vinte e três e trinta, né? Então eu voltei, contei o meu dia todo pra ele e ele partilhando, dando a opinião dele. O papai não é aquela pessoa, Larissa, que bate a mão no ombro não, sabe. Ele me incentiva, mas me exorta. Chama a atenção quando precisa, me aconselha, é ótimo, ótimo.

Entrevistadora: Então, você acha que aquilo que você quer com a política, né, você falou que quer ajudar e servir, também tem a ver com a sua criação? Você acha que sim?

E4: Com certeza, eu acredito que sim. Sabe por que, Larissa? Se eu não tivesse nascido no lar onde nasci, se eu não tivesse tido a influência que eu tive, a adolescência, a criação, né? Meu pai sempre me ensinava tanta coisa, tudo. Política, tudo. Talvez eu não tivesse me interessado tanto pela política. Com certeza, isso eu vou dizer pra você, eu tenho a política no sangue, nas veias e é de berço, sabe, é de berço, desde criança eu me interesso. Ao contrário dos meus irmãos, que gostam de política, mas não se interessaram por se candidatar. Eu fui a única, né?

Entrevistadora: E por que você escolheu o partido em que você tá hoje? Por que esse?

E4: Bom, eu não sou de fazer rodeios. Eu vou ser bem sincera com quem tá vendo esse vídeo, eu não sou muito assim de rodear. Apesar de ter feito Direito, eu sou uma pessoa muito clara nas minhas palavras. Posso olhar pra câmera?

Entrevistadora: Pode.

E4: Eu sou muito clara nas minhas palavras, o que eu tenho pra falar eu falo, não sou muito preocupada em falar bonito, falo com o meu coração. E vou ser sincera com vocês: às vezes alguém acha que meu pai...Não meu pai, meu pai não. Mas às vezes alguém acha que uma outra pessoa da política, da política mesmo, assim, né, acha que “ah, a E4, preparou o discurso, alguém prepara um discurso pra ela falar..” Eu falo: “eu não preparei nada, eu gosto de falar o que eu sinto”, entendeu? Então eu sou assim, eu gosto de falar aquilo que, que tá mais forte no meu coração, então...

(Pausa)

Entrevistadora: Você acha que esse partido que você tá tem a ver com isso?

E4: O partido, deixa eu falar do partido, realmente. Tem hora que o partido, o que acontece? Infelizmente no nosso país, existe compra de votos, comprador de votos. O que aconteceu foi isso, eu não preciso esconder nada de quem tá vendo o vídeo. Há quatro anos atrás eu fui convidada a sair candidata a vereadora, e fui, sem um real. Na luta, na raça, trabalhando, pedindo voto. Precisava ter aproximadamente, eu pensava que uns mil e quatrocentos, por aí, votos. Trabalhei, lutei, visitei bairros, todos os bairros da nossa cidade, fui em vários lugares, e foi uma resposta muito boa do povo de Ituiutaba. Tive mil trezentos e sessenta e nove votos. Mil trezentos e sessenta e nove, digo com orgulho, com alegria! Mil trezentos e sessenta e nove votos sem comprar um voto, sem gastar também. Acredito que da primeira vez, da primeira vez que eu fui candidata, ainda se podia fazer chaveiros, camisetas, e eu não fiz nada, sem camisetas, entendeu? Sem nada, eu achei isso bonito também, né? “E4., você não vai fazer camiseta”? “Não, não vou fazer, não tenho condições de gastar”, então...e foi na luta. Da segunda vez agora, já não podia fazer. Na primeira vez eu não fiz, na segunda eu também não ia fazer, né? Mas, da primeira vez, foi na providência mesmo, muito bonito, sabe. De ir de bairro em bairro, de ir em casa em casa e ser acolhia pelas pessoas, o carinho que as pessoas tinham. Como eu havia falado no começo, pessoas que me paravam e pediam: “me dá uns papezinhos pra eu distribuir no bairro”. No bairro Novo Tempo, no bairro Gardênia, no bairro Junqueira; pessoas da igreja, porque eu nunca fui de participar somente da igreja daqui, de onde eu moro, do centro. Eu sempre gostei muito de conhecer gente, antes de política, independentemente de política. Sempre gostei das igrejas nas vilas, nos bairros, eu sempre gostei das pessoas pobres. Não que eu não tenha amizade com pessoas que tenham condições. Tenho. Afinal, eu estudei com essas pessoas, são meus amigos, vizinhos, conhecidos, mas eu sempre fui apaixonada pelas pessoas humildes, porque são pessoas que têm muito a oferecer, e eu, na igreja, ficava o dia todo na, nas igrejas e tal, na comunidade, participando, ajudando, em encontros. Quando tinha encontros da igreja eu sempre auxiliei, né? Visitar as pessoas doentes nos hospitais. Eu sempre amei fazer isso. Antes de pensar em política. O pessoal, muita gente, quando eu fui pedir voto: “eu lembro de você, um dia eu tava doente no hospital, você foi me visitar”. Aquilo era estimulante, aquilo era gratificante, sabe? As pessoas me abraçavam: “nossa, eu lembro de você, um dia você foi na minha casa, me visitar”. Eu não me lembrava daquela pessoa, né. Mas é algo assim...

Entrevistadora: E com esse trabalho social todo, você não, não pensou em se filiar, por exemplo, a um partido de esquerda?

E4: O partido progressista, desculpa, desculpa gente, tem hora que eu vou falando... O partido progressista, eu quis sair do partido onde eu estava justamente por isso. Eu tive mil trezentos e sessenta e nove votos. Eu fiquei, tinha apenas dez vagas, desculpa voltar na

pergunta anterior. Tinham apenas dez vagas, e eu fiquei em décimo primeiro lugar. Por trinta, quarenta votos, aproximadamente, eu não fui eleita. Aí, alguns outros usavam, talvez, né? Não vou dizer que todos compravam votos, mas alguns usavam de meios ilícitos e eu não gastei. E por quarenta votos, eu falei: “ah, não gente. Eu não quero ficar nesse partido mais, não. Quero, desculpa aí a sinceridade, mas eu não quero mexer com comprador de voto mais não. Eu vou filtrar quem tá no partido, eu tô entrando nesse partido, mas não quero comprador de voto não. Quero que sejam pessoas realmente comprometidas, sem esse negócio de ficar comprando voto. E realmente no partido aonde eu me filiei, não houve, acredito que não houve nenhum... Talvez um ou outro, mas pouco, pouquíssimo. Acredito que os que compraram, perderam, então...

Entrevistadora: Risos.

E4: Então, foi ótimo ter entrado no PP, porque eu sabia que lá tinha pessoas corretas, pessoas honestas, e no outro partido aonde eu estava existia muitos compradores de votos. Essa é a realidade. Foi por isso que saí do partido e me filiei ao outro, e quando encontrávamos, antes da eleição, tinha certeza de que as pessoas ali, que se propunham a ser candidatas estavam realmente desejosas de fazer um trabalho honesto, um trabalho íntegro, um trabalho verdadeiro em prol da população. E eu até pensava: “Se eu não for eleita, gostaria muito que aquela pessoa fosse”. Imaginava, sabe? Que algum ali, se eu não for eleita eu quero muito que aquela pessoa entre, que aquela outra entre, porque eram pessoas boas, pessoas e conseguimos fazer em Ituiutaba o maior número de vereadores, o PP conseguiu fazer três vereadores.

Entrevistadora: Você acompanhava, antes dessas eleições, você acompanhava o trabalho da câmara?

E4: Antes da eleição?

Entrevistadora: É.

E4: Com certeza, sempre ia e depois, no, no período da eleição não tinha tempo, né? No período da campanha não tinha tempo pra quase nada. Como eu te falei, da primeira vez que eu fui candidata, eu fazia o segundo ano de Direito e eu nunca gostei de faltar à aula. Então, até quando fui fazer campanha política, tem uns que candidatam a vereador, e tem que largar a faculdade, eu não larguei, não faltei uma aula. Eu, em cinco anos de faculdade, se eu faltei à aula duas vezes em cinco anos, não que eu seja “Caxias”, e tal, como o pessoal fala, mas eu não gosto de faltar. Matar aula eu não mato, eu tô pagando a faculdade pra estudar, né? Então eu ia lá pra lá, eu gosto de assistir aula. Pegar um livro e estudar em casa, gosto, mas eu assistir ao professor ministrando a aula eu achava maravilhoso. Tive professores, saindo um pouco do assunto da política, tive professores excelentes, maravilhosos na faculdade, poderia citar a Francis, Manoel Tibúrcio, Emerson Gervásio pra mim é maravilhoso. Tive professores excelentes, então, quando fui candidata pela primeira vez, mesmo assim não faltava à aula, acordava cedinho e depois: “pai, vou dormir um pouquinho”. “E4, dorme só uns dez minutinhos”, e dormia pouquinho e já ia fazer minha campanha na rua. E saía pra campanha de ônibus. Às vezes nem pegava carro, pegava o ônibus e ia. Ia com o papai, ia com a mamãe, fazia campanha a pé, porque eu fiz a minha campanha, oitenta por cento da minha campanha a pé, na rua, distribuindo papelzinho, acolhendo as pessoas, sabe. E assim, essas mesmas pessoas que me ajudaram, hoje eu faço de tudo pra poder ajudá-las.

Entrevistadora: O que que você pensa da mulher na política E4?

E4: Eu acho, sinceramente, há um tempo atrás a mulher, ela ficava em casa lavando louça. Acabou, acabou esse negócio de mulher lavar louça, hoje não existe isso mais não. A mulher tá mostrando seu papel, a mulher tá mostrando a sua força. Hoje, antigamente, a mulher não era considerada inteligente, não, a mulher ficava jogada de lado, como se diz, segundo escalão. Acabou. Hoje se você pegar um concurso público... Antigamente você

via os homens lá na frente, no vestibular. Hoje as mulheres estão mandando. Vestibular pra medicina, odontologia, faculdades públicas, UNESP, faculdades, FUVEST, as mulheres estão em cima, as mulheres estão mostrando o seu valor. Eu acredito muito na força da mulher. É uma maravilha; me formei em Direito, antigamente no curso de Direito tinha era homem, né? Hoje não, hoje as mulheres estão desejosas de mostrar. Não é só de cuidar de filho em casa, não, de ter que fazer comida, lavar louça, acabou essa vida. Mulher hoje em dia, tem muuuita mulher que ganha muito mais do que o homem. e ajuda em casa e tudo; eu acho isso fantástico, eu acho isso fantástico. Acabou esse negócio de mulher ser deixada de lado, acabou. Isso é fantástico, eu acho maravilhoso, sabe, eu até eu vou dizer uma coisa: no tempo da mamãe, né, eu tenho, eu tô com trinta e dois anos, antes, até quando eu era criança, né, a mulher era mais quieta e tudo, assim, não se interessava tanto por trabalhar. Hoje, não, é difícil você ver uma mulher que fica em casa. As mulheres estão mostrando o seu potencial.

Entrevistadora: O que que você acha que mudou?

(Pausa)

E4: Mudou a consciência das pessoas também, a consciência das pessoas é outra, elas tão se conscientizando que realmente a mulher tem muito a oferecer, que a mulher é capaz, que muitas vezes ela até é superior, ela é superior ao homem em vários aspectos; ela é tão inteligente ou mais do que o homem. Ela tem força de vontade e ela tem sensibilidade, coisas que às vezes os homens não têm tanta, né? Ela tem, é fantástico, ela tem a sua força a ser mostrada, ela pode ir até, igual eu falei no começo, ela pode ir até onde ela deseja ir, né? Tem uma frase que diz assim: “Os homens...” ; no caso as mulheres, né, as pessoas. “As pessoas são aquilo que elas desejam ser”. Então é isso, a mulher tem que acreditar que ela pode ir, que ela tem muito pra ir longe, pra ir aonde ela quer, ela tem que acreditar nos sonhos, mostrar a sua força, acreditar nela, porque se a mulher não acreditar nela, quem vai acreditar, não é verdade?

Entrevistadora: Você acha que tem uma diferença no jeito de fazer política, no jeito de atuar....Tem uma diferença entre homens e mulheres?

E4: Ah, eu acho que a mulher ela tem cautela, ela tem...como eu falei anteriormente, ela tem mais sensibilidade. Claro, existem muitos homens que conseguem ser assim também, mas eu acredito que a diferença é essa. A mulher consegue analisar mais profundo cada situação.

Entrevistadora: Hum, hum. Você acha?

E4: Eu trabalhei, antes de ser, de mexer com política, com assistência social, projeto de cesta básica e bolsa família. Então a gente visitava as famílias e as pessoas, às vezes, tô te dando um exemplo: então vamos procurar um psicólogo. Preferem procurar a mulher, por a mulher ser mais sensível, a mulher mesmo, ela às vezes não vai procurar um psicólogo homem; ela quer se abrir com uma amiga, entre aspas, né? Ela não tem amizade com a psicóloga, tá ajudando ali, é o trabalho. Mas ela que se abrir com uma pessoa que a entenda, que possa entendê-la melhor. Então a mulher é assim, eu acho que eu como mulher procuro ver o fundo das coisas, a essência das coisas. Procuro ir a fundo de cada situação.

Entrevistadora: Você acha que o fato de ser mulher te ajudou ou te atrapalhou?

E4: Com certeza me ajudou. Eu amo ser mulher, é maravilhoso. Agora, me ajudou na política? Existem, eu vou te falar uma coisa: existem pessoas, mulheres que não votam em mulheres, também. Existem homens que não tem problema, não: “eu vou votar em mulher”. Acredito que tenha, eu tenha recebido votos tanto de homens quanto de mulheres, talvez a mesma parcela, não sei. Mas existem homens que querem votar em mulheres, e agora existem aquelas mulheres que às vezes acostumaram, acostumaram, essa é a palavra, acostumaram a votar em homens. E aí, hoje em dia existem mais mulheres que se

candidatam, mas há um tempo atrás não existia tantas. Aí acostumaram: “ah, política é coisa de homem”. Tem mulheres que ainda têm essa idéia ultrapassada de que política é coisa de homem e não é, não é. Política é coisa de cada um que se interessa por esse trabalho, por essa vontade de ajudar.

Entrevistadora: Falando nas mulheres, o que que você pensa do sistema de quotas, na política, de quotas pra mulheres?

E4: Oh, eu acho assim...É interessante, porque é um direito, né, Larissa, é um direito. É interessante, porque o partido, ele tem que ter tantos números de pessoas se candidatando que são mulheres. Eu acho isso maravilhoso, porque incentiva a mulher a entrar na política. O partido precisa de tantas candidatas vereadoras. É ótimo, eu acho que é um impulso pra pessoa que tá: “ah, eu não sei, se eu vou mexer”. Aí ela recebe um convite, como eu recebi, se interessa. O mais interessante da política, quando eu fazia faculdade, Direito, eu queria ler, estudar, porque precisa. Na política, agora, que eu terminei a faculdade, tô tendo que estudar muito mais. São pilhas e pilhas de papéis, de livros, de leis que você tem que ler, de leis que você mesmo tem que fazer, tem que apresentar pra, pra serem aprovadas, pra serem votadas. Então é maravilhoso, muito bom.

Entrevistadora: E, como você já disse, em uma diferença na atuação da mulher. Por que que você acha que tem essa diferença entre homens e mulheres no fazer político?

E4 (Pausa): Essa diferença não é uma diferença ruim, eu não acredito que seja uma diferença ruim. É uma diferença assim, a mulher tem o jeito dela, né, o sistema dela de ver, dela viver a política. O homem tem o jeito dele, mas no meio disso tudo, acho que os dois, eles podem se encontrar e um ajudar o outro, naquilo que o homem tem de bom pra oferecer, a mulher com certeza tem muito a oferecer também. Então há uma união, um entrele...entre...entrelaça...desculpa.

Entrevistadora (Risos): Entrelaçamento.

E4 (Risos): É uma união, um entrelaçamento entre os dois modos de, de viver a política, de ser político.

Entrevistadora: Você acha que o seu pai, como você mencionou, né, você tem irmãos. Você acha que ele esperava que outra pessoa, talvez um homem na família, se interessasse pela, pela questão da política a ponto de ser candidato?

E4: Sinceramente, eu acho que desde quando eu era pequena, criança, o papai já sentia que eu ia me interessar pela política, porque o papai trabalhava com rádio, eu sempre gostei de ir lá na rádio quando ele fazia programa (*o pai foi radialista na cidade e detinha uma concessão de rádio AM*). O papai fez programa sobre política, eu gostava de fazer o programa junto com ele, eu era criança, eu não só ficava ouvindo ele fazer não. Na rádio, eu ficava querendo entrar junto, falar, entendeu? Então, assim, eu acho que ele via que eu tinha alguma coisa, era tendenciosa a minha ida pra política, era assim, era algo que não tinha como pensar. O A., o meu irmão mais velho, não tinha tanto desejo assim de ingressar na vida pra carreira política. Eu quis, aceitei, tô aí, tô feliz de ter escolhido esse caminho, não me arrependo hora nenhuma. Tenho decepções, tenho, mas elas são de graus, como se diz, cada pedra que eu recebo é um degrau. E é isso que acontece comigo, é uma força; quando acontece qualquer coisa ruim que eu não queria que acontecesse, eu levo isso como um aprendizado, como uma força pra melhorar no dia seguinte.

Entrevistadora: Você acha que, por exemplo, no nosso caso, né, no Brasil, haveria chance de uma mulher se eleger pra presidente?

E4: Seria fantástico, seria fantástico. Várias mulheres tão se candidatando a vereadoras, muitas mulheres, prefeitas, mulheres, por que não? Uma mulher governadora, por que não uma mulher presidente do Brasil, seria maravilhoso. Presidente da República. Mas eu acho também que não adianta, desculpa citar nomes, uma Heloísa Helena da vida, querer se candidatar. Não, a pessoa tem que ter uma preparação. Não que ela não seja uma pessoa

totalmente preparada, é, mas é necessário que ela estude. Por exemplo, eu sou vereadora, então vamos pensar: “ah, daqui a dois anos você se candidata a deputada estadual”. Não, as coisas não são assim. Eu tô com trinta e dois anos, eu quero desfrutar da vereança, eu quero crescer com ela. Não adianta a gente querer as coisas assim: “ah, eu vou me candidatar a tal cargo”. Seria maravilhoso uma mulher presidente do Brasil, mas para isso é necessário que ela tenha capacidade para isso. Não adianta qualquer uma falar: “Eu quero ser candidata”, não. Pra que ela seja eleita ela tem que ir de encontro ao, aos interesses daquilo que o povo necessita, não é?

Entrevistadora: Você vê alguém com esse perfil, hoje?

E4: Hoje, uma mulher... Existem políticas, pessoas, mulheres que eu admiro muito na política, não é verdade? Mas assim, pessoas que talvez ainda estejam começando, que vai precisar passar por um processo, por uma caminhada... Atualmente não vejo nenhuma mulher, assim, que poderia falar pra você: “Essa poderá ser uma ótima...” talvez governadora, assim, mas presidente do Brasil é uma responsabilidade enorme. Talvez elas ainda precieam, precisem passar por... *(pausa)*

Entrevistadora: Uma caminhada, como você falou?

E4: É, uma caminhada. Eu penso assim, que não adianta a gente precipitar as coisas também, não é? Porque uma pessoa foi uma ótima prefeita, de uma cidadezinha pequena, às vezes, ela vai ser presidente do Brasil? Não. É necessário que ela esteja realmente preparada pra estar onde ela sonha estar.

Entrevistadora: Muito bem. Mais alguma coisa que você queira expor?

E4: Não só agradeço, achei fantástico o seu trabalho, muito bom mesmo, né? Pra mostrar que as mulheres têm força!

Entrevistadora: Então, te agradeço muito. Obrigada, E4, pela sua colaboração, disponibilidade, obrigada mesmo.

ENTREVISTA 5

Entrevistadora: Pois é, Dona E5, minha amiga conversou com a senhora outro dia, por causa de um trabalho que ela está fazendo e como eu expliquei pra senhora, o meu é sobre política, que eu sei que senhora teve uma vida política. Conta um pouco para mim a história da senhora.

E5: Eu tenho dois filhos, mas são muito mal casados e eu então não tenho com quem ficar. Eu vou fazer força pra não chorar, que é procês não ficar triste, não. Eu era atéia, que meu pai foi um comunista que sofreu demais na unha desses milicos. E nós sofremos demais, também, passamos fome, entendeu? Eu, por exemplo, que me destaquei, enquanto tava com papai que era alfaiate, nós não passamos fome porque tinha um quintal que tinha mandioca, a gente comia mandioca com água e sal, ou com água, só, né? Depois, naquela época vinha muita gente pra cá, pra ver se fazia a vida. Ainda vem, né? Mas eu tenho saudade dos moradores daqui perto, porque eu sempre morei aqui. Tinha o Seu Abrão e Dona Catarina, ela roubava e ele jogava muito, tinha muita banca de jogo e loja, mas Uberaba não era do tamanho que é hoje.

Entrevistadora: E a senhora trabalhava com política?

E5: Não, nessa época eu ainda era menina, gente ia muito na D. Celestrina que morava aqui perto, nessa Rua Cassu, que depois virou Alexandre Barbosa. Eu fui costureira, porque eu não sou uma pessoa tacanha, eu não sou ilustre, mas eu com esses anos todos,

que lá vou pra mais de... 98 anos, tô perto dos 100... Você tem religião? Reza pra minha alma... Você sabe que eu fui atéia de carteirinha, briguei muito, reuni... Queria abrir a cabeça das pessoas pra entrar dentro, lá dentro. Eu sempre fui doente dos nervos e fui amiga do Dr. Humberto Corrêa e ele admirava muito o Luiz Carlos Prestes e muito meu amigo, porque eu já exercia a política comunista e vinha muito doente. Aqueles que podiam pagar, ele cobrava, os que não podiam, ele cobrava um precinho mais assim, tudo na base da mais sinceridade possível. Era bom, ele. Eu falava pro povo cobrar atitudes igual, porque Karl Marx ensinou sobre a luta do povo. Se não tem dinheiro, reúne, briga, porque o governo sustenta faculdade, cursos, remédios e instrumentais e Karl Marx ensinou esse caminho de luta do povo, mas não é um só ir lá falar com prefeito, é organizar, fazer grandes movimentos, protestos de fechar rua, sabe? Então, quando é época da política, cada candidato a deputado, deputança, não sei o quê, promete, lança cartaz e ocê agarra com um daqueles que a gente já conhece, que a gente tá junto e um fala do outro, não sei o que. É muita sujeira, mas precisa acreditar na luta. Só não pode acreditar em amor. Você é casada?

Entrevistadora: Não.

E5: Então não casa, não! Pelo amor de Deus!

Entrevistadora: Não?

E5: Não! Hãhã! Amor não presta! Eu tive que desmanchar casamento porque ele era muito ciumento. Eu fiz muito vestido de noiva e fiquei noiva do José, que era roceiro e era filho de gente muito boa, correta. E logo fiquei noiva com 17 anos e já tinha idéias... avançadas. O pouco que eu já entendia de política, eu comecei a pensar mais, porque o que vale é o cérebro (*se exalta, aumentando o tom de voz*) da pessoa!

Entrevistadora: A senhora se lembra de começar a pensar em política quando, assim? Quando a senhora tinha essa idade de 17 anos?

E5: Menos, menos. Um doze anos.

Entrevistadora: E a senhora pensava que tipo de coisa? Pensava que o mundo era injusto, por exemplo?

E5: Não, eu não pensava. Ele **era** (*ênfatisa, aumentando o tom de voz*) já injusto! Porque meu pai foi um dos primeiros comunistas aqui de Uberaba. Sofreu, coitado...

Entrevistadora: Foi perseguido?

E5: É, porque a massa ignorante e guiada pelo bispo, coisa lá do Vaticano, e papai conhecia História. Tanto que ele se tornou ateu muito cedo. A minha avó, mãe do meu pai, era indígena e casou com meu avô e pôs meu pai no seminário, pra ser coroinha. E fazia questão de contar que ele era coroinha e achava bonito ele estudar no seminário. Ela acreditava piamente, ainda se fosse o bispo (*ri*), mas ela acreditava que padre era santo, que vestiu batina era santo, não usava sexo, não era filho da natureza! Analfabeta. Não sabia fazer um “o” com um copo. Aí o papai foi estudando, com seus 12, 13, 14 anos e foi aprendendo sobre o comunismo e ficando ateu. Eu não sei a sua opinião, mas eu... porque eu continuo comunista. É ali! Comigo não tem balela, não. Gostar, gostou, não gostou, não gostou. (*Exaltando-se e aumentando o tom de voz*) Eu cumpri meu dever **comigo!** Porque eu prometi **a mim**, não foi a Deus, nada não. Agora, o papai chegou num ponto que viu tanta bandalheira, tanta coisa, que então...

Entrevistadora: Desiludiu?

E5: É...

(*Nesse momento, entra na casa um homem jovem, que Dona L. alegre-se em ver. Ela conta um pedaço da história da família dele e volta à entrevista, retomando, porém, o assunto a partir do desvio trazido pela história do homem*)

E5: Eu fui casada, contrato... Vai sair um livro sobre a minha pessoa. Um contrato muito bacana, do casamento meu com o pai dos meus filhos. Hoje eu posso me orgulhar da posição que eu alcancei, sou conhecida por aqui tudo, que coisa engraçada.

Entrevistadora: É bom?

E5: É!

Entrevistadora: Eu tô vendo ali na parede duas bandeiras, tem uma bandeira comunista (*a bandeira que simbolizava o extinto bloco soviético*) e outra uma do MST. Por que tem essas bandeiras aí?

E5: Ô, bem, a política, o mundo vai viver sempre baseado na política, de acordo com as condições de capacidade intelectual e financeira... Na revolução russa, meu pai se tornou comunista. Eu sou nascida em 1910...

Entrevistadora: Antes da revolução, até

E5: É, eu vou te contar como é que a revolução russa... Não falava russa, é bolchevique! É nessa revolução que meu pai virou comunista, ele contava disso pra nós e eu fui gostando de saber e fui gostando do comunismo também, por causa do meu pai, das histórias que ele contava. E fui ficando atéia também, porque ele era. Hoje eu não sou atéia mais, acredito em Deus, porque... Pelo amor de Deus (*emociona-se*), não tem jeito de pensar que Ele não existe (*lacrimeja*)... Mas eu dou razão pro ateu, porque se você quiser saber onde está Deus, onde está o Diabo, cadê? Você pega? Não pega. Isso é pensamento (*exalta-se*)! Então, pensamento bom é um Deus, né? Mas pra mim entender esse lado, eu ainda vou seguramente noventa e... dez anos! Eu abracei o ideal comunista e passei a ter muita responsabilidade com atos de...espécie de caridade. Mas fazer porque é preciso fazer!

Entrevistadora: Quem ensinou isso pra senhora? Alguém ensinou?

E5: Ah, o papai! E o papai pegou o modelo com o Alexandre Barbosa, da chácara das mangueiras. Eu passei a achar o mundo horrível pra mim, mas eu sei que é isso, porque o mundo não vive sem política. E agora, por causa do capitalismo, o sistema econômico, tanto que você vê, na televisão, eu acredito que você acompanha, que continua assim horrível. Precisa acompanhar pra ver o que que vai dando, o que que não vai dando, acompanhar candidato, é o tal negócio, correto! Ele não tem que ter amor, nada disso, ele cumprindo palavra para com o povo, é um bom candidato.

Entrevistadora: A senhora chegou a se candidatar?

E5: Hã?

Entrevistadora: Candidatar, a senhora chegou a se candidatar?

E5: Eu fui a primeira vereadora do Brasil! Do Brasil não sei, mas daqui dessa região toda, eu fui a primeira. Aqui em Campo Florido

Entrevistadora: É mesmo? Quando, a senhora lembra?

E5: Ah, eu tinha uns 20 e poucos anos. Eu sempre quis ser independente. E fui. Trabalhei muito e brigava pra ajudar as massas. A gente falava assim na época, massas. Olha o que que era consciência de ajudar a quem realmente precisa e tá sofrendo, porque o planeta Terra é um planeta que na medida que foi criando grupos muito fortes, foi criando mais miséria.

Entrevistadora: A senhora foi eleita nas urnas?

E5: Foi!

Entrevistadora: E o partido, aceitou a sua candidatura?

E5: Aceitou, porque eu falei que ia e pronto! Bati a mão na mesa! Eles tiveram que aceitar, ué, fazer o quê?

Entrevistadora: E como é que a senhora acha que naquela época as pessoas resolveram votar numa mulher? Por quê?

E5: Por quê? Porque essa mulher é mulher! Tem crânio! Tem crânio! O Alexandre Barbosa mandava vim umas revistas e jornais do Rio de Janeiro, vinha de três em três

meses. E ele emprestava pro meu pai e eu lia e ficava sabendo das coisas. Papai contava a história de que a família Rosa era cheia de espírito e gostava muito de leitura, aqueles que aprenderam a ler, gostavam muito disso.

Entrevistadora: A senhora teve irmãos?

E5: Tive. Um irmão e duas irmãs, uma até que morreu e foi enterrada em Uberlândia. Mas não ando gostando de pensar nisso de morte, porque é muito difícil deixar o sangue da gente. E o fato da gente ser comunista faz a gente ser mais amoroso do que os outros.

Entrevistadora: É? Por quê?

E5: Porque ensina a compartilhar, a olhar o próximo, a repartir o pão. Eu que quase passei fome, praticamente passei fome, muitas vezes, sei o valor do pão, de repartir.

Entrevistadora: Os irmãos da senhora também seguiram a carreira política?

E5: Não. Minha irmã, a mais velha, tinha miolo fraco. Não adiantava bater, corrigir, nada. Mas era uma dona-de-casa maravilhosa, muito caprichosa, mas não dava fé de mais nada. Meus irmãos também não quiseram mexer com isso, só eu é que fiquei encantada com poder ajudar as pessoas, igual meu pai falava e que o Marx ensinava. Hoje eu acho que também a religião pode ajudar, e não sou atéia mais. O partido condenava isso na época, mas hoje eu gosto da religião, porque dá conforto, ajuda a gente a agüentar a vida. Os espiritistas, espiritualistas falam isso, que a gente precisa de Deus, precisa de consolo. As pessoas quando não procuram caminho correto, esse Deus ajuda também, é o amor, amor que você pega e dá, pra pessoa ficar melhor.

Entrevistadora: Por que a senhora acha que só a senhora seguiu na carreira política?

E5: Por quê?... Não sei, uma irmã minha foi professora, um irmão morreu tuberculoso... Essa irmã era famosa, vinha gente de longe estudar com ela.

Entrevistadora: A senhora acha que a mulher faz política diferente do homem?

E5: Hã?

Entrevistadora: A senhora acha que o jeito da mulher fazer política, exercer a política, é diferente do jeito do homem?

E5: Ô, bem, lá em Campo Florido eu dei muito exemplo bom. Que tinha homens, diziam homens, né? Mas não, era coisa nenhuma, eu falava: “cê é um bosta! Cê não pensa!” É a cabeça que pensa! O resto a natureza que manda. Porque quando vem as fases, da menstruação, o homem também tem as fases dos desejos. E aí se ele te encontrar, você pode ter duas carreiras de dente ou nenhuma, mas cê tem o aparelho, ele não é bobo, ele apaixonou por você. Mas depois que ele, hum, usou... “ai, tá bõo demais, mas...” É que a natureza... Eu acredito que é preciso cê ter muita coragem de pensar coisas feias, é, coragem mesmo, porque eu já passei por isso, posso falar. Porque quando eu vim pra cá estudar, minha avó ficou na fazenda arrancando toco. E eu tinha coragem! Casei com arreieiro (*profissional que confecciona arreios*) e tinha um gênio do capeta enfiado no coro e mandava meu marido trabalhar. Falava: “querido, pode ir lá sentar no seu banco e tratar de consertar arreio, porque o dono do arreio encomendou pra mim, porque eu tenho palavra!”. Eu falava mesmo, era pobre, mas tinha aprendido, tinha a consciência de que se você é bordadeira e seu bordado é especial, você tem que esfregar na cara dos outros, porque seu bordado é melhor e precisa valorizar isso. Sou capaz de fazer alguém comer o bordado, se a pessoa quiser passar por cima de mim, faço comer! Minha família tinha compromisso com a solidariedade, minha mãe ia até o centro espírita, porque a gente sempre tava pronta pra ajudar, é obrigação, é uma necessidade. E com essa maneira de pensar, eu tô até hoje, que eu não to agüentando com a gata pro rabo.

Entrevistadora: Na família da senhora tinha mais alguma mulher interessada na política, no partido comunista, assim, que a senhora lembra?

E5: Na minha casa, não. Só eu mesmo, com meu jeito. Era todo mundo preocupado com outras coisas, a mulherada, mas eu fiquei ligada naquelas coisas que meu pai ensinava.

Entrevistadora: E como é que começou a carreira de vereadora?

E5: Ah, eu acho que eu tinha o capeta dentro do corpo, porque eu enfrentava tudo, marido e tudo e fui entrando, meu pai era do partido, daí eu fui entrando também. Eu sempre pensei: “não me provoca, não”. Não me provoca não, que eu ...Comigo, não (*exalta-se*)! Eu já nasci, desgraçadamente com esse... Dói, sabe? Dói... Você quer segurar a loucura, mas não consegue... Vale a pena, ó (*faz o gesto de enforçar-se*)... Mas o partido condenava também, o partido não aceitava ninguém (*faz o mesmo gesto de novo*). Por causa dessa minha loucura, e por causa do sistema capitalista, eu sempre exasperei na qualificação dos outros. Mas não peço perdão, não. Como é seu nome mesmo?

Entrevistadora: Larissa

E5: Larissa. Larissa, eu li a vida Karl Marx. Ele custou a casar, né? Tinha uma empregada que era muito boa, cuidava muito e a noiva teve paciência até ele poder casar porque ele não tinha nada, os amigos que ajudaram. Eu trabalhei com a filha do Luiz Carlos Prestes, como caseira e ela você sabe, era ilustradíssima, corajosa. Deus dá coragem pra gente, mas é bom enquanto a gente é nova. Eu aprendi a ser independente de verdade. Agora, naquele tempo, né? Hoje ainda é tudo Maria-vai-com-as-outras, né?

Entrevistadora: E o marido aceitava essa independência?

E5: Como é que não aceita? Ele não teve saída (*ri*). Ocê imagina o atraso, antes de eu entrar direito no partido, eles já diziam que eu era simpatizante do partido só porque eu ajudei na Aliança Nacional Libertadora, ia pra passeata de vestido vermelho. Era tudo tão atrasado que meu pai ateu, mas pegaram meu irmão à força pra batizar. Mas eu acho que fiz minha parte, porque ajudei muita gente, muita gente ignorante, é assim que a gente fica na história. Você sabe, eu apanhei porque nós fizemos movimento e tava na ditadura Vargas e eu já era do partido, da União Feminina, que eram as mulheres comunistas e a gente fazia passeatas. Fazia nas datas marcantes da liberdade, debatia, reunia e estimulava lutar contra a burguesia. A burguesia queria o atraso, queria o desperdício do trabalho e gente ensinava a valorizar até o arroz que cai na chapa, porque faz diferença.

Entrevistadora: A senhora acha que esses movimentos que a senhora participava ajudaram as mulheres na época, a ter mais consciência a refletir mais? Fez diferença na vida das mulheres?

E5: Fez muita diferença. Trouxe muita compreensão pras patroas, porque eu penso no que eu fiz como empregada, a consciência... Eu discutia pra mostrar que eu não ia trabalhar de qualquer jeito, que tinha outros tanques de roupa pra eu lavar, outras panelas pra arear. Eu peitava mesmo. Dizia: “não vem falar alto comigo não, porque eu não vou morrer de fome!”. Era dura!

Entrevistadora: Porque que a senhora encerrou sua carreira política, a senhora lembra?

E5: Lembro. Não pude continuar porque meu filho estava estudando e no Campo Florido quase não tinha recurso. A escola era bagunçada, quando era lá pra Outubro, a escola já entrava de férias. Aí minha irmã que veio passar uns tempos era professora, apareceu lá e viu o menino sem aula e perguntou: E5, o C. (*nome do filho*) não tem aula? A escola tá de férias, eu falei. Ela ficou inconformada e falou que eu já era conhecida, que meu filho não podia ficar sem estudo, porque eu já era a ... (*fala seu nome como quem fala de uma terceira pessoa*), né? Então, nós saímos de Campo Florido pra Uberaba pra ele estudar, pra fazer aula direito e ter formação, poder ter uma vida melhor, porque pobre é pobre, né? Então, precisa estudar.

Nesse momento, ela deu mostras de cansaço. Estava muito exaltada com a presença de uma outra mulher, mais jovem, que entrava e saía da sala a todo instante e parecia ser a cuidadora. A entrevistada se dispersava muito diante da presença dessa cuidadora e numa

dada situação emocionou-se enquanto agredia verbalmente a mulher. Tendo em vista também a saúde aparentemente delicada de E5, optei por encerrar a entrevista.

Entrevistadora: Dona E5, muito obrigada pela sua entrevista, foi muito bacana e muito importante.

E5: Eu é que agradeço, depois você vem pra ver o livro, vai lançar, mas eu não si direito que dia.